

Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil

NUPAUB - USP
PROBIO - MMA
CNPq

São Paulo, Maio de 1999

Capa:

Mapa de espécies desenhado pelos Kaiabi da aldeia Maraká - Xingu

Cedido pelo Pesquisador Marcos Vinicios Chamon Schmidt

Arte: Simeí Manoel Junior

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, DOS RECURSOS HÍDRICOS E DA AMAZÔNIA LEGAL
COBIO-COORDENADORIA DA BIODIVERSIDADE
NUPAUB-NÚCLEO DE PESQUISAS SOBRE POPULAÇÕES HUMANAS E ÁREAS ÚMIDAS
BRASILEIRAS—UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil

Antonio Carlos Diegues(ORG)
Rinaldo Sergio Vieira Arruda
Viviane Capezzuto Ferreira da Silva
Francisca Aida Barboza Figols
Daniela Andrade

SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 2000

OS SABERES TRADICIONAIS E A BIODIVERSIDADE NO BRASIL

Introdução

A manutenção da diversidade biológica tornou-se, nos anos recentes, um dos objetivos mais importantes da conservação. *A biodiversidade é definida pela Convenção sobre a Diversidade Biológica como “a variabilidade entre os seres vivos de todas as origens, inter alia, a terrestre, a marinha e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos dos quais fazem parte: isso inclui a diversidade no interior das espécies, entre as espécies e entre espécies e ecossistemas”* (Artigo 2).

A diversidade biológica, no entanto, não é simplesmente um conceito pertencente ao mundo natural. É também uma construção cultural e social. As espécies são objetos de conhecimento, de domesticação e uso, fonte de inspiração para mitos e rituais das sociedades tradicionais e, finalmente, mercadoria nas sociedades modernas.

A Convenção chama de “recursos biológicos” os recursos genéticos, organismos ou parte deles, populações ou qualquer outro componente biótico dos ecossistemas que apresentam uso presente ou potencial ou, ainda, algum valor para a humanidade (Artigo2).

O respeito e a manutenção dos conhecimentos e práticas tradicionais são um dos objetivos da Convenção que, em seus preâmbulos e no Artigo 8, recomenda que os benefícios derivados do uso desse conhecimento sejam também distribuídos entre as comunidades que o detêm.

“Em conformidade com as legislações nacionais, (a Convenção deve) respeitar, preservar e manter o conhecimento, inovações e práticas de comunidades indígenas e locais que apresentam estilos de vida relevantes para a conservação e o uso sustentado da diversidade biológica e promover sua aplicação ampla com a aprovação e o envolvimento dos possuidores de tais conhecimentos, inovações e práticas e encorajar a distribuição dos benefícios derivados de tais conhecimentos, inovações e práticas” (Artigo 8 j).

Além disso, no Artigo 10 c a Convenção determina que cada Parte Contratante “proteja e encoraje o uso tradicional dos recursos biológicos de acordo com as práticas culturais compatíveis com a conservação ou os requisitos do uso sustentável.” E também “apóie as populações locais para desenvolver e implementar ações de

recuperação em áreas degradadas onde a diversidade biológica tenha sido reduzida.” (Artigo 10 d).

Em seu artigo 17, a Convenção também recomenda às Partes Contratantes que encorajem o intercâmbio de informação sobre o conhecimento das comunidades tradicionais e, no artigo 18, determina o desenvolvimento de métodos de cooperação para o desenvolvimento de tecnologias, incluindo as tecnologias tradicionais e indígenas.

Nesse sentido é fundamental realizar o inventário dos conhecimentos, usos e práticas das sociedades tradicionais indígenas e não-indígenas pois, sem dúvida, elas são os grandes depositários de parte considerável do saber sobre a diversidade biológica hoje conhecida pela humanidade.

Este livro apresenta os resultados de pesquisa realizada pelo Núcleo de Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas do Brasil (NUPAUB) da Universidade de São Paulo (USP) trabalho solicitado pela Coordenação de Diversidade Biológica (COBIO), do Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal (MMA) e apoiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

A pesquisa teve por objetivo realizar um levantamento e análise dos trabalhos (livros, teses, artigos, relatórios, etc.) que tratam do conhecimento e uso da biodiversidade (continental e marinha) por populações tradicionais indígenas e não-indígenas no Brasil e organizar a documentação analisada de forma que seja facilmente acessível ao público.

Inicialmente, por meio da consulta a diversos bancos de dados e acervos, particularmente de Universidades e Institutos de Pesquisa, bem como por meio de visitas a diversos centros espalhados pelo país foram identificados cerca de 3.000 títulos, entre livros, teses, relatórios, artigos, coletâneas, com a utilização de palavras-chave. Posteriormente, usando-se fichas de pesquisa, com 11 itens (incluindo assuntos tratados, tipos de populações tradicionais indígenas e não-indígenas, ecossistemas em que estão localizadas e relevância da publicação em termos de densidade de informação sobre conhecimento e manejo tradicional) foram escolhidas cerca de 900 publicações consideradas relevantes para os objetivos da pesquisa, de acordo com importância que os temas de conhecimento e manejo tradicional têm nesses trabalhos.

No âmbito das populações tradicionais indígenas foram considerados os 206 grupos indígenas identificados pelo Instituto Socioambiental (ISA, 1996) e foram consideradas populações tradicionais não-indígenas os grupos: caiçara, açoriano,

caipira, babaçueiro, jangadeiro, pantaneiro, pastoreio, quilombola, ribeirinho/caboclo amazônico, ribeirinho/caboclo não-amazônico (varjeiro), sertanejo/vaqueiro e pescado artesanal.

O NUPAUB agradece a contribuição dos inúmeros pesquisadores, espalhados nos diversos centros de pesquisa brasileiros e, em particular, ao ecólogo José Geraldo Marques, da Universidade Federal de Alagoas, Kimiye Tommasino, antropóloga, da Universidade Estadual de Londrina, Heitor Medeiros, historiador, Elaine Elisabetsky, etnofarmacóloga da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Eraldo Medeiros Costa Neto, biólogo, da Universidade Estadual de Feira de Santana, que encaminharam listagem relevantes sobre o tema.

O presente livro está organizado em três partes: na primeira são apresentados os conceitos e definições, na segunda são analisados os dados do levantamento e na terceira são apresentadas as conclusões e recomendações. Ao final do texto encontra-se toda a bibliografia pesquisadas, separada por tipo de comunidade tradicional

1^A PARTE: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

1. A Biodiversidade e as teorias conservacionistas

A biodiversidade, na maioria dos trabalhos sobre o tema aparece como o a variabilidade entre os seres vivos de todas as origens, inter-alia, a terrestre, a marinha e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos dos quais fazem parte (Convenção sobre a Diversidade biológica, Artigo 2); variabilidade essa que aparece como produto da própria natureza, sem a intervenção humana. O tema central deste trabalho é mostrar que a biodiversidade não é simplesmente um produto da natureza, mas em muitos casos é produto da ação das sociedades e culturas humanas, em particular, das sociedades tradicionais não-industriais. Como foi afirmado anteriormente, ela é também uma construção cultural e social. As espécies vegetais e animais são objetos de conhecimento, de domesticação e uso, fonte de inspiração para mitos e rituais das sociedades tradicionais e, finalmente, mercadoria nas sociedades modernas.

Os conservacionistas/preservacionistas e também a Convenção da Diversidade Biológica enfatizam as áreas protegidas de uso indireto (parques nacionais, reservas

biológicas, etc) como locais privilegiados para o estudo e a conservação da biodiversidade. Como essas áreas, por lei, não admitem moradores em seu interior, reforça-se o argumento que a biodiversidade não só é um produto natural como sua conservação pressupõe a ausência e mesmo a transferência de populações tradicionais de seu interior.

As áreas protegidas brasileiras, em particular as de uso indireto (parques nacionais, reservas biológicas, etc.), no entanto estão em crise. Muitas estão sendo invadidas e degradadas. Para os defensores do modelo norte-americano de parques sem habitantes, as razões de tal crise estão, em geral, ligadas à falta de dinheiro para a desapropriação, à falta de investimento público, de fiscalização, de informação ao público, etc... Para os que defendem outros modelos de conservação, essas dificuldades são inerentes ao modelo atual dominante das áreas protegidas uma vez que, tendo sido este criado no contexto ecológico e cultural norte-americano de meados do século passado, não se aplica ao contexto dos países tropicais do sul.

Esse modelo operacional, porém, não foi importado sozinho, mas com ele vieram uma visão da relação entre sociedade e natureza e um conjunto de conceitos científicos que passaram a nortear a escolha da área, o tipo de unidade de conservação e o próprio manejo e gestão.

Esse modelo de área protegida de uso indireto, que não permite haver residentes no interior da área mesmo quando se trata de comunidades tradicionais presentes há muitas gerações, parte do princípio de que toda relação entre sociedade e natureza é degradadora e destruidora do mundo natural e selvagem — a *wilderness* norte-americana — não havendo distinções entre as várias formas de sociedade (a urbano-industrial, a tradicional, a indígena, etc.). Logo, todas essas formas de vida social deverão estar fora das áreas protegidas acima descritas.

No início, essas áreas de grande beleza cênica foram destinadas principalmente ao desfrute da população das cidades norte-americanas que, estressadas pelo ritmo crescente do capitalismo industrial, buscavam encontrar no mundo selvagem — a *wilderness* — a “salvação da humanidade”, conforme a visão romântica e transcendentalista dos seus propositores como John Muir e Thoreau. Portanto, predominava uma visão estética da natureza, da qual os filósofos e artistas tiveram uma grande importância na difusão.

No início do século, os cientistas passaram a exercer uma importância cada vez maior na definição das áreas protegidas, sobressaindo-se os cientistas naturais, uma

vez que, segundo a visão predominante, tratava-se de proteger o mundo natural contra a ação humana. A própria teoria dos ecossistemas, apesar dos esforços de cientistas naturais como Odum, não escapou da tendência a considerar os humanos como exteriores ao ecossistema, passando a se preocupar com áreas chamadas “naturais”, “prístinas” onde poderia se analisar as cadeias tróficas e energéticas, em seu clímax, antes da intervenção humana (Larrère 1997).

Nesse período, destaca-se nos Estados Unidos o papel de Aldo Leopold, cientista graduado em ciências florestais que se tornou administrador de parques nacionais no início do século, embora tivesse uma visão abrangente transmitida pela *história natural*. Ele afirmava que “*uma decisão sobre o uso da terra é correta quando tende a preservar a integridade, a estabilidade e a beleza da comunidade biótica que inclui o solo, a água, a fauna e flora e também as pessoas*” (1949: 224).

Essa visão globalizadora foi sendo preterida a outros enfoques biologizantes, marcados pela modelagem dos ecossistemas e pelos métodos exclusivamente quantitativos que tornaram a ecologia uma ciência mais abstrata, quantitativa e reducionista, segundo Nash (1989:73). Esse novo enfoque segue a tendência de compartimentalização das ciências naturais (que englobavam hoje disciplinas estanques, como a geologia, a botânica, etc.) e o aparecimento de uma visão exclusivamente unidisciplinar sobretudo no pós-guerra.

No fim dos anos 60, os ecologistas preservacionistas, propositores dos parques sem habitantes, encontraram um forte aliado filosófico na emergente *ecologia profunda* que, com uma visão biocêntrica, afirma que a natureza deve ser preservada independentemente da contribuição que possa trazer aos seres humanos. A necessidade da expansão do modelo dominante de parques nacionais e de controle da população, cujo crescimento é tido como o fator mais destruidor da natureza, passou a fazer parte do dogma da *ecologia profunda* que encontrou nos Estados Unidos terreno propício para sua expansão.

Um outro aliado da visão preservacionista surgiu, nesse mesmo país, na década de 80: a *biologia da conservação* que associa a ciência à gestão e ao manejo das áreas naturais. Utiliza, para tanto, a biologia das populações, os conceitos oriundos da biogeografia insular e as pesquisas referentes às espécies para determinar áreas de tamanho ótimo a fim de se evitar a extinção destas, em geral, no interior de áreas protegidas. A restauração de habitats degradados, a reintrodução de espécies reproduzidas em cativeiro no meio natural, a definição de corredores ecológicos

desempenham um papel cada vez mais importante na biologia da conservação (Leveque, C. 1997). Além disso, a biologia da conservação tem uma preocupação central com a biodiversidade, objetivo que não constava da proposta inicial dos parques nacionais, uma vez que tal preocupação é posterior à criação destes.

A implantação dessas áreas protegidas na África, Ásia e América Latina, a partir das primeiras décadas do presente século, começou a gerar conflitos sociais e culturais sérios com as populações locais e que se tornaram ainda mais sérios a partir da década de 70, quando essas comunidades locais/tradicionais começaram a se organizar e em muitos casos, a resistir à expulsão ou transferência de seus territórios ancestrais como dita o modelo preservacionista.

A trajetória histórica dos impactos criados pela implantação dessas áreas protegidas tem sido analisada nesses continentes. No subcontinente indiano sobressaem os trabalhos de Sukumar (1985; 1994), Rachamandra Guha (1989; 1997), Kothari (1994), Gadgil e Gunha (1992), Ghimire (1994), Sarkar, 1997. Na África, são importantes, nesse contexto, os trabalhos do grupo do projeto “Campfire” (Murphree, 1994) e a publicação do livro de Adams e McShane, em 1992 *The myth of wild Africa: conservation without illusion*. Na América Latina sobressaem-se, entre outros, os trabalhos de Amend (1992) *Espacios sin habitantes*, de Gómez-Poma e Kaus (1992) *Taming the wilderness myth*, de Diegues, *O mito moderno da natureza intocada: populações tradicionais em unidades de conservação* (1993) e *O mito moderno da natureza intocada* (1994); *Kemf(ed) In search of a home* de Schwartzman (1999). Alguns autores europeus também ressaltaram esses impactos e entre eles estão Colchester (1994), Pimbert e Pretty (1994), Larrère, (1997), Leveque (1997) Esses autores, ainda que analisando os impactos sociais, ecológicos e culturais sobre regiões de floresta tropical em diferentes continentes, começaram a enfatizar, a partir da década de 80, as causas do insucesso de muitas dessas áreas protegidas .

A maioria deles centrou sua análise na inadequação do conceito de *wilderness*, enquanto natureza selvagem não domesticada presente na base da idéia de áreas protegidas desabitadas e na inadequação da visão das relações entre as comunidades indígenas tradicionais e seu território e uso dos recursos naturais. Eles partem da constatação de que muitas dessas áreas habitadas por populações tradicionais tinham se conservado *florestadas e com alta biodiversidade* pela ação manejadora ligada ao modo de vida dessas comunidades que, com a criação das áreas protegidas, passaram a estar sujeitas à expulsão.

A maioria desses cientistas, ligados tanto às ciências naturais quanto às sociais estava construindo um outro tipo de ciência e prática da conservação que pode ser chamada de *ecologia social* ou *ecologia dos movimentos sociais*. Essa nova tendência da conservação baseia-se, de um lado, na constatação do insucesso de muitos parques nacionais e áreas protegidas de uso indireto e, de outro, em argumentos de ordem ética, política, cultural e ecológica. Sob o ponto de vista ético, argumenta-se ser injusto expulsar comunidades que vivem nas áreas de florestas há tantas gerações e que são responsáveis pela qualidade dos habitats transformados em áreas protegidas, dado o seu modo de vida e o uso tradicional dos recursos naturais.

Sob o ponto de vista político, constatou-se que, sem o apoio dessas comunidades, grande parte das ações conservacionistas e preservacionistas tem efeito oposto à real conservação dos habitats e dos recursos naturais. Além disso, o modelo preservacionista tem alto custo social e político, pois adota um enfoque autoritário, de cima para baixo, uma vez que, na maioria das vezes, as comunidades locais não são consultadas a respeito da criação de uma área protegida restritiva sobre seu território. Tal modelo é, desnecessariamente, caro politicamente e hoje, na maioria dos países tropicais, somente é viável com grande aporte financeiro dos países industriais do Norte, dos bancos multilaterais e de algumas megaorganizações conservacionistas ligadas a esses países.

Esse modelo de área natural desabitada e sob controle governamental interessa aos governos por duas razões: por constituírem reservas naturais de grande beleza cênica de destino turístico e do chamado ecoturismo; por tornar mais fácil negociar contratos de uso da biodiversidade num espaço controlado pelo governo que num espaço em que existem comunidades tradicionais, já que, pelo artigo 8j da Convenção da Biodiversidade, estas precisam ser ressarcidas no momento em que seu conhecimento tradicional sobre espécies da flora é usado para a obtenção de medicamentos e outros produtos.

Sob o ponto de vista cultural, esses estudos mostram que o manejo e a gestão das áreas naturais podem estar profundamente ligados à visão de mundo e práticas culturais e simbólicas das chamadas comunidades tradicionais e não, exclusivamente, a conceitos e práticas científicas, em sua acepção moderna.

Sob o ponto de vista científico, os ecologistas sociais têm se centrado no fato de que a própria biologia moderna está revendo vários conceitos relacionados com a “natureza pristina” tais como a noção de clímax, de equilíbrio ecossistêmico, de

perturbação natural, do papel do fogo na regeneração das espécies, etc. Além disso, lançam mão de conceitos como o da co-evolução, que para Noorgard (1994) pode ser entendida como uma síntese interativa dos mecanismos de mudança social e natural

À medida que aumenta o conhecimento da teia de relações tróficas, a natureza “selvagem” e as áreas são vistas como resultado da co-evolução entre os humanos e a natureza.

Um outro conceito e metodologia revelados mais adequados ao entendimento da relação sociedades e a natureza são o de paisagem e ecologia da paisagem. A paisagem pode ser considerada como um mosaico de habitats, desde os menos tocados pela ação humana até aqueles que sofreram uma atividade humana intensa. Nesse sentido, como afirma Larrère (1997), a paisagem é uma estrutura espacial que resulta da interação entre os processos naturais e atividades humanas. A ação das diversas sociedades modela a natureza e seus diversos habitats, construindo um território. A vegetação também tem uma dinâmica própria, trazendo sempre traços do passado e a paisagem modelada, necessariamente, se transforma. Um mosaico de diferentes habitats espelha a ação material e simbólica das diversas comunidades humanas que os ocuparam ao longo dos séculos. Ecólogos da paisagem consideram que a estrutura da paisagem é importante para a manutenção dos processos ecológicos e da diversidade biológica, particularmente em áreas onde vivem comunidades tradicionais diretamente dependentes dos usos dos recursos naturais. Nesse sentido, a paisagem é fruto de uma história comum e interligada: *a história humana e natural*.

As noções de co-evolução e de ecologia da paisagem revelam também que tanto as sociedades quanto a natureza se transformam, deixando de existir, nesse sentido, o “bom selvagem” rousseauiano. Portanto, não é sobre essa miragem que deve se basear uma política conservacionista adequada. Algumas dessas transformações, no âmbito das sociedades urbano-industriais, podem ser prejudiciais à conservação, levando à destruição dos habitats (desmatamento, aumento de CO₂ na atmosfera, etc.). As comunidades chamadas tradicionais (indígenas, extrativistas, camponesas, de pescadores artesanais) também se transformam, sob o efeito de dinâmicas tanto internas quanto externas (transformações na estrutura fundiária, consumo de produtos industrializados, etc.) mas o ritmo é mais lento que nas primeiras. Além disso, sua forte dependência dos recursos naturais, sua estrutura simbólica, os sistemas de manejo desenvolvidos ao longo do tempo e, muitas vezes, seu isolamento, fazem que elas possam ser parceiras necessárias aos esforços de conservação.

Nessa parceria, os conservacionistas devem valorizar os aspectos positivos dessas culturas que enfatizam a proteção do mundo natural, por meio de ações que levem à melhoria das condições de vida das comunidades tradicionais. Alguns exemplos nos vários continentes (Pimbert 1997; Colchester 1997) têm revelado que, quando se dá apoio a essas comunidades, elas são as primeiras a se opor aos efeitos devastadores das mineradoras, das madeireiras e dos especuladores. Não resta dúvida que esse é um dos desafios cruciais com que se defronta a conservação hoje no Terceiro Mundo (Diegues 1996; Schwartzman 1999).

Por outro lado, os ecólogos sociais criticam os métodos e, sobretudo, as práticas da biologia da conservação como braço científico da ecologia profunda. Alguns cientistas naturais no Brasil, que trabalham com os métodos da biologia da conservação, têm criticado essa ciência por causa da necessidade de uma base de dados sofisticada, em geral inexistente em nossos países, e por causa da exclusão do homem:

“As técnicas de proteção e manejo, portanto, visam minimizar o problema da erosão da biodiversidade provocada pela fragmentação do hábitat natural. Essa abordagem, no entanto, é limitada justamente pela incapacidade de incorporar o homem.” (Fonseca e Aguiar, 1992, p.72)

Alguns autores, como Guha (1997), criticam as práticas conservacionistas autoritárias e o papel que se auto-atribuem alguns biólogos da conservação dos países industrializados como guardiães da biodiversidade nos países tropicais. Assim Daniel Janzen, considerado um dos pais da biologia tropical na revista ANNUAL REVIEW OF ECOLOGY AND SYSTEMATICS (1986), afirmou que, para proteger as florestas tropicais, os biólogos, que têm responsabilidades especiais com as espécies, deveriam, se necessário, comprar as terras em outros países para conservá-las. Um dos fundadores da biologia da conservação, Michel Soulé queixa-se de que a linguagem das políticas de conservação e tornou-se mais humanista em valores e mais economicista em substância e, portanto, menos naturalista e ecocêntrica.

Ainda sob o ponto de vista científico, os que se baseiam na ecologia social têm proposto que a biodiversidade não é um conceito simplesmente biológico, relativo à diversidade genética de indivíduos, de espécies, e de ecossistemas, mas é também o *resultado de práticas*, muitas vezes milenares, das comunidades tradicionais que domesticam espécies, mantendo e, em alguns casos, aumentando a diversidade local. Posey (1987-1984); Gomez-Pompa (1971; Gomez-Pompa e Kaus (1992).

Um dos corolários dessas pesquisas é que a escolha dos sítios de alta biodiversidade

para o estabelecimento de áreas protegidas não pode se basear simplesmente em critérios biológicos, mas também nos sócio-culturais. Pode-se pensar que aquelas áreas de alta biodiversidade resultantes de uma interação positiva entre as comunidades tradicionais e ecossistema deveriam receber alta prioridade nos processos de escolha, por meio do estabelecimento de áreas protegidas que valorizam essas interações.

Em alguns países, a ecologia social tem se apoiado na etnociência em seus vários ramos (a etnobotânica, etnoictiologia, etnobiologia, etc.) em que o conhecimento das populações tradicionais é considerado importante para a conservação.

Recebendo contribuições basicamente da sóciolingüística, da antropologia estrutural e da antropologia cognitiva, a etnobiologia é, essencialmente, o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo natural, das espécies. É o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes, enfatizando as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo. O conhecimento dos povos tradicionais (indígenas e não-indígenas) não se enquadra em categorias e subdivisões precisamente definidas como as que a biologia tenta, artificialmente organizar (Posey, 1987).

Sendo um campo relativamente novo da ciência, a etnobiologia ainda está construindo seu método e sua teoria a respeito da maneira pela qual os povos classificam os seres vivos, seu ambiente físico e cultural. Pressupõe-se que cada povo possua um sistema único de perceber e organizar as coisas, os eventos e os comportamentos.

Grande parte desses trabalhos é realizada por uma nova geração de cientistas naturais; alguns deles que trabalham em instituições ambientais governamentais, começam a influenciar políticas públicas conservacionistas de caráter participativo. Isso revela também que seria simplista reduzir o debate ambiental a visões diferenciadas entre cientistas naturais e sociais. Em vários países tropicais, as mudanças que estão ocorrendo na conservação se dão muito mais graças a esses cientistas naturais, sensíveis às questões sociais que graças aos cientistas sociais.

É revelador o fato de que ainda são raros os cientistas sociais que acham importantes as questões relativas à conservação, seja por receio do determinismo geográfico seja por considerarem também essas questões como feudos dos cientistas naturais.

É importante afirmar também que a criação de uma etnociência da conservação foi influenciada nas décadas de 70 e 80 pelo surgimento e expansão de vários movimentos sócio-ambientais, nos países tropicais, preocupados com a conservação e a melhoria das condições de vida da população rural. No Brasil, essa nova ciência acompanha o surgimento e fortalecimento do Movimento dos Povos Indígenas, dos Seringueiros, dos Quilombolas com propostas concretas de áreas protegidas como as reservas extrativistas. O mesmo ocorreu na Índia com o surgimento do Movimento Chipko e na África, com o movimento de parcerias com as comunidades locais para o manejo de animais selvagens, como é o caso do Campfire, no Zimbábue.

Assistimos, portanto, à construção, ainda em andamento, de uma nova teoria e prática da conservação, com base nos problemas enfrentados pelos conservacionistas sociais nos países tropicais. Ao contrário do que prega a biologia da conservação, importada e apoiada, no Brasil, por algumas das megaorganizações conservacionistas internacionais, a *etnoconservação*, como nova teoria e prática conservacionista, não é de domínio exclusivo de determinados cientistas nem do Estado, mas de um movimento que reúne cientistas de diversos campos tanto das ciências naturais quanto das sociais, e por isso é interdisciplinar; é de domínio das comunidades e de várias organizações não-governamentais com o intuito de implantar uma conservação real das paisagens, a proteção da diversidade biológica e também sociocultural.

2. A biodiversidade e o manejo pelas comunidades tradicionais

Como os parques nacionais nos Estados Unidos e em outros lugares foram estabelecidos por razões estéticas e de turismo, e não para a proteção da biodiversidade, pode-se dizer que esta ocorreu ocasionalmente. Também existem os casos em que a exclusão dos humanos resultou em perda da biodiversidade. Nos parques de Serengeti e Ngorongoro, na Tanzânia e Quênia respectivamente, as tribos de pastores, por meio das atividades de pastoreio e queima de pasto, permitiram que os rebanhos e os animais selvagens coexistissem, criando uma paisagem que hoje é valorizada pelos conservacionistas. A constituição de parques nacionais e a exclusão dessas tribos levaram à conversão do pasto em arbustos, com impactos negativos sobre os animais herbívoros, que desempenham um papel fundamental para a diversidade biológica da região (Colchester).

Um dos argumentos dos *preservacionistas* contra a existência das populações tradicionais em áreas naturais protegidas é a pretensa incompatibilidade entre a presença dessas populações e a proteção da biodiversidade.

O estabelecimento de áreas protegidas para a conservação da biodiversidade é, no entanto, um objetivo relativamente recente, uma vez que, como já foi visto, os parques foram criados fundamentalmente para a recreação e enlevo das populações urbanas, educação ambiental e pesquisa. A manutenção da biodiversidade apareceu com o objetivo da conservação como resultado rápido do desaparecimento de espécies e ecossistemas, particularmente a partir da década de 60.

A questão da biodiversidade aparece nitidamente na Estratégia Mundial para a Conservação, da UICN-União Mundial para a Conservação (1980). Nesse documento, os objetivos básicos da conservação são: manutenção dos processos ecológicos essenciais; preservação da diversidade genética; utilização sustentada das espécies e ecossistemas.

A preservação da diversidade biológica se completa principalmente na manutenção da diversidade genética, cuja preservação é necessária tanto para assegurar o fornecimento de alimentos, de fibras e certas drogas quanto para o progresso científico e industrial. E ainda, para impedir que a perda das espécies cause danos ao funcionamento eficaz dos processos biológicos. (*Sumário da Estratégia*, versão brasileira, 1984)

Nos documentos mais recentes da UICN, como o *From strategy to action* (1988), há uma primeira vinculação entre a proteção da diversidade biológica (entendida como diversidade de espécies e de ecossistemas) e a diversidade cultural.

Assim como avalia que, até agora,

“o movimento conservacionista foi liderado por naturalistas, incluindo amadores e biólogos treinados. Ainda que sua contribuição tenha sido essencial, eles foram incapazes de resolver os problemas básicos da conservação porque os fatores limitantes não são de ordem ecológica, mas principalmente políticos, econômicos e sociais. As opiniões para a conservação têm que ser procuradas entre os políticos, sociólogos rurais, agrônomos e economistas. Em última análise, os usuários dos recursos naturais locais são aqueles que tomam as decisões.” (1988: 33)

E ainda enfatiza a importância do conhecimento das populações locais (*traditional groups*) para assegurar a diversidade biológica.

Estudos recentes (Balée 1988, 1992a; Gomez-Pompa 1971, 1972 e outros) afirmam que a manutenção e mesmo o aumento da diversidade biológica nas florestas tropicais, estão relacionados intimamente com as práticas tradicionais da agricultura itinerante dos povos primitivos. A regeneração da floresta úmida parece ser, em parte, consequência das atividades do homem primitivo. O uso de pequenas áreas de terra para a agricultura e seu abandono após o decréscimo da produção agrícola (*shifting agriculture*) são semelhantes à produzida pela destruição ocasional das florestas por causas naturais. Esse tipo de atividade pode ainda ser visto em muitas áreas tropicais, onde um padrão de mosaico pode ser encontrado, com a ocorrência de grandes porções de floresta úmida primária e porções de floresta perturbada de diferentes idades a partir do momento de seu abandono. Vários estudos dessa série de sucessões já existem e, em muitos casos, tendem a concordar que a agricultura itinerante tem sido um meio natural para usar as propriedades regenerativas da floresta úmida em benefício do homem (Gomez-Pompa, 1972). O autor vai mais longe:

“un hecho bien conocido por los ecólogos tropicales es que gran parte de la vegetación primaria de muchas zonas reconocidas como virgenes presentan vestigios de perturbación humana y cada día se hace más difícil encontrar zonas totalmente ‘virgenes’.”
(p.15)

Gomez-Pompa também afirma que vários autores descobriram que muitas espécies dominantes das selvas “primárias” do México e América Central são, na verdade, espécies úteis que o homem do passado protegeu e que sua abundância atual está relacionada com esse fato. A seguir, lança a hipótese de que a variabilidade induzida pelo homem no meio ambiente das zonas tropicais é um fator que favoreceu e favorece notavelmente a variabilidade das espécies e provavelmente sua especiação. (1971)

“frequentemente e variáveis, as perturbações intervêm não somente para iniciar a sucessão, mas também em todos os momentos de seu desenvolvimento: desempenham um papel determinante na variabilidade espacial e temporal da vegetação”(p.140). Crítica de Landin sobre a debilidade da aplicação da

concepção funcionalista de Odum: todos os fenômenos relativos ao mundo vivo se inscrevem numa história que não se repete... Em realidade, toda fragmentação da biosfera, como pode-se observar hoje, é o produto local de uma história singular e definitivamente única...”.(Larrère: 141)

Se essas hipóteses vierem a ser comprovadas, e muitos estudos recentes apontam nessa direção (Oliveira, 1992), é inevitável repensar o conceito de “florestas naturais” e sua modalidade de conservação através de unidades de conservação onde se proíbe a ação da agricultura itinerante como ainda hoje é praticada por populações indígenas e outras tradicionais: seringueiros, ribeirinhos, caiçaras, etc. Além disso, torna-se necessário resgatar os sistemas tradicionais de manejo ainda hoje praticados por essas populações, pois essas técnicas têm contribuído significativamente para a manutenção da diversidade biológica. Nesse sentido, são relevantes os trabalhos de Posey (1987), nos quais se atesta que, ao lado de espécies domesticadas/semi-domesticadas, os Kayapós usualmente transplantam várias espécies da floresta primária para os antigos campos de cultivo, ao longo de trilhas e junto às aldeias, formando os chamados “campos de floresta”. Esses nichos manejados foram denominados por Posey ilhas naturais de recursos e são amplamente aproveitadas no dia-a-dia indígena, bem como durante as longas expedições de caça que duram vários meses (Posey 1987). Balée (1992a; 1992b) demonstra que a floresta secundária tende a alcançar a floresta primária em termos de diversidade ao longo do tempo, o que pode ocorrer em menos de 80 anos. A diversidade em número de espécies entre as duas florestas é semelhante: 360 na secundária e 341 na primária.

Os trabalhos acima citados atestam o grande cabedal de conhecimento das populações indígenas e tradicionais sobre o comportamento da floresta tropical. Eles apontam também para a necessidade de se incorporar essas populações no manejo dessas áreas. Gomez-Pompa & Kaus (1992) vão mais além ao afirmar:

“A técnica de derrubada e queima da agricultura itinerante deve continuar para proteger as espécies. Sem todas essas práticas culturais humanas que vão junto com o hábitat, as espécies se perderão para sempre. E no entanto, essa dimensão da conservação tem sido negligenciada na nossa própria tradição de manejo de recursos naturais.” (1992: 274)

Alguns consideram que as culturas e os saberes tradicionais podem contribuir para a manutenção da biodiversidade dos ecossistemas. Em numerosas situações, na verdade, esses saberes são o resultado de uma co-evolução entre as sociedades e seus ambientes naturais, o que permitiu a conservação de um equilíbrio entre ambos. Isso conduziu ao interesse pela diversidade cultural, que também está ameaçada pela mundialização de modelos culturais dominantes... "Se se aborda a biodiversidade sob o aspecto dos meios naturais, é necessário não esquecer que o homem também construiu paisagens, implementou sistemas agrícolas, domesticou e diversificou numerosas espécies animais e vegetais".

“ Se as sociedades tradicionais viveram até o presente no interior de uma natureza que nós ocidentais julgamos hostil, é essencialmente devido ao saber e ao saber-fazer acumulados durante milênios e que nós reconhecemos hoje seu valor intrínseco”. (J. Bonnemaison 1993, apud Leveque, 1997:55-56)

Brown, K. & Brown, G. (1992) também comparam o importante papel das comunidades tradicionais na conservação da biodiversidade na floresta tropical brasileira com sua destruição gerada pela ação dos grandes fazendeiros e grupos econômicos. Para eles, a ação desses grandes grupos resultam num máximo de erosão genética, mesmo quando é acompanhada de “medidas conservacionistas”. Os autores também afirmam que o modelo de uso dos recursos naturais de baixa intensidade, desenvolvido pelas populações extrativistas e indígenas, freqüentemente, resulta num mínimo de erosão genética e num máximo de conservação. Ainda que a densidade populacional seja geralmente inferior a 1 hab./Km², ela pode se tornar 10 vezes maior se o uso dos recursos naturais for cuidadosamente planejado, aproximando-se do uso feito pela agricultura camponesa. Ainda segundo Brown, esse uso “subdesenvolvido” da terra e de seus recursos, geralmente, descrito como “primitivo”, não-econômico e predatório pelas agências oficiais de “desenvolvimento”, tem se mostrado como o uso mais rentável da floresta a curto e médio prazo, mantendo a biodiversidade e os processos naturais de forma eficaz; mesmo que não sirva aos interesses das populações urbanas mais densas e poderosas (muitas vezes míope).

Brown, K. & Brown, G. (1992) terminam o artigo afirmando que as populações urbanas têm muito que aprender com as tradicionais que vivem em maior harmonia com a natureza.

“Respeitando a sensibilidade para com a diversidade natural e seus processos inerentes aos sistemas sócio-econômicos de produção menos sofisticados, as populações das áreas urbanas poderão desenvolver um novo conhecimento para com estas fontes de sua própria sobrevivência”. (p.10).

Trabalhos recentes do Banco Mundial (Cleaver, 1992) apontam na direção da desmistificação das “florestas intocadas” e na importância das populações tradicionais na conservação da biodiversidade. Nas recomendações para o Banco, Bailey afirma:

“A composição e distribuição presente das plantas e animais na floresta úmida são o resultado da introdução de espécies exóticas, criação de novos habitats e manipulação continuada pelos povos da floresta durante milhares de anos. Por causa da longa história de uso da agricultura itinerante, junto com os povos nômades/pastores na África Central, todas as florestas atuais são realmente patamares de vários estágios sucessivos de crescimento criados pelo povo e não existem áreas que muitos relatórios e propostas chamam de ‘prístinas’, ‘intocadas’, ‘primárias’ ou ‘floresta madura.’”

Em resumo, essas florestas podem ser consideradas artefatos culturais humanos. A atual biodiversidade existe na África não apesar da habitação humana, mas por causa dela.” (1992: 207-208)

3. Comunidades Tradicionais: A questão conceitual: dificuldades e ambigüidades

Este projeto tentou definir alguns conceitos que servissem de base a definições operacionais, uma vez que alguns deles apresentam ambigüidades e dificuldades teóricas. A primeira dessas dificuldades reside na definição de populações/comunidades tradicionais.

No Brasil há um certo consenso sobre o uso do termo “população indígena” significando “etnia”, ou seja, povos que guardam uma continuidade histórica e cultural desde antes da conquista européia da América. O estabelecimento de áreas indígenas no Brasil reconhece o direito histórico das populações indígenas a seus territórios. Desse modo, há uma distinção mais clara entre as populações indígenas e as não-indígenas baseadas no conceito de etnia e no reconhecimento de uma continuidade

sociocultural, histórica e identitária das sociedades e culturas indígenas, claramente distintas da sociedade envolvente.

Por outro lado, esse reconhecimento coexiste com um intenso debate a respeito do significado dos termos “populações nativas”, “tribais”, “indígenas” e “tradicionais” aplicáveis mundialmente. A confusão não é somente de conceitos, mas até de expressões nas várias línguas. Assim, o termo “*indigenous*”, em inglês, usado em muitos documentos oficiais (UINC, Banco Mundial), não quer dizer necessariamente “indígenas”, no sentido étnico e tribal. O conceito inicialmente utilizado pelo Banco Mundial (*Bank's Tribal Peoples Policy Statement*, 1982) para povos nativos – *tribal peoples* foi baseado principalmente nas condições de vida dos povos indígenas amazônicos da América Latina e, como observou Dyson em documento do Banco Mundial (1982), não se adaptava a outras regiões do mundo. Uma nova definição surgiu com a Diretiva Operacional 4.20 de 1991, com características mais amplas, substituindo o termo “*povos tribais*” por “*povos nativos*” (*indigenous*). Ela se aplica àqueles povos que vivem em áreas geográficas particulares que demonstram, em vários graus, as seguintes características comumente aceitas:

- a) ligação intensa com os territórios ancestrais;
- b) auto-identificação e identificação pelos outros como grupos culturais distintos;
- c) linguagem própria, muitas vezes não a nacional;
- d) presença de instituições sociais e políticas próprias e tradicionais;
- e) sistemas de produção principalmente voltados para a subsistência.

As ciências sociais refletiram sobre esse tipo de organização social por meio de enfoques variados. Abordadas como “camponesas”, essas populações foram englobadas no debate teórico das ciências sociais, como expressa Foster (1971), nas “sociedades parciais” (*part society*), inseridas dentro de uma sociedade mais ampla, onde as cidades exercem um papel fundamental. Os camponeses, segundo Firth (1950), ainda que dependam fundamentalmente do cultivo da terra, podem ser pescadores, artesãos, extrativistas, segundo as estações do ano e a necessidade de obtenção de dinheiro para suas compras na cidade. Tanto Foster quanto Redfield enfatizam o papel das relações entre as sociedades tradicionais dos camponeses e as cidades, das quais em grande parte dependem para sua reprodução social, econômica e

cultural. Essa dependência é também política, na medida em que os camponeses são politicamente marginalizados. Da cidade também provêm as “inovações” que colaboram para a gradual transformação das sociedades camponesas.

Dasmann (1989), por outro lado, tomando como critério a relação com a natureza, distingue dois tipos de sociedades: os *povos dos ecossistemas (ecosystem people)*, aqueles que se estabelecem em simbiose com os ecossistemas e conseguem viver, por longo tempo, mediante o uso sustentado dos recursos naturais de um ecossistema ou de ecossistemas contíguos; e os povos da biosfera são sociedades interligadas a uma economia global, de alto consumo e poder de transformação da natureza, causando grande desperdício de recursos naturais. No entanto, ele mesmo considera essa classificação simplificadora, pois existe um *continuum* entre uma e outra categoria, cujo equilíbrio entre as populações humanas e o ambiente não é mantido por decisões conscientes, mas por um conjunto complexo de padrões de comportamento, fortemente marcados por valores éticos, religiosos e por pressão social.

Numa perspectiva marxista, as culturas tradicionais estão associadas a modos de produção pré-capitalistas, próprios de sociedades em que o trabalho ainda não se tornou mercadoria, em que a dependência do mercado já existe, mas não é total. Essas sociedades desenvolveram formas particulares de manejo dos recursos naturais que não visam diretamente o lucro mas a reprodução cultural e social como também percepções e representações em relação ao mundo natural marcadas pela idéia de associação com a natureza e a dependência de seus ciclos. Culturas tradicionais, nessa perspectiva, são aquelas que se desenvolvem do modo de produção da pequena produção mercantil (Diegues 1983). Essas culturas se distinguem daquelas associadas ao modo de produção capitalista em que não só a força de trabalho, como a própria natureza, se transformam em objeto de compra e venda (mercadoria). Nesse sentido, a concepção e representação do mundo natural e seus recursos são essencialmente diferentes. Godelier(1984), por exemplo, afirma que essas duas sociedades têm racionalidades intencionais diferentes, ou melhor, apresentam um sistema de regras sociais conscientemente elaboradas para melhor atingir um conjunto de objetivos. Segundo esse antropólogo, cada sistema econômico e social determina uma modalidade específica de uso dos recursos naturais e de uso da força de trabalho humana e, conseqüentemente, utiliza normas específicas do “bom” e do “mau” uso dos recursos naturais: como exemplo, cita os caçadores brancos e os índios Naskapi, da

península do Lavrador, onde os primeiros caçam os animais para retirar e vender as peles, enquanto os segundos o fazem para sua subsistência direta. Godelier afirma que tanto os caçadores brancos como os indígenas reproduzem sua sociedade e sua cultura por meio de suas atividades econômicas e do uso dos recursos naturais. Os primeiros, no entanto, pertencem a um sistema econômico voltado para o lucro monetário, no qual a solidariedade familiar tradicional desapareceu e que, portanto, depredam os recursos naturais. Os segundos pertencem ainda a uma sociedade, cujo fim último é a reprodução dessa solidariedade e não a acumulação de bens e lucro, preservando os recursos naturais dos quais dependem para sobreviver.

Um elemento importante na relação entre essas populações e a natureza é sua relação com seu território que pode ser definido como uma porção da natureza e espaço sobre o qual uma sociedade determinada reivindica e garante a todos, ou a uma parte de seus membros, direitos estáveis de acesso, controle ou uso de sobre a totalidade ou parte dos recursos naturais aí existentes que ele deseja ou é capaz de utilizar (Godelier, 1984). Essa porção da natureza fornece, em primeiro lugar, a natureza do homem como espécie, mas também:

- a) os meios de subsistência;
- b) os meios de trabalho e produção;
- c) os meios de produzir os aspectos materiais das relações sociais, aquelas que compõem a estrutura determinada de uma sociedade (relações de parentesco, etc.) (Godelier 1984).

O território depende não somente do tipo do meio físico utilizado, mas também das relações sociais existentes. Para muitas populações tradicionais que exploram o meio marinho, o mar tem suas marcas de posse, geralmente pesqueiros de boa produtividade, descobertos e guardados cuidadosamente pelo pescador artesanal. Essas marcas podem ser físicas e visíveis, como as “caiçaras” instaladas na laguna de Mundaú e Manguaba (AL). Elas podem ser também invisíveis, como os rasos, tassis, corubas, em geral submersas onde há certa abundância de peixes de fundo. Esses pesqueiros são marcados e guardados em segredo através do sistema de de caminho e cabeça pelos pescadores do Nordeste (Maldonado 1993), ou seja, os locais mais produtivos do mar são localizados pelo pescador que os descobriu por um complexo sistema de triangulação de pontos para o qual usa alguns acidentes geográficos da

costa, como torres de igrejas, picos de morro etc. (Diegues 1983: 1993). Para as sociedades de pescadores artesanais, o território é muito mais vasto que para os terrestres e sua “posse” é muito fluida. Apesar disso, ela é conservada pela lei do respeito que comanda a ética reinante nessas comunidades (Cordell 1982).

Para as sociedades camponesas, o território tem dimensões mais definidas, apesar da agricultura itinerante, através do pousio, demarcar amplas áreas de uso, sem limites muito definidos. Muitas dessas áreas, como no caso das comunidades caiçaras de São Paulo, são comuns, isto é, posse de uma comunidade onde seus membros faziam suas roças. A terra em descanso ou o pousio é a marca de posse, onde depois de colhida a mandioca ficam os pés de banana, limão e outras frutíferas. Nas comunidades mencionadas, é estreita a relação com a Mata Atlântica, nicho importante para sua reprodução social. Dali retiram a madeira para suas canoas, para a construção, equipamentos de pesca, instrumentos de trabalho, medicamentos, etc. (Diegues 1988).

Algumas dessas sociedades se reproduzem, explorando uma multiplicidade de habitats: a floresta, os estuários, os mangues e as áreas já transformadas para fins agrícolas. A exploração desses habitats diversos exige não só um conhecimento aprofundado dos recursos naturais, das épocas de reprodução das espécies, mas a utilização de um calendário complexo dentro do qual se ajustam, com maior ou menor integração, os diversos usos dos ecossistemas.

O território dessas sociedades, distinto daquele das sociedades urbanas industriais, é descontínuo, marcado por vazios aparentes (terras em pousio, áreas de estuário que são usadas para a pesca somente em algumas estações do ano, áreas de coleta, de caça, etc.) e tem levado autoridades da conservação a declará-lo parte as “unidades de conservação “porque “não é usado por ninguém”. Aí reside, muitas vezes, parte dos conflitos existentes entre essas sociedades e as autoridades conservacionistas.

Um aspecto relevante na definição dessas culturas tradicionais é a existência de sistema de manejo dos recursos naturais marcados pelo respeito aos ciclos naturais, e pela sua exploração dentro da capacidade de recuperação das espécies de animais e plantas utilizadas. Esses sistemas tradicionais de manejo não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, por intermédio de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais.

Além do espaço de reprodução econômico, das relações sociais, o território é também o *locus* das representações e do imaginário mitológico dessas sociedades. A íntima relação do homem com seu meio, sua dependência maior em relação ao mundo natural, comparada ao do homem urbano-industrial faz que ciclos da natureza (a sazonalidade de cardumes de peixes, a abundância nas rochas) sejam associados as explicações míticas ou religiosas. As representações que essas populações fazem dos diversos habitats em que vivem, também se constroem segundo maior ou menor controle de que dispõem sobre o meio físico. Assim, o caiçara tem um comportamento familiarizado com a mata, nela se adentrando para retirar os recursos de que precisa; ele também não tem receio de explorar os estuários e lagunas costeiras protegidas pelas suas técnicas de pesca, mas muitos têm um verdadeiro pavor do mar aberto, do “mar de fora”, da “paisagem da barra”, dos naufrágios e desgraças associadas ao oceano que não controlam (Mourão 1971).

Nesse sentido, é importante analisar o sistema de representações, símbolos e mitos que essas populações constroem, pois é com elas que agem sobre o meio. É também com essas representações e com o conhecimento empírico acumulado que desenvolvem seus sistemas tradicionais de manejo. No imaginário dos povos da floresta, rios e lagos brasileiros estão repletos de entes mágicos que castigam os que destroem as florestas (*caipora/curupira, Mãe da Mata, Boitatá*); os que maltratam, os animais da mata (*Anhangá*); os que matam os animais em época de reprodução (*Tapiora*); os que pescam mais que o necessário (*Mãe d'Água*) (Câmara Cascudo, 1972). Assim, os moradores da Várzea da Marituba (Alagoas) têm várias lendas, como a da “*Mãe d'Água*”, que vira a canoa daqueles pescadores que são muito ambiciosos e retiram desnecessariamente muito peixe da lagoa.

Com base nas considerações acima, pode-se dizer que essas sociedades se caracterizam:

a) pela dependência freqüentemente, por uma relação de simbiose entre a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis com os quais se constrói um *modo de vida*;

b) pelo conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido por oralidade de geração em geração;

c) pela noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente;

d) pela moradia e ocupação desse território por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados;

e) pela importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de mercadorias possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica uma relação com o mercado;

f) pela reduzida acumulação de capital;

g) importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais;

h) pela importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e a atividades extrativistas;

i) pela tecnologia utilizada que é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente. Há uma reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto final;

j) pelo fraco poder político, que em geral reside com os grupos de poder dos centros urbanos;

l) pela auto-identificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras.

Assim, neste relatório estamos utilizando a noção de “sociedades tradicionais” para nos referirmos a grupos humanos culturalmente diferenciados que historicamente reproduzem seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relações com a natureza, caracterizados tradicionalmente pelo manejo sustentado do meio ambiente. Essa noção se refere tanto a povos indígenas quanto a segmentos da população nacional que desenvolveram modos particulares de existência, adaptados a nichos ecológicos específicos.

Exemplos empíricos de populações tradicionais são as comunidades caiçaras, os sitiantes e roceiros tradicionais, comunidades quilombolas, comunidades ribeirinhas, os pescadores artesanais, os grupos extrativistas e indígenas. Exemplos empíricos de populações não-tradicionais são os fazendeiros, veranistas, comerciantes, servidores públicos, empresários, empregados, donos de empresas de beneficiamento de palmito ou outros recursos, madeireiros, etc.

Estamos cientes, ainda assim, das limitações de tal definição já que, a rigor, todas as culturas e sociedades têm uma “tradição”. Por outro lado, definições tipológicas como esta, baseada num conjunto de “traços culturais” empíricos tendem a apresentar uma rigidez simplificadora que não permite visualizar as sociedades e culturas como fluxos socioculturais dinâmicos, em permanente estado de transformação.

No contexto sociopolítico em que essas populações estão inseridas, essa caracterização é a que tem, muitas vezes, legitimado uma identidade diferenciada e fundamentado, no plano das relações com o Estado, a reivindicação por direitos territoriais e culturais específicos. Por um lado, se a fidelidade a esses “traços socioculturais” lhes dá um certo poder de negociação com o Estado, por outro, lhes inibe o caminho de qualquer transformação sociocultural posterior inviabilizando seu devir como sociedades e culturas diferenciadas com direitos específicos. É o que vem ocorrendo, por exemplo, com as populações rurais nas Unidades de Conservação onde, algumas vezes, se processam levantamentos de “população tradicional”, numa visão naturalista, de modo a permitir a expulsão daquelas que não correspondam traço por traço à definição de “tradicionalidade” e, ao mesmo tempo, estabelecem-se regras rígidas (propositalmente ignorantes da dinâmica de uso “tradicional”) de uso dos recursos naturais dessas áreas, acopladas a um sistema de vigilância marcado pela repressão de qualquer afastamento do modelo de “tradicionalidade” aceito.

Processo semelhante tem ocorrido também com as sociedades indígenas, derivado dos interesses expansionistas da sociedade nacional e ancorados na forma como a antropologia clássica definia suas culturas — a autenticidade sendo sinônimo de imutabilidade.

A legislação constitucional brasileira de 1988, assim como a de vários países de formação pluriétnica, já reconheceu o direito à diferença cultural e estipula como “direitos coletivos”, o direito a seu território tradicional, o direito à sociodiversidade, o direito ao patrimônio cultural, ao meio ambiente ecologicamente equilibrado e o direito à biodiversidade. Entretanto, o “tradicional” continua sendo definido conforme critérios ocidentais de uma antropologia inadequada, na qual os índios aparecem, além das imagens já evocadas anteriormente, também como “máquinas adaptativas equilibradas”. A mudança cultural, a recriação da tradição, só é aceita em relação à corrente civilizatória ocidental. Quando ocorre com outras sociedades, aparece sob o signo de sua não legitimidade identitária. Nesse campo de significados socialmente

construído o dilema indígena atual se eterniza: se continuam “autênticos” são vistos (com simpatia ou não) como “selvagens”, sem condições de autodeterminação. Se incorporam em sua constelação cultural elementos da modernidade, passam a perder legitimidade como índios e seus direitos passam a ser contestados.

Porém, um dos critérios mais importantes para a definição de culturas ou populações tradicionais, além do modo de vida, é, sem dúvida, o *reconhecer-se* como pertencente àquele grupo social particular. Esse critério remete à questão fundamental da *identidade*, um dos temas centrais da antropologia. A concepção do grupo étnico como um tipo de organização e o enfoque de suas relações e representações pelo critério-chave de sua participação num *sistema* de unidades étnicas distintas (Barth, 1969; Oliveira, 1976), superou as limitações do “objetivismo” culturalista, abrindo novos horizontes de investigação. Essa atitude, entretanto, tem levado a um tipo de formulação que reduz a cultura apenas a um reservatório de “traços”, a um “porão”, onde aspectos culturais isolados seriam escolhidos por sua adequação à função estratégica de marcar contrastivamente uma identidade étnica, a qual, por sua vez, executaria a função de legitimar o acesso de um grupo às fontes de recursos que disputam com grupos rivais. Nessa linha a cultura arrisca-se a ser encarada como um folclórico *bricolage* utilitário, regido por uma lógica publicitária de disputa de espaços políticos e econômicos num mercado capitalista.

No nosso entendimento, o que se mostra como símbolo de identidade étnica, o conjunto de traços diacríticos em relação à configuração dominante é apenas a ponta do iceberg. Num contexto político de dominação, só se tornam visíveis a reorganização e retenção de traços culturais possíveis, isto é, aqueles que não se opõem frontalmente aos legitimados pela sociedade nacional. A especificidade de uma cultura, porém, é dada pela particularidade de uma visão de mundo, por uma cosmogonia própria, pela existência de um território existencial singularizado (cf. Guattari 1986), configurado por uma lógica de ação e de emoção que, num contexto de dominação, vive muitas de suas facetas na clandestinidade, ao abrigo da apropriação ou da repressão.

Estes esquemas culturais dotados de grande permanência são engendrados historicamente, num certo meio natural e social, constituindo-se em princípios orientadores das práticas sociais e, conforme descreve Bourdieu (1983:60-61), produzem hábitos.

Mas, se as práticas e o sentido a elas atribuído são resultantes de esquemas culturais preexistentes, não é menos verdadeiro que os significados também sejam

reavaliados quando realizados na prática, abrindo-se um espaço delimitado por esses contrários, onde os sujeitos históricos reproduzem criativa e dialeticamente sua cultura e sua história, por meio de processos de reavaliação funcional de categorias (Sahlins 1990: 10). Assim, os povos submetidos às pressões da expansão capitalista sofrem mudanças radicais, induzidas por forças externas, mas sempre orquestradas de modo nativo. As dinâmicas internas de produção e reprodução da vida social sofrem adequações gradativas, em grande parte não planejadas, mas sempre criativas, às imposições decorrentes dos laços com o mercado e à ininterrupta luta política para preservação do território tribal e de seus recursos naturais.

A “orquestração nativa”, entretanto, encontra o limite de suas possibilidades de expansão não no grau de competência do pensamento mítico para a interpretação histórica, na sua capacidade de transformação coerente e incorporação de novos significados, mas, fundamentalmente, no espaço de autonomia política e econômica que consiga manter no contexto de envolvimento pela sociedade mais abrangente.

No Brasil, os povos indígenas que sobreviveram ao genocídio e à espoliação típicos da primeira fase de contato com a sociedade nacional, que têm conseguido manter um território minimamente adequado à manutenção de seu modo de vida, tendem a reconstruir sua sociedade, recriando os laços de continuidade com seu passado, mas já num contexto de reduzida autonomia política e econômica, forçados a se “reinventarem” numa velocidade vertiginosa, desencadeando processos de reordenação sociocultural extremamente contraditórios e ambíguos.

De um lado, estabelecem laços permanentes de articulação e dependência com o mercado, de outro, tornam-se dependentes tanto da proteção do Estado (demarcação e garantia de territórios, atendimento à saúde, projetos de desenvolvimento econômico, etc.) quanto de entidades indigenistas civis e agências de outra ordem, com as quais podem conjuntamente estabelecer alianças.

Com todas essas limitações, e nesse campo político e ideológico problemático, até recentemente o *outro* no Brasil era identificado apenas com o *índio*, havendo pouca preocupação com outras formas de alteridade. O surgimento de outras identidades socioculturais, como a *caiçara*, é fato mais recente, tanto no campo dos estudos antropológicos quanto no plano do auto-reconhecimento dessas populações como portadoras de uma cultura e um modo de vida diferenciado de outras populações. Esse *auto-reconhecimento* é freqüentemente, uma *identidade construída* ou *reconstruída*, como resultado, em parte, de processos de contatos cada vez mais conflituosos com a

sociedade urbano-industrial, e com as formulações político-ideológicas criadas por esta. Parece paradoxal, mas as fórmulas ideológicas ambientalistas ou conservacionistas explícitas na noção de áreas naturais protegidas sem população têm contribuído para o fortalecimento dessa identidade sócio-cultural em populações como os quilombolas do Trombetas, os caiçaras do litoral paulista, etc. Para esse processo tem contribuído também a organização de movimentos sociais, apoiados por entidades não-governamentais, influenciadas pela ecologia social, por cientistas sociais, etc.

4. As populações tradicionais no Brasil: uma perspectiva histórica de sua formação

O Brasil, além de apresentar uma das maiores taxas de diversidade biológica do planeta, é um dos países de maior diversidade cultural. Existem no país mais de 500 áreas indígenas reconhecidas pelo Estado, habitadas por cerca de 200 sociedades indígenas culturalmente diferenciadas, as quais desenvolveram, ao longo dos séculos de sua existência, formas de adaptação a toda variedade dos ecossistemas presentes no território nacional.

Ainda hoje a qualidade da ocupação indígena deve ser enfatizada. Suas áreas geralmente são as de cobertura florestal mais preservada, mesmo nos casos em que a devastação ambiental tenha se expandido a seu redor. Isso se aplica também às situações de envolvimento de povos indígenas em processos de extração ambientalmente predatórios (madeira, minérios, etc.). Baseados em formas socioculturais que restringem a ampliação desmesurada do uso dos recursos naturais assim como a acumulação privada, esses povos desenvolveram um conhecimento aprofundado e extenso das características ambientais e das possibilidades de manejo dos recursos naturais dos territórios que ocupam.

Por outro lado, a colonização do Brasil empreendida pelos portugueses a partir do século XVI plasmou entre a população rural não-indígena um modelo sócio-cultural de adaptação ao meio que, malgrado suas diferenças regionais e as que se podem detectar ao longo do tempo, apresenta características comuns que marcam ainda hoje as comunidades humanas em regiões isoladas do país. Esse modelo sociocultural de ocupação do espaço e de utilização dos recursos naturais deve a maior parte de suas características às influências das populações indígenas e ao caráter cíclico e irregular do avanço da sociedade nacional sobre o interior do país.

Frente a uma natureza desconhecida, os portugueses e a população brasileira, a qual se constituiu ao longo do empreendimento colonial, adotaram as técnicas adaptativas indígenas. Deles incorporaram sua base alimentar constituída pelo plantio do milho, mandioca, abóbora, feijões, amendoim, batata-doce, cará, etc. Adotaram os produtos de coleta compondo sua dieta com a extração do palmito e de inúmeras frutas nativas como o maracujá, pitanga, goiaba, bananas, caju, mamão e tantas outras. E, como complemento essencial, apoiaram-se na caça e pesca.

Isso implicou a adoção de técnicas de plantio indígenas (roça consorciada, itinerante, com base na queimada, tipo “*slash-and-burn*”), de artefatos como as peneiras, os pilões, o ralo, o tipiti e outros implementos que fazem parte da cultura rústica brasileira. Implicou também a incorporação da extraordinária capacidade de ajustamento ao meio demonstrada pelos índios: conhecimento minucioso dos hábitos dos animais, técnicas precisas de captura e morte, incluindo inúmeros tipos de armadilhas. A base alimentar indígena foi ampliada e mesclada com espécies vegetais trazidas de fora, como o trigo, o arroz branco, legumes, bananas exóticas e outros, naturalizadas e incorporadas à dieta da população. A lista de elementos apropriados das culturas indígenas é enorme e não caberia aqui detalhá-la, mas apenas mencionar mais alguns itens como as técnicas de fabrico e uso de canoas, da jangada, de tapagem, redes e armadilhas de pesca, de cobertura de casas rurais com material vegetal, o uso da rede para dormir, etc.

A influência indígena também se manifestou nas formas de organização para o trabalho e nas formas de sociabilidade. No modelo de “cultura rústica”, as famílias são as unidades de produção e consumo que, por intermédio de relações de ajuda baseadas na reciprocidade (na instituição do “mutirão”, nas festas religiosas, etc.) se articulam umas com as outras em estruturas frouxas, mas mais abrangentes que constituíram os “bairros rurais”. Embora relativamente autônomos, esses “sitiantes tradicionais” sempre mantiveram certa relação de dependência com os pequenos núcleos urbanos, com os grandes proprietários rurais e as autoridades locais, expressa nas categorias de meeiros, parceiros, posseiros, pequenos proprietários e colonos.

Em linhas bastante gerais, a colonização portuguesa dedicou-se à exploração intensiva de certos produtos valiosos no mercado internacional, promovendo o adensamento populacional apenas nas regiões em que essa exploração era melhor sucedida. Dessa forma o centro nervoso da economia brasileira migrou de região para região ao sabor da substituição de um produto por outro. Cada uma dessas regiões—o

litoral no ciclo do pau-brasil, o Nordeste no ciclo da cana-de-açúcar, nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás no ciclo do ouro e pedras preciosas, os estados de Amazonas e Pará no ciclo da borracha, etc.— concentrou em períodos diversos da história do Brasil núcleos populacionais e produção econômica de certa envergadura, baseados no trabalho escravo, e na monocultura ou extrativismo de um único produto. A perda da importância econômica ou o esgotamento do recurso em exploração deslocava o eixo do povoamento deixando a região ao abandono, restando no mais das vezes núcleos populacionais relativamente isolados e dispersos subsistindo numa economia voltada para a auto-suficiência, marcados por uma fisionomia e características predominantemente indígenas.

Darcy Ribeiro (1978) classifica as variantes desse modelo de povoamento rural de *cultura crioula* — desenvolvida na faixa de massapé do Nordeste, sob a égide do engenho açucareiro; *cultura caipira* — constituída pelo cruzamento do português com o indígena e que produziu o mameluco paulista, caçador de índios e depois “sitiantes tradicionais” das áreas de mineração e de expansão do café e que se apresenta no litoral sob o nome de *cultura caiçara*; *cultura sertaneja* — difundida pelo sertão nordestino até o cerrado do Brasil central pela criação de gado; *cultura cabocla* — das populações amazônicas, afetas à indústria extrativa; e *cultura gaúcha* — de pastoreio nas campinas do sul.

Essa *cultura rústica* brasileira coexistiu tanto com as fazendas monocultoras, quanto com as fazendas de criação de gado, constituindo a base da produção do abastecimento para essas empresas e os povoados e expandindo-se por todo o Brasil à medida que encontrava terras devolutas para reproduzir seu modo de vida.

Em outras palavras, as populações alijadas dos núcleos dinâmicos da economia nacional, ao longo de toda a história do Brasil, adotaram o modelo da *cultura rústica*, refugiando-se nos espaços menos povoados, onde a terra e os recursos naturais ainda eram abundantes, possibilitando sua sobrevivência e a reprodução desse modelo sociocultural de ocupação do espaço e exploração dos recursos naturais, com inúmeras variantes locais determinadas pela especificidade ambiental e histórica das comunidades que nele persistem. Processo paralelo ocorreu com os povos “desindianizados” que se mantiveram como comunidades relativamente fechadas mas, perdendo sua identidade étnica, convergiram para o modelo da cultura rústica.

Esse processo é visível ainda hoje nas populações ribeirinhas do rio Amazonas, sobreviventes dos processos de genocídio e etnocídio exercidos pelos

colonizadores nessa região a partir século XVII, e em várias comunidades litorâneas do Nordeste brasileiro.

A emergência da questão ambiental nos últimos anos jogou ainda uma outra luz sobre esses modos “arcaicos” de produção. Ao deslocar o eixo de análise do critério da produtividade para o do manejo sustentado dos recursos naturais, evidenciou a positividade relativa dos modelos indígenas de exploração dos recursos naturais e desse modelo da *cultura rústica*, parente mais pobre mas valioso dos modelos indígenas.

Tornou-se portanto mais evidente que as populações “tradicionais”, seringueiros, castanheiros, ribeirinhos, quilombolas, mas principalmente as sociedades indígenas, desenvolveram pela observação e experimentação um extenso e minucioso conhecimento dos processos naturais e, até hoje, as únicas práticas de manejo adaptadas às florestas tropicais (Meggers 1977; Descola 1990, Anderson & Posey 1990).

Deve-se enfatizar também a contribuição ao uso da biodiversidade pelas populações migrantes estrangeiras, sobretudo, no domínio da agricultura e silvicultura.

Assim, dada essa grande diversidade cultural existente no país, representada por mais de duas centenas de povos indígenas diferentes e pelas comunidades tradicionais espalhadas pelo litoral e interior do Brasil (incluindo caiçaras, ribeirinhos, caboclos, quilombolas, agricultores migrantes, etc.) o necessário inventário dos trabalhos produzidos sobre seu conhecimento da diversidade biológica é complexo e deve ser realizado por etapas. Parte dessa complexidade reside no fato de que os trabalhos de investigação científica sobre populações indígenas e comunidades tradicionais encontram-se dispersos pelas inúmeras instituições de pesquisa, órgãos oficiais e organizações não- governamentais localizadas nas várias regiões brasileiras. Além disso, existem muitos trabalhos realizados por cientistas estrangeiros dispersos em universidades e centros de pesquisa fora do país.

4.1 Saber tradicional, ciência e biodiversidade

Para efeito deste trabalho, conhecimento tradicional é definido como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração. Para muitas dessas sociedades, sobretudo para as indígenas, existe uma interligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social. Nesse sentido, para estas, não existe uma classificação dualista, uma linha divisória rígida entre o “natural” e o “social” mas sim um continuum entre ambos. Assim, Descola (1997) sugere que para os Achuar da Amazônia, a floresta e as roças, longe de se reduzirem a um lugar de onde se retiram os meios de subsistência, constituem o palco de uma sociabilidade sutil em que, dia após dia, seduzem-se seres que somente a diversidade das aparências e a falta de linguagem os distinguem dos humanos. Para eles, o que consideramos natureza são alguns seres cuja existência é tida como maquinal e genérica. Mais ainda, para muitos grupos indígenas, os humanos podem tornar-se animais e estes converter-se em humanos. Nesse sentido, ainda segundo Descola, as cosmologias indígenas amazônicas não fazem distinções ontológicas entre humanos, de um lado, e um grande número de animais e plantas, de outro. O autor enfatiza a idéia de interligação entre essas espécies, ligadas umas às outras por um vasto continuum governando pelo princípio da sociabilidade, em que a identidade dos humanos, vivos ou mortos, das plantas, dos animais e dos espíritos é completamente relacional, logo sujeita a mutações.

É, portanto, essencial se ter em conta que, na cosmologia indígena, a “natureza” e outros conceitos como “ecossistema”, tal como a ciência ocidental entende, não são domínios autônomos e independentes, mas faz parte de um conjunto de inter-relações. De uma certa maneira, ainda que em graus e qualificações distintas, o que foi explicitado para as populações tradicionais indígenas vale também para as não-indígenas, como as ribeirinhas amazônicas, caiçaras e outras nas quais a influência da cultura indígena é importante.

Lévi-Strauss, em *O Pensamento selvagem* enfatiza a importância do conhecimento tradicional das populações indígenas ao afirmar que há elaboração de técnicas muitas vezes complexas, que permitem, por exemplo, transformar grãos ou em raízes tóxicas alimentos. Segundo esse autor, existe nesses grupos humanos uma atitude científica, uma curiosidade assídua e alerta, uma vontade de conhecer pelo prazer de conhecer, pois apenas uma fração das observações e das experiências podia fornecer

resultados práticos e imediatamente utilizáveis (1989:30). Lévi-Strauss afirma, portanto, que existem dois modos diferentes de pensamento científico não em função de estágios desiguais de desenvolvimento do espírito humano, mas dois níveis estratégicos em que a natureza se deixa abordar pelo conhecimento científico (1989:30). Michael Balick e Paul Cox (1996) têm posição semelhante ao afirmar que o conhecimento tradicional indígena e o científico ocidental estão epistemologicamente próximos, uma vez que ambos baseiam-se numa constatação empírica.

William Balée em *Fooprints of the forest* (1993) enfatiza também uma outra diferença relevante entre o pensamento científico moderno e o tradicional. Enquanto o primeiro é comunicado por meio da escrita, o segundo utiliza a oralidade. Nesse sentido, o conhecimento tradicional somente pode ser interpretado dentro do contexto da cultura em que ele é gerado. Para Balée, é a escrita e os mecanismos a ela associados que explicam por que a botânica lineense permite a identificação de mais de 30.000 espécies de plantas na Amazônia, enquanto que dificilmente um grupo indígena emprega mais de 1.000 nomes diferentes para essa flora.

Conforme o exposto acima, fica evidente que existem diferenças marcantes entre as formas pelas quais as populações tradicionais produzem e expressam seu conhecimento sobre o mundo natural e aquelas que foram desenvolvidas pela ciência moderna. Essas diferentes visões se refletem no uso de conceitos desenvolvidos e aceitos por esta última, como o de recursos naturais, biodiversidade e manejo.

Para a ciência moderna, a biodiversidade pode ser definida como a variabilidade entre seres vivos de todas as origens, inter alia, a terrestre, a marinha e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos dos quais fazem parte: isso inclui a diversidade no interior das espécies, entre as espécies e entre espécies e ecossistemas (Artigo 2 da Convenção). Na concepção moderna, a biodiversidade é uma característica do mundo chamado natural, produzida exclusivamente por este e analisada segundo as categorias classificatórias propostas pelas ciências ou disciplinas científicas, como a botânica, a genética, a biologia, etc.

As populações tradicionais não só convivem com a biodiversidade, mas também nomeiam e classificam as espécies vivas segundo suas próprias categorias e nomes. Uma importante particularidade, no entanto, é que essa natureza diversa não é vista pelas comunidades tradicionais como selvagem em sua totalidade; ela foi e é domesticada, manipulada. Uma outra diferença é que essa diversidade da vida não é

vista como “recurso natural”, mas sim como um conjunto de seres vivos que tem um valor de uso e um valor simbólico, integrado numa complexa cosmologia.

Nesse sentido, pode-se falar numa *etno-biodiversidade*, isto é, a riqueza da natureza da qual participam os humanos, nomeando-a, classificando-a, domesticando-a, mas de nenhuma maneira selvagem e intocada.

Pode-se concluir que a *biodiversidade pertence tanto ao domínio do natural como do cultural*, mas é a cultura enquanto conhecimento que permite às populações tradicionais entendê-la, representá-la mentalmente, manuseá-la, retirar suas espécies, colocar outras e enriquecendo-a, com frequência, como viu-se anteriormente.

Nesse sentido os seres vivos, em sua diversidade, participam de uma ou outra forma do espaço domesticado ou pelo menos identificado; domesticado ou não-domesticado, porém, conhecido. Eles pertencem a um *lugar*, um território enquanto locus, onde se produzem as relações sociais e simbólicas.

A biodiversidade usualmente definida pelos cientistas é fruto exclusivo da natureza, não pertence a lugar nenhum senão a uma teórica teia de inter-relações e funções, como pretende a teoria dos ecossistemas. No fundo, o conhecimento da biodiversidade deve ser domínio exclusivo da ciência, e aí reside um dos graves problemas no mundo moderno no qual uma parcela importante das descobertas científicas é feita em laboratórios de empresas multinacionais. Para que esse conhecimento se produza sem interferência dos outros homens, o cientista necessita usualmente de um *não-lugar*, de um parque nacional ou de uma outra área de proteção que não permite a presença humana, incluindo a presença daquelas populações tradicionais que colaboraram para que aquele pedaço de seu território se mantivesse preservado. O parque nacional acaba representando um hipotético mundo natural primitivo, intocado, mesmo que grande parte dele já tenha sido manipulado por populações tradicionais durante gerações, criando paisagens mistas de florestas já transformadas e outras que, raramente, sofreram intervenções por partes dessas mesmas populações tradicionais. Esses espaços florestados, no entanto, podem formar uma só paisagem. Uma política conservacionista equivocada que transforma esses lugares em não-lugares, com a expulsão das populações tradicionais pode estar abrindo espaço para que esses não-lugares se tornem o domínio de pesquisa das multinacionais ou de convênios entre entidades de pesquisa nacionais e internacionais, e ao final, “privatizados”, como manda o manual neo liberal. Talvez seja por isso que as grandes entidades conservacionistas internacionais *associem de forma tão íntima a conservação*

da biodiversidade e as áreas protegidas vazias de seus habitantes tradicionais e de sua cultura.

Finalmente, um outro aspecto que mostra a divergência dos enfoques sobre as estratégias de conservação da biodiversidade diz respeito aos critérios usualmente utilizados para se definir “hot spots” para a conservação: esses critérios são quase que totalmente de ordem biológica. De acordo com possíveis novos parâmetros de *uma etnoconservação* poder-se-ia pensar em critérios decorrentes das *paisagens* criadas pelas populações tradicionais, como foram descritas anteriormente. Um dos critérios a ser incorporado é o da existência de *áreas de alta biodiversidade decorrente do conhecimento e do manejo tradicional ou etnomanejo* realizado pelas populações tradicionais indígenas e não-indígenas. Essas populações tradicionais, ao invés de serem expulsas de suas terras para a criação de um parque nacional, passariam a ser valorizadas e recompensadas pelo seu conhecimento e manejo que deram origem a esses mosaicos de paisagens, que incluem um gradiente de florestas pouco ou nada tocadas por elas até aquelas manejadas. Ter-se-ia, sem dúvida, mapas de áreas críticas para a diversidade, diferentes daqueles gerados em workshops financiados por instituições ambientalistas internacionais. Evidentemente, esses mapas somente poderiam ser realizados com a utilização de indicadores de biodiversidade que não são apenas de ordem biológica, mas provenientes de uma *nova etnociência da conservação*.

Essa nova alternativa poderia ser realizada por inventários da etnobiodiversidade realmente participativos, com plena anuência e cooperação das populações tradicionais, manejadoras da biodiversidade.

O que os cientistas chamam de biodiversidade, traduzida em *longas listas de espécies de plantas ou animais*, descontextualizadas do domínio cultural, é muito diferente da biodiversidade em grande parte *construída e apropriada material e simbolicamente* pelas populações tradicionais.

A mesma coisa pode ser afirmada sobre o *conceito de manejo*. A definição apresentada no Glossário de Ecologia da Academia de Ciências do Estado de São Paulo ACIESP-(1987) é sintomática nesse sentido:

“Aplicação de programas de utilização dos ecossistemas, naturais ou artificiais, baseada em teorias ecológicas sólidas, de modo que mantenha, da melhor forma possível as comunidades vegetais e/ou animais como fontes úteis de produtos biológicos para o homem, e também como fontes de conhecimento científico e de lazer. A orientação de tais programas deve garantir que os valores intrínsecos das áreas

naturais não fiquem alterados, para o desfrute das gerações futuras. O manejo correto exige primeiro o conhecimento profundo do ecossistema para o qual ele é aplicado. O manejo é dito de flora, de fauna, ou de solo quando a ênfase é dada aos recursos vegetais, animais ou o solo. Quando todos os componentes do sistema têm a mesma importância, diz-se tratar-se de manejo ambiental.”

Fica claro nessa definição que existe somente o manejo chamado “científico”, nos parâmetros da ciência cartesiana, baseado em “teorias ecológicas sólidas”. Seria importante que se definisse o que são teorias ecológicas sólidas num domínio científico em que as teorias da conservação mudam rapidamente. Veja-se, por exemplo, a teoria dos refúgios que serviu de base, na década de 70-80, para o estabelecimento de parques nacionais na Amazônia, verdadeiras ilhas de conservação e que depois passou ao desuso. Hoje fala-se em corredor ecológico como forma de se resolver a insularização das unidades de conservação, apesar de ser uma estratégia não devidamente avaliada pela sociedade brasileira nem na sua complexidade ecológica nem na social e política.

Para esse manejo científico exige-se, por exemplo, o “conhecimento profundo do ecossistema”, mesmo quando se sabe que as informações científicas necessárias não são facilmente disponíveis e que os limites dos ecossistemas variam segundo a formação de cada cientista, seja ele biólogo, pedólogo, botânico, etc.

Para o *etnocientista*, o manejo é realizado também pelas populações tradicionais indígenas e não-indígenas. Para Balée (1991), esse manejo implica a manipulação de componentes inorgânicos ou orgânicos do meio ambiente, que traz uma diversidade ambiental líquida maior que a existente nas chamadas condições naturais primitivas onde não existe presença humana

Para esse autor, a questão transcende a distinção habitual entre preservação e degradação, na medida em que ao contrário da preservação, o manejo implica interferência humana. Num ecossistema manejado, algumas espécies podem se extinguir como resultado dessa ação, ainda que o efeito total dessa interferência possa resultar num aumento real da diversidade ecológica e biológica de um lugar específico ou região. Ele mostrou que, como no caso dos Ka'apor, existe um manejo tradicional indígena que resulta num aumento de espécies de determinados habitats, ainda que esse resultado não tenha sido buscado intencionalmente. Assim como outros (Gomez-Pompa 1973), Balée indica que os índios não só têm um conhecimento aprofundado dos diversos habitats e solos em que ocorrem as espécies, como também os classificam com

nomes distintos. Eles manipulam também esses ambientes – sua flora e fauna – inclusive por meio de práticas agrícolas, como a do pousio, que acabam resultando numa maior diversidade de espécies nesses habitats manipulados que nas florestas consideradas nativas.

O que se propõe, para a criação de uma nova ciência da conservação, é uma síntese entre o conhecimento científico e o tradicional. Para tanto, é preciso antes de tudo reconhecer a existência, nas sociedades tradicionais, de outras formas, igualmente racionais de se perceber a biodiversidade, além daquelas oferecidas pela ciência moderna.

No entanto, os grupos de etnocietistas são reduzidos e necessitariam de estímulos para a realização de suas pesquisas sobre a etnobiodiversidade, a exemplo do que se faz com o Programa Integrado de Ecologia (PIE).

Um papel importante nesse processo poderia ser desempenhado pela Sociedade Brasileira de Etnobiologia (SBEE), que reúne um número cada vez maior de pesquisadores interessados no tema.

4.2. A antropologia e o conhecimento tradicional

A Ecologia Cultural

Na antropologia existem diversos enfoques pelos quais o conhecimento tradicional é estudado. Um deles é o da ecologia cultural, proposto por Julian Stewart, que tem por objetivo o estudo das inter-relações entre os fatores culturais e ambientais. Stewart afirma que alguns aspectos da cultura, como as atividades de subsistência, apresentam uma relação mais forte com o ambiente que outros, constituindo o núcleo central da cultura. Esse núcleo é composto pelas relações entre a tecnologia (incluindo aí o conhecimento) e o meio ambiente; entre os padrões de conduta e os tecnológicos e as influências dos padrões de conduta sobre os outros aspectos da cultura. Esse núcleo da cultura é também responsável pelas respostas adaptativas do homem ao seu ambiente.

Esse enfoque foi utilizado desde a década de 50 resultando num grande número de monografias e estudos de campo. Muitos desses trabalhos da ecologia cultural trouxeram contribuições importantes para o estudo do conhecimento dos saberes e do saber-fazer das sociedades chamadas “primitivas”.

Uma crítica que se faz à ecologia cultural diz respeito à ausência de elementos simbólicos, míticos e rituais no núcleo cultural. Vayda e Rappaport (1968), por exemplo, criticam a importância dada à tecnologia no núcleo cultural, em detrimento dos aspectos rituais, e também a pouca ou nenhuma importância dada aos fatores biológicos, tidos como cruciais em estudos como os de nutrição.

A Antropologia Ecológica

Uma outra corrente da Antropologia que contribuiu para o estudo da relação homem-ambiente é a antropologia ecológica (também chamada de antropologia neofuncionalista). Essa corrente teve e tem uma grande importância sobre as ideologias e movimentos ecológicos modernos, incluindo, por exemplo, a ecologia social de Boockchin. Ela reage à antropologia cultural partindo da noção de "ecossistema" no qual interagem os elementos bióticos e abióticos. Margaleff (1968) enuncia que a ecologia geral é o estudo dos sistemas num nível em que os indivíduos ou organismos podem ser considerados como elementos em interação, seja entre eles mesmos seja com uma matriz ambiental. Os ecossistemas mantêm fluxo de energia e reciclagem da matéria. Nesse enfoque a sociedade é um subsistema de uma totalidade mais ampla, o ecossistema, onde os seres humanos, animais e vegetais mantêm relações bioenergéticas. A antropologia ecológica usa conceitos extraídos da cibernética, como homeostase, auto-regulação, auto-alimentação. Nessa perspectiva ela quantifica os efeitos relativos ao consumo calórico e à energia empregados em atividades de subsistência, a capacidade de suporte dos ecossistemas, etc. Ao contrário da ecologia cultural, toma como unidade de análise as populações humanas em seus parâmetros demográficos, não os grupos sociais em suas características culturais.

Para a antropologia ecológica os ecossistemas são unidades apropriadas para análise da relação homem-natureza. São considerados sistemas auto-reguladores e autodeterminantes, tendo como objetivo maximizar a eficácia ou produtividade energética, a eficiência dos ciclos de nutrientes, a organização e a estabilidade.

Os homens e a natureza fazem parte do ecossistema. Cada sociedade, por sua vez, é um subsistema que faz parte de um sistema mais amplo, no qual os humanos, os animais e os vegetais mantêm relações bioenergéticas. Nessa perspectiva quantifica-se o consumo humano de calorias e proteínas, a energia gasta em atividades de subsistência, a capacidade de suporte (*carrying capacity*) de um ecossistema (Ellen 1989).

Os seres vivos se mantêm em equilíbrio, em homeostase com o ambiente, por meio de uma série de mecanismos que lhes permitem se adaptar ao meio ambiente. Esses conceitos também se aplicam aos humanos. Um exemplo clássico dessa análise é a de Rappaport (1968), em *Pigs for the Ancestors*, que mostra como o consumo ritual de porcos entre os *Tsembaga* maximiza a adaptação da população a seu ambiente, isto é, de que maneira o ritual funciona como regulador das relações críticas que a população mantém com os vizinhos e com o meio ambiente.

A Etnociência

Entre os enfoques que mais têm contribuído para se estudar o conhecimento das populações "tradicionais" está a etnociência que parte da lingüística para estudar o conhecimento das populações humanas sobre os processos naturais, tentando descobrir a lógica subjacente ao conhecimento humano do mundo natural, as taxonomias e classificações totalizadoras. A etnoecologia utiliza conceitos da lingüística para investigar o meio ambiente percebido pelo homem (Posey 1987; Gomez-Pompa 1971; Balée 1992; Marques 1991).

Lévi-Strauss (1962) foi um dos antropólogos que iniciaram os estudos na área de etnociência, ao analisar os sistemas de classificação indígenas. Berlin (1973) define três áreas básicas de estudo: a da classificação, que se preocupa em estudar os princípios de organização de organismos em classes; a da nomenclatura, em que são estudados os princípios lingüísticos para nomear as classes *folk*; a da identificação, que estuda a relação entre os caracteres dos organismos e a sua classificação

Segundo Amorozo, em 1895 é usado, pela primeira vez, o termo etnobotânica por Harshberger que, embora não o tenha definido, apontou maneiras pelas quais este poderia servir à investigação científica (Schultes 1962). Parafrazeando a definição de Posey, pode-se definir a etnobiologia como “a disciplina que se ocupa do estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal; esse estudo engloba tanto a maneira pela qual um grupo social classifica as plantas, como os usos que dá a elas”. Nesse sentido, a etnobiologia relaciona-se com a ecologia humana, mas enfatiza as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo (Posey 1987).

Recebendo contribuições basicamente da sociolingüística, da antropologia estrutural e da antropologia cognitiva, a etnobiologia é, segundo Posey, essencialmente

o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade acerca da biologia. É o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes, ela enfatiza as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo. O conhecimento dos povos tradicionais (indígenas e não-indígenas) não se enquadra em categorias e subdivisões precisamente definidas como as que a biologia tenta, artificialmente, organizar (Posey 1987).

Um campo relativamente novo da ciência, a etnobiologia ainda está construindo seu método e sua teoria; tenta inferir de que modo os povos classificam seu ambiente físico e cultural. Ela pressupõe que cada povo possua um sistema único de perceber e organizar as coisas, os eventos e os comportamentos. Parte da premissa de que a descrição de tipos de economia, de família, de casa diz algo sobre o modo pelo qual o antropólogo percebe esses fenômenos. Mas isso não significa que os portadores dessa cultura o percebam de forma idêntica à do pesquisador, pois têm suas próprias formas de conhecimento e classificação. Ao primeiro tipo de análise se convencionou chamar de “ética”; ao segundo, de “êmica”, termos derivados de fonética e fonema (Berta Ribeiro, 1987).

Na perspectiva dessa ciência começa-se por investigar os conceitos e relacionamentos estabelecidos pelas populações tradicionais (indígenas e não-indígenas) e entre as categorias cognitivas. Os padrões de classificação e nomenclatura (tipologias e taxionomias) clareiam os princípios subjacentes à lógica indígena e os elos que unem ditos conceitos. A própria elaboração de subcategorias constitui um guia êmico, isto é, visto de dentro, que permite penetrar no âmago dos sistemas, fornecendo um indício seguro do seu significado cultural (Posey 1987).

Um dos métodos também empregados pelos antropólogos para analisar seus dados é a etnosemântica, que é o significado atribuído por um povo a categorias de realidades (taxionomias de *folk*).

No percurso de coleta de dados e classificação na etnobiologia, vão se construindo a etnobotânica, a etnozootologia, a etnoecologia, a etnopedologia, a etnomedicina, a etnofarmacologia, etc. Nesse tipo de análise vai se combinar a visão do observador estranho à cultura, refletindo a realidade percebida pelos membros de uma comunidade. Os elementos de análise são as categorias e as relações lógicas que se estabelecem entre o todo e suas partes, que configuram o sistema taxionômico ou a etnotaxionomia. O pesquisador procura inferir as categorias “êmicas” dos povos em estudo (Posey 1987).

Segundo Begossi (1993), a área da etnobotânica é aquela na qual se concentra o maior número de trabalhos de etnociência, particularmente os relativos à etnofarmacologia que estuda os remédios usados pelas populações tradicionais.

Recentemente, no Brasil, tem surgido uma série de estudos de etnociência, de grande importância para o estudo do conhecimento tradicional. Se por um lado pode-se dizer que os trabalhos pioneiros nesse domínio foram os de Lévi-Strauss, por outro pode-se dizer que a produção científica nessa área começou a tomar vulto na década de 70. Entre eles estão os de B. COE-Teixeira (1976); Cavalcante, P e P. Frickel (1973); Schultes (1969); Prance, G. (1970, 1972, 1978); Kerr W. (1978, 1979, 1980, 1984); D. Posey (1978, 1979, 1980, 1982, 1984); Van den Berg (1980); E. Elisabestky, (1986); Elizabetsky, E, Nunes, D e Van den Berg, M. (1982); Elizabestky, E e D. Posey, (1984); Gotlieb, O (1982); M. Emmerich e L. Senna (1980, 1985); Anderson, A. et alii (1985); Anderson, A. e Posey, D. (1985, 1987); M.. Amorozo e A. Gély (1988).

Em 1987 foi publicada, sob a direção de Darcy Ribeiro, a *Suma etnológica brasileira*, sendo que o volume I *Etnobiologia* foi coordenado por Berta Ribeiro, com a contribuição de vários autores como W. Kerr, G. Prance, E. Elisabetsky, C. Lévi-Strauss, D. Posey, R. Carneiro, entre outros. Esses volumes podem ser considerados um marco importante para os estudos de etnociência no Brasil.

Já a década de 90 foi marcada por um crescente número de trabalhos em etnobotânica, etnoictiologia, etnofarmacologia, etnopedologia, etc.

Resumindo, no Brasil, no que toca o estudo do conhecimento tradicional sobre o mundo natural surgiu primeiro um conjunto de trabalhos inspirados na ecologia cultural na década de 50, como foi descrito por Julian Stewart e outros e, posteriormente, a partir da década de 70 tornaram-se mais freqüentes os trabalhos de etnociência em suas diversas subdivisões, como a etnobiologia, etnobotânica, etnofarmacologia, etnomedicina, etc. Estes últimos apresentam também etnoclassificações da flora e da fauna pelas populações tradicionais. Como foi afirmado anteriormente, nos últimos anos apareceram os trabalhos que, além do etnoconhecimento, incluem o etnomanejo de habitats e de espécies por essas populações

4.3. Uma proposta de descrição dos grupos de populações tradicionais

No projeto, foram considerados dois tipos de populações tradicionais: a indígena e a não-indígena. Apesar desses dois conjuntos de populações compartilharem características comuns no que diz respeito ao conhecimento sobre a biodiversidade, entre elas há diferenças importantes, como foi afirmado anteriormente. Uma delas é que as populações ou as etnias indígenas têm uma história sociocultural anterior e distinta da sociedade nacional e língua própria (ainda que suas formas de reprodução sociocultural se encontrem dependentes e articuladas com as da sociedade nacional), diferentemente daquela das populações tradicionais não-indígenas que utilizam o português, ainda que com diversas variâncias. Mas, como explicitamos mais atrás, essas populações tradicionais não-indígenas (caiçaras, ribeirinhos amazônicos, sertanejos, etc.) receberam forte influência indígena, que se revela não só nos termos regionais, como nas diversas tecnologias patrimoniais de preparação de alimento, cerâmica, técnicas de construção de instrumentos de caça e pesca, etc.

4.2.1. As populações tradicionais não-indígenas

Alguns autores, como Darcy Ribeiro (1978), Manuel Diegues Jr. (1960) e Alceu Maynard de Araujo (1973), tentaram uma ordenação dessas populações de acordo com o conceito de “áreas culturais”. Neste trabalho, apesar de nos basear nesses autores, adotamos um enfoque mais operacional, utilizando também as denominações que constam dos trabalhos analisados. Distinguimos, portanto, as seguintes populações tradicionais não-indígenas: caiçaras, caipiras, babaçueiros, jangadeiros, pantaneiros, pastoreio, praieiros, quilombolas, caboclos/ribeirinhos amazônicos, ribeirinhos não-amazônicos, varjeiros, sitiantes, pescadores, açorianos, sertanejos/vaqueiros.

O **mapa 1** indica a localização aproximada do território dessas populações, ainda que, como no caso dos caipiras, tenham restado somente alguns enclaves onde elas subsistem. No entanto, não existe uma linha muito definida que separe os territórios dessas populações, ocorrendo mesmo nichos de algumas delas espalhados em áreas fora de suas regiões originais.

A fim de esclarecer o contexto cultural e o modo de vida em que se produz o conhecimento tradicional dessas populações, apresentamos uma descrição sucinta de cada uma delas:

1. CAIÇARA

Entende-se por *caiçaras* aquelas comunidades formadas pela mescla da contribuição étnico-cultural dos indígenas, dos colonizadores portugueses e, em menor grau, dos escravos africanos. Os caiçaras apresentam uma forma de vida baseada em atividades de agricultura itinerante, da pequena pesca, do extrativismo vegetal e do artesanato. Essa cultura se desenvolveu principalmente nas áreas costeiras dos atuais estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e norte de Santa Catarina. Alguns autores (Mourão 1971 e Diegues 1979) consideram que as comunidades caiçaras se formaram nos interstícios dos grandes ciclos econômicos do período colonial, fortalecendo-se quando essas atividades voltadas para a exportação entraram em declínio. A decadência destas, principalmente as agrícolas, incentivou as atividades de pesca e coleta em ambientes aquáticos, sobretudo os de água salobra como estuários e lagunas. No interior desse espaço caiçara, surgiram cidades como Parati, Santos, São Vicente, Iguape, Ubatuba, Ilhabela, São Sebastião, Antonina, Paranaguá que, em vários momentos da história colonial, funcionaram como importantes centros exportadores. As comunidades caiçaras sempre mantiveram com essas cidades, em maior ou menor intensidade, contatos e intercâmbio econômicos e sociais, também dependendo delas para o provisão de bens não produzidos nos sítios e nas praias. Esse contato se manteve por via terrestre (caminhos), fluvial e marítima, tendo-se destacado, do século passado até as primeiras décadas do século XX, as chamadas ‘canoas de voga’, onde se transportavam produtos agrícolas, peixe seco, aguardente, etc.

A maioria desses centros e áreas rurais litorâneas correspondentes entrou em decadência no final do século passado, principalmente com o fim da escravatura, levando ao declínio determinadas atividades agrícolas de exportação, como o arroz. As comunidades caiçaras mantiveram sua forma tradicional de vida até a década de 50, quando as primeiras estradas de rodagem interligaram as áreas litorâneas com o planalto, ocasionando o início do fluxo migratório.

As comunidades caiçaras passaram a chamar a atenção de pesquisadores e de órgãos governamentais mais recentemente em virtude das ameaças cada vez maiores à

sua sobrevivência material e cultural e em virtude da contribuição histórica que essas populações têm dado à conservação da biodiversidade, pelo seu conhecimento da fauna e da flora e pelos sistemas tradicionais de manejo dos recursos naturais de que dispõem. Essas comunidades encontram-se hoje ameaçadas em sua sobrevivência física e material por causa de uma série de processos e fatores.

Uma das ameaças a essas comunidades e ao exercício de suas atividades tradicionais provém do avanço da especulação imobiliária, iniciada já nas décadas de 50 e 60, sobretudo com a construção de residências secundárias ao longo do litoral. A especulação imobiliária privou uma grande parte dos caiçaras de suas posses nas praias, obrigando-os tanto a trabalhar como caseiro, pedreiro, quanto a mudar suas casas para longe de seu lugar de trabalho, dificultando as atividades pesqueiras. Além disso, o turismo de massa, sobretudo no litoral norte do Estado de São Paulo contribuiu para a desorganização das atividades tradicionais, criando uma nova estação ou safra nos meses do verão quando muitos caiçaras se transformam em prestadores de serviços.

Um outro processo responsável pela desorganização da cultura caiçara é o fato de uma grande parte de seu território ter se transformado em áreas naturais protegidas. Essa transformação de seu espaço de reprodução material e social em parques e reservas naturais resultou em graves limitações às suas atividades tradicionais de agricultura itinerante, caça, pesca e extrativismo, contribuindo para a emergência de conflitos com os administradores dessas unidades de conservação e para uma migração ainda maior para as áreas urbanas, onde os caiçaras expulsos de seus territórios passaram a viver em verdadeiras favelas e fadados ao desemprego e subemprego.

Essas contínuas agressões à cultura e ao modo de viver caiçara não se realizaram sem alguma reação dessas comunidades. A partir da década de 80, quando a pressão dos órgãos governamentais ambientalistas sobre as comunidades caiçaras se fez maior, algumas organizações não-governamentais e institutos de pesquisa passaram a apoiá-las em sua demanda de permanecer nos seus territórios. Em alguns locais começaram a surgir associações de moradores que passaram a fazer ouvir sua voz em reuniões governamentais e congressos, iniciando um processo de reafirmação da identidade cultural caiçara, abafada por décadas de discriminação por parte das autoridades e das elites urbanas interessadas na expropriação das terras dos caiçaras.

Essas iniciativas na área ambiental, caracterizadas por um grande esforço de pesquisas inovadoras, partiam do pressuposto que os caiçaras não eram adversários da conservação, mas seus aliados com a constatação da existência de um grande cabedal de

conhecimento acumulado sobre a biodiversidade da floresta e do mar e de engenhosos sistemas tradicionais de manejo.

Os meios de comunicação também descobriram a importância da cultura caiçara, sendo veiculados em algumas emissoras de televisão, particularmente na TV Cultura de São Paulo e na TVE do Rio de Janeiro, programas sobre vários aspectos do modo de vida caiçara. Também na área especificamente cultural, deve-se destacar o papel de algumas prefeituras criando centros de cultura e de algumas organizações não-governamentais

A revisão bibliográfica preliminar que segue não pretende ser exaustiva, mas mostra os trabalhos mais significativos sobre as comunidades caiçaras e sua cultura.

Um dos precursores sobre o estudo da cultura caiçara e seu território foi Antonio Paulino de Almeida que, desde o início do século até a década de 40, publicou uma série de artigos, que versaram principalmente sobre os aspectos históricos do litoral sul paulista e de sua retroterra, REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO. Entre esses artigos sobressaem os *Subsídios para a história de Iguape* (1902), *A voz do litoral* (1912), *Memória histórica da ilha de Cananéia* (1946), *Da decadência do litoral paulista* (1946), *Memória histórica de Jacupiranga* (1949), *O Ribeira de Iguape* (1945), *A Ilha Comprida* (1950). Também no início do século Ernesto Young publicou na mesma revista *A História de Iguape* (1903) e a *Cultura de Arroz no Município de Iguape*.

Na década de 40 destacam-se os trabalhos de caráter geográfico de Antonio Borges Schmidt *Alguns aspectos da pesca no litoral paulista* (1947) e de Conceição Vicente de Carvalho *O pescador do Litoral Leste do Estado de São Paulo* (1943). Na área de antropologia destaca-se o trabalho de D. Pierson e Teixeira *Survey de Icapara* (1947). Azis Simão e Frank Goldman publicaram em 1950 o trabalho *Itanhaém: estudos sobre o desenvolvimento econômico e social de uma comunidade litorânea* (1958).

Ainda na década de 40 temos os trabalhos de Gioconda Mussolini, antropóloga que publicou vários artigos sobre a pesca na Ilha de São Sebastião. Entre eles destacam-se *O cerco da tainha na Ilha de São Sebastião* (1945) e *O cerco flutuante: uma rede de pesca japonesa que teve a Ilha de São Sebastião como centro de difusão cultural* (1946).

Na década de 50 Ary França escreve um amplo trabalho de geografia, *A Ilha de São Sebastião: estudo de geografia humana* (1954) e Willems publicou o trabalho *The*

Buzios Islands: a caiçara community in southern Brazil (1952) no qual, pela primeira vez, aprofunda-se o tema da cultura caiçara.

Já na década de 60 deve-se salientar o trabalho do geógrafo Pasquale Petrone *Baixada do Ribeira: estudo de geografia humana* (1966).

No litoral do Rio de Janeiro, destacam-se os trabalhos de Lysia Bernardes *A pesca no litoral do Rio de Janeiro* (1950) e de Brito Soeiro *Agricultores e pescadores portugueses na cidade do Rio de Janeiro* (1960).

Nas décadas de 60 e 70 surgiu um interesse maior pelas comunidades caiçaras, provavelmente em razão dos avanços do turismo e da urbanização que resultaram em maior desorganização social e cultural.

Em São Paulo destacam-se os trabalhos de Fernando Mourão *Pescadores do litoral sul do Estado de São Paulo* (1971) e de Diegues *Pesca e marginalização no litoral paulista* (1973). No Rio de Janeiro destaca-se entre outros o trabalho de Fernando Duarte *As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da produção de pescado em Jurujuba-Niterói* (1978).

Nas últimas décadas cresceu o número de trabalhos sobre os caiçaras, ainda que muitos deles tenham se concentrado principalmente na pesca. Entre eles destacam-se a tese de Diegues *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar* (1983) no que toca o litoral paulista, e as de Lucia Helena Cunha *Entre o mar e a terra: tempo e espaço na pesca em Barra da Lagoa* (1987) e *Comunidades litorâneas e unidades de proteção ambiental* (1989), esta última analisa comunidades caiçaras do litoral paranaense. Destaca-se também o trabalho de L. G. Silva *Caiçaras e jangadeiros: cultura marítima e modernização no Brasil* (1993).

Um tema que tem atraído a atenção dos pesquisadores é o impacto do turismo sobre essas comunidades. Entre os trabalhos sobre o tema sobressaem o de A. Mattoso *Parati: preservação versus desenvolvimento turístico* (1979), o de M. Calvente sobre Ilhabela *No território do azul marinho – a busca do espaço caiçara* (1993) o de Márcia Merlo também sobre uma comunidade caiçara da Ilhabela *As vozes do Bonete: uma face da Ilhabela* (1997), o de Steve Plante e Yvan Breton *Espaço, pesca e turismo em Trindade – RJ* e o de Carlos Oliveira *Boiçucanga: de bairro rural a bairro urbano* (1998).

Também as comunidades caiçaras que vivem em ilhas têm sido objeto de estudos recentes. Entre eles destacam-se o de Alpina Begossi *Tabus alimentares na Ilha dos Búzios: uma comunidade de pescadores* (1989), o de Sueli Angelo Furlan *As*

ilhas do litoral paulista: turismo e áreas protegidas (1997), o de Luiz Ferri de Barros *A ilha de Monte de Trigo: impressões de viagem* (1997), o de Eduardo Schiavone Cardoso: *Vitoreiros e Monteiros: ilhéus do litoral norte de São Paulo* (1997), o de Viviane Capezzuto da Silva *A Praia do Meio: do homem da costa, do homem da terra. O homem no meio* (1997), o de Adrian Ribaric *Sítio Artur e os seus: para uma arqueologia da memória* (1997) e de Lea Thomas *O mato e os manguezais na Ilha do Mel: a percepção dos nativos* (1997).

Os conflitos entre populações caiçaras e unidades de conservação têm sido um outro tema estudado nas últimas décadas. Entre os trabalhos, destacam-se o de Wanda Maldonado *Comunidades Caiçaras e o Parque Estadual de Ilhabela* (1997), o de Diegues e P. Nogara *O nosso lugar virou parque: um estudo sócio-ambiental do Saco de Mamanguá – RJ* (1994) e o de R. Rivabem e André Moreira *Reservas extrativistas no Complexo Estuarino-Lagunar de Iguape-Cananéia* (1996).

2. OS JANGADEIROS

Os jangadeiros são essencialmente pescadores marítimos que habitam a faixa costeira situada entre o Ceará e o sul da Bahia; pescando com jangadas. Para efeito deste relatório, apesar dessa área geográfico-cultural, chamada por Maynard de “janganda” em oposição à área litorânea sulina, chamada por ele de “ubá” (canoa de um tronco só), muitos dos trabalhos coletados e analisados referem-se à pesca com canoas, nos estuários dessa região, ou com botes, que muitas vezes sucederam as jangadas, sobretudo a partir dos anos 50, no Nordeste. No entanto, esses trabalhos foram incorporados à área de *jangadeiros*.

Apesar da "jangada" ser utilizada pelos índios brasileiros (chamada peri-peri), a embarcação, que hoje conhecemos e que utiliza vela e leme para a pesca em alto mar, foi fruto de várias adaptações introduzidas pelos europeus e pelos africanos. Já no início do século XVI existem registros que essas embarcações eram utilizadas para a pesca pelos escravos africanos na capitania de Pernambuco (Silva 1993). No século XIX, uma grande parte da pesca em jangada era feita por negros libertos. Câmara Cascudo (1957) afirma que data do século XVIII o aparecimento de povoados de pescadores, em sua grande maioria jangadeiros. Sette (1959) afirma também que a jangada é o grande elemento fixador da população litorânea de Pernambuco. Até a década de 50 havia um número maior de jangadas no Nordeste que botes e lanchas a motor, mas a partir dessa

década o número de jangadas e jangadeiros começou a diminuir principalmente em virtude da dificuldade em se encontrar o pau de balsa (piúba) de que eram feitos os paus da jangada. Nas décadas de 70 e 80 começam a surgir as jangadas feitas de táboa, que passam a substituir gradativamente as de pau. Hoje, pode-se constatar que somente em alguns lugares, como no sul da Bahia, onde ainda se encontram áreas de mata nativa encontra-se o pau de jangada.

Os jangadeiros utilizam as "jangadas de alto" para pesca em alto-mar, ao passo que os paquetes e botes, pequenas jangadas, servem para a pesca costeira e estuarina.

Esses pescadores detêm um grande conhecimento da arte de navegação e identificação dos locais de pesca situados longe da costa pelo sistema de triangulação por meio do qual, linhas imaginárias são traçadas a partir de acidentes geográficos situados no continente. Também os vários ambientes pesqueiros são definidos com base em determinadas características ecológicas e nomeados localmente como tassos, corubas, altos e rasos, segundo a profundidade em que se situam as rochas onde se pesca à linha. Os jangadeiros têm demonstrado um grande conhecimento da diversidade das espécies de pescado que capturam, conhecendo a sazonalidade, os hábitos migratórios e alimentares de um grande número de peixes, sobretudo os de fundo.

As atividades em terra são menos importantes que a pesca para essas comunidades de pescadores marítimos. No entanto, extraem dos coqueiros uma fonte complementar de renda, realizando também, algumas vezes, roças de mandioca da qual extraem a farinha. Essas comunidades de jangadeiros ainda são importantes em certas áreas, como o litoral do Ceará, onde pescam principalmente a lagosta, a costa do Rio Grande do Norte onde, além da lagosta, pescam outros peixes com a ajuda de redes.

As comunidades de jangadeiros sofrem hoje a concorrência dos pescadores de botes motorizados e também os impactos do turismo, principalmente o de residência secundária.

Em Estados como o do Ceará, mas de forma geral nos demais estados nordestinos, os jangadeiros vêm perdendo o acesso às praias, uma vez que suas posses nesses locais estão sendo compradas ou expropriadas pelos veranistas que aí constroem suas residências secundárias.

Quanto à produção científica sobre as comunidades de jangadeiros é necessário assinalar o trabalho pioneiro de Câmara Cascudo *A jangada* (1957), os de Helio Galvão *Cartas da praia* (1968), o trabalho clássico de Forman *The raft fishermen* (1970), de Kottak *The structure of equality in a Brazilian fishing community* (1966) e *Assault on*

paradise (1983). Mais recentemente, Simone Maldonado estudou os pescadores de bote na Paraíba em *Entre dois meios* (1991) e *Mestres e mares* (1993).

3. OS CABOCLOS/RIBEIRINHOS AMAZÔNICOS

As populações tradicionais não-indígenas da Amazônia caracterizam-se sobretudo pelas suas atividades extrativistas, de origem aquática ou florestal terrestre.

Nesse sentido, decidimos agrupar os caboclos/ribeirinhos, seringueiros e castanheiros como populações tradicionais extrativistas. Darcy Ribeiro (1995) considera os seringueiros, castanheiros e ribeirinhos como “caboclos”, pois eles apresentam um modo de vida semelhante. No entanto, existem diferenças entre elas, na medida em que os ribeirinhos vivem nas várzeas e beiras de rio, dependendo fundamentalmente da pesca .Muitos dos seringueiros e castanheiros vivem à beira de rios, igapós e igarapés, mas outros vivem em terra firme, dependendo menos das atividades pesqueiras.

Os caboclos/ribeirinhos vivem, principalmente, à beira de igarapés, igapós, lagos e várzeas. Quando as chuvas enchem os rios e riachos, estes inundam lagos e pântanos, marcando o período das cheias, que por sua vez regula a vida dos caboclos. Esse ciclo sazonal rege as atividades de extrativismo vegetal, agricultura e pesca dos habitantes da região (Maybury-Lewis 1997). Quando começa a cheia, torna-se impossível fazer roça e mesmo a pesca e a caça tornam-se mais difíceis. Esses caboclos são extrativistas e agricultores, que produzem em regime familiar, vendendo o excedente e, freqüentemente, em períodos de maior demanda de força de trabalho lançam mão da troca de dias entre vizinhos. Como os sítios ocupam as beiras dos rios, os ribeirinhos podem tirar proveito das várzeas, colhendo produtos alimentícios, principalmente a mandioca, mas também frutas e ervas medicinais. Nas florestas, extraem o látex para a venda e também a castanha do Pará, além de criar pequenos animais domésticos e alguns deles têm também algumas cabeças de gado. Moram em casas de madeira, construídas em palafita, mais adaptadas ao sistema das cheias.

A atividade da pesca constitui uma fonte importante de proteína e também de renda. Hoje, em muitos rios, esses pescadores ribeirinhos enfrentam a concorrência de pescadores comerciais provenientes das cidades, que pescam com rede e outros equipamentos mais destrutivos, arrastões e malhadeiras e que vendem a produção, muitas vezes, para as geleiras. Essa pesca predatória realizada pelos barcos compete diretamente com o sistema de pesca local causando conflitos locais graves. Em alguns

casos, os caboclos/ribeirinhos tentam proteger seus lagos contra a incursão dos barcos comerciais, iniciando sistemas de manejo, através de zoneamento, pelos quais alguns desses lagos são fechados à pesca comercial (Maybury-Lewis 1997).

Segundo Hiraoka (1992), os caboclos/ribeirinhos possuem um vasto conhecimento da várzea, do rio e da mata, coletando alimentos, fibras, tinturas, resinas, ervas medicinais, bem como materiais de construção. E eles utilizam produtos vegetais que podem ser agrupados em manejados e não-manejados.

Entre os primeiros, estão as espécies vegetais que crescem em roças abandonadas, incluindo palmeiras e árvores como bananeiras, cacau e guaba, que são podadas e protegidas contra insetos e outras espécies competidoras.

Entre as espécies não-manejadas, estão a castanheira, árvores de cipó e palmeiras. Os caboclos possuem também conhecimento da qualidade do solo, através da vegetação nela existente e a decisão de plantar num determinado terreno baseia-se nesse conhecimento.

Autores como Wagley (1953) sugerem que a crença em diversos seres sobrenaturais tem influência sobre as atividades de caça e pesca.

Os primeiros estudos sobre caboclos/ribeirinhos aparecem nos anos 50, com os trabalhos pioneiros de Wagley (1953), Galvão (1952) e Sternberg (1956).

Os anos 70, segundo Hiraoka, presenciaram um aumento do número de trabalhos referentes aos caboclos, analisando sobretudo os efeitos dos grandes projetos sobre as comunidades ribeirinhas (Moran 1982). Alguns enfocaram sobretudo as atividades pesqueiras: Verissimo (1970), Petreire (1978), Goulding (1979, 1981), Smith (1981), Junk (1983), Furtado (1987) e Maneschy (1992).

Parker (1981), num enfoque de ecologia cultural, descreve a organização sócio-econômica dos caboclos do estuário do rio Tocantins.

A caça também tornou-se um tema recente de pesquisa, sobressaindo os trabalhos de Redford e Robinson (1987).

Após 1980 tornaram-se mais freqüentes os trabalhos que assinalam o etnoconhecimento e sistemas tradicionais de manejo dessas comunidades tanto na várzea como nos lagos (Anderson 1988; Furtado 1993; Hartman 1990; Ayres D. e Ayres 1993). Nos últimos anos apareceram as obras que enfocam os impactos das unidades de conservação sobre as comunidades de caboclos .

4. SERTANEJOS / VAQUEIROS

Ocupam a orla descontínua ainda úmida do agreste e prosseguem com as enormes extensões semi-áridas das caatingas. Mais além, penetrando no Brasil Central, elevam em planalto como se campos cerrados que se estendem por milhares de quilômetros quadrados. Toda essa área compõe-se de vegetação rala, confinada, de um lado pela floresta da costa atlântica, do outro pela floresta amazônica e fechada ao sul por zonas de matas e campinas naturais.

No agreste, depois nas caatingas e por fim nos cerrados, desenvolveram economia pastoril associada à produção açucareira como fornecedora de carne, couro e bois de serviço.

As atividades pastoris, nas condições climáticas dos sertões cobertos de pastos pobres e com extensas áreas sujeitas a secas periódicas, conformaram não só a vida, mas também a própria figura do homem e do gado. Assim associados, multiplicando-se juntos, o gado e os homens foram penetrando terra adentro, até ocupar, ao fim de três séculos, quase todo o sertão interior. No curso desse movimento de expansão, todo o sertão foi sendo ocupado e cortado por estradas abertas pela batida das boiadas. Estas marchavam de pouso em pouso, pousos esses que se transformariam mais tarde em vilas e cidades, célebres como feiras de gado, vindo de imensas regiões circundantes. Mais tarde, as terras mais pobres dos carrascais, onde o gado não podia se desenvolver, foram dedicadas à criação de bodes, cujo couro encontrou amplo mercado. Crescendo junto com o gado esses bodes transformam-se mais tarde na única carne ao alcance do vaqueiro. Assim é que os currais se fizeram criatórios de gado, de bode e de gente: os bois para vender, os bodes para consumir, os homens para emigrar (Rachel de Queiroz 1994).

Exportam o couro, porém, possuem uma economia pobre e dependente.

A cultura sertaneja especializada na criação de animais de pastoreio é marcada por uma dispersão espacial e por traços característicos identificáveis no modo de vida, na organização da familiar, na estruturação do poder, na vestimenta típica (perneiras, guarda-peito, gibão, etc.), nos folguedos estacionais, na visão de mundo, numa religiosidade propensa ao messianismo, na dieta e na culinária "... Somos um povo que tudo come: "mato" (legumes verdes, folhas), com exceção da couve que se cozinha junto com o feijão, a cebolinha e o coentro para o tempero. Não abatemos nem

comemos filhotes de animais: leitões, cordeiros, cabritos, vitelos. Talvez porque os nossos rebanhos sejam pequenos e por demais preciosos." (Rachel de Queiroz 1994).

Possuem formas de cooperação que por vezes se transformam em festas religiosas como as vaquejadas.

Cultivam o algodão arbóreo (mocó) fazendo torta de sementes para o gado. Desenvolvem atividades extrativistas (coleta de coco babaçu e drogas da mata). Fazem roças de subsistência e exploram os palméis de carnaúba para a produção de cera e artefatos de palha.

As zonas de pastoreio foram e são criatório de gente para a Floresta Amazônica para explorar seringueira nativa e outras espécies gomíferas; para alimentar as novas frentes agrícolas no sul e para engrossar a população urbana (construção civil ou indústria). Os imigrantes sertanejos que regressam à terra trazem do sul a imagem de regiões progressistas.

O sertanejo lavrador adquire a posse após uma década de ocupação. Esse é o mesmo sistema das sesmarias reais do período colonial, só que agora as concessões de gleba dependem da prodigalidade de políticas estaduais e/ou federais.

Os sertanejos possuem um movimento secular de expansão da ocupação humana dos desertos interiores. Na vastidão do mediterrâneo interior configuram-se diversas variantes de modos de vida que são adaptações locais e funcionais dessa expansão sertaneja.

No Centro-Oeste o vaqueiro se torna assalariado (fazendas cercadas por arame – regime pluvial regular – a exploração pastoril se torna um negócio racionalizado). O vaqueiro passa então a comprar a carne.

Nas vastas áreas do mediterrâneo interior, grande contingente de sertanejos se dedica ao garimpo de cristal de rocha e pedras semi preciosas , de ouro e de minerais raros.

O sertanejo caracteriza-se por sua religiosidade singela tendente ao messianismo fanático, por um carrancismo de hábitos, laconismo e rusticidade, predisposição ao sacrifício e à violência. E ainda pelas qualidades morais características das formações pastoris do mundo inteiro: o culto da honra pessoal, o brio e a fidelidade a suas chefaturas.

Suas duas formas de expressão foram o cangaço e o fanatismo religioso, desencadeadas pela penúria, mas conformadas pelas singularidades do seu mundo cultural.

O grupo dos sertanejos foi, relativamente, pouco estudado até hoje. Uma descrição sucinta é feita por Darcy Ribeiro, em *O povo brasileiro* (1995). Entre os trabalhos clássicos sobressai o de Manuel Correia de Andrade *A terra e o homem do Nordeste* (1964) antecedido pelo livro de Rodolfo e Dora von Ihering, escrito nas primeiras décadas deste século e republicado em 1983 *Ciência e belezas do Nordeste*. Donald Pierson, em 1972, escreveu *O homem do vale do São Francisco* em que também descreve os habitantes do sertão e da caatinga nordestina. Ultimamente, os sertanejos reaparecem em teses de universidades locais como a Universidade Federal da Paraíba.

5. OS CAIPIRAS

Os caipiras são hoje, em grande parte, sitiados, meeiros e parceiros que sobrevivem precariamente em nichos entre as monoculturas do Sudeste e Centro-Oeste, em pequenas propriedades em que desenvolvem atividades agrícolas e de pequena pecuária, cuja produção se dirige para a subsistência familiar e para o mercado.

Para Darcy Ribeiro (1995), a área cultural caipira é um modo de vida que se difunde paulatinamente a partir das antigas áreas de mineração e dos núcleos de produção artesanal e de mantimentos que a supriam de manufaturas, de animais de serviço e outros bens. Esparramou-se, ainda segundo Darcy Ribeiro por toda a área florestal e campos naturais do Centro-Sul do país, desde São Paulo, Espírito Santo e o Estado do Rio de Janeiro, na costa, até Minas Gerais e Mato Grosso. O único recurso com que conta essa economia decadente é a vasta mão de obra desocupada e terras virgens despovoadas e sem valor. Com essa base, se instala uma economia natural de subsistência, dado que a comercialização era limitada. Difunde-se, desse modo, uma agricultura itinerante que derruba e queima novas glebas de mata para a roça combinada com a caça, pesca e coleta. Dada a dispersão do povoamento, existem, de um lado, famílias vivendo isoladas e de outro, alguns bairros rurais.

Essas populações desenvolvem formas de convívio e ajuda mútua nas atividades agrícolas bem como formas de religiosidade peculiares em torno de capelas e igrejas, onde nos domingos e feriados é reverenciado o santo padroeiro.

Esse mundo caipira é desarticulado pelo advento da monocultura de café e cana, no Centro-Sul, e pelas fazendas de gado, assim como pela urbanização crescente e pela luta e grilagem das terras. A pequena propriedade caipira acabou, em grande parte foi incorporada pela grande propriedade e somente conseguiu subsistir em nichos onde a

mecanização agrícola não pode avançar, como nas áreas montanhosas da Mata Atlântica e da Serra do Mar.

Nos anos 50, Antônio Cândido ainda descreveu a cultura caipira já em transformação no interior do Planalto Paulista e Maria Isaura Pereira de Queiroz analisou os bairros caipiras do Vale do Ribeira em São Paulo. Hoje subsistem ainda alguns núcleos caipiras nas regiões descritas por Darcy Ribeiro, imersos na pequena produção mercantil, consorciando a pequena lavoura, pecuária e produção artesanal. Em muitos lugares, como no interior do Paraná e de Santa Catarina eles também são chamados de caboclos.

6. OS AÇORIANOS

Os açorianos são descendentes dos imigrantes açorianos e também dos madeirenses e portugueses continentais que se estabeleceram no litoral catarinense e riograndense a partir de meados do século XVIII, guardando traços culturais próprios (Lisboa 1997), fruto da miscigenação com negros e índios. Esses colonos eram agricultores e pescadores em seus lugares de origem e, quando se fixaram no litoral sul do Brasil passaram a combinar a agricultura com a pesca. Segundo Franklin Cascaes (1989), os açorianos começaram a pescar tainha, entre maio e agosto, quando abandonavam suas atividades agrícolas para se dedicar à pesca. Como grande parte deles viviam isolados, de início garantiram sua subsistência tomando emprestado técnicas e espécies cultivadas dos indígenas, como, por exemplo, a mandioca. O óleo para iluminação era retirada de peixes e baleias. As igrejas eram o ponto de encontro para onde iam, aos domingos, usando carroças e carros de boi.

Na pesca, ainda no século XVIII, dedicaram-se à captura da baleia, com uma embarcação chamada baleeira e que se tornou fundamental para os outros tipos de pesca realizados até hoje.

Essa situação começou a se alterar na metade deste século com a expansão urbana de Florianópolis e da orla marítima entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A partir desse momento iniciou-se uma especialização nas atividades pesqueiras, em detrimento da agricultura embora, até recentemente, na maioria das vezes, os açorianos exercessem conjuntamente a pesca e a lavoura (Beck 1989). Esta última é o domínio do trabalho da mulher, principalmente, no preparo da farinha de mandioca, e a pesca é o domínio masculino.

Os pescadores de origem açoriana ficaram conhecidos como excelentes profissionais da pesca, migrando sazonalmente entre o Rio Grande do Sul e São Paulo onde eram conhecidos como pescadores andorinhas. Muitas artes de pesca novas foram introduzidas por esses pescadores nos locais para onde migravam em suas campanhas de pesca. A partir de 1970, a indústria de pesca ganhou grande impulso em Santa Catarina com a política de incentivos fiscais. No entanto, em menos de dez anos fizeram-se sentir os sinais da sobrepesca e algumas dessas empresas catarinenses migraram para outros lugares, como o litoral norte amazônico, levando seus barcos e pescadores. No litoral catarinense ficaram sobretudo as comunidades de açorianos que se dedicam à pequena pesca e, mais recentemente, ao cultivo de mexilhão.

As décadas de 70 e 80 também trouxeram outras mudanças importantes no litoral catarinense, com a introdução do turismo e das residências secundárias. Muitos desses pescadores, como resultado da expansão urbana e da diminuição dos estoques, transferiram-se para o setor de serviços, atendendo o grande contingente de turistas nacionais e estrangeiros que passam a temporada de verão no litoral catarinense e riograndense.

A literatura sobre esses descendentes açorianos e seu grande conhecimento sobre as atividades da pequena pesca é grande. Nos aspectos culturais mais amplos, vale indicar as trocas acadêmicas entre universidades locais e a açoriana em congressos e seminários freqüentes.

Em relação à pesca e ao conhecimento tradicional existem os trabalhos pioneiros de Lago *Contribuição geográfica ao estudo da pesca em Santa Catarina* (1961) e *Gente da terra catarinense* (1988), de Lago e Gouveia *Comunidades pesqueiras de Santa Catarina* (1968), de Beck *Lavradores e pescadores- um estudo sobre trabalho familiar e acessório* (1979) de Beck et alii *As comunidades litorâneas e a influência cultural açoriana* (1984), de Cascaes, F. *Vida e arte e a colonização açoriana* (1989), de Ledo B. *Mugilídeos Perfil ecológico e da sua pesca em Santa Catarina* (1989) de Habiaga, L. e Madureira, M. *Vilas de pescadores na Lagoa dos Patos – RS: crescimento e evolução espacial* (1989), de Rodrigues, J., Orlando, A e Ruano da Silva *A evolução da atividade pesqueira na região estuarina da Lagoa dos Patos* (1989), de Campos, C. *Terras comunais na ilha de Santa Catarina* (1991), de Silva, Ganchos – SC *Ascensão e decadência da pequena produção mercantil pesqueira* (1992), de Lisboa, A. *Construindo uma identidade insular em um mundo que se globaliza – o jeito manezinho de ser* (1997).

7. VARJEIROS (ribeirinhos não-amazônicos)

Varjeiros ou Varzeiros são consideradas aquelas populações tradicionais que vivem às margens dos rios e várzeas, sobretudo às margens do rio São Francisco. Essa denominação é também aplicada a ribeirinhos e caboclos de outros rios, como o Paraná.

O rio São Francisco e sua gente foi já descrito por Saint-Hilaire, no início do século XIX, em *Viagem às nascentes do rio São Francisco* e por Spix e Martius, nesse mesmo período em sua *Viagem pelo Brasil* (1817-1820).

O livro clássico sobre os varjeiros do São Francisco é de Donald Pierson *O homem no vale do São Francisco* (1972), no qual o autor descreve o modo de vida dos varjeiros, que combinava as atividades agrícolas (principalmente o plantio do arroz), extrativistas da mata, de onde retiravam mel, ervas medicinais, madeira para as célebres canoas (ubás) e barcas, movidas a remo e a vela e com as atividades de pesca, pecuária e cerâmica. Anterior ao trabalho de Pierson, é necessário citar a obra de Von Ihering que, na década de 30, percorreu o rio São Francisco e publicou *Ciência e belezas nos sertões do Nordeste*, enfocando sobretudo as atividades pesqueiras.

Em 1978, Mangabeira Unger escreveu *Sertão do velho Chico*. Em 1991, Zanoni Neves apresentou sua dissertação de mestrado intitulada *Os remeiros do rio São Francisco: trabalho e posição social*, na qual o autor descreve a herança social dos remeiros e lameiros que navegavam com as canoas e barcas, bem como o conhecimento que tinham do rio e de seus recursos naturais.

Um outro conjunto de trabalhos diz respeito aos varjeiros do baixo São Francisco, próximo à foz do rio. Esses trabalhos referem-se às transformações por que passa o rio depois da construção das hidroelétricas e seu impacto sobre o modo de vida dos varjeiros. Tania Elias Alves et alii (1990) em *As várzeas ameaçadas: um estudo preliminar das relações entre as comunidades humanas e os recursos naturais da várzea da Marituba no rio São Francisco* enfocam as transformações em duas comunidades de varjeiros em virtude das alterações no regime hídrico, do avanço da cana-de-açúcar e do arroz irrigado implantado pela Codevasf (Cia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco) em áreas vizinhas. José Geraldo Marques em *Pescando pescadores – etnoecologia abrangente do baixo São Francisco Alagoano* faz uma análise do conhecimento dos varjeiros da Marituba sobre os recursos naturais na perspectiva da etnoictiologia e da etnobotânica.

8. OS PANTANEIROS

O homem do Pantanal, residente no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, constitui-se numa população que vive numa das maiores áreas inundáveis do planeta, subsistindo à base de atividades agro-pastoris nas fazendas da região ou em pequenas propriedades à beira dos rios.

O Pantanal não é uma entidade homogênea, é formada por vários pantanais (de Cáceres, Piaaguás, Poconé, Barão de Melgaço, Nhecolândia, Aquidauna, Paraguai, Miranda, Nabileque e Abobral. Cada tipo de Pantanal está relacionado principalmente com as sub-bacias de drenagem e apresentam diferenças na extensão e duração das cheias, na organização e distribuição espacial das paisagens, ecossistemas, comunidades biológicas e humanas.

Os pantaneiros são formados por donos de fazenda, peões, vaqueiros, capatazes, barqueiros, pescadores, garimpeiros, fruto da miscigenação com as tribos indígenas originais, colonizadores vindos do sudeste e dos escravos negros.

As atividades dos pantaneiros é marcada pelo contraste entre os períodos de estiagem e das grandes enchentes.

A pecuária de corte é uma atividade que acompanhou o homem colonizador na ocupação do território. O regime de criação nas pastagens naturais é extensivo, sendo este um uso tradicional da região. O cavalo pantaneiro, espécie particular da região, é instrumento importante no modo de vida pantaneiro. As grandes fazendas empregam de oito a dez peões e as menores, por volta de três a quatro. Parte dessas fazendas são propriedades de donos ausentistas que deixam as atividades agro-pastoris nas mãos dos administradores. Os peões dependem totalmente da fazenda e, muitas vezes vivem endividados.

Além da pecuária existe a pesca, atividade essencial para a população ribeirinha e fonte de renda e de emprego. Os pescadores exploram as barras de rios, bocas de corixos, sangradouros de baías e lagoas, barrancos protegidos por matas ciliares e remansos de corrente acalmados pelo freio da vegetação marginal submersa.

Hoje, uma parte dos peões das fazendas migrou para as proximidades dos rios onde se faz a pesca esportiva. Vivem de atividades relacionadas com o turismo, tais como roteiros de embarcações de turistas, isqueiros (coletores de iscas) e guias de excursões. Em certas regiões, como no pantanal de Corumbá, algumas grandes

propriedades estão se transformando em estâncias turísticas e albergam visitantes a quem são mostradas as atividades pastoris tradicionais.

9. OS QUILOMBOLAS

Os quilombolas são descendentes dos escravos negros que sobrevivem em enclaves comunitários, muitas vezes antigas fazendas deixadas pelos antigos grandes proprietários. Apesar de existirem sobretudo após a escravatura, no fim do século passado, sua visibilidade social é recente, fruto da luta pela terra, da qual, em geral, não possuem escritura. A Constituição de 1988 garantiu seu direito sobre a terra da qual vivem, em geral de atividades vinculadas à pequena agricultura, artesanato, extrativismo e pesca, segundo as várias regiões em que se situam. Assim os quilombos da Amazônia, muitas vezes situados ao longo dos rios e igarapés, garantem sua subsistência com a pequena pesca, o extrativismo e a pequena agricultura. Em outras regiões, as atividades são quase exclusivamente agrícolas.

Apesar de alguns trabalhos de pesquisa terem sido feitos antes da década de 80, a maioria deles é mais recente e surge no bojo da luta pela afirmação dos quilombolas como um grupo que apresenta uma cultura e uma história particular, marcadas pela influência negra não só nas atividades agrícolas, mas também nas religiosas.

10. O PASTOREIO (CAMPEIRO)

O termo pastoreio, utilizado por Darcy Ribeiro (1995) refere-se à população sulina dos gaúchos que vivem nos pampas e coxilhas sulinas. No interior do Rio Grande do Sul existe uma expressiva região campestre com cerca de 60.000 km² formando, em termos gerais, os pampas gaúchos, que podem ser divididos em duas regiões: a planície gaúcha, os pampas verdadeiros que ocupam uma parte considerável do nordeste da Argentina e as coxilhas, uma paisagem marcada por montanhas baixas, intercaladas por vales, com vegetação campestre entremeada com pequenos capões florestais.

Os gaúchos constituem-se num grupo pastoral, de cavaleiros e trabalhadores rurais vinculados à pecuária extensiva da região do pampa, vivendo no local onde trabalham, nas grandes estâncias voltadas para a produção de gado de corte e de lã. As

famílias vivem em pequenos vilarejos, identificados como “las casas”, nos limites das grandes propriedades rurais.

Eles são fruto da miscigenação entre os habitantes originais, os Guaraní e os colonizadores espanhóis e portugueses; especializaram-se na exploração do gado alçado e selvagem que se multiplicava muito nas pradarias naturais das duas margens do rio da Prata. Darcy Ribeiro (1995) descreve esses gaúchos como uniformizados culturalmente pelas atividades pastoris, bem como pela unidade de língua, costumes e usos comuns tais como o chimarrão, o tabaco, a rede de dormir, a vestimenta peculiar – o poncho, as boleadeiras e laços de caça e de rodeio, as candeias de sebo para alumiar e toda a tralha de montaria e pastoreio feita de couro cru aos quais se acrescentaram as carretas puxadas por bois, os hábitos de consumo do sal como tempero, da aguardente e do sabão e a utilização de artefatos de metal.

Deu-se então uma divisão social em que de um lado existe o estancieiro, com sua casa confortável e de outro o peão-gaúcho que mora na palhoça e toma conta do gado. Hoje, muitos deles deixaram as estâncias, mudando-se para os terrenos baldios. Transformam-se assim os gaúchos em reserva de mão-de-obra, na qual o estancieiro recruta os homens de que necessita quando vai bater os campos, esticar um aramado ou nas épocas de tosquia. Ainda segundo Darcy Ribeiro, parte deles se fazem lavradores de terrenos alheios, ainda não engolidos pelo pastoreio, por meio do regime da parceria. São os autônomos rurais do sul contrapostos à peonagem das estâncias.

A população das rancharias compõe-se, ainda segundo esse autor, de velhos desgastados nas lidas pastoris ou na parceria, de crianças que se iniciam nas mesmas labutas. A maior parte da gente jovem migra para outras áreas rurais, dentro e fora do Estado.

11.PESCADORES

Essa categoria de população não-tradicional está espalhada pelo litoral, pelos rios e pelos lagos e tem um modo de vida baseado principalmente na pesca, ainda que exerça outras atividades econômicas complementares, como o extrativismo vegetal, o artesanato e a pequena agricultura. Embora, sob alguns aspectos, possa ser considerada uma categoria ocupacional, os pescadores, particularmente os chamados artesanais, apresentam um modo de vida peculiar, sobretudo aqueles que vivem das atividades pesqueiras marítimas. Frequentemente, mesmo alguns grupos como os jangadeiros e

praieiros identificam-se primordialmente como pescadores. Alguns deles, mesmo vivendo em espaços e lugares definidos neste trabalho como os de jangadeiros e praieiros, são classificados como pescadores. Por exemplo, mesmo na região costeira onde historicamente se concentraram os jangadeiros, existem pescadores que não pescam com jangada e sim com canoas em estuários, lagunas e rios. Nesse caso, foram classificados com o termo mais genérico de jangadeiros. O mesmo se aplica aos que utilizam os botes, embarcações que freqüentemente substituíram as jangadas, no Nordeste.

Os pescadores, sobretudo os artesanais, praticam a pequena pesca, cuja produção em parte é consumida pela família e em parte é comercializada. A unidade de produção é, em geral, a familiar, incluindo na tripulação conhecidos e parentes mais longínquos. Apesar de grande parte deles viver em comunidades litorâneas não-urbanas, alguns moram em bairros urbanos ou periurbanos, construindo aí uma solidariedade baseada na atividade pesqueira.

A bibliografia concernente a esses pescadores é vasta (Diegues 1983), mas na maior parte dos casos confunde-se com a produção científica de outras populações litorâneas como os jangadeiros, os açorianos e os praieiros.

12.OS BABAÇUEIROS

São populações extrativistas que vivem principalmente da coleta do babaçu e da utilização dessa palmeira, sobretudo no Meio-Norte, na zona do cerrado e floresta: Maranhão, Piauí e algumas áreas de Estados vizinhos, incluindo o norte de Goiás, numa extensão de cerca de 200.000 km² (Anderson, A. ; May, P. e Balick, M. 1991). Somente no Maranhão, a área ocupada pelo babaçu é de aproximadamente 103.000 km² e cerca de 300.000 famílias dependem dessa atividade. A palmeira do babaçu ocupa geralmente áreas na fríngia da floresta amazônica, que já sofreram interferência humana, pelo fogo, pela agricultura ou pecuária. O babaçueiro não utiliza somente o coco, vendido para a produção de óleo, mas também as folhas para a construção de casas e a casca como combustível doméstico, como matéria prima para artesanato caseiro, etc.

Um dos problemas fundamentais dessa população é a falta da posse da terra, uma vez que, principalmente a partir da década de 70, para exercer a atividade agropecuária, a grande propriedade ocupou essas terras e delas expulsou seus ocupantes. A

construção do Grande Carajás, bem como as contínuas secas contribuíram para um grande fluxo de migração para fora da área.

Os babaqueiros, no entanto, não praticam somente a coleta, mas também a pequena agricultura, e na região central do Maranhão intercalam cultivos de arroz, mandioca, milho e feijão em suas pequenas propriedades. A preparação do solo para o cultivo se estende de agosto a outubro, período que coincide com a coleta de frutos e folhas, que toma grande parte do produtor (Anderson, A. ; May, P. e Balick, M. 1991)

No período de pico das atividades de coleta (março) a unidade de trabalho doméstica concentra seus esforços na coleta e na quebra do coco; o papel da mulher e das crianças é aí fundamental e sua venda constitui uma das principais fontes de renda familiar. É importante afirmar que também os índios Guajá têm nessa atividade sua principal fonte de renda.

13. OS SITIANTES

À semelhança da categoria dos pescadores, a dos sitiantes é bastante ampla cobrindo aquelas populações que, apesar de basear seu modo de vida na agricultura, desempenham outras atividades complementares, como a pesca, o artesanato, o trabalho assalariado. Podem ser considerados pequenos produtores rurais, morando em pequenas propriedades rurais – os sítios –, nos interstícios da grande propriedade ou em bairros rurais, como aqueles descritos por Maria Isaura P. de Queiroz no *Caso paulista*.

Em algumas regiões eles se confundem com os “caipiras” ou “caboclos” Em alguns estudos essas populações aparecem como caboclos-sitiantes ou sitiantes-caipiras, ou ainda pescadores-sitiantes. Ainda que muitos deles dediquem parte de sua produção, sobretudo a agrícola e a da pequena pecuária, ao consumo familiar, eles estão também intimamente vinculados ao mercado, para o qual dirigem uma parte importante de sua produção. São também dependentes de fragmentos de mata — quando esta existe em sua propriedade — para a retirada do mel, de ervas medicinais, de cipós e de fibras para o artesanato, barro para a cerâmica, etc.

A mão-de-obra dos sítios é essencialmente familiar, apesar de em certos momentos do ciclo agrícola utilizarem alguma força de trabalho assalariada ou ainda, em alguns poucos casos, cada vez mais raros, a cooperação dos vizinhos — o mutirão. Nessa categoria, muitas vezes, podem ser também incluídos os posseiros e os meeiros.

14. OS PRAIEIROS

Os praieiros são moradores da faixa litorânea da região amazônica compreendida entre o Piauí e o Amapá. São genericamente chamados de pescadores, pescadores artesanais, mas apresentam características socioculturais que os diferenciam das outras comunidades litorâneas, como os caiçaras e jangadeiros. Os praieiros são muito influenciados por uma grande diversidade de ecossistemas e habitats que se caracterizam por grandes extensões de mangue, litoral muito recortado e marcado por uma grande amplitude de maré, ilhas e também praias arenosas e dunas, como ocorrem nos Lençóis Maranhenses. No litoral do Maranhão, por exemplo, existe uma das maiores variedades de embarcações a vela e, mais recentemente, motorizadas, usadas tanto na pesca quanto no transporte entre as vilas. A atividade principal dos praieiros é a pesca, ainda que em muitos lugares eles complementem sua renda com atividades agrícolas em pequena escala, o extrativismo e, mais recentemente, o turismo. O manguezal, o mais diversificado e rico do Brasil é um dos habitats mais importantes da região, constituindo-se numa fonte essencial para vários produtos locais como o pescado, os crustáceos e moluscos, a madeira para construção de casas e barcos, remédios e tinturas.

Essa população tem sido estudada de forma mais sistemática somente nas últimas décadas, destacando-se o Museu Emílio Goeldi (Furtado, L. 1978,1987; Nascimento, I. 1995; Moreira, E. e Silva, R. 1995; Nery, A.1995) a Universidade Federal do Pará (Maneschy, C. 1990, 1993, 1995; Maués, M.A. 1980, 1990; Mello, A. 1985) e a Universidade Federal do Maranhão (Stride, R. 1991)

4.2.2. As populações indígenas

Não se conhece precisamente a população do continente americano antes da chegada dos europeus, mas as estimativas giram em torno de 100 milhões de habitantes, número considerável constituindo um quarto da população mundial que, na época, era de cerca de 400 milhões de habitantes. No tocante à população indígena no território que veio a constituir o Brasil, na mesma época, as estimativas demográficas oscilam entre dois a oito milhões de habitantes, correspondentes a cerca de mil etnias diferenciadas.

Hoje a imprecisão sobre o total da população indígena brasileira ainda permanece: os dados demográficos e existentes originam-se de levantamentos diretos mas pouco frequentes ou, mais comumente de estimativas ocasionais realizadas esporadicamente por funcionários da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), missionários, antropólogos e indigenistas nas áreas indígenas em que trabalham. É esta a qualidade dos dados – fragmentados, irregulares e, muitas vezes, desatualizados – que tem servido para as estimativas sobre a população indígena atual no Brasil. A listagem de povos e terras indígenas no Brasil fornecida pela FUNAI de 25/08/98 apresenta uma população total de 318.233 (trezentos e dezoito mil e duzentos e trinta e três) índios no Brasil. O Conselho Indigenista Missionário (CIMI) estima a população indígena em 325.652 (trezentos e vinte e cinco mil e seiscentos e cinquenta e dois) índios, baseado em informação da própria FUNAI de 1997 e a Confederação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) os estima em 334.000 (trezentos e trinta e quatro mil). Por sua vez, o levantamento do Instituto Socioambiental (1995, com revisões parciais até 1998), o único que apresenta as fontes e datas dos levantamentos parciais nos quais se baseia, estima a população indígena brasileira em cerca de 280.000 (duzentos e oitenta mil) índios. Esses números não incluem os índios desaldeados que vivem em cidades, nem tampouco os cerca de 53 grupos indígenas ainda isolados, dos quais se tem indícios na Amazônia e ainda vários grupos de contato mais recente, dos quais se desconhece a população total.

De qualquer forma, tremenda disparidade entre o montante populacional no momento de ocupação européia da América e a atualidade – promovida ao longo do processo histórico de ocupação do continente pela disseminação de epidemias, apropriação de territórios e submetimento genocida e etnocida das populações originais – alimentou até a década de 70 a crença no desaparecimento irresistível desses povos.

Entretanto, os povos indígenas que sobreviveram ao genocídio iniciado com a invasão européia na América e mesmo os povos de contato mais recente, que superaram

os choques dos primeiros anos de envolvimento com o "mundo do branco", têm apresentado nas últimas décadas um crescimento a taxas maiores do que as da população brasileira (Gomes 1988; Monteiro 1992; Ricardo 1995) apresentando no geral uma curva demográfica ascendente. Por outro lado, povos tidos como extintos reaparecem, como os Arara do rio Ji-Paraná em Rondônia na década de 70 ou os vários grupos indígenas do Nordeste, "redescobertos" nas últimas décadas, abandonando o disfarce caboclo e assumindo sua face indígena, sempre que condições mais favoráveis se configuram. Décadas (às vezes séculos, como foi o caso dos Guarani e muitos outros) de proselitismo religioso e outras pressões de cunho material e ideológico deixaram suas marcas, mas não chegaram a anular a especificidade histórica e sociocultural de povos tidos até então como "deculturados", vítimas irreversíveis de um etnocídio que se pensava absoluto.

Os atuais, cerca de 300 mil índios, correspondem a apenas 0,2% da população brasileira, porém representam uma enorme sociodiversidade. São 206 povos indígenas com cerca de 180 línguas e sociedades diferenciadas, vivendo em milhares de aldeias espalhadas de norte a sul do país, presentes em todos os estados, com exceção do Rio Grande do Norte e Piauí. De acordo com o levantamento do Instituto Socioambiental (1995) a maior aldeia é formada por microssociedades: 73% têm uma população de até 1.000 indivíduos (71% têm uma população de até 200 pessoas). Há 40 povos com população entre 201 e 500 indivíduos e 27 povos entre 501 e 1.000. Há 44 povos na faixa de 1.000 a 5.000 índios; quatro povos somam entre 5.000 e 10.000 (Sateré-Mawé, Potiguara, Xavante e Yanomami); quatro povos somam entre 10.000 e 20.000 (Guajajara, Kaingang, Terena e Makuxi); dois povos têm população entre 20.000 a 30.000 pessoas (Ticuna e Guarani). Do total da população indígena brasileira, 60%, vive na região da Amazônia Legal.

Anexa apresentamos uma listagem dos povos indígenas, com seus nomes em ordem alfabética, nomes pelos quais são conhecidos; sua classificação em troncos/línguas; a unidade da federação na qual se encontram seus territórios; o censo/estimativa de sua população seguido pelo ano em que tal dado foi coletado.




As terras indígenas são propriedades da União, de posse coletiva das etnias que as ocupam, as quais detêm legalmente o direito a seu usufruto exclusivo, encontrando-se em graus variados de reconhecimento pelo Estado. Apesar dos reiterados prazos legais, o Estado só finalizou, até hoje, o processo de reconhecimento jurídico de cerca de 40% das terras indígenas do Brasil.

Algumas estão demarcadas e contam com registros em cartórios. Outras estão em fase de reconhecimento e há, também, áreas indígenas sem nenhuma regularização. Entretanto, o Estado não tem garantido seu papel legal de proteção às áreas indígenas; mesmo as totalmente regularizadas, na sua maior parte, sofrem invasões de garimpeiros, mineradoras, madeireiras e posseiros; são cortadas por estradas, ferrovias, linhas de transmissão, áreas inundadas por usinas hidrelétricas e outros impactos decorrentes de projetos econômicos da iniciativa privada e projetos desenvolvimentistas governamentais. No **mapa 2** pode-se observar a localização das terras indígenas no Brasil.


LEGENDA

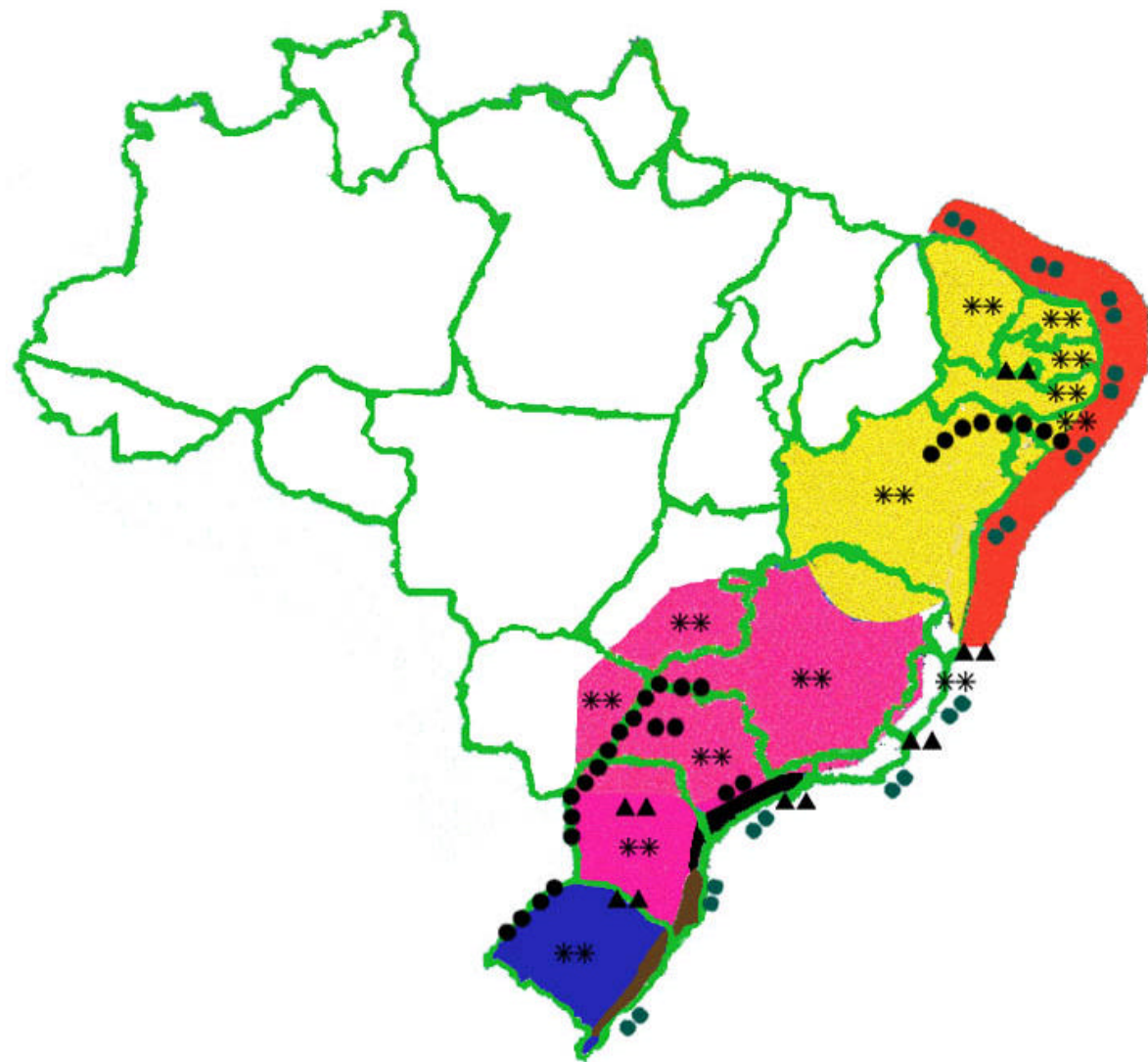
POP. TRADICIONAIS

-  Caiçara
-  Jangadeiros
-  Pastoreio
-  Caipira
-  Sertanejo Vaqueiro
-  Açorianos

-  Pescador
-  Ribeirinho n Amazônico
-  Quilombola

POP. TRADIC. INDIGENAS

-  Área de Concentração Indígena



Os dados atuais (ISA/FUNAI/CIMI) indicam um total de 100.503.327 ha. (cem milhões, quinhentos e três mil e trezentos e vinte e sete hectares, pouco mais de um milhão de km²) correspondentes a 11,80% das terras do país reservadas aos povos indígenas. Com relação a sua extensão, cerca de 98,75 % das terras indígenas do Brasil localizam-se na Amazônia Legal, em regiões de ocupação brasileira mais recente, onde se registram os menores índices de ocupação de terra por imóveis rurais: são 372 áreas, com 99.256.011 ha. (noventa e nove milhões, duzentos e cinqüenta e seis mil e onze hectares de extensão). O restante, 1,25% espalha-se ao longo do território nacional. A tabela a seguir sumariza a situação jurídica atual dessas terras.

Situação Jurídica das Áreas Indígenas no Brasil

SITUAÇÃO	QUANTIDADE
A IDENTIFICAR	138
IDENTIFICADAS	59
DELIMITADAS	69
RESERVADAS	12
HOMOLOGADAS	72
REGISTRADAS	215
TOTAL	565

As Línguas e Culturas Indígenas

As projeções realizadas pelo lingüista Aryon Dall'Igna Rodrigues (1986), um dos maiores estudiosos das línguas indígenas do Brasil, indicam que na época da chegada dos primeiros europeus no Brasil, o número das línguas indígenas era de cerca de 1.300, o que significa que já houve uma perda de cerca de 85% até hoje. Muitas delas foram bem documentadas antes de desaparecerem e de outras só se tem registros esparsos. A língua indígena mais conhecida dos brasileiros e a que teve mais palavras incorporadas na língua portuguesa foi o Tupinambá, idioma usado extensamente nos séculos XVI e XVII nos contatos entre portugueses e índios e que hoje nomeia um sem-número de lugares, acidentes geográficos, até em regiões onde nunca viveram os Tupinambá. De uma amostra de 1.000 nomes populares de aves brasileiras, 350 são

nomes Tupinambá e de uma amostra de 500 nomes populares de peixes, aproximadamente a metade é da mesma origem.

A diversidade lingüística atual dos povos indígenas do Brasil constitui quase 3% das 6.000 línguas existentes no planeta. As línguas indígenas diferem entre si e se distinguem das línguas européias e demais línguas do mundo no conjunto de sons utilizados e nas suas regras de combinação, isto é, na sua fonética e fonologia. Distinguem-se também na morfologia, na sintaxe e “... na maneira como refletem em seu vocabulário e em suas categorias gramaticais um recorte do mundo real e imaginário (semântica)” (Rodrigues 1986). Isto é, elas representam a experiência e o conhecimento de mundo acumulados por povos específicos corporificados em culturas e fluxos civilizatórios particulares.

Embora bastante diversificadas existem semelhanças entre muitas línguas indígenas, semelhanças que permitem sua classificação em troncos e famílias lingüísticas por meio da comparação de vocabulários básicos e, quando o parentesco se revela mais distante, por meio de um conhecimento mais aprofundado da gramática e estrutura dessas línguas. As proximidades lingüísticas (classificadas em troncos e famílias) supõem um povo original num tempo remoto que, ao longo de processos históricos variados, dividiu-se sucessivamente dando origem a vários outros povos. Nesse processo, em função de afastamentos temporais e espaciais, a língua, cultura e identidade foram ganhando autonomia e diferenciação guardando, entretanto, semelhanças entre si.

A proximidade lingüística indica também semelhança cultural e há um conjunto de estudos comparativos – que relacionam a organização social dos vários grupos filiados a um mesmo tronco ou a uma mesma família lingüística – cuja maior parte refere-se aos povos que compõem os troncos Tupi e Macro-Jê.

Entretanto, o estudo dessas línguas está ainda num nível incipiente. Até 1985 só havia sido iniciado algum tipo de estudo de natureza lingüística em menos de 60 das línguas indígenas faladas no Brasil e estudos completos não alcançavam uma dúzia (Montserrat 1985). Em 1993 a situação não era muito diferente: “aproximadamente 80 receberam alguma descrição, em geral de fonologia segmental ou de detalhes da gramática. Menos de 10% das línguas têm descrições completas de um bom nível científico” (Moore & Storto 1993:3, apud Ricardo:1996:10).

Com base nesses estudos as línguas indígenas brasileiras foram classificadas em dois grandes troncos lingüísticos, o Tupi e o Macro-Jê e em várias famílias lingüísticas não classificadas em troncos. A listagem anexa apresenta essa classificação.

Na esteira dos trabalhos de Stewart (1946-49) houve várias tentativas de se estabelecer uma classificação dos povos indígenas no Brasil também por áreas culturais (entre outros, Galvão 1960, Ribeiro 1977), articulando características culturais com áreas geográficas, como mais um denominador comum associado a povos culturalmente semelhantes. Porém, ainda que haja “preferências” historicamente construídas de povos culturalmente semelhantes por tipos específicos de habitats, a operacionalidade de tal classificação é muito restrita. Há povos pertencentes a um mesmo fluxo cultural civilizatório que se espalham por inúmeras regiões, presentes em vários estados do Brasil e estendendo-se por outros países da América Latina. Um exemplo são os falantes do Tupi-Guarani, a mais numerosa família do tronco Tupi, que habitam vários estados do Brasil, de norte a sul e também presentes na Guiana Francesa, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai e Argentina. Outro exemplo são os povos da família lingüística Aruak, que no Brasil se encontram desde a região das Guianas até o Mato Grosso do Norte e Mato Grosso do Sul; além de ser falada também na Bolívia, Peru, Equador e Venezuela. Outra família com muitos falantes no Brasil é a Karib, distribuída no Brasil no norte do Amazonas, Roraima, Amapá, norte do Pará, ao longo do rio Xingú no sul do Pará, norte e centro do Mato Grosso. As línguas do tronco Macro-Jê, por sua vez, distribuem-se desde o sul do Maranhão e do Pará passando pelos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Por outro lado, há famílias lingüísticas restritas a certas regiões, como a Nambikwara, cujos falantes distribuem-se pelo norte e noroeste do Mato Grosso e sul de Rondônia. Entretanto, apesar da mesma pertinência cultural dos grupos Nambikwara, seu habitat é bastante diferenciado, distribuindo-se tanto em regiões de cerrado como de mata fechada, ao longo do rio Guaporé e afluentes. Além disso, partilham essa região com povos indígenas de outras filiações lingüístico-culturais, como os Pareci e os Enawenê-Nawê (Aruak). A intensa movimentação dos povos indígenas no Brasil antes, mas principalmente após a colonização portuguesa também contribuiu para a diluição de possíveis “fronteiras” geográfico-culturais.

Malgrado essas considerações, os estudos antropológicos sobre os povos indígenas no Brasil estabeleceram certas similitudes no plano da organização social, da

visão cosmológica e do modo de vida dos povos lingüística e culturalmente aparentados. O maior número de estudos comparativos focalizam os povos que compõem os troncos Tupi e Macro-Jê. Sobre os Tupi, os primeiros que entraram em contato com os europeus, há estudos e descrições em grande volume, produzidos desde os primeiros anos da colonização pelos jesuítas e cronistas, além dos inúmeros estudos etnológicos produzidos até a atualidade. Poucos povos Tupi têm sua organização social baseada em clãs, tendo na sua maioria uma organização social simples, fundada na família extensa. Destacam-se por sua intensa religiosidade, pela excelência de sua agricultura, tecelagem e cerâmica. Preferencialmente habitam regiões de floresta e costumam viver em grandes aldeias.

Os povos do tronco Macro-Jê, em especial os da família Jê, têm uma difusão mais limitada que os Tupi, habitando preferencialmente o cerrado, ainda que explorem intensamente as florestas próximas. Eles foram bastante estudados na década de 70, por antropólogos brasileiros e americanos, por meio do Projeto de Pesquisa do Brasil Central realizado pela Universidade de Harvard em convênio com o Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Os Macro-Jê (Kayapó, Bororo, Kraho, Rikbaktsa, Xavante, e outros) são organizados em clãs, com metades cerimoniais, classes de idade e uma complexa organização social. Em geral, a organização espacial de suas aldeias reflete sua organização social e cosmologia: as aldeias são circulares, com um pátio central onde realizam seus rituais e reuniões políticas, com suas metades de parentesco distribuídas respectivamente do lado do sol poente e sol nascente, embora haja povos, como os Rikbaktsa cuja organização das aldeias não segue esse padrão. As aldeias costumam ter uma casa dos homens, local de moradia dos velhos, dos homens solteiros, dos visitantes, destinado também a rituais. É local de várias atividades masculinas, como a confecção de arcos e flechas, remos, plumária, e outras atividades artesanais; local onde geralmente é proibida a permanência de mulheres. É ali que os meninos e rapazes são iniciados pelos adultos no aprendizado de sua cultura e de sua história, são capacitados nas técnicas e fazeres tradicionais. Em muitos povos desse tronco lingüístico, os rapazes vivem longos períodos na casa dos homens, ali permanecendo até sua capacitação como adultos e posterior casamento.

Os povos das outras famílias lingüísticas, como os Karib e os Aruak (duas das famílias com mais representantes no Brasil), não apresentam estudos comparativos tão sistematizados, que nos permitam afirmar com segurança as principais similitudes de sua organização social pois, das 206 etnias relacionadas no “Quadro de Povos Indígenas

do Brasil”, talvez nem a metade tenha sido objeto de pesquisa básica por etnólogos ou lingüistas. Além disso, não há um balanço atualizado acerca da pesquisa etnológica sobre os índios do Brasil, cuja maior parte não está publicada ou é de difícil acesso, boa parcela em língua estrangeira, espalhada em instituições de pesquisa fora do país.

Os povos das terras baixas da América do Sul, a despeito das centenas de variantes culturais, compartilham certos padrões adaptativos: praticam uma agricultura itinerante, mudando os locais de plantio sempre que a fertilidade decresce; utilizam espécies consorciadas; usam a técnica de coivara, com aberturas de pequeno porte, em geral roças familiares de cerca de $\frac{1}{4}$ (meio) a no máximo 5ha. (cinco hectares) cada. As roças abandonadas continuam servindo de depósito alimentar, seja em forma de tubérculos e árvores frutíferas que continuam produzindo por muitos anos, seja em forma de animais terrestres e alados atraídos por seus cultivares, que constituem uma “reserva” de caça. Nesses locais a floresta cresce novamente, reconstituindo e ampliando a diversidade anterior, acrescida de novas espécies ou do adensamento daquelas de uso indígena. Essas sociedades se apóiam também amplamente na caça, pesca e coleta, associadas às que desenvolveram sistemas de manejo, conhecimentos, técnicas, instrumentos, rituais e cosmologias os mais variados integrados em visões de mundo “holísticas”, nas quais, via de regra, não se estabelecem as distinções marcadas por nossa sociedade entre natureza e cultura, sociedade e ambiente, natural e sobrenatural.

Do universo de estudos desenvolvidos pela Antropologia sobre as sociedades indígenas do Brasil, selecionamos apenas aqueles que diretamente apresentam informações sobre o conhecimento indígena do ambiente natural em que vivem, isto é, sobre o que atualmente chamamos de biodiversidade. Tarefa difícil, já que, derivado do tipo de enfoque emblemático da disciplina, praticamente todas as monografias sobre povos específicos apresentam uma etnografia extensa sobre o grupo estudado, incluindo aí informações sobre seu modo de vida e economia, no que se inclui sempre alguma informação sobre seu conhecimento da biodiversidade, seja na nomeação de espécies cultivadas, animais caçados ou pescados, espécies coletadas, ciclo anual de atividades de subsistência, mitos, etc. Incorporamos também trabalhos voltados para o universo mítico ou para a arte indígena que, apoiando-se em parte numa visão êmica, apresentam categorias de classificação do mundo que, ao não apresentarem distinções precisas entre natureza e cultura, não discorriam isoladamente sobre as categorias de conhecimento tradicional nos moldes privilegiados por este projeto.

A rigor, salvo trabalhos pioneiros mais antigos e em número reduzido em sua maior parte na linha da ecologia cultural, só a partir da década de 70, mas principalmente dos anos 80, encontraremos trabalhos focando diretamente o conhecimento indígena sobre a biodiversidade, na perspectiva da etnobiologia, da etnomedicina, etc., ou da ecologia histórica. Mesmo assim, incorporamos a nosso universo de pesquisa todos os trabalhos que apresentassem informações sobre o conhecimento indígena da biodiversidade, ainda que orientado por abordagem que não focasse diretamente este tema.

PARTE 2

A análise dos trabalhos de acordo com a base de dados informatizada

Uma base de dados operacional informatizada, disponível no NUPAUB permitiu-nos manipular e correlacionar um número elevado de informações, cobrindo um universo de mais de 850 publicações, incluindo livros, coletâneas, teses, artigos e relatórios. Além disso, permitiu um conjunto de cruzamentos de informações que teria sido impossível de ser realizado sem o tratamento informatizado de obras consideradas relevantes para o tema examinado.

Vale ressaltar que as análises feitas referem-se exclusivamente aos trabalhos sobre conhecimento tradicional indígena e não-indígena sintetizados nessa base de dados. Logo, é impossível fazer inferências sobre o total da produção acadêmica existente a respeito do tema, uma vez que ainda é muito difícil, hoje, se conhecer esse universo, que se encontra pulverizado num grande número de centros de pesquisa e bibliotecas. Pelo trabalho realizado, estima-se que os trabalhos de alguma relevância sobre o tema, em sua maior parte, foram consultados. Entretanto, há inúmeros trabalhos no formato antropológico clássico (uma descrição completa da sociedade estudada) que não foram incluídos por não privilegiarem o enfoque do conhecimento tradicional a respeito da biodiversidade.

As análises que se seguem foram feitas com base num conjunto limitado das informações contidas nos trabalhos e de maneira alguma é exaustiva. A análise quantitativa baseia-se na interpretação de porcentagens relativas a três diferentes conjuntos de publicações, isto é, informações foram comparadas a três diferentes universos de publicações, referentes ao:

1. conjunto total das publicações levantadas;
2. conjunto de publicações das População Indígena e Não-Indígena;
3. conjunto de publicações de cada grupo populacional específico.

Para maior esclarecimento, entende-se por *tipo* de população tradicional a população tradicional indígena e não-indígena. Por *grupo* tradicional denomina-se as populações específicas, como caiçara, sertanejo, bororo, guarani.

1. Publicações e Tipo de População Tradicional

A primeira tabela indica a classificação do total de publicações (868) pelos dois conjuntos de populações tradicionais estudadas: as não-indígenas e as indígenas.

Tabela 1 – Número de Publicações e Populações Tradicionais

	Nº de Publicações por População			Não Indígena	Total de publicações
	Indígena		Sub-total		
	Gerais	Específicos			
Total	73	312	385	483	868
%	19,0%	81,0%	44,4%	55,6%	100

Nota: O número total de publicações sobre Populações Indígenas é de 385 incluindo aquelas do tipo geral que tratam de temas amplos referentes a grandes conjuntos de povos indígenas brasileiros. Desse modo, quando se trata de grupos indígenas específicos, considera-se somente o total de 312 trabalhos.

Conforme a Tabela 1, os 483 trabalhos analisados (55,6%) referem-se às populações tradicionais não-indígenas e 385 (44,4%) às populações indígenas.

Enquanto a maior parte dos trabalhos sobre grupos indígenas foi escrita por antropólogos e etnógrafos, muitos dos trabalhos sobre grupos tradicionais não-indígenas foram feitos também por sociólogos, historiadores, ecólogos, pedagogos. De fato, até recentemente os etnógrafos brasileiros trabalharam preferencialmente sobre grupos indígenas e só recentemente passaram a se interessar por outros grupos tradicionais.

Publicações por grupos tradicionais Não-Indígenas

As Tabelas 1.a e 1.b apresentam a distribuição dos trabalhos entre esses grupos tradicionais, cuja descrição foi feita na seção anterior.

Tabela 1.a – Número de Publicações e Grupos Tradicionais Não-Indígenas.

Nº de Publicações da		
População Não Indígena		
Total	483	% (1)
Grupos		
1.Rib. amaz.1.Rib. amaz.	168	34,8%
2.Caiçaras	104	21,5%
3.Jangadeiros	45	9,3%
4.Pescadores	31	6,4%
5.Caipiras	29	6,0%
6.Praieiros	29	6,0%
7.Sertanejos	27	5,6%
8.Pantaneiros	26	5,4%
9.Quilombolas	18	3,7%
10.Rib. não-amaz.	17	3,5%
11.Sitiantes	14	2,9%
12.Açorianos	10	2,1%
13.Babaçueiros	7	1,4%
14.Pastoreio	4	0,8%
15.Outros	6	1,2%
	535 (2)	..

Notas: Sinal convencional utilizado:

.. Não se aplica dado numérico

(1) Porcentagem calculada sobre o total de publicações da População Não-Indígena (483)

(2) Não equivale ao total de trabalhos da População Não-Indígena já que existem trabalhos que tratam de mais de um grupo, logo são contados mais de uma vez.

Não existe ainda um estudo completo sobre o conjunto de populações tradicionais não-indígenas. A identificação dessas populações foi feita a partir das propostas de Manuel Diegues Júnior (1960), Darcy Ribeiro (1995), Maynard de Araújo (1973) e de outros trabalhos esparsos sobre populações tradicionais específicas.

Como se pode observar pela Tabela 1a, um número considerável de publicações (34,8%), referem-se aos caboclos/ribeirinhos da Amazônia, que incluem como vimos anteriormente os caboclos, os seringueiros e os castanheiros. O grande número de trabalhos sobre conhecimento dos caboclos/ribeirinhos amazônicos reflete o interesse crescente por esses grupos sociais, em grande parte em função da sua maior visibilidade social em nível nacional e mesmo internacional recente, resultado de suas lutas na defesa de seu território e modo de vida ameaçados pela expansão da grande propriedade agropecuária e dos grandes projetos na região. Além disso, muitas organizações sociais ambientalistas e de

pesquisa passaram a reconhecer a importância desses grupos sociais na proteção da floresta amazônica, o que motivou o aparecimento de vários estudos sobre eles.

O segundo grupo de população tradicional mais indicado nos trabalhos é o dos caiçaras com 21,5%. A preocupação acadêmica com este grupo social decorre também das ameaças que tem recebido sobretudo por parte da expansão imobiliária e da criação de áreas protegidas, colocando em risco seu modo de vida. Esse interesse pelos caiçaras tem-se mostrado através de um número crescente de teses de mestrado e doutorado e também pela realização de inúmeros colóquios e seminários sobre a cultura caiçara..

O terceiro grupo em número de trabalhos é o dos jangadeiros com 9,3% do total realizados em grande parte por pesquisadores de Universidades localizadas no Nordeste, região onde habitam os remanescentes desse grupo tradicional, sobretudo nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba. Ainda que o número de jangadeiros tenha diminuído consideravelmente nas últimas décadas, o conhecimento acumulado sobre navegação, hábitos dos peixes, técnicas de pesca, que fazem parte do modo de vida dos pescadores-jangadeiros, continua recebendo atenção dos pesquisadores locais.

O quarto grupo é o pescadores artesanais formado pelos que vivem da pesca comercial em pequena escala e que não pertencem a nenhuma categoria cultural específica. Esses trabalhos que representam 6.4% do total

O quinto e o sexto grupos são o dos praieiros e dos caipiras, ambos com 6% do total de trabalhos. Os trabalhos sobre os caipiras parecem ter decrescido nas últimas décadas, refletindo a redução da importância cultural desses grupos tradicionais, alguns dos quais sobrevivem em bolsões de economia com laços reduzidos com o mercado, que existem nos interstícios da monocultura..

Estes são seguidos dos sertanejos/vaqueiros com 5,6% e dos pantaneiros com 5,4%. Os quilombolas vêm com 3,7% e os ribeirinhos não-amazônicos com 3,5% do total de trabalhos. O número de trabalhos sobre quilombolas tem crescido nos últimos anos, indicando uma crescente visibilidade desse grupo social que teve seu território reconhecido pela Constituição de 1988

Os demais grupos como os sitiante, os pastoreio, os extrativistas-babaçueiros e os açorianos representam cada um menos do que 3% do total dos trabalhos.

Tabela 1 b – Número de Publicações e Grupos de Populações Tradicionais Indígenas.

	Nº de Publicações da	
	População Não	% (1)
	Indígena	
Total	312	100,0%
Grupos		
1.Kayapó	55	17,6%
2.Yanomami	18	5,8%
3.Kaapor	13	4,2%
4.Xavante	12	3,8%
5.Bororo	12	3,8%
6.Dessano	12	3,8%
7.Araweté	11	3,5%
8.Tukano	9	2,9%
9.Waiãpi	9	2,9%
10.Wayana	9	2,9%
11.Asurini Xingu	9	2,9%
12.Karajá	9	2,9%
13.Maku	8	2,6%
14.Pareci	8	2,6%
15.Guarani	8	2,6%
16.Kaingang	8	2,6%
17.Marubo	7	2,2%
19.Parakanã	6	1,9%
20.Suruí	6	1,9%
21.Tembé	6	1,9%
22.Asurini PA	5	1,6%
23.Jamamadi	5	1,6%
24.Juruna	5	1,6%
25.Kanela	5	1,6%
26.Kaxinawá	5	1,6%
27.Kayabi	5	1,6%
28.Krahô	5	1,6%
29.Outros	142	45,5%
	412 (2)	..

Notas: Sinal convencional utilizado:

.. Não se aplica dado numérico

(1) Porcentagem calculada sobre o total de publicações da População Não-Indígena (483)

(2) Não equivale ao total de trabalhos da População Não-Indígena já que existem trabalhos que tratam de mais de um grupo, logo são contados mais de uma vez.

Conforme dados do Instituto Socioambiental – ISA - (1996), existem 206 grupos indígenas no Brasil dos quais foram selecionados 312 trabalhos com informações relevantes sobre 106 grupos indígenas

Como se pode observar pela Tabela 1b, foram incluídos 28 grupos indígenas acerca dos quais existem pelo menos cinco trabalhos publicados, pois sobre a maior parte dos demais foram encontrados (variando de zero a quatro trabalhos).

O maior número de trabalhos encontrados sobre conhecimento tradicional dizem respeito aos Kayapó (17,6% do total de trabalhos) e isso se explica pela atenção dada a esse povo, na área de etnobiologia, por pesquisadores como Darrel Posey. O segundo grupo mais citado são os Yanomami (5,8%), seguidos dos Kaapor (4,2%). Dessano, Bororo e Xavante (3,8% cada), Araweté (3,5%), Tukano, Waiãpi, Wayana, Assurini do Xingu e Karajá com 2,9% cada.

Os grupos indígenas Maku, Pareci, Guarani, Kaingang, representam cada um apenas 2,6% das publicações pesquisadas e os Marubo 2,2%.

Dezesseis grupos, Parakanã e Suruí (RO), Tembé, Asuriní(PA), Jamamadi, Juruna, Kanela, Kaxinawá, Kayabi, Krahô, Kuikuru, Tapirapé, Yawalapiti, Guajajara, Kadiwéu e Kamaiurá referem-se menos de 2% do total das publicações coletadas.

Quatorze grupos, Mehinako, Nambikwara, Suyá, Tiryó, Waimiri Atroari, Wanano, Waurá, Zoró, Deni, Enawenê-Nawê, Gavião (PA), Guajá, Kampa e Apinayé representam 1% das publicações e os outros 59 grupos indígenas, sobre os quais há publicações, representam cada um menos de 1% das obras coletadas.

2. Formas de publicação

Nesse item foram considerados cinco tipos de publicações: livro, coletânea, tese, artigo e relatório.

Tabela 2 – Número e tipo de publicações

Tipo de Publicação	Nº de Publicações por População				Total	%
	Não Indígena	%	Indígena	%		
Livro	92	19,0%	58	15,1%	150	17,3%
Coletânea	82	17,0%	132	34,3%	214	24,7%
Tese	99	20,5%	41	10,6%	140	16,1%
Artigo	124	25,7%	129	33,5%	253	29,1%
Relatório	86	17,8%	25	6,5%	111	12,8%
Total	483	100,0%	385	100,0%	868	100,0%

Como pode se observar na Tabela 2, existem na base de dados 868 títulos, dos quais 29,1% são artigos, 24,7% coletâneas, 17,3% livros, 16,1% teses, e 12,8% relatórios.

Na mesma tabela pode se observar que existe um número maior de teses de mestrado e de doutorado sobre os grupos tradicionais não-indígenas, o que parece indicar um interesse maior por parte de instituições regionais de pesquisa (Universidades, Centros de Pesquisa) sobre o tema que, como foi mencionado anteriormente, incluem os trabalhos de sociólogos, cientistas políticos, historiadores, além dos trabalhos de antropologia e etnociência. Os trabalhos sobre grupos indígenas são mais frequentes na forma de artigos de revistas especializadas. Essa forma de publicação tem sido favorecida pelo fato de existirem revistas de antropologia especializadas em grupos indígenas, e um número menor de revistas com temas relacionados a grupos tradicionais não-indígenas.

3. Período das publicações

Foram considerados períodos de dez anos, a partir de 1960, uma vez que uma pequena porcentagem dos trabalhos relevantes sobre o tema foram publicados antes dessa década.

Tabela 3 – Número e Data das Publicações

Período de Publicação	Nº de Publicações por População				Total	%
	Não Indígena	%	Indígena	%		
até 59	8	1,7%	13	3,4%	21	2,4%
60 - 79	56	11,6%	54	14,0%	110	12,7%
80 - 89	103	21,3%	170	44,2%	273	31,5%
90 - 99	286	59,2%	130	33,8%	416	47,9%
s/d	30	6,2%	18	4,7%	48	5,5%
Total	483	100,0%	385	100,0%	868	100,0%

Pela Tabela 3, constata-se que quase 80% dos trabalhos coletados/analísados estão concentrados nos últimos vinte anos, com uma concentração ainda maior na última década. Pode-se atribuir esta concentração em décadas recentes a vários fatores, entre os quais:

a) aumento de trabalhos relacionados ao etnoconhecimento, realizados não só por etnógrafos, mas também por ecólogos e biólogos, refletindo o interesse recente pelo tema da biodiversidade, enquanto que nas décadas anteriores os trabalhos concentraram-se sobretudo nas descrições do modo de vida dos grupos tradicionais;

b) um outro motivo foi o surgimento recente da preocupação acadêmica acerca da importância do conhecimento tradicional no que toca a biodiversidade, ameaçado pelo desmatamento e pelos perigos que pairam sobre a sobrevivência física e cultural dos grupos tradicionais nos últimos anos.

O interessante dessa tabela é que o número de trabalhos sobre grupos indígenas é maior que aqueles sobre grupos tradicionais não-indígenas até o final da década de 80. Na década de 90, a proporção se altera em favor dos trabalhos a respeito de grupos tradicionais não-indígenas. Isso parece confirmar a idéia que um número maior de pesquisadores pertencentes a universidades mais novas localizadas nas diversas regiões (Amazônia, Nordeste, Centro-Oeste) além do Sul-Sudeste, tem-se dedicado a estudos sobre o conhecimento tradicional sobre grupos como os caboclos/ribeirinhos, caiçaras, etc.

Período das publicações por Grupos Tradicionais

Nas tabelas 3.a e 3.b estão discriminadas as publicações sobre grupos tradicionais cobrindo os períodos de 1959 a 1999.

Tabela 3 a – Período das Publicações sobre grupos Tradicionais Não-Indígenas

Grupos	Períodos										Total de publicações
	Até 59		60 - 79		80 - 89		90 - 99		s/d		
	n°/ pub.	%	n°/ pub.	%	n°/ pub.	%	n°/ pub.	%	n°/ pub.	%	
Rib. amaz.	1	0,6%	10	6,0%	36	21,4%	107	63,7%	14	8,3%	168
Caiçaras	3	2,9%	16	15,4%	15	14,4%	63	60,6%	7	6,7%	104
Jangadeiros	2	4,4%	14	31,1%	10	22,2%	17	37,8%	2	4,4%	45
Pescadores	1	3,2%	4	12,9%	7	22,6%	19	61,3%	0	0,0%	31
Caipiras	1	3,4%	4	13,8%	5	17,2%	18	62,1%	1	3,4%	29
Praieiros	0	0,0%	2	6,9%	7	24,1%	17	58,6%	3	10,3%	29
Sertanejos	0	0,0%	6	22,2%	10	37,0%	10	37,0%	1	3,7%	27
Pantaneiros	0	0,0%	2	7,7%	4	15,4%	20	76,9%	0	0,0%	26
Quilombolas	0	0,0%	0	0,0%	4	22,2%	14	77,8%	0	0,0%	18
Rib. não-amaz.	0	0,0%	3	17,6%	1	5,9%	12	70,6%	1	5,9%	17
Sitiantes	0	0,0%	2	14,3%	6	42,9%	6	42,9%	0	0,0%	14
Açorianos	0	0,0%	0	0,0%	8	80,0%	1	10,0%	1	10,0%	10
Babaqueiros	0	0,0%	0	0,0%	4	57,1%	3	42,9%	0	0,0%	7
Pastoreio	0	0,0%	0	0,0%	1	25,0%	2	50,0%	1	25,0%	4
Outros	0	0,0%	2	4,4%	0	0,0%	4	8,9%	0	0,0%	6
Total	8	1,5%	65	12,1%	118	22,1%	313	58,5%	31	5,8%	535 (1)

(1) Não equivale ao total de trabalhos da População Não-Indígena já que existem trabalhos que tratam de mais de um grupo, logo são contados mais de uma vez.

Tomando-se outra vez por base os grupos tradicionais não-indígenas com maior número de trabalhos (seringueiros amazônicos, caiçaras, jangadeiros, praieiros e caipiras), observa-se que:

- mais de 63,7 % dos trabalhos sobre caboclos/ribeirinhos amazônicos foram publicados depois de 90;
- mais de 60,6% dos trabalhos sobre caiçaras foram publicados depois de 90;
- a maioria dos trabalhos sobre jangadeiros se distribui igualmente entre as três últimas décadas;
- mais de 58,6% dos trabalhos sobre praieiros se concentram no período depois de 90;
- mais de 42,9% dos trabalhos sobre sitiantes foram publicados depois de 90.

A década de 90 representa um período de grande interesse pelo conhecimento da maioria dos grupos tradicionais não-indígenas e está associado, como foi afirmado anteriormente ao surgimento ou fortalecimento de centros de pesquisas em geral associados a universidades localizadas nas regiões onde vivem esses grupos sociais.

Tabela 3.b – Período de publicação sobre grupos tradicionais indígenas

Grupos	Períodos										Total de publicações
	Até 59		60 - 79		80 - 89		90 - 99		s/d		
	nº/ pub.	%	nº/ pub.	%	nº/ pub.	%	nº/ pub.	%	nº/ pub.	%	
Kayapó	0	0,0%	8	14,5%	28	50,9%	14	25,5%	5	9,1%	55
Yanomami	0	0,0%	7	38,9%	4	22,2%	6	33,3%	1	5,6%	18
Kaapor	0	0,0%	1	7,7%	6	46,2%	6	46,2%	0	0,0%	13
Xavante	0	0,0%	1	8,3%	7	58,3%	4	33,3%	0	0,0%	12
Bororo	1	8,3%	3	25,0%	8	66,7%	0	0,0%	0	0,0%	12
Dessano	0	0,0%	1	8,3%	4	33,3%	4	33,3%	3	25,0%	12
Araweté	0	0,0%	1	9,1%	6	54,5%	4	36,4%	0	0,0%	11
Tukano	0	0,0%	1	11,1%	6	66,7%	2	22,2%	0	0,0%	9
Waiãpi	0	0,0%	0	0,0%	5	55,6%	4	44,4%	0	0,0%	9
Wayana	0	0,0%	1	11,1%	4	44,4%	4	44,4%	0	0,0%	9
Asurini Xingu	0	0,0%	0	0,0%	6	66,7%	2	22,2%	1	11,1%	9
Karajá	1	11,1%	0	0,0%	5	55,6%	3	33,3%	0	0,0%	9
Maku	0	0,0%	3	37,5%	1	12,5%	3	37,5%	1	12,5%	8
Pareci	0	0,0%	0	0,0%	1	12,5%	7	87,5%	0	0,0%	8
Guarani	0	0,0%	1	12,5%	1	12,5%	6	75,0%	0	0,0%	8
Kaingang	0	0,0%	1	12,5%	2	25,0%	5	62,5%	0	0,0%	8
Marubo	0	0,0%	1	14,3%	4	57,1%	2	28,6%	0	0,0%	7
Parakanã	0	0,0%	0	0,0%	5	83,3%	1	16,7%	0	0,0%	6
Suruí	0	0,0%	0	0,0%	5	83,3%	1	16,7%	0	0,0%	6
Tembé	0	0,0%	0	0,0%	4	66,7%	2	33,3%	0	0,0%	6
Asurini PA	0	0,0%	0	0,0%	3	60,0%	2	40,0%	0	0,0%	5
Jamamadi	0	0,0%	3	60,0%	0	0,0%	1	20,0%	1	20,0%	5
Juruna	0	0,0%	1	20,0%	3	60,0%	1	20,0%	0	0,0%	5
Kanela	0	0,0%	2	40,0%	3	60,0%	0	0,0%	0	0,0%	5
Kaxinawá	0	0,0%	0	0,0%	1	20,0%	4	80,0%	0	0,0%	5
Kayabi	0	0,0%	0	0,0%	3	60,0%	2	40,0%	0	0,0%	5
Krahô	1	20,0%	1	20,0%	1	20,0%	2	40,0%	0	0,0%	5
Outros	142
Total	412 (1)

Notas: Sinal convencional utilizado:

.. Não se aplica dado numérico

(1) Não equivale ao total de trabalhos da População Não-Indígena já que existem trabalhos que tratam de mais de um grupo, logo são contados mais de uma vez.

A análise das publicações sobre populações indígenas na tabela 3c mostra que, ao contrário daquelas das populações não-indígenas, existe uma concentração maior dos trabalhos na década de 80, com uma média percentual superior a 50%, seguidos por uma concentração secundária na década de 90, em torno de uma média de 25%.

Assim, os Kayapó têm 50,9% na década de 80 e 25,5% na de 90. Os trabalhos sobre os Yanomami, diferentemente, concentram-se nas décadas de 60-79 (38,9%) e na década de 90 (33,3%). Os Kaapor apresentam 46,2% na década de 80 e 46,2% na década de 90. Os Xavante, 58,3% na década de 80 e 33,3% na década de 90. Os trabalhos sobre os Bororo concentram-se na década de 80 (66,7%) e não encontramos nenhuma publicação na década de 90. Os Dessano, apresentam 33,3% na década de 80 e 33,3% na de 90. Os Araweté, 54,5% na década

de 80 e 36,4% na de 90. Os Tukano, 66,7% na década de 80 e 22,2% na de 90. Os Waiãpi 55,6% na década de 80 e 44,4% na década de 90. Os Waiana, 44,4% em 80 e mais 44,4% em 90. Os Assurini do Xingu, 66,7% na década de 80 e 22,2% na de 90. Finalmente, os trabalhos sobre os Karajá concentram-se em 55,6% na década de 80 e 33,3% na década de 90.

4. Os ecossistemas estudados e populações tradicionais

A inserção da variável ecossistemas permite visualizar melhor as regiões habitadas pelas diversas populações tradicionais e sua correlação com o conhecimento tradicional gerado, uma vez que os recursos naturais conhecidos e utilizados variam não só segundo as diversas culturas, mas também com os ecossistemas e habitats. A classificação dos ecossistemas e suas disjunções foi retirada do Primeiro Relatório Nacional para a Convenção sobre Diversidade Biológica, publicado pelo Ministério do Meio Ambiente em 1998.

Tabela 4 – Número de Publicações e Ecossistemas

Ecossistema	Nº de Publicações por População				Total	% (1)
	Não Indígena	% (1)	Indígena	%		
Total	483	100,0%	312 (1)	100,0%	795	100,0%
Amazônica	202	41,8%	249	79,8%	451	56,7%
Caat./ Fl. do Nordest.	35	7,2%	8	2,6%	43	5,4%
Cerrado	22	4,6%	128	41,0%	150	18,9%
Costeira	160	33,1%	6	1,9%	166	20,9%
Extremo Sul	4	0,8%	4	1,3%	8	1,0%
Florestas Estacionais	46	9,5%	14	4,5%	60	7,5%
Meio Norte	15	3,1%	7	2,2%	22	2,8%
Pantanal	24	5,0%	4	1,3%	28	3,5%
Pinheirais	5	1,0%	7	2,2%	12	1,5%
	513 (2)	..	427 (2)	..	940 (2)	..

Nota: Sinal convencional utilizado:

..Não se aplica dado numérico

(1) As publicações indígenas genéricas não foram classificadas quanto ao ecossistema.

(2) Não equivale ao total de trabalhos da População Não-Indígena ou indígena pois há trabalhos que tratam de mais de um grupo, logo são contados mais de uma vez.

Uma porcentagem significativa desses trabalhos diz respeito às populações que vivem no ecossistema amazônico (56,7%), seguido da zona costeira (20,9%), do cerrado (18,9%) e florestas estacionais (7,5%). Um número muito reduzido de trabalhos se referem ao ecossistema de meio norte (2,8%), pinheirais (1,5%) e extremo sul (1,0%).

Quando se observa as publicações das populações tradicionais não-indígenas relacionadas com ecossistema, constata-se que 41,8 % dos trabalhos se referem à Amazônia, ao passo que essa proporção sobe para 79,8% para as publicações sobre as populações tradicionais indígenas.

Essa distribuição de trabalhos por ecossistemas parece refletir, de um lado, a dimensão territorial da Amazônia e, de outro, a concentração populacional indígena nessa região. Pode-se sugerir também que o grande número de trabalhos realizados na Amazônia reflita um maior interesse nacional e internacional sobre os povos dessa região.

O segundo ecossistema mais citado para as populações tradicionais não-indígenas é a zona costeira (33,1%), enquanto que para as populações tradicionais indígenas é o cerrado o ecossistema que aparece em segundo lugar (41,%), em geral associado ao uso misto com a floresta e localizado também na região da Amazônia Legal. O grande número de trabalhos sobre grupos tradicionais não-indígenas em áreas costeiras usualmente consideradas parte da Mata Atlântica pode refletir um interesse maior pelas questões da degradação, dos efeitos da urbanização, da implantação das unidades de conservação nessa área, em particular a partir da década de 80.

Em terceiro lugar, tanto para as populações tradicionais indígenas quanto para as não-indígenas aparecem as florestas estacionais com 4,5% e 9,5% respectivamente.

O **mapa 3** mostra a divisão dos ecossistemas utilizada na publicação do MMA (1998) e adotada neste trabalho.

5. Publicações sobre tipos de populações, grupos tradicionais e os assuntos tratados

A tabela 5 indica a relação de assuntos e temas tratados pelo conjunto de publicações selecionados. Os assuntos tratados nos trabalhos selecionados foram divididos em 12 temas, de acordo com um estudo inicial sobre o conteúdo das publicações. Elas versam sobre um extenso conjunto de conhecimentos do mundo natural, em particular daquelas espécies vegetais e animais que são de uso das comunidades tradicionais indígenas e não-indígenas.

Os trabalhos pesquisados se referem aos assuntos abaixo descritos em ordem de frequência:

Entraram no assunto **botânica de espécies coletadas** aqueles trabalhos que contemplam extrativismo vegetal, principalmente usos e conhecimentos de fibras, sementes, látex, alimentos, óleos, ceras, resinas e madeiras para a construção de casas, canoas, armadilhas, cercas, etc. Como de espécies **botânica de espécies cultivadas** foram contemplados os trabalhos que tratam do conhecimento sobre o cultivo nativas e exóticas. Sob a denominação de **tecnologia/ergologia**, foram incluídos os trabalhos sobre tecnologias patrimoniais utilizadas na confecção de produtos diversos, desde canoas até casas, artesanato, instrumentos de trabalho, etc. Com relação ao assunto **ictiologia/haliêutica**, foram incluídos trabalhos que tratam de conhecimento de peixes, crustáceos e moluscos, períodos de migração, reprodução e alimentação destas espécies e sistemas de pesca e cultivo. Em **farmacologia/medicina** foram incluídos os trabalhos que tratam de conhecimento e uso de técnicas medicinais, remédios caseiros, sistemas de cura, pajelança, etc. No assunto **zoologia** foram incorporados os trabalhos referentes à criação de animais, pecuária, caça, etc. Em **cosmologia** foram incluídos os trabalhos que tratam da concepção de mundo dessas populações; trabalhos relacionados com o uso dos recursos naturais, tais como mitos, lendas, estórias, folclore, etc. Em **arte** incluímos trabalhos que tratam da produção artística e visão estética das populações tradicionais, produções estas originárias do uso de recursos naturais, tais como: tinturas, cerâmicas, plumárias, etc. Em **pedologia** foram incluídos os trabalhos que tratam do conhecimento e manejo do solo a partir de indicadores, por exemplo, de vegetação, cor, textura, presença/ausência de determinadas espécies, etc. Em **entomologia** foram incluídos os trabalhos que tratam do conhecimento e classificação dos insetos como, por exemplo, abelhas. Em **astronomia** foram incluídos os trabalhos que tratam dos astros: planetas, satélites e de sua relação com as atividades práticas, espirituais e míticas. E finalmente, em **hidrologia** foram incluídos os trabalhos que tratam do conhecimento sobre a água e sua função sobre determinada sociedade.

Tabela 5 – Número de publicações e assunto por população tradicional

Assunto	Nº de Publicações por População				Total	%
	Não Indígena	%	Indígena	%		
Total	483	100,0%	385	100,0%	868	100,0%
Arte	10	2,1%	84	21,8%	94	10,8%
Astronomia	16	3,3%	15	3,9%	31	3,6%
Botânica Coletada	256	53,0%	264	68,6%	520	59,9%
Botânica Cultivada	263	54,5%	229	59,5%	492	56,7%
Cosmologia	24	5,0%	131	34,0%	155	17,9%
Entomologia	3	0,6%	40	10,4%	43	5,0%
Farmacologia	91	18,8%	108	28,1%	199	22,9%
Hidrologia	12	2,5%	6	1,6%	18	2,1%
Ictiologia/Haliêutica	208	43,1%	85	22,1%	293	33,8%
Pedologia	19	3,9%	32	8,3%	51	5,9%
Tecnologia/Ergologia	294	60,9%	213	55,3%	507	58,4%
Zoologia	57	11,8%	143	37,1%	200	23,0%
	1253 (1)	..	1350 (1)	..	2603 (1)	..

Notas: Sinal convencional utilizado:

.. Não se aplica dado numérico

(1) Não equivale ao total de trabalhos classificados por assunto pois, em geral, os trabalhos foram classificados por mais de um assunto, o que faz com que sejam somados repetidamente.

Observando as tabelas 5, constata-se que a proporção de trabalhos em que se menciona botânica sobre espécies cultivadas e coletadas é mais ou menos equivalente entre populações indígenas e não-indígenas. A grande incidência de trabalhos que se referem à botânica de espécies cultivadas/coletadas e tecnologia/ergologia se explica pela importância que as atividades de coleta e plantio têm para as populações tradicionais. Algumas diferenças, no entanto, são significativas quando se observam outros assuntos. Assim, os trabalhos sobre grupos indígenas assinalam uma proporção maior de trabalhos no domínio da zoologia (37,1%), cosmologia (34%), farmacologia (28%), ictiologia (22,1%) e artes (21,8%), ao passo que os trabalhos relativos às populações tradicionais não indígenas dão ênfase maior a temas como tecnologia/ergologia (60,9%) e ictiologia/haliêutica (43,1%).

Essas diferenças podem ser explicadas pela importância que determinados assuntos têm na vida dessas diversas populações. A alta porcentagem de trabalhos

que se referem à zoologia entre as populações indígenas pode ser explicada pela importância da atividade de caça, assim como a alta porcentagem de trabalhos que se referem à ictiologia/haliêutica explica-se pela importância do conhecimento e técnicas patrimoniais usadas na agricultura, artesanato e pesca entre as populações de caboclos/ribeirinhos amazônicos, caiçaras e pescadores.

É importante se observar também que o número de trabalhos sobre o conhecimento tradicional indígena da cosmologia e da arte refletem a importância maior desses temas entre os grupos indígenas que entre os não-indígenas.

Pode-se supor também que o olhar dos antropólogos e etnocietistas se volte para temas preferidos das suas disciplinas. Certamente, o fato do olhar antropológico requerer o conhecimento da visão de mundo das populações estudadas, como aspecto fundamental para a compreensão dos fenômenos sociais a serem enfocados, implica que grande parte dos trabalhos relativos a populações indígenas apresentem informações sobre o campo cosmológico, mesmo que não seja este o tema principal da pesquisa.

Assunto tratado por grupos tradicionais

As tabelas 5.a e 5.b indicam a proporção dos assunto tratados em trabalhos sobre cada grupo tradicional.

Tabela 5.a – Assunto por grupo tradicional Não-Indígena

Grupos	Total de publicações por grupo	nº de Publicação por Assunto											Soma (1)	
		Arte	Astronomia	Bot. Cult.	Bot. Colet.	Entomo.	Farmaco.	Hidro.	Ictio/Haliê	Pedol.	Tecno/Ergo.	Zool.		Cosmo
Rib. amaz.	168	3	0	83	106	0	21	2	59	6	86	18	7	391
Caícaras	104	4	4	67	66	0	24	1	66	5	76	9	5	327
Jangadeiros	45	2	7	10	11	0	5	1	38	1	40	1	4	120
Pescadores	31	0	2	10	8	1	5	1	26	1	23	2	0	79
Caipiras	29	1	0	24	18	0	9	0	1	0	16	3	0	72
Praieiros	29	0	2	8	10	0	10	1	14	1	16	2	1	65
Sertanejos	27	1	1	19	8	0	3	1	2	3	17	11	3	69
Pantaneiros	26	0	2	16	14	0	7	4	11	2	14	6	1	77
Quilombolas	18	1	0	15	13	0	4	0	1	0	5	1	3	43
Rib. não-amaz.	17	0	0	12	7	2	6	3	8	1	11	3	1	54
Sitiantes	14	0	0	11	7	0	5	0	2	0	10	1	0	36
Açorianos	10	0	1	3	4	0	1	0	8	0	8	0	1	26
Babaçueiros	7	0	0	2	5	0	0	0	0	0	3	0	0	10
Pastoreio	4	0	0	1	2	0	0	0	0	0	2	3	0	8
Outros	6	0	0	6	5	0	2	0	1	0	4	2	0	20
Total	535 (2)	12	19	287	284	3	102	14	237	20	331	62	26	1397

Notas: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível

- (1) Não equivale ao total de trabalhos do grupo populacional não indígena pois como os trabalhos foram, em geral, classificados por mais de um assunto, essa soma não representa o total.
 (2) Não equivale ao total de trabalhos da População Não Indígena já que existem trabalhos que, por tratarem de mais de um grupo, são contados mais de uma vez.

Pela tabela 5.a constata-se que o assunto botânica de espécies cultivadas é o mais importante entre os caipiras seguidos dos sertanejos e caiçaras. Já a botânica de espécies coletadas é o assunto mais citado entre os caiçaras e ribeirinhos da Amazônia. O assunto farmacologia/medicina é o mais citado entre os praieiros seguidos dos caiçaras, ao passo que o tema ictiologia/haliêutica é o mais citado entre os jangadeiros seguidos dos caiçaras.

A frequência com que o conhecimento sobre um assunto é mencionado revela sua importância nas práticas econômicas e culturais dos diversos grupos tradicionais. Os caboclos/ribeirinhos da Amazônia, por exemplo, revelam conhecimento não somente da mata ao longo dos rios e igarapés como também das espécies de peixes que vivem nessas águas. Da mesma forma, os caiçaras que vivem entre a mata e o mar revelam conhecimentos das espécies desses dois habitats. Já os jangadeiros que vivem exclusivamente do mar, revelam grande conhecimento na localização das pedras submersas por meio da pesca de caminho e cabeça, das espécies de peixes migratórios e pouco conhecimento da restinga, a não ser das ervas medicinais, domínio em geral da mulher.

Tabela 5.b – Assunto por grupo tradicional indígena

Grupos	Total de publicações por grupo	nº de Publicação por Assunto												Soma (1)
		Arte	Astronomia	Bot. Cult.	Bot. Colet	Entomo.	Farmaco.	Hidro.	Ictio/Haliê.	Pedol.	Tecno/Ergo	Zool.	Cosmo	
Kayapó	55	5	5	36	31	20	21	1	11	12	15	18	15	190
Yanomami	18	2	0	9	13	1	9	1	0	1	4	2	4	46
Kaapor	13	2	0	10	13	0	2	1	3	1	8	4	3	47
Xavante	12	3	0	5	7	2	0	0	1	1	6	6	2	33
Bororo	12	1	0	8	11	0	3	0	3	1	8	4	7	46
Dessano	12	2	4	8	7	4	7	0	5	2	7	6	10	62
Araweté	11	3	1	8	11	0	0	0	1	0	9	2	2	37
Tukano	9	1	0	4	2	3	2	0	5	1	3	2	3	26
Waiãpi	9	2	0	5	5	0	0	0	0	0	1	5	5	23
Wayana	9	5	0	4	6	0	1	0	3	1	6	3	6	35
Asurini Xingu	9	3	0	5	8	0	0	0	0	0	8	2	1	27
Karajá	9	6	1	3	6	1	0	0	0	0	5	5	3	30
Maku	8	1	0	6	7	1	4	0	3	0	5	1	3	31
Pareci	8	1	0	5	4	1	3	0	2	1	3	1	1	22
Guarani	8	1	0	6	6	0	2	0	1	0	6	3	2	27
Kaingang	8	0	0	6	5	0	4	0	2	1	2	2	1	23
Marubo	7	1	0	2	4	0	4	0	1	0	4	3	3	22
Parakanã	6	2	0	3	5	0	0	0	1	0	5	1	0	17
Suruí	6	1	0	3	4	1	1	0	1	0	2	3	1	17
Tembé	6	0	0	4	6	0	2	0	1	0	4	2	1	20
Asurini PA	5	2	0	3	3	0	1	0	0	0	3	1	2	15
Jamamadi	5	0	0	2	5	0	3	0	3	0	3	1	0	17
Juruna	5	4	0	1	4	0	1	0	0	0	4	2	1	17
Kanela	5	0	1	2	4	0	0	0	1	1	3	2	3	17
Kaxinawá	5	0	0	4	5	0	2	0	2	0	4	2	3	22
Kayabi	5	3	0	2	5	0	1	0	0	0	4	2	2	19
Krahô	5	0	1	1	5	0	1	0	0	1	4	1	2	16
Outros	142
Total	412 (2)

Notas: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível

- (1) Não equivale ao total de trabalhos do grupo populacional indígena pois como os trabalhos foram, em geral, classificados por mais de um assunto, essa soma
(2) Não equivale ao total de trabalhos da População Indígena já que existem trabalhos que, por tratarem de mais de um grupo, são contados mais de uma vez.

Pela tabela 5.b, constata-se que os temas tratados pelos trabalhos sobre os grupos indígenas selecionados variam bastante, de acordo com o grupo estudado. Assim, entre os Kayapó os dois assuntos mais frequentes são botânica coletada e botânica cultivada; entre os Yanomami são botânica de espécies coletadas e farmacopéia; entre os Kaapor são a botânica de espécies coletadas e botânica de espécies cultivadas. Já entre os Xavante são a botânica de espécies coletadas, tecnologia/ergologia e Zoologia e entre os Bororo são a botânica coletada e, em segundo lugar a botânica de espécies cultivadas e tecnologia/ergologia. Entre os Dessoano são a botânica de espécies cultivadas e em segundo lugar a botânica coletada, farmacopéia e tecnologia/ergologia. Entre os Araweté são a botânica de espécies coletadas e tecnologia/ergologia e entre os Tukano, Ictiologia/haliêutica e botânica de espécies cultivadas. Entre os Waiãpi vêm igualmente distribuídas a botânica de espécies cultivadas, coletadas, zoologia e cosmologia. Entre os Wayana, também igualmente distribuídas vêm a botânica de espécies coletadas, tecnologia/ergologia e cosmologia. Entre os Assurini do Xingú, botânica coletada e tecnologia/ergologia e entre os Karajá, os assuntos mais estudados são em primeiro lugar arte e botânica de espécies coletadas e em segundo tecnologia/ergologia e zoologia.

6. O etnoconhecimento nas publicações

Ainda que todas as publicações selecionadas tratem do conhecimento tradicional, esta seção dá ênfase ao saber expresso pelas categorias mentais dos diversos grupos tradicionais, por meio de classificações específicas cujos termos são expressos em vocabulário próprio do grupo estudado.

Tabela 6 – Número de publicações e etnoconhecimento por tipo de população tradicional

Etnoconhecimento	Nº de Publicações por População				Total	%
	Não Indígena	%	Indígena	%		
Sim	201	41,6%	331	86,0%	532	61,3%
Não	282	58,4%	54	14,0%	336	38,7%
Total	483	100,0%	385	100,0%	868	100,0%

Na tabela 6 observa-se que do total de trabalhos sobre conhecimento de grupos indígenas e não-indígenas, 61,3% encaixam-se no campo de

etnoconhecimento como foi definido acima, ao passo que 38,7 % descrevem o conhecimento com base nas categorias mentais dos próprios pesquisadores.

Isso pode ser explicado por várias razões: uma delas é que a categoria de conhecimento por parte das populações indígenas é parte essencial dos trabalhos dos antropólogos , ao passo que muitos dos trabalhos sobre as populações tradicionais não-indígenas são realizados por outras categorias de pesquisadores como sociólogos, historiadores, pedagogos, etc. Uma explicação complementar pode basear-se na hipótese de que as populações indígenas possam ter um cabedal maior de conhecimento da biodiversidade que as populações não-indígenas e apresentar práticas que, por sua especificidade, chamem mais a atenção dos pesquisadores.

Etnoconhecimento por grupos tradicionais

As tabelas 6.a e 6.b indicam como o tema etnoconhecimento é tratado pelas publicações relativas a grupos tradicionais.

Tabela 6.a – Etnoconhecimento e grupos tradicionais não-indígenas

Grupos	Etnoconhecimento				Total de publicações
	Sim		Não		
	nº/ pub.	%	nº/ pub.	%	
Rib. amaz.	54	32,1%	114	67,9%	168
Caiçaras	50	48,1%	54	51,9%	104
Jangadeiros	19	42,2%	26	57,8%	45
Pescadores	15	48,4%	16	51,6%	31
Caipiras	12	41,4%	17	58,6%	29
Praieiros	12	41,4%	17	58,6%	29
Sertanejos	9	33,3%	18	66,7%	27
Pantaneiros	15	57,7%	11	42,3%	26
Quilombolas	9	50,0%	9	50,0%	18
Rib. não-amaz.	9	52,9%	8	47,1%	17
Sitiantes	8	57,1%	6	42,9%	14
Açorianos	1	10,0%	9	90,0%	10
Babaçueiros	2	28,6%	5	71,4%	7
Pastoreio	0	0,0%	4	100,0%	4
Outros	3	50,0%	3	50,0%	6
Total	218	40,7%	317	59,3%	535 (1)

Notas:

- (1) Não equivale ao total de trabalhos da População Não-Indígena já que existem trabalhos que tratam de mais de um grupo, logo são contados mais de uma vez.

Realizando-se uma análise interna de cada um dos grupos tradicionais não-indígenas, observa-se que 57,7 % dos trabalhos sobre pantaneiros apresentam referência ao etnoconhecimento, seguidos dos sitiantes (57,1%), dos caboclos/ribeirinhos amazônicos (52,9%), dos ribeirinhos não-amazônicos (52,9%), dos quilombolas (50%), dos caiçaras (48,1%), dos pescadores (48,4 %), dos praieiros (41,4%), dos caipiras (41,4%).

A ocorrência do enfoque de etnoconhecimento em grupos tradicionais não-indígenas é, em parte, em razão da contribuição de ecólogos e biólogos com formação em etnociência. Parte desses trabalhos apresenta descrição detalhada desse conhecimento sobre atividades de coleta, pequena agricultura, pesca, distribuídas ao longo de calendários complexos em que são mostrados como essas atividades e o conhecimento a elas associados se distribuem pelos diversos períodos e estações do ano. Além disso, muitos trabalhos de etnoconhecimento apresentam listas de espécies conhecidas e a sua nomenclatura científica, além da popular.

Tabela 6.b – Etnoconhecimento e grupos tradicionais indígenas

Grupos	Etnoconhecimento				Total de publicações
	Sim		Não		
	n°/ pub.	%	n°/ pub.	%	
Kayapó	51	92,7%	4	7,3%	55
Yanomami	15	83,3%	3	16,7%	18
Kaapor	12	92,3%	1	7,7%	13
Xavante	10	83,3%	2	16,7%	12
Bororo	11	91,7%	1	8,3%	12
Dessano	12	100,0%	0	0,0%	12
Araweté	9	81,8%	2	18,2%	11
Tukano	8	88,9%	1	11,1%	9
Waiãpi	8	88,9%	1	11,1%	9
Wayana	9	100,0%	0	0,0%	9
Asurini Xingu	7	77,8%	2	22,2%	9
Karajá	9	100,0%	0	0,0%	9
Maku	8	100,0%	0	0,0%	8
Pareci	8	100,0%	0	0,0%	8
Guarani	6	75,0%	2	25,0%	8
Kaingang	7	87,5%	1	12,5%	8
Marubo	7	100,0%	0	0,0%	7
Parakanã	4	66,7%	2	33,3%	6
Suruí	5	83,3%	1	16,7%	6
Tembé	5	83,3%	1	16,7%	6
Asurini PA	4	80,0%	1	20,0%	5
Jamamadi	5	100,0%	0	0,0%	5
Juruna	5	100,0%	0	0,0%	5
Kanela	3	60,0%	2	40,0%	5
Kaxinawá	4	80,0%	1	20,0%	5
Kayabi	5	100,0%	0	0,0%	5
Krahô	5	100,0%	0	0,0%	5
Outros	142
Total	412 (1)

Notas: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível

(1) Não equivale ao total de trabalhos da População Indígena já que existem trabalhos que tratam de mais de um grupo, logo são contados mais de uma vez.

Constata-se que em relação à totalidade dos trabalhos sobre conhecimento indígenas, aqueles sobre os Kayapó (67,3%), Tukano (66,7%), Dessano (41,7%), Pareci (50,%) Xavante (33,3%) apresentam proporções significativas sobre etnoconhecimento.. Na análise dos trabalhos de grupos indígenas como os Kaiapó, Yanomami, Dessano, Wayana, Karajá, Maku, Pareci, Juruna, Jamamadi, percebe-se também a importância que os etnógrafos atribuem ao uso de categorias e classificações das espécies de flora e fauna utilizadas pelos grupos indígenas.

7. O conhecimento de técnicas de manejo

Poucos trabalhos tratam da questão do manejo tradicional enquanto domesticação e manipulação das espécies de fauna e flora, e também dos nichos ecológicos utilizados pelas populações tradicionais. Esse tema é relativamente novo, introduzido na década de 80, no Brasil, principalmente pelos trabalhos de etnobotânica. As técnicas descritas referem-se principalmente à manipulação do espaço e das espécies, vinculada às atividades relacionadas com a agricultura itinerante, a introdução de espécies de árvores frutíferas nas roças de mandioca, com a caça de subsistência, com as técnicas de pesca, como a construção de pesqueiros, à utilização de calendários complexos de atividades que reúnem atividades de coleta e cultivo.

Para o *etnocietista*, o manejo é realizado pelas populações tradicionais indígenas e não-indígenas. Para Balée (1991) esse manejo implica a manipulação de componentes inorgânicos ou orgânicos do meio ambiente, que traz uma diversidade ambiental líquida maior que a existente nas chamadas condições naturais primitivas onde não existe presença humana.

Num ecossistema manejado, algumas espécies podem se extinguir como resultado dessa ação, ainda que o efeito total dessa interferência possa resultar num aumento real da diversidade ecológica e biológica de um lugar específico ou região. Balée mostrou como no caso dos Ka'apor, existe um manejo tradicional indígena que resulta num aumento de espécies de determinados habitats, ainda que esse resultado não tenha sido buscado intencionalmente. Esse autor, assim como outros (Gomez-Pompa, 1973) indica que os índios não só têm um conhecimento aprofundado dos diversos habitats e solos em que ocorrem as espécies, como também os classificam com nomes distintos. Eles também manipulam esses ambientes, sua flora e fauna, inclusive com práticas agrícolas, como a do pousio, que acabam resultando numa maior diversidade de espécies nesses habitats manipulados que nas florestas consideradas nativas.

A tabela 7 apresenta o número e porcentagem dos trabalhos nos quais se faz menção a manejo tradicional de espécies e habitats.

Tabela 7 – Número de Publicações e Descrição de Manejo por tipo de população tradicional

Descrição de Manejo	N° de Publicações por População				Total	%
	Não Indígena	%	Indígena	%		
Sim	115	23,8%	103	26,8%	218	25,1%
Não	368	76,2%	282	73,2%	650	74,9%
Total	483	100,0%	385	100,0%	868	100,0%

Cerca de 74,9 % das publicações não contêm informações sobre o manejo tradicional. No entanto, em se tratando de um tema muito recente, analisado principalmente na última década pode-se dizer que a proporção de trabalhos que tratam do tema (25,1%) já é significativa e tem crescido nos últimos anos.

Essa proporção não varia muito entre as populações indígenas e não-indígenas. Porém, o número de trabalhos que apresentam descrição detalhada de sistemas de manejo tradicional entre populações indígenas é maior que entre as de não-indígenas. Uma das explicações é que esse campo de conhecimento é muito recente, tendo em grande parte se iniciado em estudos sobre populações indígenas da Amazônia (Posey, Anderson, Balée) e gradativamente tem se espalhado para estudos sobre grupos não-indígenas. Por outro lado, relembramos que os estudos realizados entre populações indígenas empreendidos por antropólogos tendem sempre a descrições etnográficas mais detalhadas do modo de vida da população que os estudos realizados por cientistas de outras áreas.

Manejo por grupos tradicionais

As tabelas 7.a e 7.b revelam a ocorrência de indicação de manejo por parte dos diversos grupos tradicionais indígenas e não-indígenas. Como foi dito anteriormente, o manejo tradicional é um tema relativamente recente nos estudos sobre grupos tradicionais não-indígenas. Ainda que o tema de manipulação dos componentes da flora e fauna tenha sido estudado na ecologia cultural, o termo manejo de recursos naturais é recente na literatura etnográfica, porém, mais discutido nos círculos de etnobotânica, etnozootologia, etc. Esses trabalhos, ainda que incipientes estão atraindo um número crescente de pesquisadores que contribuem assim para um novo enfoque nas teorias conservacionistas clássicas, pelas quais somente os cientistas são capazes de propor manejos da flora e fauna, após longos estudos sobre os habitats e espécies de fauna e flora. Os estudos de etnomanejo indicam que ao se associar o conhecimento tradicional sobre o tema, pode-se conseguir uma conservação da natureza mais eficaz e, sobretudo, socialmente mais justa.

7.a – Manejo pelos Grupos Tradicionais não-indígenas

Grupos	Descrição de Manejo				Total de publicações
	Sim		Não		
	nº/ pub.	%	nº/ pub.	%	
Rib. amaz.	52	31,0%	116	69,0%	168
Caiçaras	21	20,2%	83	79,8%	104
Jangadeiros	12	26,7%	33	73,3%	45
Pescadores	8	25,8%	23	74,2%	31
Caipiras	4	13,8%	25	86,2%	29
Praieiros	4	13,8%	25	86,2%	29
Sertanejos	4	14,8%	23	85,2%	27
Pantaneiros	10	38,5%	16	61,5%	26
Quilombolas	4	22,2%	14	77,8%	18
Rib. não-amaz.	3	17,6%	14	82,4%	17
Sitiantes	4	28,6%	10	71,4%	14
Açorianos	0	0,0%	10	100,0%	10
Babaçueiros	1	14,3%	6	85,7%	7
Pastoreio	0	0,0%	4	100,0%	4
Outros	4	66,7%	2	33,3%	6
Total	131	24,5%	404	75,5%	535 (1)

Notas: (1) Não equivale ao total de trabalhos da População Não Indígena já que existem trabalhos que, por tratarem de mais de um grupo, são contados mais de uma vez.

Quando se considera a existência de descrição de manejo no interior de cada grupo tradicional não-indígena, observa-se que em primeiro lugar estão aqueles sobre os pantaneiros (38,5%) seguidos dos caboclos/ribeirinhos amazônicos

(31%), seguidos pelos sitiantes (28,6%) jangadeiros (26,7%), pescadores (25,8%),caiçaras (20,2%), ribeirinhos não-amazônicos (17,6%).

Tabela 7.b – Grupos de População Indígena e Descrição de Manejo

Grupos	Descrição de Manejo				Total de publicações
	Sim		Não		
	n°/ pub.	%	n°/ pub.	%	
Kayapó	37	67,3%	18	32,7%	55
Yanomami	3	16,7%	15	83,3%	18
Kaapor	3	23,1%	10	76,9%	13
Xavante	4	33,3%	8	66,7%	12
Bororo	1	8,3%	11	91,7%	12
Dessano	5	41,7%	7	58,3%	12
Araweté	1	9,1%	10	90,9%	11
Tukano	6	66,7%	3	33,3%	9
Waiãpi	1	11,1%	8	88,9%	9
Wayana	2	22,2%	7	77,8%	9
Asurini Xingu	0	0,0%	9	100,0%	9
Karajá	2	22,2%	7	77,8%	9
Maku	2	25,0%	6	75,0%	8
Pareci	4	50,0%	4	50,0%	8
Guarani	3	37,5%	5	62,5%	8
Kaingang	1	12,5%	7	87,5%	8
Marubo	1	14,3%	6	85,7%	7
Parakanã	0	0,0%	6	100,0%	6
Suruí	1	16,7%	5	83,3%	6
Tembé	1	16,7%	5	83,3%	6
Asurini PA	0	0,0%	5	100,0%	5
Jamamadi	0	0,0%	5	100,0%	5
Juruna	0	0,0%	5	100,0%	5
Kanela	0	0,0%	5	100,0%	5
Kaxinawá	2	40,0%	3	60,0%	5
Kayabi	0	0,0%	5	100,0%	5
Krahô	0	0,0%	5	100,0%	5
Outros	142
Total	412 (1)

Notas: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível

(1) Não equivale ao total de trabalhos da População Indígena já que existem trabalhos que, por tratarem de mais de um grupo, são contados mais de uma vez.

Entre os grupos indígenas, aquele sobre o qual existe o maior número de trabalhos relativos a manejo é o dos Kaiapó (67,3%), seguido pelo dos tukano (66,7%) e dessano (41,7%). Em seguida vêm os Xavante com 33,3%; os Kaapor com 23,1%; os Wayana e Karajá com 22,2% cada; os Yanomami com 16,7%; os Waiãpi com 11,1%; os Araweté com 9,1% e os Bororo com 8,3%. Os Assurini do

Xingu, em 11º lugar entre os grupos com mais publicações não apresenta nenhuma com referência a manejo.

PARTE 3: SUMARIO DOS RESULTADOS OBTIDOS

Considerações gerais

- Foram pesquisados mais de 3.000 títulos de trabalhos relacionados com conhecimento tradicional em vários bancos de dados e bibliotecas espalhados pelas várias regiões do Brasil e desses foram selecionados 868, classificados em alta e média relevância. Destes, 483 se referem a populações não indígenas e 385 a populações indígenas. Outros títulos ainda estão sendo analisados e classificados, mas constarão somente da base de dados que, quando transformado em banco de dados aberto à consulta pública em sites a serem definidos. Serão de grande valia para a pesquisa sobre conhecimento tradicional da biodiversidade.

A equipe do projeto pesquisou várias bibliotecas no Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste, entrando também em contato pessoal com inúmeros pesquisadores dessa área.

- Esses trabalhos selecionados foram classificados por tipo de população e constarão do acervo da Universidade de São Paulo-NUPAUB, aberto à consulta pública. Os trabalhos estão guardados em *caixas-arquivo*, devidamente catalogados, já constituindo um dos maiores acervos sobre esse tema no país.

- Todos os trabalhos selecionados encontram-se hoje organizados em uma *base de dados* que serviu de base para as análises feitas neste relatório. Essa base de dados inclui 13 variáveis e através das consultas poder-se-á conhecer as características internas mais importantes de cada trabalho: tipo de publicação e dados bibliográficos, tipo de população tradicional e ecossistemas descritos, tipo de conhecimento assinalado (botânica, tecnologia, ictiologia, etc; existência de etnoconhecimento e manejo tradicional). No futuro, esta base de dados, como foi afirmado antes pode ser adaptada para um banco de dados destinado à consulta pública em sites a serem definidos.

B- Considerações sobre as publicações selecionadas

- Cerca de 68% do total dos trabalhos selecionados sobre populações indígenas referem-se a artigos em revistas especializadas ou em coletâneas. Essa distribuição das obras entre tipos de publicação é mais proporcional nos trabalhos sobre populações não indígenas. Mesmo assim, entre estes últimos trabalhos, a porcentagem de artigos em revistas e em coletâneas (43,9%) é bem elevada. No conjunto das publicações este é o tipo majoritário. Mas, apesar dos artigos constituírem o tipo mais frequente de publicação dos trabalhos sobre conhecimento tradicional, são raras as revistas especializadas nesse tema ou até em temas correlatos como os de etnobotânica e etnobiologia no Brasil. Os artigos encontrados foram publicados em revistas de instituições, como a do Museu Emílio Goeldi ou em revistas de antropologia ou nessa outra modalidade de publicação, a coletânea, indicada em segundo lugar, onde frequentemente se publicam trabalhos de congressos.
- Quanto à distribuição dessas publicações por período, conclui-se que a quase totalidade das publicações relevantes sobre o tema (mais de 80%) foi feita nas duas últimas décadas, coincidindo com um aumento dos trabalhos nos vários domínios da etnociência.
- Nessas últimas duas décadas aumentou também o número de teses sobre o tema, o que revela um interesse maior das instituições de pesquisa e pesquisadores sobre o tema. Esse interesse maior coincide com uma crescente visibilidade política e social dessas populações, sejam indígenas ou não indígenas. A mobilização dos índios para a demarcação de suas terras, contra as invasões de seus territórios, o crescente número de associações indígenas locais e regionais, muitas delas com alcance internacional, o incremento de sua atuação tanto no campo político como econômico; o impacto de unidades de conservação restritivas como parques e reservas sobre o território das populações tradicionais não –indígenas, a especulação imobiliária e a ameaça sobre as áreas de uso comunitário tem levado, ultimamente à reações por parte dessas

populações, como o estabelecimento de reservas extrativistas, a luta pelo reconhecimento das terras de quilombo e uma atuação mais geral voltada para o reconhecimento de suas identidades e direitos. Esses processos tem em parte motivado os pesquisadores da área de ciências sociais e mesmo das naturais a estudar esses fenômenos, enfocando também a importância do conhecimento e manejo tradicionais dos recursos naturais.

- Tem surgido nos últimos anos alguns grupos de pesquisadores que trabalham no domínio da etnociência, tais como etnofarmacologia e etnobiologia em geral e grande parte deles participa da SBEE – Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, que através de seus congressos tem estimulado a pesquisa na área. Além disso deve-se enfatizar a realização do Primeiro Congresso Internacional de Etnobiologia em 1988, em Belém que teve também uma função estimuladora dos trabalhos nessa área.
- Grande parte dos trabalhos selecionados,(76,8%) estão na categoria de alta e média relevância, e entre estes, 52,6% foram publicados depois de 1990. Esses resultados mostram que o tema de conhecimento tradicional é central nessas publicações e que o interesse pelo tema apresenta uma curva ascendente, acentuando-se na última década. Voltamos a enfatizar que a classificação em alta ou média relevância não significa nenhuma avaliação do trabalho como um todo ou julgamento de valor de cada trabalho, e sim indica que apresenta informações e análises importantes para o tema do conhecimento tradicional da biodiversidade. Alguns trabalhos considerados clássicos e de grande importância em domínios como a antropologia podem ter sido classificados como de baixa relevância para os objetivos deste projeto, sempre que o tema do conhecimento tradicional não tenha sido central nos referidos trabalhos que enfocavam outros assuntos (parentesco, organização política, simbologias, etc...)
- No conjunto dos trabalhos os ecossistemas mais enfocados são o da Amazônia (56,7%), o costeiro (20,9%) e o do cerrado (18,9%). As

porcentagens de publicações enfocando populações dos outros ecossistemas presentes no Brasil é muito pequena, indicando um importante campo de pesquisa ainda a ser melhor desenvolvido.

- É interessante se observar que mais da metade dos trabalhos selecionados tratam de populações da Amazônia. Isso se explica não somente pela grande presença dessas populações na região da Amazônia como também pela crescente produção científica regional, em centros de pesquisa de Manaus e Belém. Além disso, quase 80% dos trabalhos selecionados sobre populações indígenas tratam de grupos que vivem na região. Por outro lado, a quase totalidade dos trabalhos sobre o segundo ecossistema mais citado, o da região costeira, corresponde a publicações sobre populações não indígenas.
- Os temas ou assuntos mais freqüentes mencionados nos trabalhos são, em ordem decrescente, referentes à botânica de espécies coletadas, tecnologia/ergologia, botânica de espécies cultivadas, seguidos de ictiologia/haliêutica, zoologia e farmacologia
- Um outro dado importante a assinalar é que a maioria dos trabalhos selecionados utilizam o enfoque da etnociência ou baseiam-se ao menos em parte no etnoconhecimento da população estudada, sendo essa porcentagem significativamente maior nos trabalhos sobre populações indígenas. Isso reforça a constatação da importância do conhecimento e uso dos recursos naturais dos ecossistemas florestais por parte das populações tradicionais e explicita mais uma vez a característica de descrição etnográfica/etnociência mais minuciosa dos pesquisadores dessas áreas.
- O manejo dos ecossistemas por parte das populações tradicionais é sem dúvida um dos temas mais recentes e de grande importância para políticas públicas participativas. Também esse tema tem aparecido com maior intensidade nos últimos anos, com importância também maior no caso das populações tradicionais indígenas. Em mais da metade dos trabalhos sobre populações indígenas em que existe referência a manejo,

há descrições detalhadas. No caso das populações não indígenas essa porcentagem é mais baixa, mas mesmo assim, esse volume já é significativo e tende a crescer, se levarmos em conta a novidade do tema e o fato de que trabalhos com esse enfoque apresentam uma curva ascendente.

- Um dos temas mais polêmicos e difíceis deste trabalho é a denominação ou classificação das populações tradicionais não indígenas. Boa parte das denominações referentes a povos indígenas não corresponde a sua auto denominação, sendo em geral nomes a eles atribuídos por outros povos indígenas ou pelas populações regionais. Não obstante, no caso das populações indígenas há uma classificação por povos ou etnias, sendo os diferentes grupos chamados e reconhecidos por nomes específicos (Kaiapó, Kaingang, etc...). O problema maior está na definição dos tipos de população tradicional não-indígena, uma vez que existem vários problemas. A questão conceitual já foi debatida na primeira parte deste trabalho. Um outro problema é que, apesar do uso corrente de termos como jangadeiros, caiçaras, varjeiros constarem dos trabalhos sobre o tema, nem sempre essas populações se reconhecem como tais. Um terceiro problema é que algumas dessas populações que eram presentes em maior número até meados deste século, vem decrescendo rapidamente em função de processos como invasão de suas terras, migração para as cidades, urbanização, etc... O mapa dessas populações tradicionais não-indígenas, confeccionado para este trabalho indicando as regiões em que determinadas populações se concentram é meramente indicativo, necessitando um refinamento maior, apontando concentrações em algumas áreas no interior das regiões assinaladas.
- No caso das populações tradicionais não-indígenas, o maior número de publicações refere-se a ribeirinhos amazônicos, seguido dos caiçaras e jangadeiros , o que revela o interesse dos pesquisadores sobre esses grupos e talvez sua maior visibilidade social conseguida nos últimos anos.

- Entre as populações indígenas, os 12 grupos mais citados, em ordem decrescente são os Kaiapó, Yanomami, Kaapor, Xavante, Bororo, Dessano Araweté, Tukano, Waiãpi, Wayana, Assurini do Xingu e Karajá que, somados, constituem 57 % do total das publicações sobre povos indígenas. A baixa porcentagem assinalada para cada um dos grupos mais estudados (com exceção dos Kaiapó) refletem a distribuição dos trabalhos por um grande número de povos: de um total de 206 povos, existem trabalhos sobre 106. Além disso, um conjunto significativo de trabalhos tem o foco em temas ou assuntos povos e não a grupos indígenas específicos referindo-se a grande número de povos mas de forma fragmentária: são os trabalhos classificados como “Índios – gerais” que abarcam 19% do total das publicações sobre populações indígenas, acentuando esse efeito de pulverização, evidente na distribuição porcentual das obras pelos povos estudados. No caso das populações não indígenas, sua classificação em 14 tipos permite um percentual maior de trabalhos concentrado em cada tipo. Além disso, os estudos sobre temas não relativos a grupos específicos ou relativos a grupos não identificados nas categorias de classificação escolhidas são menos numerosos: as publicações deste tipo, classificado como “outros”, constituem apenas 1,2 % do total das obras sobre as populações não indígenas.
- Apesar do grande número de publicações examinadas, devemos enfatizar o caráter ainda incipiente e parcial dos estudos sobre o conhecimento indígena da biodiversidade, demonstrado pela ausência de publicações deste tipo em relação a quase metade dos povos indígenas do Brasil: há 100 povos sobre os quais não encontramos publicações com este tipo de informação ou enfoque.
- É interessante também notar que, das publicações referentes aos 47 povos mais estudados, aqueles que são abordados em pelo menos 1% do total dos trabalhos sobre povos indígenas, 206 referem-se aos grupos

filiados ao tronco lingüístico Macro-Jê e Tupi, representando 66,2% do total dos trabalhos relativos a grupos indígenas específicos : Cerca de 38% referem-se a grupos Macro-Jê e 28% referem-se a grupos Tupi. As outras filiações lingüístico-culturais mais representadas são os grupos da família Aruak com 8,9% das publicações e os da família Karib, com 6,2% das publicações. Essa tendência parece acompanhar o privilegiamento da etnologia brasileira com respeito aos estudos comparativos sobre os povos dessas filiações lingüísticas, ainda que haja povos de famílias lingüísticas isoladas, como os Yanomami com 18 publicações, representando 5,8% do total.

- Uma outra observação importante: a existência de trabalhos sobre determinados grupos que não tratam de temas como etnoconhecimento e manejo não quer dizer necessariamente que essas práticas sociais e simbólicas não existam nos grupos estudados: elas podem não ter sido enfocadas por estes trabalhos e, por outro lado, pode haver publicações sobre estes mesmos grupos focando estes temas mas que, apesar disso, não foram encontradas durante as pesquisas. É de se supor que a divulgação dos resultados da pesquisa incentivem estudiosos sobre essas populações e temas a manifestarem o desejo de ter suas publicações incorporadas à base de dados.
- Finalmente é necessário se enfatizar que neste período relativamente curto do projeto (seis meses) alguns trabalhos relevantes possam não ter sido identificados e encontrados. Isso pode ser considerado normal, dada a vasta distribuição geográfica dos centros de pesquisa no Brasil. Como pretende-se que o trabalho não termine nessa primeira garimpagem, uma representatividade maior pode ser conseguida quando pesquisadores, cuja publicação não tenha sido mencionada procure incorporá-la ao base de dados.

3. Considerações sobre subsídios às políticas públicas

- A análise das publicações, particularmente no domínio da antropologia e da etnociência revela a existência de um número crescente de publicações sobre as

populações tradicionais e sua importância para a compreensão da biodiversidade.

- A produção científica nessa área é, no entanto, incipiente, concentrando-se em alguns poucos centros de pesquisa, como o Museu Goeldi, a Unesp, Unicamp, Usp, Universidade Federal do Pará, do Mato Grosso....e em alguns centros emergentes, como a Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia. Observa-se, por outro lado, que nos congressos regularmente realizados pela Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnociência, existe um número crescente de pesquisadores, com formação tanto em ciências naturais como em antropologia que tem como foco o conhecimento tradicional da biodiversidade.
- Essa contribuição, realizada particularmente nas duas últimas décadas ainda não foi devidamente incorporada na elaboração das políticas públicas referentes à biodiversidade. Em se tratando de um enfoque frequentemente interdisciplinar, esses trabalhos encontram dificuldades até em serem devidamente classificados pelos órgãos que tratam do fomento à pesquisa científica, como a CAPES e o CNPq.
- Dada a contribuição relevante que esses trabalhos pode dar à formulação de políticas públicas relativas à biodiversidade é importante o estímulo aos pesquisadores da área, que frequentemente tem dificuldades de serem considerados nos programas atualmente existentes, como o Programa Integrado de Ecologia, que fornece bolsas de estudo aos pesquisadores (Relatório Nacional para a Convenção sobre a Diversidade Biológica, MMA-1998)
- A contribuição dos trabalhos sobre o conhecimento tradicional pode ir, no entanto, além da questão da biodiversidade, oferecendo a possibilidade do estabelecimento de outros critérios, além daqueles das ciências naturais para a definição de políticas de conservação, como as referentes aos estabelecimento de áreas de conservação.

Bibliografia

- ACIESP, 1987 - *Glossário de Ecologia*, São Paulo
- ADAMS, J. e MCSHANE, T. 1992. *The myth of wild Africa: conservation without illusion*, W.W. Norton & Company, N.York.
- ALMEIDA, P.,1946 "Da decadência do Litoral" In: *Paulista Revista do Arq.Municipal*, Ano XII, março-abril
- AMEND, S. 1992. *Espacios sin habitantes? Parques Nacionales en America del Sur*. Barcelona, UICN, Ed. Nueva Editorial.
- AMOROSO, M e GÉLY,A 1988 "Uso de plantas por caboclos do Baixo Amazonas, Barcaarena" In: *Bolet.Museu Paraense Emilio Goeldi, Ser.Bot. 4 (1) 47-131*
- ANDERSON, A. - 1989. "Land use strategies for successful extractive economies". In: Paper: *Simpósio: Extrative economies in tropical countries. A course for action*. Washington, Natural Wildlife Federation.
- ANDERSON, Anthony,MAY, Peter e BALICK, Michael 1991 *The subsidy from Nature: Palm forests, peasantry and development on an Amazon Frontier*, Columbia University Press,, NY
- ARAÚJO, Alceu Maynard, sd. Ritos, Sabença, Linguagem, artes e técnicas. In: *Folclore Nacional, vol III* Edições Melhoramentos. SP
- ARAÚJO, Alceu Maynard, 1973 *Cultura Popular Brasileira*, Edic. Melhoramentos-MEC, São Paulo
- AYRES, D.& AYRES, J. M. - 1993. "A implantação de uma unidade de conservação em área de Várzea: a experiência de Mamirauá". In: Atas do Congresso: *International interdisciplinary approaches to biodiversity conservation and land use dynamics in the New World*. Belo Horizonte.
- BALDUS, Herbert – *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*. Vol. I, SP, 1954 e Vol. II, Hanover, 1968.
- BALÉE, William 1993 *Footprints of the Forest: Ka'apor ethnobotany- the historical ecology of plant utilization by na Amazonian People*. Columbia Univ.Press, New York
- BALICK, Michael e COX, Paul, 1996 *Plants, people and culture: the science of ethnobotany*, Scientific American Library, New York
- BECK, A. - 1979. *Lavradores e pescadores: um estudo sobre o trabalho familiar e trabalho acessório*. Dissertação de Mestrado, UFSC.
- BEGOSSI, A. 1993. "Ecologia Humana: um enfoque das relações homem-ambiente". In: *Interciência*, 18 (3), Mai/Jun.

- BERLIN, b 1972 "Speculations on the growth of ethnobotanical nomenclature", In: *Journal of Language and Society* 1: 63-98
- BERNARDES, S. - 1950. "A pesca no litoral do Rio de Janeiro". In: *Revista Brasileira de Geografia*, nº 1/ ano XII.
- CÂMARA CASCUDO - 1957. *Os Jangadeiros*. Rio de Janeiro, MEC.
- CÂNDIDO, A. - 1964. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida*. Rio Janeiro, Livraria José Olympio. (Coleção Documentos Brasileiros;
- CARUSO, Raimundo, 1989: *Franklin Cascaes*, 2^a ed. Editora da UFSC
- CASCAES, F. - 1989. *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*, Florianópolis, Editora da UFSC.
- CASCUDO, Luis da Câmara 1972. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo, Ed. Ouro.
- CAVALCANTE,P *Frutas Comestíveis da Amazônia*, Col1 Pulb.Avulsas, Museu Goeldi, Belém.
- COE-TEIXEIRA, B 1976 "Bibliografia comentada de Etnobotânica",In: *Separata da Revista do Museu Paulista*.
- COLCHESTER, M. 1997. *Salvaging Nature: Indigenous peoples and Protected Areas* In: Ghimire, K. e Pimbert, M.(org) *Social change and conservation,: environmental politics and impacts of national parks and protected areas*, Unrisd/Earthcan, Londres.
- CORDELL, J. - 1982. *Locally managed sea territories in Brazilian coastal fishing*. Roma, FAO.
- CUNHA, L. - 1989. *As comunidades litorâneas e unidades de proteção ambiental: convivência e conflitos, o caso de Guaraqueçaba (Paraná)*. São Paulo, NUPAUB-USP.
- CUNHA, L. - 1992. *Reserva extrativista para regiões de mangue: uma proposta preliminar para o estuário de Mamanguape (Paraíba)*. São Paulo, NUPAUB-USP.
- CUNHA, L. - 1993. *Conflitos de populações humanas em unidades de conservação em Mata Atlântica*. São Paulo, NUPAUB-USP. (versão preliminar)
- DASSMAN, E - 1988. "Toward a biosphere consciousness". In: WORSTER, D (ed.). *The ends of the earth. Perspectives on modern environmental history*. Cambridge, Cambridge University Press.
- DESCOLLA, Philippe, 1997 *Ecologia e Cosmologia*, In Edna Castro e Florence Pinton, *Faces do Trópico Úmido*, Edit. Cejup, Belem

- DIEGUES JÚNIOR, M. - 1960. *Regiões culturais no Brasil*. Rio de Janeiro, MEC, INEP, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. (Publ. CBPE, série 6, Sociedade e Educação; 2).
- DIEGUES JÚNIOR, M. - 1963. *Etnias e culturas do Brasil*. Rio de Janeiro, Letras e Artes.
- DIEGUES, A C. - 1983. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo, Ática.
- DIEGUES, A C. (coord.) - 1989. *Inventário das áreas úmidas brasileiras*. São Paulo, NUPAUB-USP.
- DIEGUES, A C. - 1988. *Biological diversity and coastal traditional cultures: the caíçarás communities*, São Paulo, UICN/NUPAUB-USP.
- DIEGUES, A .C - 1992c. "Sustainable development and people's participation in wetland ecosystem conservation in Brazil": In: Two comparative studies. In: GHAI, D. & VIVIAN, J. (eds.). *Grassroots environmental action*. N.York and London, Routledge,
- DIEGUES, A C. - 1993a. *A dinâmica social do desmatamento na Amazônia: populações e modos de vida em Rondônia e Sudeste do Pará*. São Paulo, NUPAUB-USP
- DIEGUES, A E VIANA, L e ADAMS,L. 1995. *Conflitos entre Populações Humanas e Áreas Naturais Protegidas na Mata Atlântica*, São Paulo, Nupaub-USP
- DIEGUES, A. C. - 1993a. "Traditional sea tenure and coastal fisheries resources management in Brazil". In: *Tradition and social change in the coastal communities of Brazil: a reader of maritime anthropology*. São Paulo, NUPAUB-USP.
- DIEGUES, A. C. 1996. *O mito moderno da natureza intocada*. Hucitec
- DIEGUES, A. C. 1993. *O mito moderno da natureza intocada*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, Nupaub-USP.
- DIEGUES, A.C - 1993. *The social dynamics of deforestation in the Brazilian Amazon: an overview*. Geneva, UNRISD.
- DUARTE, F. - 1978. *As Redes do Suor: a Reprodução Social dos Pescadores da Produção do Pescado em Jurujuba*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro.
- ELISABETSKY, E 1986 "New directions in ethnopharmacology", In: *Journal of Ethnobotany*, 6 (1) 121-128
- ELISABETSKY,E e POSEY,D. 1984 "Etnofarmacologia dos Índios Kayapó do Gorotire", In: *Rev.Bras. Zoologia*
- ELISABETSKY,E, NUNES,D. e VAN DEN BERG, M. 1984 *Flora medicinal e estudo etnofarmacológico da aldeia Olho D'Água (MA) Guajajara*, Ciencia e Cultura

- ELLEN, R. - 1989. *Environment, subsistence and system: the ecology of small-scale social formations*. New York, Cambridge University Press.
- FIRTH, R. - 1946. *Malay fishermen: their peasant economy*. London, Routledge.
- FONSECA, G e AGUIAR, L., 1995. *Enfoques interdisciplinares para a Conservação da Biodiversidade: a experiência do programa de pós-graduação em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre da UFMG*, In: Abordagens Interdisciplinares para a Conservação da Biodiversidade e Dinâmica do Uso da Terra no Novo Mundo, Atlas de Congresso, Conservation International-UFMG, Univ.da Flórida, Belo Horizonte.
- FORMAN, S. - 1970. *The raft fishermen: tradition and change in the Brazilian peasant economy*. Bloomington, Indiana Univ. Press.
- FOSTER, G. - 1963. "What is folk culture". In: *American Anthropologist*, New York, v.55.
- FRANÇA, A. 1954 *A ilha de São Sebastião, Estudo de geografia humana*. USP, Bol. 178
- FURTADO, L. - 1987. *Curralistas e Redeiros de Marudá: Pescaores do litoral do Pará*. Belém, Museu Emilio Goeldi.
- FURTADO, L. - 1988. "Os caboclos pescadores do baixo rio Amazonas e o processo de mudança social e econômica". In: *Ciências Sociais e o Mar no Brasil. III Encontro Populações, Rios e Mares da Amazônia*. São Paulo, NUPAUB-USP.
- GADGIL, M e GUHA, R. 1992. *The fissured land: an ecological history of India*, Oxford University press, New Dehli.
- GALVÃO, E. 1950 "O uso do propulsor entre as tribos indígenas do Alto Xingu", *Rev.Mus.Paulista*, 4: 353-368
- GALVÃO, Eduardo - 1960 - "Áreas Culturais Indígenas do Brasil: 1900-1959", *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, N.S. Antropologia*, no. 8. Belém, Para.
- GALVÃO, H. - 1968. *Novas cartas da praia*. Natal, Ed. do Val.
- GHIMIRE, K e PIMBERT, M.(org) 1997. *Social change and conservation: environmental politics and impacts of national parks and protected areas*. Unrisd/Earthcan, Londres.
- GHIMIRE, K., 1994. *Parks and People: livelihood issues in national parks management in Thailand and Madagascar*. In: *Development and Change*, vol 25, jan.
- GODELIER, M. - 1984. *L'idéal et le matériel*. Paris, Fayard.
- GOMEZ -POMPA & KAUS, A - 1971. "Possible papel de la vegetación secundaria en la evolución de la flora tropical". In: *Biotropica* 3(2): 125-135.

- GOMEZ -POMPA & KAUS, A - 1992. "Taming the wilderness myth". In: *Bioscience*, 42(4).
- GOMEZ-POMPA, A.; VASQUEZ-YANES & GUEVARA C. - 1972. "The tropical rainforest: a nonrenewable resource". In: *Science*, 177; 762-5.
- GOODENOUGH, W. - 1957. "Cultural anthropology and linguistics". In: *Report of the Seventh Annual Round Table Meeting on Linguistics and Language Study*. Washington, P. Garvin.
- GOTTLIEB, O 1982 "Ethnopharmacology versus chemosystematics in the search for biologically active principles in plants", *J. Ethnopharm*, 6: 227-238
- GUHA, R. 1989. *Radical american environmentalism and wilderness preservation: a Third World Critique*. In: *Environmental Ethics*, vol 11, n.1.
- GUHA, R. 1997. *The authoritarian biologist and the arrogance of anti-humanism: wildlife conservation in the Third World*. In: *The Ecologist*, vol.27, jan/fev.
- HARTMANN, Tekla - *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira. Vol. III*, Berlim, 1984.
- HARTMANN, W. - 1990. "Por uma co-administração de recursos pesqueiros em águas interiores da Amazônia. O caso das comunidades ribeirinhas e pesqueiras do Lago Grande de Monte Alegre". In: *Ciências Sociais e o Mar no Brasil. III Encontro Populações Humanas, Rios e Mares da Amazônia*. NUPAUB-USP.
- HIRAOKA, Mario, 1992 Caboclo and Ribereño Resource Management in Amazonia: a review, In: Redford e Padoch, Christine, *Conservation of neotropical forests: working from traditional resource use*, Columbia University Press, NY
- KERR, W e POSEY, D. Informações adicionais sobre a agricultura dos Kaiapó, In: *Interciência* (9):392-400
- KERR, W. 1978 Papel das abelhas sociais na Amazônia. In: *Anais do Simposio Internacional da Apimondia sobre Apicultura de Clima Quente*, Bucareste, Ed, Apimondia, 119-129
- KERR, W 1979 *Seleção massal estratificada e reprodução vegetativa praticadas pelos índios da Amazônia*. Contribuição ao Simpósio Genética e ecologia, p.23-29 Edit. Araujo, Jaboticabal
- KOTHARI, A, SING, N e SURI, S. 1996. *People and protected areas: towards participatory conservation in India*. New Dehli, Sage Publ.
- KOTTAK, C. - 1966. *The Structure of Equality in Brazilian Fishing Community*. Columbia, Univ. Press.
- KOTTAK, C. - 1983. *An Assault on Paradise*. Michigan, Ann Arbor Univ. of Michigan Press.

- LARRÈRE, C e LARRÈRE R. 1997. *Du bon usagem de la nature. Pour une philosophie de l'environnement*. Paris, Alto Aubier.
- LEOPOLD, A. 1949. *A sandy county*. New York.
- LEVI-STRAUSS, Claude, 1989 *O pensamento selvagem*, Papyrus Edit. Campinas
- LIMA, Roberto, 1996 *Estudos etnobotânicos em Comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba*, Paraná, Tese de mestrado apresentada ao Curso de Engenharia Florestal, UFPA
- LOUREIRO, v. - 1985. *Os parceiros do mar. Natureza e conflito social na pesca da Amazônia*. Belém, CNDCT, CNPq, Museu Emílio Goeldi.
- MALDONADO, S. - 1993. *Mestres e mares: espaço e indivisão na pesca marítima*. São Paulo, Annablume. (Selo universidade; 7)
- MARGALEFF - 1968. *Perspectives in ecological theory*. Chicago, University of Chicago Press.
- MARQUES, J. - 1991. *Aspectos ecológicos da etnoictiologia dos pescadores do complexo estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba. Alagoas*. Tese de doutorado. Unicamp. Campinas.
- MARQUES, J. - 1992. *O RIMA (Relatório de Impacto Ambiental) dos poderosos e o Contra-Rima dos deserdados*. São Paulo, NUPAUB-USP.
- MARQUES, José Geraldo. 1995 *Pescando Pescadores*, Nupaub-Usp,
- MAUÉS, R. H. - 1990. *A ilha Encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*. Belém, Editora da Universidade.
- MAYBURY-LEWIS, Biorn, 1997 "Terra e água, identidade camponesa como referência de organização política entre os ribeirinhos do rio Solimões", In: Furtado, Lourdes. *Amazônia, desenvolvimento, sociodiversidade e qualidade de vida*, Nucleo de Meio-Ambiente, UFPA
- MC GRATH, D. *et alii* - 1993. "Fisheries and evolution of resource management on the lower Amazon Floodplain". In: *Human Ecology*, 21(2).
- MELLO, A. F. - 1985. *A Pesca sob o Capital: a Tecnologia à Serviço da Dominação*. Belém, UFPA.
- MMA – 1998 Primeiro Relatório Nacional para a Convenção sobre Diversidade Biológica, Brasil, Brasília.
- MOURÃO, F. - 1971. *Os pescadores do litoral sul do Estado de São Paulo*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH-USP.
- MURPHREE, M. 1994. *The evolution of Zimbabwe's community based wildlife use*. In: Management Program. mimeo Tanzanian Community Conservation Workshop, Dar-es-Salaam.

- MUSSOLINI, G. - 1980. *Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara*. RJ, Paz e Terra. (Coleção Estudos Brasileiros, v.38).
- MUSSOLINI, G. - 1946. "O cêrco da tainha em São Sebastião". In: *Revista de Sociologia*, São Paulo, 8(3).
- MUSSOLINI, G. QUEIROZ, M. I. P. - 1973. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUSP, 1973. (Estudos Brasileiros; v.3).
- NASH, R. 1989. *The rights of nature: a history of environmental ethics*. Wisconsin, Univ. of Wisconsin press.
- NEVES, Zanoni, 1991 *Os remeiros do Rio São Francisco: trabalho e posição social*. Tese de Mestrado apresentada à Unicamp., Campinas.
- PIERSON, Donald, 1972. *O homem no Vale do São Francisco*, tomo 2. RJ,
- PIMBERT, M e PRETTY, J. 1997. *Parks, People and Professionals: Putting participation into Protected Area Management*. In: Social Change And Conservation,: Environmental Politics And Impacts Of National Parks And Protected Areas, Unrisd/Earthcan, Londres.
- POSEY, D 1987.. *Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados Kayapó*. In: Ribeiro, B. (org) Suma Etnológica Brasileira, vol.1. Vozes, Petrópolis.
- POSEY, D. - 1984. "Ethnoecology as applied anthropology in Amazonian Development". In: *Human Organization* 43(21): 95-107.
- POSEY, D. 1980 *Patterns of superordinate groupings in the entomological classification system of the Kayapó Indians of Brazil*. Ver. Brasileira de Zoologia.
- POSEY, D.1980 Algumas observaciones etnoentomológicas sobre grupos ameríndios en la América Latina, In: *América Indígena*, 15 (1): 105-120
- POSEY, D. 1978 "Ethnoentomological survey of Amerind groups of lowland South America, Florida" In: *Entomologist*, 61;225-229
- PRANCE, G.T 1972 "Ethnobotanical notes from Amazonian Brazil", In: *Econ. Bot.* 26:221-237
- PRANCE, G.T.1970 "Notes on the use of plant hallucinogens in Amazonian Brazil" In: *Econ.Bot.* 24:62-68
- QUEIROZ, M, I 1967 Bairros Rurais Paulistas, In: *Revista do Museu Paulista*, vol XVII,
- RAPPAPORT, R. - 1968. *Pigs for the ancestors*. New Haven, Conn: Yale Univ.Press.
- RIBEIRO, B.(org), 1987. Suma etnológica brasileira, Vozes, Petrópolis.
- RIBEIRO, Darcy – 1977 – *Os Índios e a Civilização*. Ed. Civilização Brasileira, Petrópolis.

- RIBEIRO, Darcy 1995 *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. Cia das Letras, SP
- SANCHES, R. - 1992. "Estudos etnozoológicos nas comunidades tradicionais da Estação Ecológica de Juréia-Itatins". São Paulo, Instituto Florestal de SP. Trabalho apresentado no *III Congresso Int.de Etnobiologia*, México.
- SANCHES, Rosely: 1997 *Caiçaras e a Estação Ecológica de Juréia-Itatins: uma abordagem etnográfica e ecológica para o estudo da relação homem-meio-ambiente*. Tese de Mestrado. Depto de Ecologia da Biociências-USP
- SARKAR, S. 1998. *Restoring wilderness or reclaiming forests*. In: Terra Nova-Nature & Culture, vol.3. n.3.
- SCHULTES, r. 1969 *Hallucinogens of plant origin*, Science, 163: 245-254
- SCHWARTZMAN, S 1999. *Forests under siegue: lessons from the past, proposals for the future*. In: Benjamin, A. A proteção jurídica das florestas tropicais, vol. 1. Anais do 3º Congresso Internacional de Direito Ambiental, São Paulo.
- SEEGERS, A. e VIVEIROS CASTRO, E. – “Pontos de Vista sobre os Índios Brasileiros: um ensaio bibliográfico”. IN *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, IUPERJ, no. 2, 1977.
- SILVA, C & SILVA J. 1992 *Estratégias de sobrevivência de comunidades tradicionais no Pantanal Matogrossense*. São Paulo, NUPAUB-USP.
- SILVA, Carolina e SILVA, Joana, 1995 *No ritmo das águas do Pantanal*, Nupaub-USP, São Paulo
- SILVA, G.- 1988. “Tudo o que tem na Terra tem no Mar. A Classificação dos Seres Vivos entre os Trabalhadores da Pesca em Piratininga”. In: DIEGUES, A. C. & SALLES, R. *II Encontro de Ciências Sociais e o Mar*. São Paulo, NUPAUB-USP.
- SILVA, T - 1990. *As várzeas ameaçadas - um estudo preliminar das relações entre comunidades humanas e os recursos natuais da várzea de Marituba no rio São Francisco (Alagoas)*. São Paulo, NUPAUB-USP.
- SOUZA, Luzia Francisca. 1998 *Estudo Etnobotânico na Comunidade de Baús: uso de plantas medicinais Munic. De Acorizal, Mato Grosso* Tese de Mestrado, Univ.Fed. Mato Grosso
- STEWART, Julian H. (Editor) – 1946/1949 “The Marginal Tribes”, “The Tropical Forest Tribes”, “The Comparative Ethnology of South American Indians”, - In: *Handbook of South American Indians. Vol. 1, Vol.3, Vol.5*, Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology, Bulletin 143.
- SUKUMAR, R 1994. *Wildlife- Human conflict in India: an ecological and social perssperspective*. In: Guha, R.(ed) *Social Ecology*, Oxford University Press, New Dehli.

VAN DEN BERG, M 1980 “Contribuição à flora medicinal do Estado do Mato Grosso”. In: VI *Simpósio de Plantas Mediciniais, Supl. Ciência e Cultura*, 33: 163-170

LISTAGEM DE PUBLICAÇÕES ACERVO NUPAUB
PROJETO POPULAÇÕES E BIODIVERSIDADE
POPULAÇÕES INDÍGENAS

Apiaká (MT)

WENZEL, Eugênio Gervásio - **Aspectos da Organização Económica de Nova Esperança: uma aldeia de remanescentes da extinta tribo Apiaká.** Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979: 55.

Apinajé

BALICK, Michael J.- **The Use of Palms by the Apinayé and Guajajara Indians of Northeastern Brazil.** *In:* The Palm - Tree of Life: Biology, Utilization and Conservation. BALICK, Michael J. (editor), New York, EUA, Advances in Economy Botany, volume 6./NYBG, 1988: 65-90.

LADEIRA, Maria Elisa- **Uma Aldeia Timbirá.** *In:* Habitações Indígenas. NOVAES, Sylvia, São Paulo, Brasil, Editora Nobel, 1983: 11-31.

NIMUENDAJÚ, Curt - **Os Apinayé.** Belém, Brasil, Museu Paraense Emílio Goeldi, Edição comemorativa ao centenário de nascimento de Curt Nimuendajú, 1983: 146.

VELTHEM, Lucia Hussak van - **A pele de Tulupere: estudos dos trançados Wayana-Aparai.** Universidade de São Paulo, FFLCH/Antropologia Social, 1984: 307.

Apurinã

Comissão Pró-Índio do Acre - **Chegou o tempo de plantar as frutas.** Acre, Brasil, CPI/Acre, Setor de Agricultura e Meio Ambiente, 1998: 108.

NOGUEIRA, Ana Luiza E. L.- **Apurina.** *In:* Acre: História e Etnologia. GONÇALVES, Marco Antonio, Rio de Janeiro, Brasil, Núcleo de Etnologia Indígena, LPS /IFCS/UFRJ, Fundação Univesitário José Bonifácio, 1991: 113-143.

Arapaço

SILVA, P. Alcionilio Brüzzi Alves da - **A civilização indígena do Uaupés.** São Paulo, Brasil, Missão Salesiana de FCL de Lorena, Universidades Católicas de SP e Campinas, IHGSP e MRDom Bosco.

Arara

PINTO, Marnio Teixeira - **Os Arara: tempo, espaço e relações sociais em um povo Karibe**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Antropologia Social/ Museu Nacional, 1989.

TEIXEIRA-PINTO, Márnio. - **IEIPARI: Sacrifício e vida social entre os índios Arara (Caribe)**. São Paulo, Brasil, Editora Hucitec, ANPOCS, Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997.

Araweté

ARNAUD, Expedito - **Mudanças entre Grupos Indígenas Tupí da Região do Tocantins - Xingu Bacia Amazônica**. *In*: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, 84, MCT/CNPq, 1983: 1-50.

BALÉE, William - **Indigenous adaptation to Amazonian palm forest**. *In*: Principes, 32(2), Journal of the International Palm Society, 1988: 47-54.

BALÉE, William - **Relatório final: pesquisa etnobotânica entre quatro grupos Tupi - Guarani, 1984 - 1986**. FUNAI/CNPq, 1986.

BALÉE, William; CAMPBELL, David G. - **Evidence for the successional status of Liana Forest (Xingu River Basin, Amazonian Brazil)**, *In*: Biotropica, 22(1), The Association for Tropical Biology Inc., 1990: 36-47.

BALÉE, William; MOORE, Denny - **Similarity and variation in plant names in five Tupi Guarani languages (Eastern Amazonia)**, *In*: Bulletin of the Florida Museum of Natural History, Biological Sciences, 35(4), University of Florida, 1991: 209-262.

CASTRO, Eduardo Viveiros - **Araweté: O Povo do Ipixuna**. São Paulo, Brasil, Cedi, 1992: 191.

CASTRO, Eduardo Viveiros - **Araweté: Os deuses Canibais**. Rio de Janeiro, Brasil, Jorge Zahar Editores/ANPOCS, 1976.

CASTRO, Eduardo Viveiros; TEIXEIRA, Cláudia Silva - **Fitofisionomia da Área Indígena Araweté-igarapé Ipixuna, Médio Xingu, Pará (Estudo preliminar, acrescido de comentários antropológicos)**. CEDI, São Paulo, 1992: 125.

RIBEIRO, Berta G. - **Araweté: a índia vestida**. *In*: Revista de Antropologia, 26 - Separata, FFLCH/USP, 1983: 38.

RIBEIRO, Berta G. - **Asuriní e Araweté - Documentários Etnográficos em Vídeo-Cassete**. Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 1982.

RIBEIRO, Berta G. - **Tecelãs Tupi do Xingu**. *In*: Revista de Antropologia, 27 e 28, FFLCH/USP, 1984-85: 355-402.

Asurini Tocantins

ANDRADE, Lúcia M. - **O corpo e o Cosmos. Relação de Gênero e o Sobrenatural entre os Asuriní do Tocantins.** Universidade de São Paulo, Antropologia, 1992: 310.

ANDRADE, Lúcia M.- **A marca dos tempos: identidade, estrutura e mudança entre os Assuriní do Tocantins.** *In:* Grafismo Indígena. VIDAL, Lux, São Paulo, Brasil, Studio Nobel/EDUSP, 1992: 117-132.

MÜLLER, Regina A.Polo- **Abstracionismo geométrico na pintura corporal Assurini.** *In:* Arte e Corpo: pintura sobre a pele e adornosvos indígenas brasileiros. Ministério da Cultura/FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas (org.), Brasil, Ministério da Cultura/FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1985: 21-25.

Asurini do Xingu

LUKESCH, Anton - **Bearded Indians of the Tropical Forest: The Assurini of the Ipiaçaba. Notes and observations on the first contact and living together.** Graz., Austria, Akademische Druck – u. Verlagsanstalt, s/d: 133.

MÜLLER, Regina A.Polo - **Asurini do Xingu: Arte Gráfica.** *In:* Revista de Antropologia, 27 e 28, FFLCH/USP, 1984-85: 415-438.

MÜLLER, Regina A.Polo- **Tayngava, a noção de representação na arte gráfica Assurini do Xingu.** *In:* Grafismo Indígena: Estudos da Antropologia Estética. Lux Vidal, Brasil, Estudio Nobel/EDUSP, s/d: 231-247.

RIBEIRO, Berta G. - **A Oleira e a Tecelã: O Papel da Mulher na Sociedade Asurini.** *In:* Revista de Antropologia, 25, FFLCH/USP, 1982: 25-61.

Aweti

GALVÃO, Eduardo; LIMA, Pedro E. de; CARVALHO, José C. M. - **Observações zoológicas e antropológicas na região dos formadores do Xingu.** Rio de Janeiro, Brasil, Imprensa Nacional/Museu Nacional ,5; Ministério Educação e Saúde, 1949: 46.

Bakairi

BARROS, Edir Pina de - **História e cosmologia na organização social de um povo Karíb: os Bakairí.** Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Departamento de Antropologia, 1992.

RIBEIRO, Berta G. - **Possibilidades de Aplicação do Critério de Forma no Estudo de Contatos Intertribais, pelo Exame da Técnica de Remate e Pintura de Cestos.** *In:* Revista de Antropologia, 23, FFLCH/USP, 1980: 31-67.

Baniwá

DOYLE, Michael - **Aspects of Baniwa Medicinal Flora and Ethno-Ecology.** Fundação Universidade Amazonas/Centro Ciências Biológicas, Manaus, s/d.

Bororo

BARBOSA DE FARIA, J. - **Tintas usadas pelos índios Borôros.** *In:* Separata do Boletim do Museu Nacional, N.6., Museu Nacional, 1925: 401-403.

CROCKER, Jon C. - **Vital Souls. Bororo cosmology, natural symbolism, and shamanism.** Arizona, EUA, The University of Arizona Press, 1985.

DORTA, Sonia Ferraro - **Parikó: Etnografia de uma Artefato Plumário.** São Paulo, Brasil, Fundo de Pesquisas do Museu Paulista/USP - Coleção Museu Paulista, Etnologia. Vol. 4., 1981: 269.

DORTA, Sonia Ferraro- **Plumária Borôro.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Arte Índia, V.3, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 227-236.

GROSS, Daniel R.; et alli - **Ecology and acculturation among native peoples of Central Brazil.** *In:* Science, 206(4422), American Association for the Advancement of Science, 1979: 1043-1049.

HARTAMANN, Thekla - **A Nomenclatura Botânica dos Borôro: Materiais para um ensaio atno-botânico.** São Paulo, Brasil, IEB/USP, 1967: 81.

MUSSOLINI, Gioconda - **Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara. Cap.: Os Bororo - Localização e caracteres gerais da tribo.** Rio de Janeiro, Brasil, Paz e Terra, 1980.

NOVAES, Sylvia Caiuby - **Mulheres, Homens e Heróis - Dinâmica e permanência através do cotidiano da vida.** São Paulo, Brasil, FFLCH-USP, 1986: 242.

NOVAES, Sylvia Caiuby- **As Casas na Organização Social do espaço Bororo.** *In:* Habitações indígenas. NOVAES, Sylvia, São Paulo, Brasil, Editora Nobel, 1983: 57-76.

SERPA, Paulo M. Noronha - **Boé Épa: o cultivo de roça entre os Bororo do Mato Grosso.** USP, FFLCH/Antropologia, 1988: 392.

VIERTLER, Renate Brigitte - **As aldeias Bororo: Alguns aspectos de sua organização social.** *In:* Coleção do Museu Paulista, Etnologia, 2, Fundo de Pesquisas do Museu Paulista/USP, 1976: .

VIERTLER, Renate Brigitte - **Fragmentos de cosmologia Bororo: Xamãs, Oráculos e Cerimônias de Cura.** *In:* Revista do Museu Paulista, Nova Série, 32, USP, 1987: 207-221.

Cinta Larga

JUNQUEIRA, Carmen - **Os Cinta Larga**. *In: Revista de Antropologia*, 27 e 28, FFLCH/USP, 1984-85: 213-232.

Deni (AM)

PRANCE, Ghilleen T. - **An ethnobotanical comparison of four tribes of Amazonian indians**. *In: Acta Amazônica*, 2(2), s/d: 7-27.

PRANCE, Ghilleen T. - **Ethnobotanical notes from Amazonian Brazil**. *In: Economic Botany*, 26(3), The Society for Economic Botany, 1972: 221-237.

PRANCE, Ghilleen T. - **The poisons and narcotics of the Deni, Palmari, Jamamadi and Jarawara indians of the Purus River Region**. *In: Revista Brasileira de Botânica*, 1(1), Brazilian Journal of Botany/FAPESP, 1978: 71-82.

Dessano

BÉKSTA, Kazys Jurgis - **A Maloca Tukano-Dessana e seu Simbolismo**. *In: Fundação Universidade do Amazonas, Trabalho de aproveitamento do curso de Pós-Graduação em Antropologia Amazônica*, 1984: 130.

BUCHILLET, Dominique - **Interpretação da doença e simbolismo ecológico entre os índios Desana**. *In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi., Antropologia*, 4(1), MCT/CNPq, 1988: 27-42.

BUCHILLET, Dominique - **Maladie et memoire des origines chez les desana du uaupes (Brésil)**. Universidade de Paris, Ethnologie, 1983.

DIAKURU, (Américo Castro Fernandes); KISIBI (Dorvalina Moura Fernandes) - **A Mitologia Sagrada dos Antigos desanos do grupo wani Dirputrio Pôrã**. São Gabriel da Cachoeira, Brasil, UNIRT/FOIRN, 1996: 196.

KENHÍRI, Tolamã; RIBEIRO, Berta G. - **Chuvas e constelações: calendário econômico dos índios Desâna**. *In: Ciência Hoje - Amazônia.*, SBPC, s/d: 14-23.

KENHÍRI, Tolamã; RIBEIRO, Berta G.- **Rainy Seasons and Constellations: The Desâna Economic Callendar**. *In: Resource Management in Amazonia: Indigenous and Folks Strategies*. POSEY, D.A. and BALÉE, W. (editors), New York, EUA, The New York Botanical Garden, 1989: 97-114.

RIBEIRO, Berta G. - **Colonialismo ecológico: o exemplo do Alto Rio Negro**. Comissão Pró-Índio São Paulo, São Paulo, s/d: 19.

RIBEIRO, Berta G. - **Literatura oral indígena: o exemplo Desâna**. *In: Ciência Hoje - Amazônia*, SBPC, s/d: 34-41.

RIBEIRO, Berta G. - **Os índios da águas pretas. Modos de produção e equipamentos produtivos**. São Paulo, Brasil, EDUSP/Companhia das Letras., 1995: 270.

RIBEIRO, Berta G.- **A mitologia pictórica dos Desâna.** *In:* Grafismo Indígena: Estudos da Antropologia Estética. Lux Vidal, Brasil, Estudio Nobel/EDUS, s/d: 35-52.

RIBEIRO, Berta G.- **Cestos Armadilhas e outras técnicas de pesca dos índios Desâna.** *In:* Coletânea de trabalhos apresentados no VI Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil. DIEGUES, Antonio Carlos, São Paulo, Brasil, Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil, 1992: 93-106.

RIBEIRO, Berta G.- **Classificação dos Solos e Horticultura Desâna. Belém** *In:* Ethnobiology: Implications and Applications Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology. Volume 2. POSEY, Darrell A ; OVERALL, William L., Belém, Brasil, SCT/CNPq/MPEG, 1990: 27-49.

RIBEIRO, Berta G.; KENHÍRI, Tolamã- **Etnoictiologia Desâna.** *In:* Uma estratégia Latino Americana para a Amazônia. Crodovaldo Pavan, Brasil, Memorial da América Latina/UNESP, 1996: 201-231.

Enawenê-Nawê

COSTA JUNIOR, Plácido; SANTOS, Gilton Mendes dos - **Subsistência e alternativas econômicas na sociedade Enawene-Nawe (Relatório).** OPAN,GERA/ICHS/UFMT, Cuiabá, 1995: 87.

SANTOS, Gilton Mendes dos - **Agricultura e coleta Enawenw-nawe: relações sociais e representações simbólicas.** GERA-UFMT, Cuiabá, s/d: 62.

Universidade Federal do Mato Grosso; GERA - Centro de Estudos e Pesquisas da Amazônia Pantanal e Cerrado; OPAN - **Estudo das Potencialidades e do Manejo dos recursos naturais Indígena Enawene - Nawe.** OPAN/GERA/UFMT, Cuiabá, 1995: 162.

Fulni-ô (PE)DIAZ, Jorge Hernandez - **Os Fulniô: relações interétnicas e de classe em Água Belas.** UNB, Antropologia, 1983: 311.

FOTI, Miguel - **Resistência e segredo: relato de uma experiência de antropólogo com os Fulniô** UNB, Antropologia, s/d: 126.

Galibi

ASSIS, Eneida- **As questões ambientais na fronteira Oiapoque/Guiana Francesa e sua influência sobre os grupos tribais: os Galibi, Karipuna e Palikur.** *In:* Sociedades indígenas e transformações ambientais. MAGALHÃES, Antonio Carlos, Belém, Brasil, Universidade Federal do Pará. Núcleo de meio Ambiente. Série Universidade e Meio Ambiente, 6., 1993: 47-59.

Gavião

COIMBRA JR., Carlos Everaldo A .; SANTOS, Ricardo V.- **Contato, mudanças socioeconômicas e bioantropologia das Tupí-Mondé da Amazônia brasileira.** *In:* Saúde e povos indígenas. SANTOS, Ricardo V.; COIMBRA JR. Carlos E. ^a, Rio de Janeiro, Brasil, Fiocruz, 1994: 189-211.

Gavião (PA)

CIMI-MA - **Povos Indígenas no Maranhão. Exemplo de resistência.** São Luís, Brasil, CIMI-MA, 1988.

FUNAI - Fundação Nacional do Índio - **Urucu: a árvore de todos os índios.** *In:* Atualidade Indígena, n.20, FUNAI, 1981: 28-35.

Guajá

BALÉE, William - **Indigenous transformation of Amazonian Forest: an example from Maranhão, Brazil.** *In:* L'Homme, XXXIII, 1993: 126-128.

BALÉE, William - **Biodiversidade e os índios amazônicos.** *In:* Amazônia: etnologia e história indígena. CASTRO, Eduardo Viveiros e CUNHA, Manuela Carneiro da, São Paulo, Brasil, Núcleo da História Indígena e do indigenismo da USP/FAPESP, 1993: 385-393.

Guajajara

GALVÃO, Eduardo - **Diários Tenetehara (1941 - 1942).** *In:* Diários de Campo entre os Tenetehara, Kaioá e Índios do Xingu. GONÇALVES, Marco Antonio, Rio de Janeiro, Brasil, Editora UFRJ, Museu do Índio/FUNAI, 1996: 27-174.

Guarani

COSTA, Carlos Zibel - **O desenho cultural da arquitetura Guarani.** *In:* Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – FAUUSP., n.4, FAUUSP, 1993: 113-130.

CTI - **Seminário "Práticas de Subsistência e Condições de Sustentabilidade das Comunidades Guarani na Mata Atlântica".** CTI, São Paulo, 1997: 109.

DINIZ, Edson Soares - **Uma reserva indígena no Centro-Oeste Paulista – aspectos das relações interétnicas e intertribais.** *In:* Coleção do Museu Paulista, Etnologia, 3, Fundo de Pesquisas do Museu Paulista/USP, 1978: .

FUTEMMA, Célia Regina - **Os Índios Guarani da Reserva Indígena do Rio Silveira (Municípios de Santos - São Sebastião SP) - E os recursos naturais.** UNESP/Rio Claro, Instituto de Biociências, 1989: 74.

GALVÃO, Eduardo - **Diários Kaioá (1943).** *In:* Diários de Campo entre os Tenetehara, Kaioá e Índios do Xingu. GONÇALVES, Marco Antonio, Rio de Janeiro, Brasil, Editora UFRJ, Museu do Índio/FUNAI, 1996: 179-247.

LADEIRA, Maria Ines - **Os índios Guarani/Mbya e o complexo lagunar estuarino de Iguape-Paranagua.** CTI, São Paulo, 1994: 44.

MARQUESINI, Nacir Rodrigues - **Plantas usadas como medicinais pelos índios do Paraná e Santa Catarina, Sul do Brasil: Guarani, Kaingãng, Xokleng, Ava-Guarani, Kraô e Cayua.** Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas, 1995.

NOELLI, Francisco Silva - **Sem Tekohá não há Tekó: Em busca de um modelo etnoarqueológico da Aldeia e da subsistência Gurarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacuí – RS).** *In:* PUCRS, Porto Alegre, História Ibero-Americana, 1983: 377.

Jamamadi

NOGUEIRA, Ana Luiza E. L.- **Jamamadi.** *In:* Acre: História e Etnologia. GONÇALVES, Marco Antonio, Rio de Janeiro, Brasil, Núcleo de Etnologia Indígena, LPS/IFCS/UFRJ, Fundação Univesitário José Bonifácio, 1991: 183-189.

PRANCE, Ghilleen T.; PRANCE, Anne - **The botany of a brazilian indian tribe.** *In:* Garden Journal, 22(5), The New York Botanical Garden, 1972: .

Juruna

GALVÃO, Eduardo- **Diários do Xingu (1947-1967).** *In:* Diários de Campo entre os Tenetehara, Kaioá e Índios do Xingu. GONÇALVES, Marco Antonio, Rio de Janeiro, Brasil, Editora UFRJ, Museu do Índio/FUNAI, 1996: 251-370.

GALVÃO, Eduardo; OLIVEIRA, Adélia Engrácia de - **A cerâmica dos índios Juruna (Rio Xingu).** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, n. 41, SCT/CNPq/MPEG, 1969: 1-23.

RIBEIRO, Berta G.- **Arte gráfica Juruna.** *In:* Arte e Corpo: pintura sobre a pele e adornos se povos indígenas brasileiros. Ministério da Cultura/FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas, Brasil, Ministério da Cultura/FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1985: 75-82.

Kaapor

BALÉE, William - **Análise preliminar do inventário florestal e a etnobotânica Ka'apor,** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi., Botânica, 2(2), MCT/CNPq, 1986: 141-218.

BALÉE, William - **Footprints of the Forest - Kaapor Etnobotany: The historical ecology of plants utilization by an amazoniam people.** New York, Brasil, Columbie University Press, 1993: 396.

BALÉE, William; BOOM, Brian M.; PRANCE, Ghilleen T. - **Quantitative ethnobotany and the case for conservation in Amazonia.** *In:* Conservation Biology, 1(4), 1897: 296-310.

BALÉE, William; DALY- **Resin Classification by the Ka'apor Indians.** *In:* New Directions in the Study of Plants and People. PRANCE, Ghilleen.T. and BALICK, Michael J. (editors), New York, EUA, Advances in Economic Botany, volume 8/ NYBG, 1990: 24-34.

BALÉE, William; GÉLY, Anne- **Managed Forest Succession in Amazonia: The Ka'apor Case.** *In:* Resource Management in Amazonia: Indigenous and Folks Strategies. POSEY, D.A. and BALÉE, W. (editors), New York, EUA, The New York Botanical Garden, 1989: 129-158.

RIBEIRO, Darcy. - **Diários Índios: Os Urubus-Kaapor.** São Paulo, Brasil, Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Darcy.- **Os índios Urubus: ciclo anual das atividades de subsistência de uma tribo da floresta tropical.** Uirá sai a procura de Deus – Ensaio de Etnologia e Indigenismo. RIBEIRO, Darcy, Rio de Janeiro, Brasil, Paz e Terra, 1976: 31-59.

Kadiweu

RIBEIRO, Berta G.- **Arte Gráfica Kadiwéu.** *In:* Arte e Corpo: pintura sobre a pele e adornos se povos indígenas brasileiros. Ministério da Cultura/FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas (org.), Brasil, Ministério da Cultura/FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1985: 39-45.

SIQUEIRA JR., Jaime Garcia - **Arte e Técnicas Kadiweu.** São Paulo, Brasil, 1987: 60.

SIQUEIRA JR., Jaime Garcia - **Catálogo de Arte e Técnicas Kadiweu.** São Paulo, Brasil, 1987: 60.

SIQUEIRA JR., Jaime Garcia- **A iconografia Kadiweu atual.** *In:* Grafismo Indígena: Estudos da Antropologia Estética. Lux Vidal, Brasil, Estudio Nobel/EDUS, s/d: 265-277.

Kaingang

BECKER, Ítala Irene Basile - **Dados sobre o abastecimento entre os índios Kaingang do Rio Grande do Sul, conforme a bibliografia dos séculos XVI e XX.** *In:* Publicações Avulsas, n.2, Instituto Anchieta de Pesquisas. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1975: : 39-59.

HAVERROTH, Moacir - **Kaingang: relação entre classificação das plantas e organização social.** *In:* Revista de Divulgação Cultural, 20(64), Prog. Pós Graduação Antropologia Social do NESI/ Universidade de Santa Catarina, 1998: 32-47.

HAVERROTH, Moacir - **Kaingang: um estudo etnobotânico - uso e classificação das plantas cultivadas na área indígena Xapeco (oeste de SC).** Universidade Federal de Santa Catarina, Antropologia Social, 1997: 183.

MUSSOLINI, Gioconda - **Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara. Cap.: Os Kaingang - Localização e caracteres gerais da tribo.** Rio de Janeiro, Brasil, Paz e Terra, 1980.

TOMMASINO, Kimiye - **Os Kaingang e suas Relações sobre o Meio Ambiente.** *In:* Revista de Divulgação Cultural, 20(64), Progr. Pós Graduação Antropologia Social do NESI/Universidade de Santa Catarina, 1998: 25-31.

TOMMASINO, Kimiye; et alli - **Inventário geográfico/antropológico preliminar do posto indígena Apucarana, Londrina-PR.** Fundação Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1989: 127.

VEIGA, Juracilda - **Organização social e cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nominação em uma sociedade Jê Meridional.** UNICAMP - Campinas, Antropologia Social, 1994.

Kamayurá

JUNQUEIRA, Carmen - **Os Índios de Ipavu: um estudo sobre a vida do grupo Kamaiurá.** São Paulo, Brasil, Ática, 1975.

MEGGERS, Betty J.- **Amazonia: man and culture in a courtfeit paradise.** *In:* Worlds of Man: Studies in Cultural Ecology. GOLDSCHMIDT, Walter., Los Angeles, EUA, University of California, 1971: 182.

Kampa

MENDES, Margarete Kitaka - **Etnografia Preliminar dos Ashaninka da Amazônia Brasileira - Volume I.** Universidade Estadual de Campinas, IFCH/Antropologia, 1991: 84.

MENDONÇA, Simone S. de- **Kampa.** *In:* Acre: História e Etnologia. GONÇALVES, Marco Antonio, Rio de Janeiro, Brasil, Núcleo de Etnologia Indígena, LPS/IFCS/UFRJ, Fundação Univesitário José Bonifácio, 1991: 78-112.

ZIEGLER-BIRRAUX, Pierrette e Volkmar. Xx - **Ashaninca Shamanic Healing Ritual and Song.** *In:* The University of Texas at AustIn:, Arts, 1991: 113.

Kanamari

CARVALHO, Maria Rosário; REESINK, Edwin B.- **Ecologia e Sociedade: uma breve introdução aos Kanamari.** *In:* Sociedades indígenas e transformações ambientais. MAGALHÃES, Antonio Carlos, Belém, Brasil, Universidade Federal do Pará. Núcleo de meio Ambiente. Série Universidade e Meio Ambiente, 6., 1993: 113-153.

Timbira

VANZOLINI, P. E. - **Notas sobre a zoologia dos índios Canela.** *In:* Revista do Museu Paulista, 10, 1956/58: 154-61.

Kanela

ALHO, Getúlio G. R. - **Três Casas Indígenas: pesquisa arquitetônica sobre a casa em três grupos: Tukâno, Tapirapé e Ramkokamekra.** UFSCar, São Carlos., Arquitetura e Planejamento da Esc. Engenharia São Carlos/USP, 1985: 91.

MELATTI, Julio Cezar - **Sistema de classificação de animais e plantas pelos índios.** *In:* Informativo FUNAI, Ano IV, n.14, FUNAI, 1975: 13-20.

Karajá

ALFORD, Margaret R. - **Um programa de ensino bilíngüe culturalmente relevante para o Karajá.** *In:* Museu Paraense Emílio Goeldi., Antropologia, 5(2), MCT/CNPq, 1989: 113-146.

COSTA, Maria Heloísa Fénelon- **O corpo e a máscara entre os karajá.** *In:* Arte e Corpo: pintura sobre a pele e adornos se povos indígenas brasileiros. Ministério da Cultura/FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas (org.), Brasil, FUNARTE/MEC, 1985: 67-73.

FORTUNE, Gretchen- **The Importance of Turtle Months in the Karajá World, With a Focus on Ethnobiology in Indigenous Literary education.** *In:* Ethnobiology: Implications and Applications Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology. Volume 1. POSEY, Darrell A. e OVERAL, William L., Belém, Brasil, SCT/CNPq/MPEG, 1988: 89-97.

LANE, Frederico - **Cachimbo dos Índios Karajá.** *In:* Revista do Museu Paulista, Nova Série, 4, USP, 1950: 381-388.

SÁ, Cristina- **Observações sobre a habitação em três grupos indígenas Brasileiros.** *In:* Habitações Indígenas. NOVAES, Sylvia, São Paulo, Brasil, Editora Nobel, 1983: 103-145.

770SIMÕES, Mário Ferreira - **Cerâmica Karajá e outras notas etnográficas.** Goiânia, Brasil, UCG/IGPA, 1992: 43.

TAVEIRA, Edna Luísa de Melo - **Etnografia da cesta Karajá.** USP, FFLCH, 1978.

TEIXEIRA, Dante Luiz Martins- **Um estudo da etnozologia Karajá: o exemplo das máscaras de Aruanã. Textos de Berta Ribeiro e outros.** *In:* O Artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, Rio de Janeiro, Brasil, FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1983: 213-253.

TORAL, André Amaral.- **Pintura corporal Karajá contemporânea.** *In:* Grafismo Indígena. VIDAL, Lux, São Paulo, Brasil, Studio Nobel/EDUSP, 1992: 191-208.

Kariri

MOTA, Clarice Novaes da - **Jurema's children in the forest of spirits.** Londres, Intermediate technology Pub., 1997: 133.

Kariri-Xocó

MOTA, Clarice Novaes da- **Jurema and Ayahuasca: dreams to live by.** *In:* Ethnobiology: Implications and Applications Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology. Volume 2. POSEY, Darrel A e OVERAL, William L., Belém, Brasil, SCT/CNPq/Museu Paraense Emilio Goeldi, 1990: 181-190.

MOTA, Clarice Novaes da- **Jurema: Black Indigenos Drama and Representations.** *In:* Ethnobiology: Implications and Applications Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology. Volume 2. POSEY, Darrell A. e OVERAL, William L., Belém, Brasil, SCT/CNPq/Museu Paraense Emilio Goeldi, 1990: 171-180.

Karitiana

LANDIN, David - **Some Aspects of Karitiana Food Economy.** Summer Institute of Linguistics., s/d: 227-241.

Katukina

LEÃO, Luciana L. da R.- **KatuKina** *In:* Acre: História e Etnologia. GONÇALVES, Marco Antonio, Rio de Janeiro, Brasil, Núcleo de Etnologia Indígena, LPS/IFCS/UFRJ, Fundação Univesitário José Bonifácio, 1991: 254-264.

Kaxinawá

AQUINO, Txai Terri Valle de; IGLESIAS, Marcelo - **Kaxinawá do Rio Jordão: Histórias, território, economia e desenvolvimento sustentado.** COICA/OXFAM-América, Rio Branco, Acre, 1993: 302.

CARNEIRO, Luiz Carvalho - **Os kaxi do Caucho: o samba do caboclo doido.** *In:* Aquiri - Caderno de Cultura, Meio Ambiente, 1, Fundação Cultural do Acre, 1989: 17-24.

LAGROU, Elsje Maria - **Uma etnografia da cultura Kaxinawá entre a cobra e o Inca.** UFSC - Florianópolis, Antropologia, 1991: 227.

LEÃO, Luciana L. da R.- **Kaxinaua.** *In:* Acre: História e Etnologia. GONÇALVES, Marco Antonio, Rio de Janeiro, Brasil, Núcleo de Etnologia Indígena, LPS/IFCS/UFRJ, Fundação Univesitário José Bonifácio, 1991: 201-227.

Kaxuyana

FRIKEL, Protásio- **Morí – a festa do rapé: Índios Kachúyana; rio Trombetas.** *In:* Os Alucinógenos e o Mundo Simbólico. COELHO, Vera Penteadó, São Paulo, Brasil, EPU/EDUSP, 1976: 1976: 29-58.

Kayabi

FIDALGO, Oswaldo; HIRATA, José M. - **Etnomicologia Caiabi, Txicão eTxucarramãe.** *In:* Rickia, 8, Instituto de Botânica, 1979: 1-5.

RIBEIRO, Berta G.- **Desenhos semânticos e identidade étnica: o caso Kayabí.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Arte Índia, V.3, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 265-286.

SCHMIDT, Marcos - **Etnosilvicultura Kaiabi no Parque Nacional do Xingu: subsídios ao manejo de recursos naturais.** Departamento de Floresta/ ESALQ, 1998.

Kayapó

ANDERSON, Anthony B. White; POSEY, Darrell Addison - **Manejo de Cerrado pelos Índios Kayapó.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Botânica, 2(1), SCT/CNPq/MPEG, 1985: 77-98.

ANDERSON, Anthony B. White; POSEY, Darrell Addison - **Reflorestamento Indígena.** *In:* Ciência Hoje, 6(31), SBPC, 1987: 44-51.

ANDERSON, Anthony B. White; POSEY, Darrell Addison - **Reforestacion Indigena. Sem referência bibliográfica,** *In:* , s/d: 66-78.

ANDERSON, Anthony B. White; POSEY, Darrell Addison- **Management of a Tropical Scrub Savanna by the Gorotire Kayapó of Brazil.** *In:* Resource Management in Amazonia: Indigenous and Folks Strategies. POSEY, D.A. and BALÉE, W., New York, EUA, The New York Botanical Garden, 1989: 159-173.

ATAÍdes, Jesuz M. de - **Sob o signo da violência: colonizadores e Kayapó do Sul no Brasil Central.** Goiânia, Brasil, UGC, 1998: 187.

BASTOS, Lourdes - **Os Mebêngôkre.** *In:* Museu Paraense Emílio Goeldi. Departamento de Museologia, MCT/CNPq, 1987: 1-19.

ELISABETSKY, Elaine; POSEY, Darrell Addison - **Conceito de animais e seus espíritos em relação a doenças e curas entre os índios Kayapó da Aldeia Gorotire, Pará.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi., Antropologia, 7(1), MCT/CNPq/MPEG, 1991: 21-36.

FRIKEL, Protásio - **Os Xikrin: Equipamentos e Técnicas de Subsistência.** Belém, Brasil, CNP/ INPA/Museu Paraense Emílio Goeldi. Publicações Avulsas n. 7., 1968.

GIANNINI, Isabelle Vidal - **A ave resgatada: “a impossibilidade da leveza do ser”.** Universidade de São Paulo, FFLCH/Antropologia, 1991: 205.

GIANNINI, Isabelle Vidal- **Os índios e suas relações com a natureza.** *In:* Índios do Brasil. GRUPIONE, Luis, D.B., Brasília, Brasil, MEC, 1994: 145-152.

GIANNINI, Isabelle Vidal- **Sociedade e Meio Ambiente: um estudo de caso.** *In:* Sociedades indígenas e transformações ambientais. MAGALHÃES, Antonio Carlos, Belém, Brasil, Universidade Federal do Pará. Núcleo de meio Ambiente. Série Universidade e Meio Ambiente, 6., 1993: 61-77.

- GIANNINI, Isabelle Vidal; VIANA, Virgílio M.; PAVAN, Sandra - **Subsídios para a elaboração de manejo em regime de rendimento sustentado do patrimônio florestal dos índios Xikrin do Cateté – Pará CEDI**, São Paulo, 1992.
- HECHT, Susanna B.; POSEY, Darrell Addison- **Indigenous soil management in the Latin American Tropics: Some Implications for the Amazon Basin. Ethnobiology: Implications and Applications Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology. Volume 2. Belém** *In: Ethnobiology: Implications and Applications Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology. Volume 2.* POSEY, Darrell A . E OVERAL, William L., Belém, Brasil, SCT/CNPq/MPEG, 1990: 73-86.
- HECHT, Susanna B.; POSEY, Darrell Addison- **Preliminary Results on Soil Management Techniques of the Kayapó Indians.** *In: Resource Management in Amazonia: Indigenous and Folks Strategies.* POSEY, D.A. and BALÉE, W. (editors), New York, EUA, Advances in Economic Botany/NYBG, 1989: 174-188.
- KERR, Warwick Estevam; POSEY, Darrell Addison - **“Kangàrà Kanê”, Tanaecium Nocturnum (Bignoneacea, um cipó usado pelos índios Kayapó como inseticida natural.** *In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Botânica, 7 (1), SCT/CNPq/MPEG, 1991: 23-26.*
- KERR, Warwick Estevam; POSEY, Darrell Addison - **Informações Adicionais sobre a Agricultura dos Kayapó.** *In: Interciência, 9(6), 1984: 392-400.*
- OVERAL, Willian.; POSEY, Darrell Addison- **Uso de Formigas AZTECA SPP. Para Controle Biológico de Pragas Agrícolas entre os Índios Kayapó do Brasil.** *In: Ethnobiology: Implications and Applications Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology. Volume 1.* POSEY, Darrell A . e OVERAL, William L., Belém, Brasil, SCT/CNPq/MPEG, 1988: 219-225.
- PEDREIRA, Ricardo - **A Lição Indígena. As Técnicas de Preservação do meio ambiente usadas pelos índios há centenas de anos podem ser aproveitadas pelo Brasil Contemporâneo.** *In: Meio Ambiente, 1988: 51-54.*
- PETRERE JUNIOR, Miguel - **Notas sobre a pesca dos índios Kayapó da Aldeia Gorotire, Rio Fresco, Pará.** *In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, 6(1), SCT/CNPq/MPEG, 1990: 5-27.*
- POSEY, Darrell Addison - **Apicultura popular dos Kayapó.** *In: Atualida Indígena, n.20, FUNAI, 1981: 36-41.*
- POSEY, Darrell Addison - **Ethnoentomology of the Gorotire Kayapó of Central Brazil.** University of Georgia, Philosophy, 1979: 177.
- POSEY, Darrell Addison - **Ethnomethodology as an amic guide to cultural systems: the case of the insects and the Kayapó indians of Amazonia.** *In: Revista Brasileira de Zoologia, 1(3), Departamento de Zoologia/Instituto de Biociências/USP, 1983: 135-144.*

- POSEY, Darrell Addison - **Etnobiologia e Ciência de Folk: sua importância para a Amazônia.** *In:* Tübinger Geographische Studien, 95, 1987: 95-108.
- POSEY, Darrell Addison - **Etnobiologia y ciencia “folk”: su importancia para la Amazonia.** *In:* Hombre y Ambiente: el punto de vista indígena, Año 1(4), : 7-26.
- POSEY, Darrell Addison - **Folk Apiculture of the Kayapó indians of Brazil.** *In:* Biotropica, 15(2), 1983: 154-158.
- POSEY, Darrell Addison - **Hierarchy and utility in a folk biological taxonomic system: patterns in classification of Arthropods by the Kayapó indians of Brazil.** *In:* Journal of Ethnobiology, 4(2), 1984: 123-139.
- POSEY, Darrell Addison - **Indigenous knowledge and development: an ideological bridge to the future.** *In:* Ciência e Cultura, 35 (7), SBPC, 1983: 877-895.
- POSEY, Darrell Addison - **Kayapó controla inseto com uso adequado do ambiente.** *In:* Sem referência bibliográfica, 1979: .
- POSEY, Darrell Addison - **Os Kayapó e a natureza.** *In:* Ciência Hoje, 2(12), SBPC, 1984: 35-41.
- POSEY, Darrell Addison - **Resource management by the Kayapó, Brazil.** *In:* Saving the Tropical Forest., s/d: 122-125.
- POSEY, Darrell Addison - **The importance of Bees to Kayapo Indians of the Brazilian Amazon.** *In:* Florida Entomologist, 65(4), 1982: 452-458.
- POSEY, Darrell Addison - **Time Space and the Interface of Divergent Cultures: The Kaiapó Indians of the Amazon Face the Future.** *In:* Revista de Antropologia, 25, FFLCH/USP, 1982: 90-104.
- POSEY, Darrell Addison - **Wasps, Warriors and Fearless Men: Ethnoentomology of the Kayapo Indians of Central Brazil.** University of Georgia, Athens, Georgia, s/d: 24.
- POSEY, Darrell Addison- **A ciência dos Mebêngokre, alternativas contra a destruição.** *In:* A ciência dos Mebêngokre, alternativas contra a destruição. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Brasil, MCT/CNPq/MPEG, 1987: 69.
- POSEY, Darrell Addison- **A Preliminary Report on Diversified Management of Tropical Forest by the Kayapo Indians of the Brazilian Amazon.** *In:* Ethnobotany in the Neotropics. PRANCE, G. T. e KALLUNKI, J. A ., New York, EUA, The New York Botanical Garden, 1984: 112-126.
- POSEY, Darrell Addison- **Ciência Kayapó: alternativas contra a destruição.** *In:* Ciência Kayapó: alternativas contra a destruição. OLIVEIRA, Adélia Engrácia e HAMÚ, Denise, Belém, Brasil, SCT/CNPq-Museu Paraense Emílio Goeldi, 1992: 19-44.

- POSEY, Darrell Addison- **Consequências ecológicas da presença do índio Kayapó na Amazônia: recursos antropológicos e direitos de recursos tradicionais.** *In:* Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável. CAVALCANTI, Clóvis, São Paulo, Recife, Brasil, Cortez, Fundação Joaquim Nabuco, 1995: 177-194.
- POSEY, Darrell Addison- **Indigenous Ecological Knowledge and Development of the Amazon.** *In:* The Dilemma of Amazonian Development. MORAN, Emilio (ed.), Boulder, Colorado, EUA, Westview Press, 1984: 225-257.
- POSEY, Darrell Addison- **Kayapó Indian Natural - Resource Management.** *In:* People of the Tropical Rain Forest. DENSLOW, J. S. and PADOCH, C. (editores), California, EUA, University of California Press – Institute Traveling Exhibition Service, 1988: 89-90.
- POSEY, Darrell Addison- **Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó).** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians – . Etnobiologia V.1, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 173-185.
- POSEY, Darrell Addison- **Native and indigenous guidelines for new Amazonian development strategies: understanding biological diversity through ethnoecology.** *In:* Impact on Forests and Rivers: Change in the Amazon Basin. Ed. John Hamming, Manchester, England, Manchester Univ. Press, 1985: 156-180.
- POSEY, Darrell Addison- **O Conhecimento Entomológico Kayapó: etnometodologia e sistema cultural.** *In:* Anuário Antropológico, Brasil, s/d: 106-124.
- POSEY, Darrell Addison- **Os Povos Tradicionais e a Conservação da Biodiversidade.** *In:* Manejo Participativo por Populações Tradicionais - Textos Complementares - volumeII. , Piracicaba, Brasil, 1998: 1-8.
- POSEY, Darrell Addison; CAMARGO, João Maria Franco de - **Additional notes on the classification and knowledge of stingless bees (Meliponinae, Apidae, Hymenoptera) by the Kayapó indians of Gorotire, Pará, Brasil.** *In:* Annal of Carnegie Museum of Natural History, 54 - Article 8, 1985: 247-273.
- POSEY, Darrell Addison; CAMARGO, João Maria Franco de - **O conhecimento dos Kayapó sobre as abelhas sociais sem ferrão. (Meliponidae, Apidae, Hymenoptera): notas adicionais.** *In:* Boletim do Mus. Paraense Emílio Goeldi, Zoologia, 6 (1), SCT/CNPq/MPEG, 1990: 17-42.
- SCHWARTZMAN, Sthephan - **The Panara of the Xingu National Park: The transformation os a society.** University of Chicago - Illinois, Departament of Anthropology Chicago, 1988: 484.

- STOUT, Mick; TXUKARRAMÃE, Megaron- **A Expedição Venatória dos Kayapó e animais Importantes.** *In:* Ethnobiology: Implications and Applications Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology. Volume 1. POSEY, Darrell A e OVERAL, William L., Belém, Brasil, SCT/CNPq/MPEG, 1988: 227-241.
- TURNER, Joan B. - **Ethnobotanical notes on Simaba in Central Brazil.** *In:* Botanical Museum Leaflets/Harvard University, XXI, Botanical Museum, 1965-1967: 59-64.
- TURNER, Terence - **Environment and cultural classification: a study of the northern Kayapó.** *In:* Harvard University, Department of Anthropology, 1967: 190.
- VIDAL, Lux Boelitz - **Morte e Vida de uma Sociedade Indígena Brasileira: os Kayapó-Xikrim do rio Cateté.** São Paulo, Brasil, Hucitec, Ed. USP, 1977.
- VIDAL, Lux Boelitz- **A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó Xikrin do Cateté.** *In:* Grafismo Indígena. VIDAL, Lux, São Paulo, Brasil, Studio Nobel/EDUSP, 1992: 143-189.
- VIDAL, Lux Boelitz- **O espaço Habitado entre os kaiapó - Xikrin (jê) e os Parakanã (tupi), do médio tocantins Pará.** *In:* Habitações Indígenas. NOVAES, Sylvia, São Paulo, Brasil, Editora Nobel, 1983: 77-102.
- VIDAL, Lux Boelitz- **Xikrin.** *In:* Arte e Corpo: pintura sobre a pele e adornos se povos indígenas brasileiros. Ministério da Cultura/FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas, Brasil, Ministério da Cultura/FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1985: 27-37.

Krahô

- CASTRO, Esther - **O cesto Kaipó dos Krahô: uma abordagem visual.** Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1994: 106.
- NIMUENDAJÚ, Curt - **A Habitação dos Timbira.** *In:* Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 8, 1944: 76-101.

Kuikuro

- CAMPOS, Márcio D'Olne Campos; et alli- **Kuikúru: integração céu e terra na economia e no ritual.** *In:* Etnoastronomia Americanas. J. A . De Greiff e E. Reichel, Bogotá, Brasil, Ediciones de la Universidad nacional de Colombia., 1987.
- CARNEIRO, Robert L.- **Slash and Burn Cultivation among the Kuikuro and its implications for cultural development in the amazon basin.** *In:* Peoples and Cultures of Native America an Anthropological Reader. The American Museum of Natural History., Doubleday, New York., EUA, The Natural History Press, Garden City., 1973: 98-123.

CARNEIRO, Robert L.- **Uso do solo e classificação da floresta (Kuikúro)**. *In*: Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians Etnobiologia V.1, 2 edição. Darcy Ribeiro Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes,, 1987: 47-56.

DOLE, Gertrude E.- **The use of manioc among the KuiKuru: some interpretations** *In*: The Nature and Status of Ethnobotany. Richard I. Ford, Ann Arbor, EUA, Museum of Anthropology Anthropological Papers/University of Michigan, 1978: 217-247.

Kulina

BATISTA, Ana Cristina B.- **Kulina**. *In*: Acre: História e Etnologia. GONÇALVES, Marco Antonio, Rio de Janeiro, Brasil, Núcleo de Etnologia Indígena. LPS/IFCS/UFRJ, Fundação Univesitário José Bonifácio, 1991: 146-178.

POLLOCK, Donald K.- **Etnomedicina Kulína**. *In*: Saúde e povos indígenas. SANTOS, Ricardo V.; COIMBRA JR. Carlos E. A., Rio de Janeiro, Brasil, Fiocruz, 1994: 143-160.

Machineri

BATISTA, Ana Cristina B.- **Machineri**. *In*: Acre: História e Etnologia. GONÇALVES, Marco Antonio, Rio de Janeiro, Brasil, Núcleo de Etnologia Indígena, LPS/IFCS/UFRJ, Fundação Univesitário José Bonifácio, 1991: 180-182.

Comissão Pró-Índio do Acre - **Legumes, frutas, bichos e os índios: a ecologia da floresta** Comissão Pró-Índio do Acre, Rio Branco, 1996: 74.

Maku

ATHIAS, Renato - **Doença e Cura: sistema médico e representação entre os Hupdë-Maku da região do Rio Negro, Amazonas** . *In*: Horizontes Antropológicos: corpo, doença e saúde., Ano4, N.9, Prog. Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998: : 237-261.

LUZ, Pedro Fernades Leite da- **O uso de plantas psicoativas entre os Hupda. Comunicação apresentada na ABA - Salvador, abril** *In*: Comunicação apresentada na ABA - Salvador, abril de 1996. ABA, Brasil, 1996.

MILTON, Katharine - **Protein and Carbohydrate Resources of the Maku Indians of Northwestem Amazonia**. *In*: American Anthropologist, 86 (1), 1984: 7-27.

MÜNZEL, Mark - **Notas preliminares sobre os Kaborí (Makú entre o Rio Negro e o Japurá)**. *In*: Revista de Antropologia, 17-20, FFLCH/USP, 1969-72: 137-181.

SILVERWOOD-COPE, Peter L. - **Os Makú: Povo Caçador do Noroeste da Amazônia**. Brasília, Brasil, Editora UNB, Coleção Pensamento Antropológico, 1990: 205.

Makuxi

MILLIKEN, Willian - **Traditional anti-malarial medicine in Roraima, Brazil.** *In:* Economic Botany, 51 (3), The new York Botanical Garden, 1997: 212-237.

SANTILLI, Paulo- **Ocupação territorial Macuxi: aspectos históricos e políticos.** *In:* Homem, Ambiente e Ecologia no Estado de Roraima. BARBOZA, Reinaldo I.; FERREIRA, Efreim Jorge G. e CASTELLÓN, Eloy G. (editores), INPA, Brasil, 1997: 49-64.

Marubo

MELATTI, Julio Cezar; MONTAGNER, Delvair - **Relatório sobre os índios Marubo.** *In:* Fundação Universidade de Brasília, Antropologia Social, 13, 1975: 162.

MONTAGNER, Delvair - **A Cozinha Marúbo: A Arte de Comer e Beber.** *In:* Revista do Museu Paulista, Nova Série, 32, USP, 1987: 29-72.

MONTAGNER, Delvair - **A morada das almas: representação das doenças e das terapêuticas entre os Marúbo.** Belém, Pará., Brasil, MCT/CNPq – Museu paraense Emílio Goeldi – Coleção Eduardo Galvão., 1996: 132.

MONTAGNER, Delvair - **O mundo dos espíritos: Estudo etnográfico dos ritos de cura Marúbo. Brasília . Vol. I e II.** Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais., 1985: 601.

MONTAGNER, Delvair - **Receitas da Culinária Marúbo.** *In:* Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, 5(1), SCT/MPEG, 1989: 3-64.

MONTAGNER, Delvair - **Simbolismo dos Adornos Corporais Marúbo.** *In:* Revista do Museu Paulista, Nova Série, 31, USP, 1986: 7-41.

MONTAGNER, Delvair- **Mani Pei Rao: Remédios do Mato dos Marúbo** *In:* Medicinas Tradicionais e Medicina Ocidental na Amazônia. BUCHILLET, Dominique, Belém, Brasil, Museu Paraense Emílio Goeldi, CNPq, SCT/PR, Edições Cejup, Universidade do Estado do Pará., 1991: 463-487.

Maxakali

NIMUENDAJÚ, Curt- **Os índios Maxakali (1939).** *In:* Textos Indigenistas: relatórios, monografias, cartas/Curt Nimuendaju. Paulo Suess, São Paulo, Brasil, Ed. Loyola, 1982: 209-218.

Mehinako

COSTA, Maria Heloísa Fénelon - **O mundo dos Mehináku e suas representações visuais.** Brasília, Brasil, Editora da Universidade de Brasília, 1988: 159.

COSTA, Maria Heloísa Fénelon- **O sobrenatural, o humano e o vegetal na iconologia Mehináku.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians.Arte Índia, V.3, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 239-263.

Mundukuru

FRIKEL, Protásio - **Agricultura dos índios Munduruku**. *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi., Antropologia, N. 4., SCT/CNPq/MPEG, 1959: 1-35.

VELTHEM, Lucia Hussak van- **Arte indígena: referentes sociais e cosmológicos**. *In:* Índios no Brasil GRUPIONE, Luis D. B., São Paulo, Brasil, Global, 1998: 83-92.

Mura

OLIVEIRA, Adélia Engrácia de; RODRIGUES, Ivelise - **Alguns Aspectos da Ergologia Mura-Pirahã**. *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, n. 65, SCT/CNPq/MPEG, 1977: 1-23.

Nambikwara

AGOSTINHO, Pedro- **Os Nambikwara em 1975: transferência e situação**. *In:* Energia na Amazônia, vol II. MAGALHÃES, S. B.; BRITTO, R. de C. CASTRO, E. R., Belém, Brasil, Museu Paraense Emílio Goeldi, UFPA, Ass. de Universidades Amazônicas, Universidade do Pará., 1996: 631-669.

AYTAI, Desidério - **As Flautas Rituais dos Nambikuara**. *In:* Revista de Antropologia, 15 e 16, FFLCH/USP, 1967-1968: 67-75.

SETZ, Eleonore Zulnara F. - **Animals in the Nambikwara diet methods of collection and processing**. *In:* J. Ethinobiol., 11(1), 1991: 1-22.

SETZ, Eleonore Zulnara F. - **Ecologia Alimentar em um grupo indígena: comparação entre aldeias nambiquara de floresta e de cerrado**. UNICAMP, Instituto de biologia, 1993: 209.

Nukini

MENDONÇA, Simone S. de- **Nukini** *In:* Acre: História e Etnologia. GONÇALVES, Marco Antonio, Rio de Janeiro, Brasil, Núcleo de Etnologia Indígena, LPS/IFCS/UFRJ, Fundação Univesitário José Bonifácio, 1991: 271-275.

Ofaié

RIBEIRO, Darcy.- **Notícia dos Ofaié-Chavante**. *In:* Uirá sai a procura de Deus – Ensaio de Etnologia e Indigenismo. RIBEIRO, Darcy, Rio de Janeiro, Brasil, Paz e Terra, 1976: 85-130.

Pakaa Nova

CONKLIN, Beth A.- **O sistema médico Warí Pakaanóva**. *In:* Saúde e povos indígenas. SANTOS, Ricardo V.; COIMBRA JR. Carlos E. A., Rio de Janeiro, Brasil, Fiocruz, 1994: 161-186.

Parakanã

ANTONIO, Renata P. P. L. - **Estudos de Coleções Etnográficas de Museus: A Cerâmica Parakanã.** *In:* Revista do Museu Paulista, Nova Série, 33, USP, 1988: 225-234.

MAGALHÃES, Antonio Carlos- **Pyrá - Atividade pesqueira entre os Parakanã.** *In:* Povos das Águas. FURTADO, Lourdes G.; LEITÃO, Wilma e MELLO, Alex Fiuza de, Belém, Brasil, Museu Paraense Emílio Goeldi. Coleção Eduardo Galvão, 1993: 101-117.

SANTOS, Antonio Carlos M. L dos - **Os Parakanã: quando o rumo da estrada e o curso das águas perpassam a vida de um povo.** Universidade de São Paulo, FFLCH/Antropologia Social, 1982: 177.

VIDAL, Lux Boelitz- **Parakanã.** *In:* Arte e Corpo: pintura sobre a pele e adornos se povos indígenas brasileiros. Ministério da Cultura/FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas, Brasil, Ministério da Cultura/FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1985: 53-55.

Pareci

AIRES, Júlia do Rêgo - **Produção e Utilização de Alimentos pelos Paresi** *In:* Gerando Debates, Ano I(1), UFMT/GERA, 1994: 47-70.

ALMEIDA, Édna Luzia de - **Sobre a Vida Paresi – Alguns dados censitários.** *In:* Gerando Debates, Ano I(1), UFMT/GERA, 1994: 34-45.

COSTA FILHO, Aderval - **Análise dos Sistemas Econômicos da Sociedade Paresi** *In:* Gerando Debates, Ano I(1), UFMT/GERA, 1994: 07-29.

D'ANGELIS FILHO, João Silveira - **A classificação e o reconhecimento dos solos pelos Paresi** *In:* Gerando Debates, Ano I(1), UFMT/GERA, 1994: 83-95.

MORAIS, Rosa Mari G. Godinho - **Os Paresi-Wáimare e o uso de plantas medicinais, Mato Grosso (Brasil).** Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto Saúde Coletiva. Prog. Pós-Graduação Saúde e Ambiente. Área Etnobotânica., 1998.

SANTOS, Gilton Mendes dos - **Caracterização das Espécies e Variedades Vegetais Cultivadas pelos Paresi** *In:* Gerando Debates, Ano I(1), UFMT/GERA, 1994: 71-82.

Universidade Federal do Mato Grosso; GERA - Centro de Estudos e Pesquisas da Amazônia Pantanal e Cerrado - **Estudo das tecnologias empregadas no manejo de recursos para a formação de roças indígenas - Diagnóstico Ambiental.** Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1992: 198.

Parintintin

NIMUENDAJÚ, Curt- **Os índios Parintintin do Rio Madeira (1924).** *In:* Textos Indigenistas: relatórios, monografias, cartas/Curt Nimuendaju. Paulo Suess, São Paulo, Brasil, Ed. Loyola, 1982: 46-110.

Pataxó

CARVALHO, Maria Rosário - **Os Pataxó de Barra Velha: seu subsistema econômico.** Universidade Federal da Bahia, Coordenação de Pós-Graduação em Ciências Humanas, 1977: 436.

MACEDO, Sérgio - **Pataxós: a vida dura dos índios que receberam cabral.** *In:* Ecologia e Desenvolvimento, 2 (14), 1992: 42-47.

Pataxó Hã-Hã-Hãe (BA)

FERREIRA, Maria Clara - **Etnobotânica dos Pataxó - Barra Velha.** UCSal, Planejamento e AdmIn:istração de Recursos Naturais, 1992: 84.

Paumari

PRANCE, Ghillean T.; et alli - **The ethnobotany of the Paumarí indians.** *In:* Economic Botany, The New York Botanical Garden, s/d: 129-139.

Pirahã

GONÇALVES, Marco Antonio T. - **Nomes e cosmos: uma descrição da sociedade e da cosmologia Mura-Pirahã.** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Antropologia Social do Museu Nacional, 1988.

Potiguara

COSTA José Eduardo F. Moreira da.; COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M. - **Potiguara: Cultura Material.** João Pessoa, Brasil, Fundação Nacional do Índio. 3ºSUER Serv.de Ação Cultural, 1989: 117.

Poyanawa

KELLER, Daniel- **Poyanaua.** *In:* Acre: História e Etnologia. GONÇALVES, Marco Antonio, Rio de Janeiro, Brasil, Núcleo de Etnologia Indígena, LPS/IFCS/UFRJ, Fundação Univesitário José Bonifácio, 1991: 229-233.

Rikbaktsa

ARRUDA, Rinaldo Sérgio V. - **Os Ririkbaktsa do Rio Juruena, frentes de expansão e meio ambiente na Amazônia.** PUC, São Paulo, 1997.

ARRUDA, Rinaldo Sérgio V. - **Os Ririkbaktsa: mudança e tradição.** *In:* Pontifícia Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 1992.

Sateré-Mawé

MANO, Marcel - **Etno-história e adaptação Mawé: uma contribuição para a etnografia Tupi na área Madeiro-Tapajós.** Universidade de São Paulo, FFLCH/Antropologia Social, 1996: 272.

Suruí

COIMBRA JR., Carlos Everaldo A . - **Estudos de ecologia humana entre os Suruí do Parque Aripuanã. Plantas de importância econômica.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi., Antropologia, 2(1), MCT/CNPq/MPEG, 1985: 37-55.

COIMBRA JR., Carlos Everaldo A . - **Estudos de ecologia humana entre os suruí do Parque Aripuanã. Rondônia. Aspectos Alimentares.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi., Antropologia, 2(1), MCT/CNPq/MPEG, 1985: 57-87.

COIMBRA JR., Carlos Everaldo A . - **Estudos de ecologia humana entre os suruí do Parque Aripuanã. Rondônia. Elementos de etnozologia.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, 2(1), MCT/CNPq/MPEG, 1985: 9-36.

COIMBRA JR., Carlos Everaldo A . - **Estudos de Ecologia Humana entre os Suruí do Parque do Aripuanã, Rondônia. 1. O uso de Larvas de Coleópteros (Bruchidae e Curculionidae) na alimentação.** *In:* Revista Brasileira de Zoologia, 2(2), 1984: 35-47.

MIDLIN, Betty - **Nós Paiter: Os Suruí de Rondônia.** Rio de Janeiro, Brasil, Editora Vozes, 1985.

Suyá

LANNA, Amadeu Duarte - **Aspéctos econômicos da organização social do Suyá.** *In:* Revista de Antropologia, 15(16), 1967/68: 34-68.

SCHULTZ, Harald - **Informações Etnográficas sobre os Índios Suyá.** *In:* Revista do Museu Paulista, XIII, USP, 1960: 314-332.

SEEGER, Anthony - **Levantamento sobre a situação atual das populações indígenas no Brasil (Ficha Padrão) – Povo Suya.** CEDI, São Paulo, 1979.

SEEGER, Anthony - **Nature and Society in Central Brazil: The Suya Indians of Mato Grosso.** Cambridge, London, EUA, London, Harvard University Press, 1981: 273.

Tapirapé

BALDUS, Rebert - **Tapirapé - Tribo Tupi no Brasil Central.** São Paulo, Brasil, Companhia Editora nacional - Universidade de São Paulo, 1970: 495.

Tembé

BALÉE, William - **A etnobotânica quantitativa dos índios Tembé Rio Gurupi, Pará**. *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi., Botânica, 3(1), 1987: 29-50.

Tenharim

FERRAZ, Cecília; FUTEMMA, Célia Regina - **Uso e percepção dos recursos naturais pelos índios Tenharim da região de Humaitá/AM**. Instituto de Biociências/UNESP, Rio Claro, 1988: 31.

Terena

CARVALHO, Fernanda - **Koixomuneti e outros curadores: xamanismo e práticas de cura entre os Terena** Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1996: 143.

Ticuna

ALMEIDA, Fábio Vaz Ribeiro- **Economia Ticuna e Monitoramento Ambiental no Alto Solimões**. *In:* Sociedades indígenas e transformações ambientais. MAGALHÃES, Antonio Carlos, Belém, Brasil, Universidade Federal do Pará. Núcleo de Meio Ambiente. Série Universidade e Meio Ambiente, 6., 1993: 79-111.

GRUBER, Jussara- **Arte gráfica Tikuna** *In:* Grafismo Indígena: Estudos da Antropologia Estética. Lux Vidal, Brasil, Estúdio Nobel/EDUSP, s/d: 249-264.

NIMUENDAJÚ, Curt- **Os índios Tukuna (1929)**. *In:* Textos Indigenistas: relatórios, monografias, cartas/Curt Nimuendaju. Paulo Suess, São Paulo, Brasil, Ed. Loyola, 1982: 192-208.

Tiryó

FRIKEL, Protásio - **Os Tiryó: seu sistema adaptativo**. Hannover, Völkerkundliche Abhandlungen - Band V, 1973: 243.

FRIKEL, Protásio; CAVALCANTE, Paulo B - **A Farmacopéia Tiryó**. Belém, Brasil, CNP/INPA/ MPEGi. Publicações Avulsas n. 24, 1973: 145.

Truká

VELTHEM, Lucia Hussak van- **Das cobras e lagartos: a iconografia Wayana**. *In:* Grafismo Indígena. VIDAL, Lux, São Paulo, Brasil, Studio Nobel/EDUSP, 1992: 53-65.

Tukano

CHERNELA, Janet Marion - **Classificação e Seleção Indígena de grupos subespecíficos de *Manihot Esculenta* na área do rio Uaupés no noroeste da Amazônia.** *In:* Anais do XXXV Congresso Nacional de Botânica. Sociedade Botânica do Brasil., 1990: 79-87.

CHERNELA, Janet Marion - **Endangered ideologies: Tukano fishing taboos.** *In:* Cultural Survival Quarterly, 11 (2), Cultural Survival Inc., 1987: 50-52.

CHERNELA, Janet Marion- **Managing Rivers of Hunger: The Tukano of Brazil.** *In:* Resource Management in Amazonia: Indigenous and Folks Strategies. POSEY, D.A. and BALÉE, W. (editors), New York, EUA, Advances in Economic Botany/NYBG, 1989: 238-248.

CHERNELA, Janet Marion- **Os cultivares de mandioca na área do Uaupés Tukano).** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians – . Etnobiologia V.1, 2 edição. Darcy Ribeiro diretor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes., 1987: 151-158.

CLAY, Jason W. - **Indigenous Peoples and Tropical Forests – Models of land use and management from Latin America.** Cambridge, Massachusetts, EUA, Cultural Survival Report 27, 1988: 60.

DUFOUR, Darna L. - **Insects as Food: a case study from the Northwest Amazon.** *In:* American Anthropologist, 89(2), American Anthropological Association, 1987: 383-397.

DUFOUR, Darna L. - **Use of Tropical Rainforests by Native Amazonians.** *In:* Bioscience, 4(9), 1990: 652-659.

Tuxá

NASSER, Nássaro Antônio de Souza - **A Economia Tuxá.** Universidade Federal da Bahia., Pós-Graduação em Ciências Humanas, 1975: 132.

Waiãpi

CASAGRANDE, Hilton Cesar - **Representação em torno do domínio vegetal entre os Waiãpi do Amapari.** Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1997: 119.

GALLOIS, Dominique Tilkin. - **O Pajé Waiãpi e seus “Espelhos”.** *In:* Revista de Antropologia, 27 e 28, FFLCH/USP, 1984-85: 179-195.

GALLOIS, Dominique Tilkin.- **A Casa Waiãpi** *In:* Habitações Indígena. NOVAES, Sílvia, São Paulo, Brasil, Editora Nobel, 1983: 147-163.

GALLOIS, Dominique Tilkin.- **Arte iconográfica Waiãpi.** *In:* Grafismo Indígena. VIDAL, Lux, São Paulo, Brasil, Studio Nobel/EDUSP, 1992: 209-230.

GALLOIS, Dominique Tilkin.- **Waiãpi: representando o mundo sobrenatural.** *In:* Arte e Corpo: pintura sobre a pele e adornos se povos indígenas brasileiros. Ministério da Cultura/FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas (org.), Brasil, MEC/FUNARTE, 1985: 59-65.

GRENAND, Françoise; GRENAND, Pierre - **Migração dos Homens e Migração dos Nomes das Plantas.** *In:* Anais do XXXV Congresso Nacional de Botânica. Sociedade Botânica do Brasil., 1990: 139-142.

JENSEN, Allen Arthur - **Sistemas indígenas de classificação de aves: aspectos comparativos, ecológicos e evolutivos.** Belém, Pará., Brasil, MCT/CNPq – Museu Paraense Emílio Goeldi, Coleção Eduardo Galvão., 1988: 87.

JENSEN, Allen Arthur- **Biological Information Transmitted Through Festival.** *In:* Ethnobiology: Implications and Applications Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology. Volume 1. POSEY, Darrell e OVERAL, William L., Belém, Brasil, SCT/CNPq/MPEG, 1988: 113-121.

Waimiri Atroari

MILLIKEN, Willian; WANDELLI, Elisa V.; MILLER, Robert P.; POLLARD, Sharon R. - **The Ethnobotany of the Waimiri Atroari Indians of Brazil.** Kew, U.K., Royal Botanic Gardens, 1992: 146.

Wanano

CHERNELA, Janet Marion - **Hierarchy and Economy of the Uanano (kotiriA Speaking Peoples of the Middle Uapes Basin.** Columbia University *In:* Columbia University, 1983: 180.

CHERNELA, Janet Marion - **Indigenous Fishing in the Neotropics: The Tukanoan Uanano of the Blackwater UapesRiver Basin In Brazil and Colombia.** *In:* Interciencia, 10 (2), 1985: 78-86.

CHERNELA, Janet Marion- **Pesca e hierarquização tribal no Alto Uaupés.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians – . Etnobiologia V.1, 2 edição. Darcy Ribeiro Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes., 1987: 235-249.

Wapixana

MUSSOLINI, Gioconda- **Notas sobre os conceitos de moléstia, cura e morte entre os índios Vapidianá.** *In:* Ensaios de Antropologia Indígena e Caiçara. Edgar Carone, Brasil, Paz eTerra, 1980: 193-215.

Waurá

COELHO, Vera Penteadó - **A festa do Pequi e os zuniador entre os índios Waurá.** *In:* Schweizerisch Amerikanisten- Gesellschaft, 55-56, 1991/92: 37-54.

COELHO, Vera Penteadó - **Informações sobre Instrumento Musical dos Índios Waurá.** *In:* Revista do Museu Paulista, Nova Série, 33, USP, 1988: 193-224.

COELHO, Vera Penteadó - **Some Aspects of the Pottery of the Waurá Indians. The original version of this article was written in Portuguese to be published in a Festschrift in honor to Professor Doctor Egon Schaden. .** *In:* SEM REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA, s/d: 235-254.

LIMA, Pedro E. de - **Os índios Waura. Observações gerais. A cerâmica.** *In:* Boletim do Museu Nacional, Antropologia, 9, MCT/CNPq/MPEG, 1950: 1-25.

Wayana

LOPES, Paula Morgado Dias - **O pluralismo médico Wayana-Aparaí: uma experiência intercultural.** Universidade de São Paulo, FFLCH, 1994: 272.

VELTHEM, Lucia Hussak van - **"Comer verdadeiramente": Produção e preparação de alimentos entre os Wayana.** *In:* Horizontes Antropológicos - Comida, Ano2, N.4, Prog. Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, 1996: 10-26.

VELTHEM, Lucia Hussak van - **Os Wayana, as águas, os peixes e a pesca.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi., Antropologia, 6(1), SCT/CNPq/MPEG, : .

VELTHEM, Lucia Hussak van - **Representações gráficas Wayãna-Aparaí.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi., Antropologia, n. 64, SCT/CNPq/MPEG, 1976: 1-19.

VELTHEM, Lucia Hussak van- **Equipamento doméstico e de trabalho.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Tecnologia Indígena, V.2. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 95-115.

VELTHEM, Lucia Hussak van- **Onde os Wayana penduram suas redes.** *In:* Habitações Indígenas. NOVAES, Sylvia Caiuby, São Paulo, Brasil, Editora Nobel, 1983.

VELTHEM, Lucia Hussak van- **Para não sermos como os macacos-prego: decoração corporal wayana.** *In:* Arte e Corpo: pintura sobre a pele e adornos se povos indígenas brasileiros. Ministério da Cultura/FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas, Brasil, Ministério da Cultura/FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1985: 47-51.

Xavante

CARRARA, Eduardo - **Tsi Tewara: um vôo sobre o cerrado Xavante. (Vol. I e II).** Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia., 1997: 323.

- LEEUEWENBERG, Frans - **Análise Etno-Zoológica e Manejo da Fauna Cinegética na Resrva Indígena Xavante Rio das Mortes, aldeia Tenitipa, Mato Grosso, Brasil.** CPI/Brazil/ WCI;WWF/Ga, Mato Grosso, 1994: 48.
- LEEUEWENBERG, Frans - **Diagnóstico de caça e manejo da fauna cinegética com os índios Xavante, aldeia Etenhiritipá. Relatório 1991/1993.** Centro de Pesquisa Indígena, Mato Grosso, 1995: 45.
- LEEUEWENBERG, Frans - **Etno-Zoological Analysis and Wildlife Management in the Xavante territory, Pimentel Barbosa, Mato Grosso State - december 1990 - december 1992 - Report of two years study.** Centro de Pesquisa Indígena - CPI/Brazil, Mato Grosso, 1993: 39.
- MARIMON. Beatriz - **Estrutura, composição florística e etnobotânica de floresta monodominante no Vale do Araguaia - Mato Grosso.** UNB,Inst. de Ciências Biológicas, 1998: 215.
- MAYBURY-LEWIS, Biorn - **A Sociedade Xavante.** Rio de Janeiro, Brasil, Francisco Alves Editora S/A, 1984.
- MÜLLER, Regina A.Polo- **Mensagens visuais na ornamentação corporal Xavante** *In:* Grafismo Indígena: Estudos da Antropologia Estética. Lux Vidal, Brasil, Estudio Nobel/EDUSP, s/d: 133-141.
- MÜLLER, Regina A.Polo- **Ornamentação Corporal Xavante: código simbólico e expressão artística.** *In:* Arte e Corpo: pintura sobre a pele e adornos se povos indígenas brasileiros. Ministério da Cultura /FUNARTE, Brasil, Ministério da Cultura/Funarte, 1985: 56-57.
- SÁ, Cristina - **Aldeia de São Marcos: transformações na habitação de uma comunidade Xavante.** Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1982: 220.
- SILVA, Aracy Lopes- **Xavante: Casa, aldeia, chão, terra, vida.** *In:* Habitação Indígenas. NOVAES, Sylvia, São Paulo, Brasil, Editora Nobel, 1983.
- VIEIRA FILHO, João Paulo Botelho - **Problemas da aculturação alimentar dos Xavante e Bororo.** *In:* Revista de Antropologia, 24, FFLCH/USP, 1981: 37-40.

Xerente

- FARIA, Oswaldo L. A. B. C. da; LOPES, Aracy; FARIAS, Agenor T. P.- **Pintura corporal e sociedade: os partidos Xerente.** *In:* Grafismo Indígena: Estudos da Antropologia Estética. Lux Vidal, Brasil, Estudio Nobel/EDUSP, s/d: 89-115.

Xukuru

- PAIVA e SOUZA, Vânia R. F. de - **As fronteiras do ser Xukuru.** Recife, Brasil, Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1998: 154.

Yanomami

- ALBERT, Bruce - **URIHI: Terra, Economia e Saúde Yanomami.** UNB, Instituto de Ciências Humanas, Dep. Antropologia., Brasília, 1991: 36.
- 545ALBERT, Bruce; GOMEZ, Gale Goodwin - **Saúde Yanomami: um manual etnolingüístico.** Belém, Brasil, PR/MCT/CNPq/ Museu Paraense Emílio Goeldi. Coleção Eduardo Galvão., 1997: 304.
- ALBERT, Bruce; MILLIKEN, Willian - **The Use of Medicinal Plants by the Yanomami Indians of Brazil, Part II.** *In:* Economic Botany, 51 (3), The New York Botanical Garden, 1997: 264-278.
- ALBERT, Bruce; MILLIKEN, Willian - **The Use of Medicinal Plants by the Yanomami Indians of Brazil.** *In:* Economic Botany, 50, NYBG, 1996: 10-25.
- ALBERT, Bruce; MILLIKEN, Willian- **Plantas medicinais dos Yanomami. Uma nova visão dentro da etnobotânica de Roraima.** *In:* Homem, Ambiente e Ecologia no Estado de Roraima. BARBOZA, Reinaldo I.; FERREIRA, Efreem Jorge G. e CASTELLÓN, Eloy G. (editores), Brasil, INPA, 1997: 85-110.
- ANDERSON, Anthony B. White - **The Names and Uses of Palms Among a Tribe of Yanomama Indians.** *In:* Principes - Journal of the Palm Society, 22(1), 1978: 30-41.
- BREWER-CARIAS, Charles; STEYERMARK, Julian A. - **Hallucinogenic Snuff Drugs of the Yanomamo Caburiwe-Teri in the Cauaburi River, Brazil.** *In:* Economic Botany, 30, The New York Botanical Garden, 1976: 57- 66.
- CHAGNON, Napoleon A.- **The culture-ecology of shifting (pioneering) cultivation among the Yanomamo indians.** *In:* Peoples and Cultures of Native America an Anthropological Reader. The American Museum of Natural History., Doubleday, New York, EUA, The Natural History Press, Garden City, 1973: 126-142.
- CHAGNON, Napoleon A.- **Yanomamö: the fierce people.** *In:* Cases in Cultural Anthropology. George and Louise Spindler, N.Y., EUA, Hoelt, Rineart and Winston Inc., 1968.
- CHAGNON, Napoleon A.; LE QUESSNE, Philip; COOK, James M. - **Yanomamö Hallucinogens: Anthropological, Botanical, and Chemical Findings.** *In:* Current Anthropology, 12(1), 1971: 72-74.
- PRANCE, Ghillean T. - **Notes on the use of plant hallucinogens in Amazonian Brazil.** *In:* Economic Botany, XXIV, The New York Botanical Garden, 1970: 62-67.
- PRANCE, Ghillean T.- **The Use of Edible Fungi by Amazonian Indians.** *In:* Ethnobotany in the Neotropics. PRANCE, G. T. e KALLUNKI, J. A New York, EUA, The New York Botanical Garden, 1984: 127-139.
- 679S/AUTOR - **Amazonie Indienne.** Brest, França, Muséum National d'Histoire Naturelle, Musée de l'Homme, Departament Amérique., 1981.

SEITZ, Georg J.- **Os Waika e suas drogas.** *In:* Os Alucinógenos e o Mundo Simbólico. COELHO, Vera Penteadó, São Paulo, Brasil, EPU/EDUSP, 1976: 105-133.

SMOLE, Willian J.- **Yanoama Horticulture in the Parima Highlands of Venezuela and Brazil.** *In:* Resource Management in Amazonia: Indigenous and Folks Strategies. POSEY, D.A. and BALÉE, W. (editors), New York, EUA, The New York Botanical Garden, 1989: 115-128.

Yawalapiti

CASTRO, Eduardo Viveiros - **Indivíduo e sociedade no Alto Xingu: os Yawalapiti.** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Antropologia Social, 1977.

EMMERICH, Margarete; VALLE, Lucí - **Estudos de etnobotânica no Parque Indígena do Xingu.** *In:* Bradea, 5(3), 1988: 50-54.

EMMERICH, Margarete; VALLE, Lucí - **Estudos de etnobotânica no Parque indígena do Xingu. Plantas abortivas, anticoncepcionais, conceptivas e sexo-determinantes.** *In:* Bradea, 6(2), 1991: 13-20.

EMMERICH, Margarete; VALLE, Lucí - **Estudos de etnobotânica no Parque indígena do Xingu: os fortificantes.** *In:* Bradea, 5(37), 1990: 364-375.

Zoró

BRUNELLI, Gilio - **De los Espíritus a los Microbios. Salud y sociedad en transformación entre los Zoró de la Amazonia Brasileña.** Quito, Peru, Ediciones Abya –Ayala, s/d.

BRUNELLI, Gilio- **Crossing Worlds in quest for Answers: Zoró Indians Explain Illness.** *In:* Ethnobiology: Implications and Applications Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology. Volume 2. POSEY, Darrel A. e OVERAL, William L., Belém, Brasil, CNPq/MCT, 1990: 141-153.

Zuruahã

KROEMER, Gunter - **Kunahã Made: o povo do veneno sociedade e cultura do povo Juruahã.** Belém, Brasil, Mensageiro, 1994: 197.

Índios Gerais

ANDRADE, Alfredo Ant. de - **Estudo das materias corantes de origem vegetal, em uso entre os índios do Brasil e das plantas de que procedem** *In:* Separata dos Archivos do Museu nacional, XXVIII, Museu nacional, 1926: 175-199.

AYTAI, Desidério; FALCO, Janina R.; PAZINATTO, Renata Parada - **Tipiti – Contribuição a seu estudo.** *In:* Revista do Museu Paulista, Nova Série, 32, USP, 1987: 131-154.

- AZEVEDO, Tales - **O vegetal como alimento e medicina do índio.** *In:* Revista do Arquivo Municipal, s/d: 264-270.
- BAUTISTA, Hortensia; PINTO, Geraldo Carlos; et alli- **Contribuição ao Conhecimento das Fruteiras indígenas da Bahia.** *In:* Anais do XXXV Congresso Nacional de Botânica. Sociedade Botânica do Brasil. , Brasília, Brasil, 1990.
- CARNEIRO, Robert L.- **Indians of the Amazonian Forest.** *In:* People of the Tropical Rain Forest. DENSLOW, J.S. and PADOCH, C. , California, Brasil, University of California Press, Smithsonian Institute Traveling Exhibition Service, 1988: 37-86.
- CARVALHO, José C. M. - **Relações entre os índios do Alto Xingu e a fauna regional.** *In:* Publicações Avulsas do Museu Nacional, Museu Nacional, 1951: 40.
- CASTRO FARIA, L. de - **Origens culturais da habitação popular do Brasil.** *In:* Boletim do Museu Nacional, Antropologia, n.12, N.12, Museu Nacional, 1951: 71.
- CASTRO, Eduardo Viveiros - **Cosmological deixis and amerindian perspectivism.** *In:* The Journal of the Royal Anthropological Institute, Incorporating Man, 4(3), Fellows and Junior Fellows of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, 1998: 469-488.
- CHIARA, Vilma- **Armas: Bases para uma classificação.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Tecnologia Indígena, V.2. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 117-137.
- CLEMENT, Charles R.- **Origin, Domestication and Genetic Conservation of Amazonian Fruit Tree Species.** *In:* Ethnobiology: Implications and Applications Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology. Volume 1. POSEY, Darrell A. e OVERAL, William L., Belém, Brasil, SCT/CNPq, 1988: 249-263.
- COOPER, John M.- **Armadilhas.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Tecnologia Indígena, V.2, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 163-171.
- COOPER, John M.- **Estimulantes e Narcóticos.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians – Etnobiologia V.1, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 101-118.
- COSTA, Maria Heloísa Fénelon; MALHANO, Hamilton Botelho- **Habitação Indígena Brasileira.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Tecnologia Indígena, V.2. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 27-92.
- DORTA, Sonia Ferraro; NICOLA, Norberto. - **Aroméri: Arte plumária do indígena brasileiro.** São Paulo, Brasil, Mercedes-Benz do Brasil S.A, 1986.

- ELISABETSKY, Elaine- **Etnofarmacologia de algumas tribos brasileiras.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians – Etnobiologia V.1, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 135-148.
- FERRREIRA, Mariana Kawall L. - **Histórias do Xingu. Coletânea de depoimentos dos índios Suyá, Kayabi, Juruna, Trumai, Txucarramãe e Txicão.** São Paulo, Brasil, NHII/USP - FAPESP, 1994.
- FIDALGO, Oswaldo - **Conhecimento Micológico dos Índios Brasileiros.** *In:* Revista de Antropologia, 15 e 16, FFLCH/USP, 1967-68: 27-34.
- FUNARTE- **Ornamentação corporal entre grupos indígenas.** *In:* Arte e corpo: pintura sobre a pele e adornos de povos indígenas brasileiros. Ministério da Cultura, Brasil, 1985: 15-19.
- GALVÃO, Eduardo - **O Uso do Propulsor entre as Tribos do Alto Xingu.** *In:* Revista do Museu Paulista, Nova Série, 4, USP, 1950: 351-367.
- GARCIA, Rodolpho - **Nomes de aves em língua Tupi.** *In:* Separata do Boletim do Museu Nacional, V, n.3, Museu Nacional, 1929: 54.
- GILMORE, Raymond M.- **Fauna e etnozologia da América do Sul.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Etnobiologia V.1, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 189-233.
- HEIZER, Robert F.- **Venenos de Pesca.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Etnobiologia V.1, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 95-99.
- HOLMSTED, Bo; LINDGREN, Jan-Erik; RIVIER, Laurent; RIBEIRO DO VALLE, José - **Ayhuasca, caapi ou yagê - bebida alucinógena dos índios da bacia amazônica.** *In:* Ciência e Cultura, 31 (10), SBPC, 1979: 1120-1124.
- ISA - Instituto Sócioambiental - **Instituto Socioambiental. Povos Indígenas no Brasil: 1991-1995.** São Paulo, Brasil, ISA, 1996: 871.
- KERR, Warwick Estevam- **Agricultura e seleção genéticas de plantas.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians – Etnobiologia V.1, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 159-171.
- KERR, Warwick Estevam; POSEY, Darrell Addison; WOLTER, Wilson Filho - **Cupá, ou cipó-babão, alimento de alguns índios amazônicos.** *In:* Acta Amazônica, 8(4), 1978: 702-705.
- LARAIA, Roque de Barros- **Nossos Contemporâneos Indígenas.** *In:* A Temática Indígena na Escola. SILVA, Aracy L. e GRUPIONI, Luis Donisete B., Brasília, Brasil, MEC, MARI, UNESCO, 1995: 262-287.

- LÉVI-STRAUSS, Claude- **O uso das plantas silvestres da América do sul tropical.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians Etnobiologia V.1, 2 edição. RIBEIRO, Berta (coord.). Darcy Ribeiro (Editor et alii), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 29-46.
- LIMA, Pedro E. de - **A Canoa de Casca de Jatobá entre os Índios de Xingu.** *In:* Revista do Museu Paulista, Nova Série, 4, USP, 1950: 369-379.
- LIMA, Tânia Andrade- **Cerâmica Indígena Brasileira.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Tecnologia Indígena, V.2. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 173-229.
- MEGGERS, Betty J.- **Environment and culture in Amazonia.** *In:* Man in the Amazon. WAGLEY, Charles (Edited), Brasil, The University Presses of Florida, 1974: 91-110.
- MELATTI, Julio Cezar - **Índios do Brasil.** São Paulo, Brasil, Editora Hucitec, 1983: 232.
- MENEZES, Jayme de Sá - **Medicina indígena (na Bahia).** Salvador, Brasil, Livraria Progresso Editora, Coleção de Estudos Brasileiros, série Cruzeiro, vol. 13, 1957: 97.
- MÉTRAUX, Alfred.- **Armas.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Tecnologia Indígena, V.2. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 139-161.
- MÉTRAUX, Alfred.- **Borracha: Entrecasca de Árvore.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians – Etnobiologia V.1, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 91-93.
- MOURA, Ruben Tavares- **Catálogo de artefatos utilizados na pesca por populações indígenas da Amazônia - representada na reserva técnica.** *In:* Coletânea de trabalhos apresentados no VI Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil. DIEGUES, Antonio Carlos, São Paulo, Brasil, NUPAUB, 1992: 107-111.
- MÜLLER, Regina A.Polo; VIDAL, Lux Boelitz- **Pintura e adornos corporais.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians – Arte Índia, V.3, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 119-148.
- O'NEALE, Lila- **Cestaria.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Tecnologia Indígena, V.2. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 323-349.

- O'NEALE, Lila- **Tecelagem**. *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Tecnologia Indígena, V.2. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 397-429.
- PEREIRA, Renato B. R. - **Xamanismo e Medicina: o caso Rusch reavaliado**. *In:* Ciência Hoje, 9(50), SPBC, 1989: 40-47.
- POSEY, Darrell Addison - **Consideraciones Etnoentomológicas sobre los grupos ameríndios**. *In:* América Indígena, XI, n.1, Instituto Indígena Interamericano, 1980: 105-120.
- POSEY, Darrell Addison - **Medicinas Alternativas**. *In:* Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência, 4, SBPC, 1989: 64-66.
- POSEY, Darrell Addison- **Etnoentomologia de tribos indígenas da Amazônia**. *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Etnobiologia V.1, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 251-271.
- POSEY, Darrell Addison; FRECHIONE, John; SILVA, Luiz Francelino; et alii - **Ethnoecology as applied anthropology in Amazonian development**. *In:* Human Organization, 43(2), Journal of the Society for Applied Anthropology, 1984: 95-107.
- PRANCE, Ghilleen T.- **Etnobotânica de algumas tribos amazônicas**. *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Etnobiologia V.1, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 119-133.
- REICHEL-DOLMATOFF, G.- **O contexto cultural de um alucinógeno aborígine**. *In:* Os Alucinógenos e o Mundo Simbólico. COELHO, Vera Penteadó, São Paulo, Brasil, EPU/EDUSP, 1976: 59-103.
- RIBEIRO, Berta G. - **A Arte do Trançado no Brasil. Um estudo taxonômico**. Belém, Rio de Janeiro, Brasil, Museu Paraense Emílio Goeldi. Fundação Nacional de Arte. Instituto Nacional do Folclore, 1985: 185.
- RIBEIRO, Berta G. - **A Civilização da Palha: a arte do trançado dos índios do Brasil – Um Projeto**. *In:* Cadernos do Museu de Arqueologia e Artes Populares, Universidade Federal do Paraná. Museu de Arqueologia e Artes Populares, 1977: 34-49.
- RIBEIRO, Berta G. - **A Civilização da Palha: A arte do trançado dos índios do Brasil. Vol.1 e 2**. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1980: 590.
- RIBEIRO, Berta G. - **A presença do homem**. *In:* Floresta Atlântica, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, 1991-1992: 79-93.
- RIBEIRO, Berta G. - **Arte Indígena, Linguagem Visual**. São Paulo /Belo Horizonte, Brasil, Universidade de São Paulo/Itatiaia, 1989: 186.

- RIBEIRO, Berta G. - **Diário do Xingu**. Rio de Janeiro, Brasil, Paz e Terra, 1979: 194.
- RIBEIRO, Berta G. - **Dicionário do Artesanato Indígena**. Belo Horizonte, São Paulo, Brasil, Universidade de São Paulo, Itatiaia, 1988: 343.
- RIBEIRO, Berta G. - **O Índio na Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro, Brasil, UNIBRADE/UNESCO, 1987: 186.
- RIBEIRO, Berta G.- **A Arte de Trançar: dois macroestilos, dois modos de vida**. In: Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Tecnologia Indígena, V.2. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 283-313.
- RIBEIRO, Berta G.- **A Contribuição dos povos Indígenas à cultura Brasileira**. In: A Temática Indígena na Escola. SILVA, Aracy Lopes da e GRUPIONI, Luís Donisete B., Brasília, Brasil, MEC, MARI, UNESCO, 1995: 197-217.
- RIBEIRO, Berta G.- **Artes Têxteis Indígenas do Brasil**. In: Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Tecnologia Indígena, V.2. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 351-389.
- RIBEIRO, Berta G.- **As artes da vida do indígena brasileiro**. In: Índios no Brasil. GRUPIONI, Luís Donisete B., Brasília, Brasil, Ministério da Educação e do Desporto, 1994: 135-152.
- RIBEIRO, Berta G.- **Bases para uma classificação dos adornos plumários dos índios do Brasil**. In: Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians . Arte Índia, V.3, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 189-226.
- RIBEIRO, Berta G.- **Glossário dos Tecidos**. In: Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Tecnologia Indígena, V.2. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 390-395.
- RIBEIRO, Berta G.- **Glossário dos Trançados**. In: Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Tecnologia Indígena, V.2. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 314-321.
- RIBEIRO, Darcy.- **Arte índia**. In: Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians – Arte Índia, V.3, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 29-64.
- ROLIM, Samir G. - **Terra Indígena Panará: perspectivas de manejo sustentado dos recursos naturais. Relatório de Campo (Versão 1.0)**. SEM REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA, 1997.

- SAUER, Carl- **As plantas cultivadas na América do Sul tropical.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Etnobiologia V.1, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 59-90.
- SCHULTES, Richard Evans - **Diversas Plantas comestíveis nativas do noroeste da Amazônia.** *In:* Acta Amazônica, Ano VIII (3), 1977: 317-327.
- SILVA, Aracy Lopes; VIDAL, Lux Boelitz - **O Sistema de Objetos nas Sociedades Indígenas: Arte e Cultura Material.** *In:* A Temática Indígena na Escola, MEC, MARI, UNESCO, 1995: 369-402.
- SILVA, Joana A. F.- **Economia de Subsistência e Projetos de desenvolvimento econômico em áreas indígenas.** *In:* A Temática Indígena na Escola. SILVA, Aracy L. da e GRUPIONI, Luís Donisete B., Brasília, Brasil, MEC, MARI, UNESCO, 1995: 342-367.
- SILVA, Maria das Graças S. da - **Brinquedos indígenas na Amazônia.** Belém, Brasil, MPEG/Volume 4, Série Infantil do MPEG, 1989.
- TEIXEIRA, Dante Luiz Martins - **Perspectivas da etno-ornitologia no Brasil: o exemplo de um estudo sobre a "Tapiragem",** *In:* Boletim do Mus. Paraense Emílio Goeldi, Zoologia, 8 (1), SCT/CNPq/MPEG, 1992: 113-121.
- Universidade Federal de Viçosa - **Mostra etnográfica indígena do Rio Negro (de 5 à 18 de maio de 1983).** Viçosa/Minas Gerais, Brasil, Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Educação, 1983: 35.
- VELLARD, Juan Alberto - **Los Curares Indígenas.** Buenos Aires, Argentina, Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras. Museu Etnográfico J.B. Ambrosetti, 1980: 17.
- VERANI, Cibele B. L.- **A construção social da doença e seus determinantes culturais: a Doença da Reclusão do Altí Xingu.** *In:* Saúde e povos indígenas. SANTOS, Ricardo V.; COIMBRA JR. Carlos E. ^a, Rio de Janeiro, Brasil, Fiocruz, 1994: 91-112.
- VILLAS BOAS, Cláudio; VILLAS BOAS, Orlando - **Xingu: Os Índios, seus Mitos.** Rio de Janeiro, Brasil, Zahar Editores, 1979.
- VINCENT, Willian Murray- **Máscaras. Objetos rituais do Alto Rio Negro.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians Arte Índia, V.3, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, : 151-179.
- ZARUR, George Cerqueira Leite- **Ecologia e Cultura: algumas comparações.** *In:* Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Etnobiologia V.1, 2 edição. Darcy Ribeiro (Editor et alii). RIBEIRO, Berta (coord.), Petrópolis, Brasil, FINEP/Vozes, 1987: 273-280.

LISTAGEM DE PUBLICAÇÕES ACERVO NUPAUB
PROJETO POPULAÇÕES E BIODIVERSIDADE
POPULAÇÕES NÃO-INDÍGENAS

Açorianos

- BECK, Anamaria - **Aspectos sócio-econômicos da pescaria da tainha em Santa Catarina (Projeto Mugilidae). Florianópolis.** UFSC/Centro de Ciências Humanas/Depto. de Ciências Sociais, Florianópolis, 1989.
- CORSO, Arlete C. T. - **A extinção da pesca artesanal e o impacto no modo de vida e na alimentação: um estudo de caso. Salvador.** UFBA, Saúde Comunitária, 1988: 129.
- CUNHA, Lúcia Helena de O. - **Entre o mar e a terra. Tempo e espaço na pesca em Barra da Lagoa.** PUC-SP. São Paulo, Ciências Sociais, 1987: 244.
- DIEGUES, Antônio Carlos S. - **A caxeta no Vale do Ribeira.** SMASP, PPCAUB-IOUSP/F.FORD/UICN, São Paulo, 1989: 121.
- LAGO, Maria C. - **Memória de uma comunidade que se transforma: de localidade agrícola pesqueira a balneário.** UFSC. Florianópolis, Ciências Sociais, 1983: 144.
- MARQUES, L. A. B. - **O pescador Artesanal do Sul.** Rio de Janeiro, Brasil, MEC-SEAC-FUNARTE-Instituto Nacional do Folclore. 1980: 75.
- MINASI, Luis Fernando - **Subprojeto: pesca artesanal na Lagoa dos Patos.** CIRM/Universidade do Rio Grande, s/d: 65.
- ORLANDO, Ana M. - **Alguns aspectos da pesca do camarão no estuário da Lagoa dos Patos Rio Grande do Sul, Brasil.** Universidade do Rio Grande/CIRM, Rio Grande, 1988: 9.
- RIAL, Carmen Silva - **Mar-de-dentro: a transformação do espaço social na Lagoa da Conceição.** UFRS, Antropologia, 1988: Parte do Texto.
- SILVA, Célia Maria - **Ganchos /SC Ascensão e decadência da pequena produção mercantil pesqueira.** Florianópolis, Brasil, UFSC, 1992: 196.

Caiçaras.

- ADAMS, Cristina - **Caiçaras na Mata Atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental.** USP, PROCAM, 1996: 293.
- ALVAR, Júlio; ALVAR, Janine - **Guaraqueçaba, mar e mato.** Curitiba, Brasil, UFPR, 1979: 207.
- ÂNGELO, Sueli - **Picinguaba: três décadas numa vila de pescadores do litoral norte do Estado de São Paulo.** In: Associação dos geógrafos brasileiros, nº69, 1991: 61-73.

- ATHAYDE, Simone Ferreira; TOMAZ, Lea Maria - **Áreas naturais protegidas e comunidades locais da Ilha do Mel - PR.** *In:* Nerítica, 9(1-2), UFPR, 1995: 49-91.
- BASTOS, Alexandre Assis - **A coleta de ostra Crassostrea brasiliana e manejos sustentado em áreas de manguezal (Mandira Cananéia).** USP, PROCAM, 1997: 103.
- BEGOSSI, Alpina - **Fishing spots and sea tenure in atlantic forest fishing communities.** NEPAM-UNICAMP, Campinas, 1993: 29.
- BEGOSSI, Alpina - **Food diversity and choice and tecnologia in brazilian fishing community (Búzios Island).** University of California, Ecology, 1989: 223.
- BEGOSSI, Alpina - **The fishers and buyers from Búzios Island (Brazil): Kin ties and modes of production.** NEPAM-UNICAMP, Campinas. *In:* Submitted to Ciência e Cultura, 1994: .
- BEGOSSI, Alpina - **The use of optimal foraging theory in the understading of fishing strategies: a case from Sepetiba Bay (Rio de Janeiro).** *In:* Human Ecology, 20(4), 1992: 463-475.
- BEGOSSI, Alpina; et alli - **Plant uses in brazilian coastal fishing community (Búzios Island).** *In:* J. Ethnobiol. 13 (2), 1993: 233-256.
- BEGOSSI, Alpina; FIGUEIREDO, Gisela Mandali de; LEITÃO FILHO, H. F. - **Ethnobotany of Atlantic Forest coastal communities: diversity of plant uses in Gamboa (Itacuruçá Island, Brazil).** NEPAM, Campinas, 1993: 17.
- BEGOSSI, Alpina; FIGUEIREDO, J. L. - **Ethnoichthyology of southern coastal fishermen: cases from Búzios Island and Sepetiba Bay (Brazil),** *In:* Submitted to Bolletin Of Marine Science, 1993: 20.
- BEGOSSI, Alpina; LEITÃO FILHO, H. F.; ROSSATO, Silvia Cristina- **Plantas medicinais do Puruba, Ubatuba, SP: uso e diversidade.** *In:* Anais do IV Simpósio sobre Ecossistemas da Costa Brasileira. , Brasil, 1992.
- BEGOSSI, Alpina; RICHERSON, P.J. - **Biodiversity, family income and ecological niche: a study on the consumption of animal foods on Búzois Island (Brazil).** *In:* Ecological of Food Nutrition, 30, Gordon and Breach Science Publishers S.A. 1993: 51-61.
- BEGOSSI, Alpina; RICHERSON, P.J. - **The diffusion of “Lambreta”, and artificial Lure, at Búzios Island (Brazil).** *In:* MAST, 4(2), 1991: 87-103.
- BORN, Gemima C. Cabral- **Comunidades tradicionais na Estação Ecológica da Juréia-Itatins: biodiversidade e medicina popular.** *In:* Anais do 2º Congresso Nacional sobre essências nativas - Conservação da Biodiversidade. Instituto Florestal, São Paulo, Brasil, Unipress, 1992: 804-807.
- BRANDÃO, Silvia F. - **O Pescador do Município de Campos: Universo e Linguagem.** UFRJ, Letras Vernáculas, 1988: 490.
- BRETON, Yvan; CAVANAGH, Julie - **Mobilization des Pêcheurs et politique municipale à São Sebastião.** Université Laval e CEMAR (USP), Québec, 1996: 58.

- BRETON, Yvan; PLANTE, Steve - **Espaço, pesca e turismo em Trindade. Documentos e Relatórios de Pesquisa n 23** NUPAUB-USP, Pró Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997: 76.
- BRITO, Maria Célia W. - **Unidades de Conservação: Intenções e Resultados.** USP, PROCAM, 1995.
- BRITO, Maria Célia W.; VIANNA, Lucila P.- **Vila de Picinguaba: o caso de uma comunidade caiçara no interior de uma área protegida.** *In:* Anais do 2 Congresso Nacional sobre Essências Nativas. SMA/Revista do IF, São Paulo, Brasil, 1992: 1067-1073.
- BRITTO, Rosyan C. de C. - **Modernidade e tradição: Construção da identidade social dos pescadores de Arraial do CaboRJ).** UFRRJ, CPDA, 1989: 210.
- CALHEIRA, Zoraya - **Pesca artesanal: a difícil vida dos pescadores.** *In:* Ecologia e Desenvolvimento, Ano 2, N 13, Ed. Terceiro Mundo, 1992: 45-47.
- CAMPOS, Márcio D'Olne Campos- **Saber Mágico, saber empírico e outros saberes na Iha de Búzios.** *In:* Caminhos Cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais. EULÁLIO, Alexandre; et alli, São Paulo, Brasil, Brasilienses, 1982: 23-32.
- CARDOSO, Eduardo Schiavone - **Vitoreiros e Monteiros: Ilhéus do litoral norte paulista.** USP- São Paulo, FFLCH, 1996: 103.
- CARDOSO, Eduardo Schiavone- **Vitoreiros e Monteiros: Ilhéus do litoral Norte Paulista.** *In:* Ilhas e e Sociedades Insulares. DIEGUES, Antônio Carlos S.(Org). São Paulo, Brasil, NUPAUB-USP, 1997: 155-163.
- CARVALHO, Ana Maria; et alli - **Comunidades isoladas.** Governo do Estado de São Paulo, São Paulo, 1969: 80.
- CASTRO, Carlos Ferreira de Abreu - **Biodiversidade e quintais.** *In:* CASTRO, Carlos Ferreira de Abreu/Eng. Florestal, UFMG, : .
- CUNHA, Lúcia Helena de O. - **Comunidades litorâneas e Unidades de Proteção Ambiental: convivência e conflitos; o caso de Guaraqueçaba (Paraná). Estudo de Caso n 2.** PPCAUB/Pró-Reitoria de Pesquisa da USP/F. FORD/IUCN, São Paulo, s/d.
- CUNHA, Lúcia Helena de O. - **Imagens da águas: mitos, saberes e fazeres.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Curitiba, 1993: 54.
- CUNHA, Lúcia Helena de O. - **Reserva extrativista em áreas úmidas: uma alternativa de produção e conservação da natureza.** NUPAUB/USP, São Paulo, 1993: 18.
- DARC - Departamento de Atividades Regionais da Cultura; Secretaria de Estado da Cultura - **Encontro sobre tecnologia caiçara. Cananéia** Secretaria de Estado da Cultura/DARC - CEPAM, Cananéia, 1990.
- DEAN, Warren - **A ferro e fogo: a história e a devastação da mata Atlântica Brasileira.** São Paulo, Brasil, Companhia das Letras, 1996: 231.
- DIEGUES, Antônio Carlos S. - **A pesca em Ubatuba: estudo sócio-econômico.** São Paulo, Brasil, Sudelpa/ Governo do Estado de São Paulo, 1974: 93.

- DIEGUES, Antônio Carlos S. - **Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades Caiçaras.** *In:* DIEGUES, Antônio Carlos S. *Trabalhos e Estudos*, NUPAUB-USP, 1988: 40.
- DIEGUES, Antônio Carlos S. - **L'ecosysteme lagunaire Iguape Cananéia (Brésil) Une étude de cas. Paris** *In:* Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, CIRED, 1976: 158.
- DIEGUES, Antônio Carlos S. - **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar.** São Paulo, Brasil, Ática, 1983: 287.
- DIEGUES, Antônio Carlos S. - **Pescadores, sitiantes e trabalhadores do mar.** USP, FFLCH, 1979: 314.
- DIEGUES, Antônio Carlos S. - **The Mata Atlântica Biosphere Reserve: an overview. Working Papers n 1, South-South Cooperation Programme on Environmentally e Sound Socio-Economic Development in the Humid Tropics.** UNESCO/MAB, Paris, 1995: 36.
- DIEGUES, Antônio Carlos S. - **Traditional tenure sea and coastal fisheries resources management in Brazil.** Museu Nacional NUPAUB/Research Center on Human - Populations and Wetlands, São Paulo, 1997: 127-177.
- DIEGUES, Antônio Carlos S.- **Comunidades litorâneas e os manguezais no Brasil** *In:* II Simpósio de Ecossistemas da costa sul e sudeste brasileira: estrutura, função e manejo, Vol. 3. CNCT/SCTDE/FAPEP/IBAMA, Águas de Lindóia/SP, Brasil, Academia de Ciências, 1990: 123-146.
- DIEGUES, Antônio Carlos S.- **Repensando e recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais.** *In:* Biodiv. Biotec. & Ecodesenvolv. Anais/Simp. Nac. "O Sol é nosso: perspectivas de ecodesenvolv. para o Brasil". VIEIRA, Paulo Freire; GUERRA, Miguel (Orgs), Brasil, Universidade Federal de Santa Catarina, 1994: 69-86.
- DIEGUES, Antônio Carlos S.; et alli - **Projeto: "A ocupação caiçara e os terrenos de Marinha".** PPCAUB/ Fundação Ford-IUCN-IOUSP, Instituto de Antropologia e Meio Ambiente, São Paulo, s/d: 19.
- DIEGUES, Antônio Carlos S.; NOGARA, Paulo José - **O nosso lugar virou parque.** São Paulo, Brasil, NUPAUB-USP, 1994: 187.
- DUARTE, L. F. D. - **As redes do suor A reprodução social dos trabalhadores da produção de pescado em Jurujuba.** UFRJ, Museu Nacional, 1978: 276.
- FAJARDO, Elias - **Cultura Caiçara.** *In:* Ecologia e Desenvolvimento, 39, E&D, 1994: 6-39.
- FERNANDES, Rita - **Catadores de Caranguejo: a dura batalha na lama.** *In:* Ecologia e Desenvolvimento, n°41, E&D, s/d: 23-27.
- FIGUEIREDO, Gisela Mandali de - **Etnoictologia da comunidade do Puruba (Ubatuba-SP). Relatório de pesquisa** Depto. de Ecologia IB, UFRJ, Rio de Janeiro, s/d.

- FONSECA, Viviane Stern da- **Situación de los estudios de etnobotánica y botánica económica en ecosistemas costeros de Brasil: nota preliminar.** *In:* Usos y Manejo de Recursos Vegetales, Memorias del Segundo Simposio Ecuatoriano de Etnobotánica y Botánica Económica. Rios. Montserrat y Pedersen, Henrikb. Quito, Ecuador, Abya-Yala, 1997: 57-81.
- FRANÇA, Ney Pinto - **Manejo florestal na Mata Atlântica por comunidades Caiçaras.** USP, CRHEA-São Carlos, 1997: 32.
- GOMES, Selma A. - **Estudo de etnobotânica em dois bairros rurais do Município de Cananéia - SP.** Instituto de Biociências UNESP. Rio Claro, 1995: 61.
- HANAZAKI, Natalia - **Conhecimento e uso de plantas, pesca e dieta em comunidades caiçaras do município de Ubatuba (SP).** USP. São Paulo, Departamento de Ecologia Geral, 1997: 136.
- HANAZAKI, Natalia - **Uso de recursos e dieta da população de caiçaras da Ponta do Alma (Ubatuba - SP) - Ubatuba NEPAM/UNICAMP,** Campinas, 1995: 16.
- HANAZAKI, Natalia - **Uso de recursos na Mata Atlântica : O caso da Ponta do Almada. UBATUBA.** NEPAM-USP (Submetido a Interciência), São Paulo, 1995: 18.
- IBAMA; SPVS - Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental; PNMA - Programa Nacional do Meio Ambiente - **Projet co-gestão de manejo ambiental e desenvolvimento comunitário na APA de Guaraqueçaba, Paraná. Comunidades pesqueiras da APA de Guaraqueçaba: uma caracterização sócio-cultural.** IBAMA/SPVS, Curitiba, 1995: 53.
- IPARDES - Fundação Edison Vieira - **APA de Guaraqueçaba, caracterização sócio-econômica dos pescadores artesanais e pequenos produtores rurais.** IPARDES/SEMA/MDUMA, Curitiba, 1989: 87.
- JANNY, Valéria T. Camargo - **Levantamento, análise e sugestões para a legislação de Parques – Parque Estadual da Ilha do Cardoso – Cananéia – SP.** Universidade Estadual Paulista/Rio Claro, Instituto de Biociências, 1997: 178.
- KRAEMER, Marília de C. - **Malhas da pobreza: exploração do trabalho de pescadores artesanais na baía de Paranaguá.** PUC-SP, Ciências Sociais, 1978: 185.
- LANGOWISKI, Vera Beatriz - **Contribuição para o estudo dos usos e costumes do praieiro do litoral de Paranaguá.** *In:* Cadernos de Artes e Tradições Populares. Ano 1 n 1, Museu de Arqueologia e Artes Populares. 1973: 77-101.
- LIMA, Roberto Kant - **Pescadores de Itaipu. A pescaria da tainha e a produção ritual da identidade social.** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós - Graduação em Antropologia social. 1978: 284.
- LIMA, Roberto Xavier - **Estudos Etnobotânicos em comunidades continentais da Área de proteção Ambiental de Guaraqueçaba - Paraná.** Universidade Federal do Paraná, Engenharia Florestal Área de Concentração em Conservação da Natureza. 1996: 123.
- LIMA, Rossini Tavares de - **Folclore do Litoral Sul: Cananéia (dados de cadernetas de campo).** *In:* Revista Brasileira de Folclore, ano XI (31), Ministério da Educação e Cultura/ Campanha de defesa do folclore brasileiro, 1971: 343-352.

- MACEDO, Toninho - **Homem e natureza, harmonia ou agressão?**, *In: Cadernos Curupira, Abaçai-SGSC, 1988: 10-32.*
- MALDONADO, Wanda- **Comunidades Caiçaras e o Parque Estadula de Ilha Bela.** *In: Ilhas e e Sociedades Insulares. DIEGUES, Antônio Carlos S.(Org). São Paulo, Brasil, NUPAUB-USP, 1997: 123-136.*
- MANSANO, Candice Filipak - **Do tempo dos antigos ao tempo de hoje: o caiçara de Cambury entre a terra e o mar.** UNICAMP/FE, Campinas, Ciências Sociais aplicadas à Educação, 1998: 174.
- MARTINS, José de Souza - **Capitalismo e tradicionalismo.** São Paulo, Brasil, Enio Matheus Guazzelli & Cia. Ltda. 1975: 103-161.
- MATER NATURA - **Plantas medicinais e receitas caseiras. (Parte integrante do Projeto: Inventário etnobotânico da APA de Guaraqueçaba-PR: populações tradicionais adjacentes ao Parque Nacional do Superagui)** MATER NATURA/Fundo Nacional do Meio Ambiente-MMA/FMNA, Curitiba, 1998: 38.
- MENDONÇA, Ana Lúcia F.; et alli - **Despraiado: diagnóstico da ocupação humana e formulação de sua compatibilização com a preservação ambiental.** CEMA/CPRN/DEPAN, São Paulo, 1989.
- MERLO, Márcia- **As vozes do Bonete, uma face de Ilha Bela.** *In: Ilhas e e Sociedades Insulares. DIEGUES, Antônio Carlos S.(Org), São Paulo, Brasil, Ilhas e e Sociedades Insulares, 1997: 111-122.*
- MILANELO, Miriam- **Comunidades tradicionais do Parque Estadual da Ilha do Cardoso e a ameaça do turismo emergente.** *In: Anais do 2 Congresso Nacional sobre Essências Nativas. SMA/Revista do IF, São Paulo, Brasil, 1992: 1109-1111.*
- MOREIRA, André de Castro C. - **Reserva Extrativista do Bairro Mandira (Cananéia, São Paulo): A viabilidade de uma incerteza.** USP, PROCAM, 1998: 168.
- MOREIRA, André de Castro C.; SALES, Renato José Rivaben - **Reserva extrativista no complexo estuarino lagunar de Iguape e Cananéia. Domínio da Mata Atlântica.** NUPAUB-USP, São Paulo, 1996: 77.
- MOURÃO, Fernando A. A. - **A pesca no litoral sul do Estado de São Paulo e o pescador na região lagunar de Iguape, Cananéia.** USP, Sociologia, 1967: 210.
- MUSSOLINI, Gioconda - **Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro.** *In: Revista de Antropologia. 1 n°2, 1953: 81-97.*
- MUSSOLINI, Gioconda - **O cerco da tainha na Ilha de São Sebastião.** *In: Sociologia: Revista didática e científica, II n° 3, 1945: 135-147.*
- NEGREIROS, Osmar Corrêa de; et alli - **Plano de manejo para o Parque Estadual da Ilha do Cardoso. Boletim Técnico N.9** Secretaria da Agricultura/IF, São Paulo, 1974: 56.
- NOFFS, P. da. S. - **Os caiçaras do toque toque pequeno: Um estudo de mudança espacial.** USP, FFLCH, 1998: 129.
- NUNES, Marília Duarte- **Notas preliminares para o estudo da cestaria no Paraná.** *In: Cadernos de Artes e tradições Populares, Ano 1 n 1. Museu de arqueologia e artes Populares(UFPR), Paranaguá, Brasil, 1973: 103-126.*

- OLIVEIRA, Carlos Roberto - **Boiçucanga: de Bairro Rural a Bairro Urbano**. USP, FFLCH-Geografia, 1998: 172.
- OLIVEIRA, Eliane Rita - **Populações humanas na Estação Ecológica de Juréia-Itatins. Documentos e Relatórios de Pesquisa nº10** NUPAUB-USP, São Paulo, 1993: 69.
- OLIVEIRA, Rogério Ribeiro de; et alli - **Roça Caiçara: um sistema "primitivo" auto-sustentável**, *In: Ciência hoje*, 18(104), SBPC, 1994: 43-51.
- PAES, Silvia Regina - **Espaço da vida, espaço da morte na trajetória caiçara**. UNESP/FCL Araraquara, Sociologia, 1998: 168.
- PEREIRA, Cilene da Cunha - **Os pescadores da Lagoa de Araruama. Etnografia e linguagem**. UFRJ, Letras, 1988: 228.
- PERONI, Nivaldo - **Taxonomia folk e diversidade interespecífica de mandioca (Manihot esculenta Crantz) em roças de agricultura tradicional em áreas de mata atlântica do sul do estado de São Paulo**. ESALQ-USP, Genética e Melhoramento de Plantas, 1998: 191.
- PERONI, Nivaldo; MARTINS, Paulo Sodero - **Influência da dinâmica agrícola itinerante na geração de diversidade de etnovariedades cultivadas propagadas vegetativamente**, *In: Interciência*, s/d: 1-29.
- PESSANHA, Elina G. da Fonte - **Os companheiros: trabalho na pesca de Itaipu**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1977: Parte do Texto.
- RIBAS, Marcos; RIBAS, Rachel - **O modo de fazer: estudo sobre alguns processos de confecção artesanal na cidade de Paraty**. Fund. Ford, Paraty, 1983: 49.
- RIBEIRO NETO, Francisco B. - **Estratégias de sobrevivência de comunidades litorâneas em regiões ecologicamente degradadas: o caso da Baixada Santista. Estudos de Caso n 1** Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil – F. Ford/IUCN/IOUSP, São Paulo, 1989: 132.
- ROSSATO, Silvia Cristina - **Utilização de plantas por populações do litoral norte do Estado de São Paulo**. USP. São Paulo, Departamento de Ecologia Geral do Instituto de Biociências -, 1996: 119.
- SAMBATTI, Julianno Bergoch Monteiro - **Erosão genética e conservação de germoplasma de mandioca na agricultura autóctone em Ubatuba, SP**. *In: ESALQ-USP, Piracicaba, Genética e Melhoramento de Plantas*, 1998: 165.
- SANCHES, Rosely Alvim - **Caiçaras e a Estação Ecológica de Juréia Itatins. Uma abordagem etnográfica e ecológica para o estudo da relação homem - Meio ambiente**. USP, Ecologia, 1997: 209.
- SCARPIN, Elza - **São Paulo "bagre" - O imaginário religioso num bairro rural de Cananéia**. USP, Antropologia, 1991: 192.
- SCHEUER, Herta Loëll - **Estudo da cerâmica popular do estado de São Paulo**. São Paulo, Brasil, Conselho Estadual de Cultura, 1976: 131.
- SCHMIDT, Carlos B. - **Lavoura caiçara. Documentário da vida rural nº14**. Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, Rio de Janeiro, 1958: 33.

- SEIXAS, Cristina S. - **Estratégias de pesca e utilização de animais por comunidades pesqueiras da Ilha Grande, RJ.** *In:* Estadual de Campinas, Biologia, 1997: 68.
- SETTI, Kilza - **Ubatuba nos cantos da praias. Estudo da caiçara paulista e de sua produção musical** São Paulo, Brasil, Editora Ática, 1985: 293.
- SILVA, Gláucia Oliveira - **Tudo que tem na terra tem no mar. A classificação dos seres Vivos entre trabalhadores da pesca em Piratininga RJ.** UFRJ, Antropologia Social, 1988: 206.
- SILVA, Luiz Geraldo Santos da - **Caiçaras e jangadeiros: cultura marítima e modernização no Brasil.** CEMAR, USP, São Paulo, 1993: 145.
- SILVA, Viviane Capezzuto F. da- **A praia do Meio: do homem da costa, do homem da terra, o homem no meio.** *In:* Ilhas e e Sociedades Insulares. DIEGUES, Antônio Carlos S.(Org). São Paulo, Brasil, NUPAUB-USP, 1997: 165-199.
- THIÉBLOT, Marcel Jules - **Os homens do sal no Brasil. Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas.** São Paulo, Brasil, Governo do Estado de São Paulo/, 1979: 133.
- TOMAZ, Lea Maria - **Os nativos da Ilha do mel uma identidade em questão.** *In:* Departamento de Ciências Sociais da UFPR, 1 (2), UFPR, 1996: 13-39.
- TOMAZ, Lea Maria - **Representações sociais dos nativos da Ilha do Mel - PR.** UFPR, Ciências Sociais, 1996: 85.
- VIANA, Virgílio M.- **Conservação da biodiversidade de fragmentos de florestas tropicais em paisagens intensivamente cultivadas.** *In:* Anais Conf.:Abordagens Interdisciplinares para a conservação da biodiversidade e dinâmica do uso da terra no novo mundo. UFMG/University of Florida, Belo Horizonte, Brasil/USA, 1995: 135-154.
- VIANA, Virgílio M.; et alli - **Perspectivas para a certificação sócio-ambiental (selo verde) e manejo da caixeta (Tabebuia Cassinoides),** *In:* Florestar Estatístico, 3 (8,9), 1995: 14-20.
- VIANNA, Lucila P. - **Vila de Picinguaba. Relatório SMA** Parque Estadual da Serra do Mar, São Paulo, 1992.
- VON BEHR, Miguel Fernando - **Homen e ambiente em Guaraquessaba, Paraná Passado, Presente e Futuro. Monografia.** PUC-PR. Curitiba, Ciências Biológicas, 1991: 182.
- WIJKMANN, Maria Rosa - **O falar caiçara da Ilha de Búzios.** UNICAMP, Inst. de Estudos da Linguagem, 1983: 149.
- WINTHER, João; et alli - **A ocupação caiçara e os terrenos da marinha - terras de pescado (Laudo de Ocupação da Comunidade de São Paulo Bagre - Cananeia SP.** PPCAUB/F. Ford/UICN/IO-USP, São Paulo, 1989: 27.

Caipiras

- .ABDALA, Mônica Chaves - **A cozinha e a construção da imagem do mineiro.** USP, FFLCH/Sociologia, 1994: 143.
- AGUIAR, P. de - **Mandioca: Pão do Brasil.** Rio de Janeiro, Brasil, Civilização Brasileira, 1982: 181.
- AMARAL, Eduardo Antonio - **Parques e comunidades rurais são compatíveis ? Estudos de caso no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.** UFSC, Centro de Ciências Agrárias/Agroecossistemas, 1998: 210.
- ARAUJO, Fernando Dantas de - **A review of Caryocar brasiliense (Caryocaraceae) - an economically valuable species of the Central Brazilian Cerrados.** *In:* Economic Botany, 49(1), The New York Botanical Garden, 1995: 40-48.
- BELLANI, Eli Maria - **Madeiras, balsas e balseiros no Rio Uruguai - o processo de colonização do Velho Município de Chapecó (1917/1950)** , Brasil, s/d: 178-221.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues - **Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano.** Rio de Janeiro, Brasil, Ed. Graal, 1981: 181.
- BRANDÃO, Mitzi; CARDOSO, Cynthia; GAVILANES, Manuel L.- **Plantas daninhas medicamentosas de uso popular.** *In:* Anais do XXXVI Congresso de Botânica. Sociedade Botânica do Brasil, Curitiba/Brasília, Brasil, 1985/1990.
- CANDIDO, Antonio - **Os Parceiros do Rio Bonito.** São Paulo, Brasil, Livraria Duas Cidades/Ed. Pensamento SA, 1971: 284.
- CASCUDO, Luís da Câmara - **Tradição, ciência do povo (pesquisas na cultura popular do Brasil).** São Paulo, Brasil, Perspectiva, 1971: 195.
- CAVALLINI, Marcelo M. - **Estudos sócio - ecológicos em uma comunidade rural situada ao sul do Estado de Minas Gerais: subsídios ao manejo ambiental em pequenas propriedades.** Universidade Federal de São Carlos, Centros de Ciências Biológicas e da Saúde, 1997: 135.
- COSTA, José Pedro - **Airuoca : Matutu e Pedra de Papagaio: um estudo de conservação do ambiente natural e cultural.** São Paulo, Brasil, EDUSP, 1994.
- FONSECA, Marisa G. - **Etnobotânica em comunidades ribeirinhas do Rio Piracicaba (SP).** Núcleo de Pesquisas Ambientais. UNICAMP, Campinas, 1996.
- GARCIA, Marcolina M. - **Divisão regional para o estudo e defesa do folclore no estado de Goiás.** Universidade Federal de Goiás/Museu Antropológico/Setor de Folclore, 1972: Parte do Texto.
- GEISEL, Amália, L. - **Artesanato brasileiro tecelagem.** Rio de Janeiro, Brasil, FUNARTE/Inst. Nacional do Folclore, 1983: 168.
- JORGE, Rogério Ribeiro - **A preservação do modo de produção camponês no Parque Nacional da Serra da Bocaina.** *In:* PUC - São Paulo, Economia Política, 1996: 94.
- MAIA, Vânia - **Etnotaxonomia e aspéctos da etnoecologia da avifauna de uma Unidade de Conservação.** UFSCar, Ciências Biológicas, 1996: 28.

- MONTEIRO, Maria S. R.; RIZZO, José Ângelo,; BITENCOURT, C.- **Utilização de plantas medicinais em Goiânia.** *In:* Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Botânica, Sociedade Botânica do Brasil, Curitiba, 1985. Sociedade Botânica do Brasil, Brasília, Brasil, Presidência da República, 1990: 691-714.
- MÜLLER, Antônio Rubbo - **Ritos caboclos no Estado de São Paulo, Brasil: sua natureza e sua função social.** *In:* Estudos de Antropologia Teórica e Aplicada, nº 2-A, Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1956: 13-40.
- MUNHOZ, Cácia - **Caracterização florística do Município de Alto Paraíso - Gioás em locais de extrativismo de flores e frutos.** UNB/Departamento de Eng. Florestal, Brasília, 1997: 128.
- PAULA, Zulacika - **O carro de bois em Ibertioga.** São José dos Campos, Brasil, Divisão de Produção Gráfica da Prefeitura de São José dos Campos, 1988: 26.
- PAULILO, Maria Ignez S.- **Fumo, gado e meio ambiente.** *In:* Biodivers. Biotecn. & Ecodesenv.: Anais do Simp. Nac. "O Sol é nosso: Perspect. de Ecodesenvolv. para o Brasil". VIEIRA, Paulo Freire; GUERRA, Miguel, Brasil, 1994: 41-45.
- PEROSA, Elisabete Paschoal - **A questão possessoria no Vale do Ribeira, São Paulo: conflito, permanência e transformação.** USP, Antropologia Social, 1992: 146.
- PIERSON, Donald - **Cruz das Almas.** Coleção Documentos Brasileiros 124. Rio de Janeiro, Brasil, Ed. José Olympio/ EDUSP, 1966: 458.
- RENK, Arlene - **A luta da erva: um ofício étnico no Oeste Catarinense.** Chapecó, Brasil, Grifos, 1997: 231.
- RIBEIRO, Berta G.- **O homem do Cerrado.** *In:* Cerrado: vastos espaços - Flora e fauna do Brasil Central. Salvador Monteiro e Leonel Katz, Rio de Janeiro, Brasil, Edições Alumbamento, Livroarte Editora, 1992/93: 225-233.
- RIBEIRO, Lidice M. P. - **Aspéctos etnobotânicos numa área rural, São João da Cristina - MG.** UFRJ, Museu Nacional, 1996: 339.
- S/AUTOR - **Para uma história do Oeste Catarinense - 10 anos de CEOM.** *In:* Edição englobando os Cadernos do CEOM, n 1-8, UNOESC, 1995: 112-229.
- SANTOS, Mariza Velloso Motta - **O tempo da transformação (a fazenda tradicional da Centro-Oeste)** UNB, Inst. de Ciências Humanas, 1981: 173.
- SILVA, Suelma - **Plantas do Cerrado utilizadas pelas comunidades da região do Gande Sertão Veredas.** Brasília, Brasil, FUNATURA, 1998: 109.
- SILVANO, Renato A. - **Ecologia de três comunidades de pescadores do Rio Piracicaba (SP).** UNICAMP, Biologia, 1997: 157.
- VOEKS, Robert A. - **The brasilian fiber belt: harvest and management of Piassava Palm (Attalea funifera Mart.),** *In:* Advances In: Economic Botany, 6, Michael J. Ballick, ed./NY BG, 4988: .
- ZANINI, Edwiges - **Plantas medicinais no Bairro Pacaembu, Uberlândia, e em duas áreas de Cerrado localizadas na Fazenda Nova Santo Inácio Ranchinho, Campo Florido e na cidade de Araguari MG.** Universidade Federal de Uberlândia, Centro de Ciências Biomédicas, 1994: 55.

Babaçueiros.

- ALMEIDA, Alfredo W. B. de - **Quebradeiras de côco babaçu: identidade e mobilização/ Legislação Específica e Fontes Documentais e Arquivísticas (1915 –1995). III Encontro Interestadual das Quebradeiras de côco babaçu.** São Luis, Brasil, ALMEIDA, Alfredo W. B. de/Movimento Interestadual das Quebradeiras de Côco Babaçu, 1995: 183.
- ANDERSON, Anthony B. White - **People and the Palm Forest. Biology and utilization of Babassu Forest in Maranhão, Brazil.** University of Florida, Botany, 1983: 156.
- ANDERSON, Anthony B. White- **Management of native palm forest: a comparison of case studies in indonesia and Brazil.** *In:* Agroforestry: Realities, Possibilities and Potencial. H. L. Gholz (Ed.), Dordrecht, Netherand, Martinus Nijhoff Publishers, 1987: 13.
- ANDERSON, Anthony B. White; BALICK, Michael J.; FRAZÃO, J. M. F.; MAY, P. H. - **Babassu palm in the agroforestry Brazil's mid-North region.** *In:* Agroforestry Systems, 3, Dr.W. Junk e Martinus Nijhoff Publishers, 1985: 275-295.
- ANDERSON, Anthony B. White; MAY, P. H. - **A palmeira de muitas vidas.** *In:* Ciência Hoje, 4 n 20, SBPC, 1985: 59-64.
- CARVALHO, Joaquim B. de M. - **Ensaio sobre a carnaubeira, Natal. Coleção Mossoreense.** Rio Grande do Norte, Brasil, EMPARN, 1982: 369.
- DUBOIS, Jean C.L.- **Secondary forests as a land-use resource in frontier zones of Amazonia.** *In:* Alternatives to Deforestation: Steps Toward Sustainable Use of the Amazon Rain Forest. ANDERSON, Anthony B. White, New York, EUA, Columbia University Press, 1990: 183-194.
- FRAZÃO, J. M. F.; PINHEIRO, Cláudio Urbano - **Integral processing of Babassu Palm (*Orbignya phalerata*, Arecaceae) Fruts: village level production in Maranhão, Brazil.** *In:* Economic Botany, 49 (1), The New York Botanical Garden, 1995: 31-39.

Jangadeiros.

- AGUIAR, Severino - **Mudanças em um grupo de jangadeiros de Pernambuco.** Recife, Brasil, Imprensa Universitária, 1966: 111.
- ARAÚJO, Alceu Maynard - **Folclore nacional –vol. III. Ritos sabença linguagem artes e técnicas.** São Paulo. Brasil, Melhoramentos, 1964: Parte do Texto.
- CARNEIRO, S.D. - **“Terra Liberta”: Hábitos alimentares em Ponta do Mato.** UNB, Antropologia Social, 1979: 105.
- CASCUDO, Luís da Câmara - **Jangada. Uma pesquisa etnográfica.** Natal, Brasil, Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação. 1954: 181.
- CASCUDO, Luís da Câmara - **Jangadeiros: Documentário da vida rural. 11.** Rio de Janeiro, Brasil, Serviço de Informação Agrícola/Ministério da Agricultura. 1957: 60.

- CHAVES, Luis de G. M. - **Pesca artesanal no Ceará: tecnologia, sistema cognitivo e relações de produção.** *In:* Revista de Ciências Sociais, Depart. de Cs. Sociais e Filos. Centro de Humanid. , Imprensa Universitária da UFCE, 1976: 5-28.
- CHAVES, Luis de G. M. - **Trabalho e subsistência - Almofala: aspectos da tecnologia e das relações de produção.** UFRJ, Antropologia Social, 1973: 177.
- COELHO, Águeda Maria - **Caracterização sociocultural dos produtores de lagostas no nordeste brasileiro.** *In:* Boletim Técnico - Científico do CEPENE, 4 n 1, Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste/IBAMA, 1996: 197-232.
- CORDELL, John - **Carrying capacity analysis of fixed-territorial fishing.** *In:* Ethnology International Journal of Cultural and Social Anthropology, XVII (1), 1978: 1-24.
- CORDELL, John - **Locally managed sea territories in brazilian coastal fishing.** Department of Geography University of California, Berkeley, 1983: 65.
- CORDELL, John - **The lunar-tide fishing cycle in northeastern Brazil.** *In:* Ethnology, n 4 XIII, 1974: 379-392.
- COSTA NETO, Eraldo Medeiros - **“Etnoictiologia, desenvolvimento e sustentabilidade no litoral norte baiano: um estudo de caso entre pescadores do município de Conde”.** Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Desenvolvimento e Meio Ambiente, 1998: 189.
- COSTA, Márcio Jorge Poranga - **Ilha de Santa Rita: processo de mudança sócio-econômica e cultural (estudos de assentamentos Humanos de pequenos agricultores e pescadores da região de Maceió).** Secretaria de Planejamento(SEPLAN), convênio SUDENE, Maceió, 1980: 138.
- FONTELES, José O. - **Turismo e o cotidiano dos moradores de Jericoacoara - CE.** Universidade Federal da Paraíba, Sociologia, 1998: 214.
- FORMAN, Shepard - **The raft fishermen: tradition and change in the brazilian peasant economy** Indiana, EUA, University Latin American Series/Indiana University Press, 1970: 159.
- GALDINO, José Wilson- **Aspectos econômicos da pesca de lagostas em Redonda, Município de Icapuí - Ceará. Fortaleza** *In:* Anais do workshop Internacional sobre a Pesca Artesanal. FONTELES FILHO, Antonio A. Fortaleza, Brasil, Imprensa universitária da UFC, 1997: 85-97.
- GALVÃO, Hélio - **Cartas da praia.** Rio de Janeiro, Brasil, Edições do Val, 1967: 95.
- GALVÃO, Hélio - **Novas Cartas da Praia.** Rio de Janeiro, Brasil, Edições do Val, 1968: 133.
- GAMA, Andréa Amado - **Estudo sobre o hábito alimentar de duas espécies de cação** UFBA - Salvador, Inst, de Biologia, 1992: 40.
- GRAMKOW, Márcia Maria - **Os Caçadores da Barba-de-Ouro": Mudança e continuidade nas sociedades pesqueiras.** UNB, Antropologia, 1996: 213.
- GRAMKOW, Márcia Maria; et alli - **Análise sócio-econômica e registro visual das formas e das condições de captura da lagosta no Rio Grande do Norte.(relatório parcial do projeto).** UFRN/UFF/CEPENE, Brasília, 1991/92: 52.

- HUTTER, Lucy M. - **O emprego da madeira e outras matérias-primas do Brasil na construção naval.**, *In:* Revista da SBPH, n 2, 1984/5: 15-52.
- IVO, A. B. L. - **Pesca, tradição e dependência : um estudo dos mecanismo de sobrevivência de uma atividade tradicional na área urbano Industrial de Salvador.** UFBA, 1975: 203.
- JUNIOR, T. Selling - **A Bahia e seus veleiros: Uma tradição que desapareceu.** Rio de Janeiro, Brasil, Serviço de Documentação Geral da Marinha. 1976: 116.
- LIMA, Janirza Cavalcante da Rocha - **No mar de Noronha, Tubarão é comida.** *In:* Horizontes Antropológicos: comida/MACIEL, Maria E.; TEIXEIRA, Sérgio Alves, ano 2 (4), UFRS, 1996: 27-48.
- LIMA, Maria do Céu- **O Papel da organização comunitária na gestão Ambiental.** *In:* Anais do Workshop Internacional sobre a Pesca Artesanal. UFC/LABOMAR/Canadian International Development agency, Fortaleza, Brasil, Imprensa universitária da UFC, 1997: 43-50.
- LIMA, Maria José A. - **Ecologia humana: realidade e pesquisa.** Petrópolis, Brasil, Vozes, 1984: 163.
- MADRUGA, Ana Glória C. - **Mudança de vento: redistribuição das funções no espaço de uma comunidade pesqueira.** Lucena Paraíba. USP, FFLCH, 1985: 133.
- MALDONADO, Simone Carneiro - **Eu sou o dono desta canoa: reflexões sobre a antropologia da pesca.** *In:* Cadernos Paraibanos de Antropologia, n 1, UFParaíba/Centro de C. H. L. A./Departamento de Ciências Sociais, 1985: 43-55.
- MALDONADO, Simone Carneiro - **Fracassados e bons companheiros: o irrecuperável numa comunidade pesqueira.** *In:* Política e Trabalho, s/d: 49-57.
- MALDONADO, Simone Carneiro - **Mestres & mares - Espaço e divisão na Pesca Marítima.** São Paulo, Brasil, ANNABLUME edit. 1993: 1994.
- MARANHÃO, Tullio - **Náutica e classificação ictiológica em Icarai, Ceará: um estudo em antropologia cognitiva.** UNB, Antropologia, 1975: 166.
- MARQUES, José Geraldo - **Aspectos Ecológicos na Etnoictiologia dos Pescadores do Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba, Alagoas.** Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biociência, Campinas, 1991: 292.
- OLIVEIRA, L. E. de - **Cajuí: Socialização em uma comunidade Praiana.** Recife, Brasil, Imprensa Universitária, 1966: 201.
- PEIRANO, Mariza Gomes - **Proibições alimentares numa comunidade de pescadores.** Universidade de Brasília. Antropologia Social, 1975: 165.
- QUEIROZ, Everaldo Lima - **Visita ao manguezal adjacente ao parque São Bartolomeu e enseada do Cabrito, comentários sobre a ictiofauna, sócio-econômica e descrição da pesca local.** UFBA/Inst. de Biologia/Lab. de Nectologia/Depto. III, Zoolog, 1993.
- REGO, Jussara Cristina - **Etnoecologia dos pescadores de Velha Boipeba BA: do costero à berada.** UFBA, Salvador, Biologia/Ecologia, 1994: 140.

- ROBEN, Antonius C. G. M. - **Sons of the sea goddess - Economic practice and discursive conflict in Brazil**. New York, EUA, Columbia University Press, 1989: 310.
- STAVISKI, Maria Noemia Rodrigues- **Nota preliminar sobre plantas medicinais ocorrentes em áreas de restinga, no Estado de Alagoas**. *In: Anais do XXXV Congresso Nacional de Botânica*. Sociedade Botânica do Brasil, Manaus/Brasília, Brasil, 1984/1990: 388-392.
- VARGAS, Maria Augusta - **Levantamento sócio-econômico da População Humana Envolvida com a captura do caranguejo - Uçá - SE** Governo do Estado de Sergipe. Aracaju-SE, 1984: 73.
- WOORTMANN, Ellen F. - **Da complementaridade à dependência**. *In: Revista brasileira de Ciências Sociais*, N 18 ano 7, SCT/PR/CNPq/FIENP, 1992: 41-61.
- WOORTMANN, Ellen F. - **O ambiente e a mulher: o caso do litoral do Rio Grande do Norte**, *In: Latin American Studies*, nº12, Association for Latin American Studies, 1992: 53.

Pantaneiros

- AMOROZO, Maria Christina de M. - **Um sistema de agricultura camponesa em Santo Antonio do Leverger, Mato Grosso, Brasil**. USP, Antropologia Social/USP, 1996: 263.
- ARRUDA, Maria Lúcia de M. - **Plantas medicinais: conhecimento popular x conhecimento científico**. Universidade Federal de Mato Grosso/Cuiabá,, Instituto de Educação, 1997: 290.
- BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro - **Sociedade e natureza no pensamento Pantaneiro: representação de mundo e o sobrenatural entre os peões das fazendas de gado na “Nhecolândia” (Corumbá/MS)**,. *In: FFLCH, USP, Antropologia*, 1995: 200.
- BRITO, Márcia Aparecida de - **Uso social da biodiversidade em quintais agroflorestais em Aripuanã-MT** Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá,, Instituto de Biociências, 1996: 180.
- BUCHER, Enrique H. - **Hidrovia: uma análise ambiental inicial da via fluvial Paraguai-Paraná**. São Paulo, Brasil, Wetlands for the Americas/Humedales para las Americas, NUPAUB/The Woods Hole Research Center, 1994: 73.
- CALEGARI, Rosenil D. de O. - **Consumo de Peixes na bacia do rio Bento Gomes (Pantanal de Poconé, MT): valoração da pesca como um tipo de uso de função ambiental** Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, em Ciências Biológicas, Curso: Ecologia e Consevação da Biodiversidade, 1998: 104.
- CAMPOS FILHO, Luiz Vicente da S. - **Quando a modernidade não é adequada a todos os lugares: o caso dos diques no Pantanal de Poconé**. BIOCONEXÃO-Instituto Ecologista de Desenvolvimento, Poconé, 1996: 25.

- CAMPOS FILHO, Luiz Vicente da S. - **Tradição e ruptura: subsídios ao planejamento conservacionista, direcionado à pecuária e ao turismo, no Pantanal de Poconé-MT** *In:* 1994/95, Instituto de Biociências/Ciências Biológicas, Curso: Ecologia e Conservação da Biodiversidade, 1998: 128.
- CONCEIÇÃO, Cláudio de Almeida; PAULA, José Elias de- **Contribuição para o conhecimento da flora do Pantanal Mato-Grossense e sua relação com a fauna e o homem.** *In:* Anais do I Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-Econômicos do Pantanal. Departamento de Difusão de Tecnologia-Brasília, Brasília, Brasil, 1984: 107-129.
- COSTA JUNIOR, Plácido - **Os “Vilões” do Rio Cuiabá: um estudo sobre a pesca em Estirão Comprido - Pantanal de Barão de Melgaço-MT** Universidade Federal de Mato Grosso - Cuiabá, Curso de Especialização em Educação Ambiental, 1993: 142.
- DIEGUES, Antônio Carlos S. - **Orquestra noturna.** *In:* Globo Rural, Globo, 1990: 45-48.
- FERREIRA, Maria Saleti F. D. - **A comunidade de Barranco Alto: diversificação de saberes às margens do rio Cuiabá.** Universidade Federal de Mato Grosso/Cuiabá,, Instituto de Educação, 195: 137.
- GUARIN NETO, Germano - **Plantas utilizadas na medicina popular do Estado do Mato Grosso.** Brasília, Brasil, MCT, CNPq, Acessoria Editorial, 1987: 57.
- HIGA, Tereza C. C. de S. - **Aspectos da organização do espaço num trecho do Pantanal de Poconé-Mato Grosso.** *In:* Rio Claro, Geografia, 1987: 75.
- JOANA, A. Fernandes; SILVA, Carolina Joana - **No ritmo das águas do Pantanal.** São Paulo, Brasil, NUPAUB/USP, 1995: 210.
- MAZZA, Maria C. M.; et alli - **Etnobiologia e conservação do bovino pantaneiro, Corumbá.** Brasília, Brasil, EMBRAPA-CPAP/SPI, 1994: 61.
- MEDEIROS, Heitor Queiroz de - **Impactos das políticas públicas sobre os pescadores profissionais do Pantanal de Cáceres-Mato Grosso.** USP, PROCAM-SP, 1998: 65.
- NETTO, José de Barros - **A criação de bovinos no Pantanal da Nhecolândia.** São Paulo, Brasil, Editora Resenha Tributária, 1979: 158.
- REIS, Sebastiana Lindaura de A. - **As relações ambientais e educativas no cotidiano da comunidade ribeirinha de Porto Brandão, Pantanal de Barão de Melgaço, Mato Grosso** *In:* , Universidade Federal de Mato Grosso/Cuiabá,, Instituto de Educação, 1996: 182.
- SCHWENK, Lunalva M. - **Morraria Mimoso e entorno: caracterização ambiental e uso social da biodiversidade** Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Biociências, 1998: 133.
- SILVA, Carolina Joana - **Estratégias de sobrevivência de comunidades tradicionais no Pantanal Matogrossense: relatório preliminar. Estudos de caso nº5.** NUPAUB, Pró-Reitoria de Pesquisa da USP, IDRC- International Development Research Centre-Canadá, São Paulo, 1992: 67.

SILVA, Maria Aparecida P. da - **Meio ambiente, educação e flora local: saber e fazer em Nossa Senhora da Guia, Mato Grosso** *In:* , Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá,, Instituto de Educação, 1997: 180.

SILVA, Verone Cristina da - **Implicações sócio ambientais do desenvolvimento urbano sobre as comunidades ribeirinhas dos Municípios de Cuiabá e Várzea Grande.** Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS)/Centro de Estudos e Pesquisas do Pará, 1995: 114.

SOUZA, Luzia Francisca - **Estudo etnobotânico na comunidade de Baús o uso de plantas medicinais - Município de Acorizal, Mato grosso.** Universidade Federal do Mato Grosso. Cuiabá, Inst. de Saúde Coletiva, 1998: 169.

THIÉBLOT, Marcel Jules - **Poaia Ipeca Ipecacuanha: a mata da poaia e os poaieiros do Mato Grosso.** São Paulo, Brasil, Editorial Livramento, 1980: 32.

Pastoreio.

LEAL, Ondina Fachel - **Benzedeiras e bruxas: sexo, gênero, e sistema de cura tradicional.** *In:* Antropologia do Corpo e da Saúde/Cadernos de Antropologia, nº5, UFRS/Antropologia Social, 1992: 7-22.

SANTOS, Sílvio Coelho dos- **O homem do Sul.** *In:* Fronteira: o Brasil meridional. Salvador Monteiro e Leonel Kaz, Rio de Janeiro, Brasil, Edições Alumbramento, Livroarte Editora, 253-275: 253-275.

Secretaria de Estado da Cultura; Coordenadoria do Patrimônio Cultural - **Tropeirismo: um modo de vida. Cadernos do Patrimônio.** *In:* Secretaria de Estado da Cultura/Coordenadoria do Patrimônio Cultural, s/d: 57.

Pescadores.

ALVES, Ângelo G. Chaves; LEITE, Aracélia Moreira- **"Histórias de pescador"; um abordagem etnológica da pesca no açude Bodocongó, em Campna Grande, Paraíba.** *In:* Anais: São Paulo, Sociedade Brasileira par o Progresso da Ciência. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Feira de Santana, Brasil, 1996..

ARAÚJO FILHO, Jorge - **Conexão homem-planta da região lagunar Mundaú-Maceió.** UFAL, Ciências Biológicas, 1996: 53.

ARAÚJO, Luciana Medeiros - **Forte Velho: da subsistência a dependência industrial.** Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Geociências, 1992: 120.

BARTHEM, Ronaldo- **Development of comercial fisheries in the amazon basin and consequences for fish stocks and subsistence fishing.** *In:* Brazilian Perspectives on Sustainable Developmente of the Amazon Region./Volume 15. Clüsener-Godt; Sachs I. Paris, França, The Parthenon Publishing Group/UNESCO, 1995: 175-204.

- CARVALHO, Martha Suely I. de - **Pesca(dores) e ofensas: Percepções e práticas relativas aos acidentes por peixes venenosos numa comunidade de pescadores Siribinha-Bahia**. UNBA, Instituto de Saúde Coletiva, 1998: 138.
- CUNHA, Lúcia Helena de O. - **Reserva Extrativista para regiões de mangue: uma proposta preliminar para o Estuário de Mamanguape (Paraíba)**. São Paulo, Brasil, NUPAUB, 1992: 83.
- D'ANTONA, Álvaro de Oliveira - **O verão, o inverno e o inverso. Sobre o modo de vida de comunidades residentes na região do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses**. UNICAMP, Campinas, Antropologia Social, 1997: 244.
- FARIAS, Marta Cristina V. - **A atividade pesqueira no curso inferior do Rio Japarutuba, sob influência do campo de produção de petróleo de Carmópolis (Sergipe)**. UFPB/UEPB, Programa de Pós-Graduação em desenvolvimento e meio ambiente, 1988: 95.
- HIRAOKA, Mario- **Mudanças nos padrões econômicos de uma população Ribeirinha do estuário do amazônas**. In: Povos das Águas, Realidades e Perspectivas na Amazônia. FURTADO, Lourdes, Belém, Brasil, MCT/CNPq/Museu Goeldi, 1993: 133-157.
- LAMARTINE, Oswaldo - **Notas sôbre a pescaria de açudes no Seridó (Rio Grande do Norte)**. In: Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Antropologia, n 10, Universidade do Brasil/museu Nacional, 1950: 3-11.
- MANESCHY, Maria Cristina- **Pescadores nos manguezais: estratégias técnicas e relações sociais de produção na captura de caranguejo**. In: Povos das Águas, Realidades e Perspectivas na Amazônia. FURTADO, Lourdes Gonçalves, LEITÃO, Wilma; FIUZA, Alex, Belém, Brasil, MCT/CNPq/, 1993: 19-61.
- NORDI, Nilvado - **Os catadores de caranguejos-Uçá (Ucides cordatus) da Região de Várzea Nova (PB): Uma abordagem ecológica social**. UFSCar, Ecologia e Recursos Naturais, 1992: 107.
- OTT, C. F. - **Os elementos culturais da pescaria baiana**. In: Boletim do Museu Nacional/Ministério da Educação e Saúde, Nova Série, Antropologia, N 4, 1944: 1-67.
- WEIGERT, Célia - **Etnoictiologia dos pescadores recreacionais dos sistemas aquáticos do Rio Mogi-Guaçu**. UFSCar, Ciências Biológicas, 1995: 33.

Praieiros.

- ALENCAR, Edna - **Pescadeiras, companheiras e perigosas**. UNB, Antropologia Socia, 1991: 184.
- ANDRADE, Julieta de - **Folclore na região do Salgado, Pará: Teredos na alimentação, profissões ribeirinhas**. São Paulo, Brasil, Escola de Folclore, 1979: 9-69.
- ARAUJO, Mundinha - **Breve memória das comunidades de Alcântara**. São Luís, Brasil, SIOGE, 1990: 250.

- BASTOS, Maria de Nazaré do C. - **A importância das formações vegetais da restinga e do manguezal para as comunidades pesqueiras.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, 11 n°1, MCT/CNPq, 1995: 41-56.
- BRUCK, Eugênio Camargo. - **Estudos Iniciais de Implantação da estação Ecológica de Maracá - Jipioca - AP.** FBCN, s/d: 91.
- FURTADO, Lourdes Gonçalves - **Currálistas e rendeiros de Marudá pescadores do litoral do Pará. Ministério da ciência e tecnologia.** Belém, Brasil, Museu Paraense Emílio Goeldi/MCT/CNPq, 1987: 366.
- FURTADO, Lourdes Gonçalves; et alli - **Notas sobre uso terapêutico de plantas pela população cabocla de Marapanim, Pará.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, n°70, CNPq/INPA, 1978: 1-31.
- MANESCHY, Maria Cristina - **A arte do pescador artesanal.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, 6(1), MCT/CNPq, 1990: 95-105.
- MANESCHY, Maria Cristina - **A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança do papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará.** *In:* Bol. do Mus. Para. Emílio Goeldi, Antropol, 11(2), MCT/CNPq, 1995: 145-166.
- MANESCHY, Maria Cristina - **Ajurutema, uma comunidade pesqueira ameaçada.** , Belém, Brasil, UFPA. CFCH, 1993: 167.
- MANESCHY, Maria Cristina- **Pesquisa social e desenvolvimento do setor pesqueiro artesanal no Pará, reflexões a partir de uma experiência de campo.** *In:* Populações Humanas Rios e Mares da Amazônia. VI Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil. DIEGUES, A.C. S. São Paulo, Brasil, PPCAUB/UFPA, 1990: 125-135.
- MAUÉ, Maria Angélica Motta; MAUÉS, Raymundo H. - **O folclore a alimentação: tabus alimentares da Amazônia (um estudo de caso numa população de pescadores do litoral paraense)** Belém, Brasil, UFPA, 1980: 15-109.
- MAUÉ, Maria Angélica Motta; MAUÉS, Raymundo H. - **Pesca e agricultura na Amazônia: a integração de uma comunidade rural ao modo de produção capitalista.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, 6(1), MCT/CNPq, 1990: 29-40.
- MAUÉS, Raymundo H. - **A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores.** Belém, Brasil, UFPA, 1990: 271.
- McGRATH, David G.- **Manejo comunitário da pesca nos lagos de varzea do Baixo Amazonas.** *In:* Povos das Águas: Realidade e Perspectivas na Amazônia. FURTADO, Lourdes, et alli, Belém, Brasil, MCT/ CNPq/ Museu Goeldi, 1993: 213-229.
- MELLO, Alex Fiuza - **A Pesca sob o Capital, A tecnologia a Serviço da dominação.** Belém, Brasil, UFPA, 1985: 296.
- MIRANDA, Vicente Chermont - **Os campos de Marajó e a sua flora.** Sem informação. Brasil, : 151.
- MOREIRA, Edna Silva; ROCHA, R. M. - **Pesca estuarina: uma contribuição ao estudo da organização social da pesca no Pará.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, 11 n° 1, MCT/CNPq, 1995: 57-86.

- NASCIMENTO, Ivete Herculano - **Tempo da natureza e tempo do relógio: tradição e mudança em uma comunidade pesqueira.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, 11 n° 1, MCT/CNPq, 1995: 5-19.
- NERY, Arian da Costa - **Traços da tecnologia pesqueira de uma área de pesca tradicional na Amazônia - Zona do Salgado Pará.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, vol.11 n 2, MCT/CNPq, 1995: 199-293.
- PENNER, Maria Eunice - **A dialética da atividade pesqueira no nordeste amazônico.** UFPA, Geografia, 1984: 158.
- POSEY, Darrell Addison; B. SANTOS, Pedro Braga dos - **Concepts of health, illness, curing and death relation to medicinal plants and appearance of the messianic king of the island of Lençóis, Maranhão, Brazil.** Univers. Fed. do Maranhão/Carnegie Museum of Natural History, Brasil/USA, s/d: 27.
- SOUZA, Bella Pinto - **Peixe e pesca no Pará.** Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, 1987: 19.
- STRIDE, R. K. - **Diagnóstico da pesca artesanal marinha do Estado do Maranhão. Projeto Pesca Artesanal UFMA/O.D.A./FINEP,** São Luís, 1992: 205.
- VAN DEN BERG, Maria E - **Aspectos Botânicos do culto Afro-Brasileiros da Casa das Minas do Maranhão.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Botânica, 7 n 2, SCT/CNPq, 1991: 485-499.
- VAN DEN BERG, Maria E **Plantas de origem africana de valor sócio- econômico atual na região amazônica e no meio norte do Brasil.** *In:* Trinta anos de colaboração entre o Museu Goeldi e o New York Botanical Garden (1961-1991). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Botânica vol. 7 n 2, Belém, Brasil, SCT/CNPq, 1991: 499-504.

Quilombolas.

- ACEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna - **Negros do Trombetas guardiães de matas e rios.** Belém, Brasil, UFPA/NAEA, 1993: 261.
- ANDRADE, Lúcia M. - **Desafios para reconhecimento das terras Quilombolas.** São Paulo, Brasil, Comissão Pró Índio de São Paulo. 1997: 66.
- ANDRADE, Tânia; et alli - **Quilombos em São Paulo: Tradições Direitos e Lutas.** São Paulo, Brasil, IMESP, 1997: 188.
- BARROS, José F.; TEIXEIRA, Marina L.- **Health and axé in Brazilian Candomblé communities.** *In:* Ethnobiology: Implications and Applications Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology. Volume 2. POSEY, D. A.; OVERAL, W. L. Belém, Brasil, SCT/CNPq/Museu P. Emílio Goeldi/UFPA/Associação de Universidades Amazônicas, 1990: 201-224.
- BENATTI José Heder - **Posse Agro Ecológica : um estudo das concepções jurídicas sobre os apossamentos de camponeses agro-extrativistas na Amazônia.** IPAM, Belém, 1996: 96.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues - **Peões, pretos e congos; relações de trabalho e identidade étnica em Goiás.** UNB, Ciências Sociais, 1974: 204.

- CAMARGO, Maria Thereza L. de A. - **Plantas medicinais e de rituais Afro-brasileiros I.** São Paulo, Brasil, ALMED, 1988: 97.
- CONCEIÇÃO, Francisco G. - **Carajás: desenvolvimento ou destruição?** Comissão Pastoral da Terra, Belém, 1995: 39.
- CRUZ, Magno José - **Comunidades negras rurais do Maranhão: a histórica resistência de um povo.** *In:* proposta, nº51, FASE/SACTES, 1991: 13-17.
- DESACATO: ADVOCACIA POPULAR - **Laudo de Identificação (Povoado Rural Frechal), Maranhão.** DESACATO: ADVOCACIA POPULAR, Maranhão, 1991: 99.
- FIGUEIREDO, Napoleão - **Banhos de cheiro & rituais amazônicos.** *In:* Ciência Hoje, 6 (36), SBPC, 1987: 59-61.
- LIMA, Elizabeth Christina de A. - **Os negros de Pedra D'água: um estudo de identidade étnica - história, parentesco e territorialidade numa comunidade rural.** UFPB, Centro de Humanidades, 1992: 177.
- MARIN, Rosa E. A. - **Nascidos no Curiaú: relatório de identificação apresentado à Fundação Cultural Palmares.** NAEA/UFGA, Belém, 1997: 84.
- MONTEIRO, Anita Maria de Q. - **Castainho: etnografia de um bairro rural de negros.** Recife, Brasil, Massangana/FUNDAJ, 1985: 94.
- MOTTA, Roberto - **O útil, o sagrado e o mais-que-sagrado no Xângo de Pernambuco.** *In:* Horizontes Antropológicos/ORO, A. P.; STEIL, C. A. ano 4 nº8, 1998: 16-198.
- ODORIZZI, Joanir; RIBEIRO, Ronaldo José - **Relatório do levantamento exploratório das plantas medicinais utilizadas nas comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, Município de Eldorado, São Paulo.** , Registro, 1998.
- SILVA, Hélio Moreira - **Laroiê, Exu.** *In:* Cadernos de folclore III. , Divisão de Produção Gráfica da Prefeitura de São José dos Campos, 1988: 20.
- SOUZA FILHO, Benedito - **Bom sucesso: terra de preto, terra de santo, terra comum.** UFGA, Antropologia Social, 1998: 224.
- VOEKS, Robert A. - **Candomblé ethnobotany: afrikan medicinal plant classification in Brazil.** *In:* Journal of Ethnobiology, winter, 15 (2), 1995: 257-280.

Ribeirinhos Amazônicos

- AB'SABER, Aziz- **Elements for a strategy for territorial settlement and ecodevelopment in the Amazon.** *In:* Brazilian Perspectives on Sustainable Development of the Amazon Region. Vol.15. Clüsener-Godt, M. e Sachs I. Paris, UNESCO/The Parthenon Publishing Group, 1995: 287-311.
- ACEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna- **Práticas agro-extrativistas de grupos negros do Trombetas. Faces do trópico úmido: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente.** *In:* Faces do trópico úmido, conceitos e questões sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente. CASTRO, Edna; PINTON, Florence, Belém, Brasil, UFGA/NAEA, Cejup,, 1997: 375-420.

- ALEGRETTI, Mary Helena- **The Amazon and extracting activities.** *In:* Brazilian Perspectives on Sustainable Development of the Amazon Region. Volume 15. CLÜSENER-GODT, Miguel; Sachs I. Paris, França, The Parthenon Publishing Group/MAB, 1995: 157-174.
- ALENCAR, Edna- **Trabalho feminino e participação política como instrumentos para a manutenção e renovação da qualidade de vida.** *In:* Amazônia Desenvolvimento, Sociodiversidade e Qualidade de Vida. Universidade e Meio Ambiente, 9. Furtado, Lourdes G. Belém, Brasil, Universidade Federal do Pará, 1997: 102-133.
- ALHO, Cleber J. R. - **Maneje com cuidado: frágil.** *In:* Ciência Hoje, 8 (46), SBPC, 1988: 40-47.
- ALMEIDA, Mauro Willian Barboza de - **Rubber Tappers of the Upper Jurua River: The Making of a Forest Peasantry.** University of Cambridge, DarwIn College, 1992: 257-260.
- ALMEIDA, Raimundo; et alli - **A experiência da floresta nacional do Tapajós, IBAMA\SANTARÉM\PARÁ.** Piquiatuba/IBAMA/IMAFLORA/ESALQ, s/d.
- AMOROZO, Maria Christina de M. - **Algumas notas adicionais sobre o emprego de plantas e outros produtos com fins terapêuticos pela população cabocla do Município de Barcarena, PA, Brasil.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Botânica, 9(2), MCT/CNPq, 1993: 249-266.
- AMOROZO, Maria Christina de M.; GÉLY, Anne - **Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil.** *In:* Mus. Para. Emílio Goeldi, Botânica, 4(1), MCT/CNPq, 1988: 47-131.
- ANDERSON, Anthony B. White - **Forest management patterns in the flood plain of the amazon estuary.** *In:* Submitted to Conservation Biology, : 25.
- ANDERSON, Anthony B. White - **Use and management of native forests dominated by açai palm (Euterpe oleracea Mart.) in the amazon estuary.** *In:* Advances *In:* Economic Botany/ Michael J. Ballick, ed. 6, NYBG, 1988: 144-154.
- ANDERSON, Anthony B. White- **Extraction and forest management by rural inhabitants in the amazon estuary.** *In:* Alternatives to Deforestation: Steps Toward Sustainable Use of the Amazon Rain Forest. ANDERSON, Anthony B. White, New York, EUA, Columbia University Press, 1990: 65/85.
- ANDERSON, Anthony B. White; et alli - **Extratativismo vegetal e reservas extrativistas: limitações e oportunidades.** Fundação Ford. Rio de Janeiro, s/d: 32.
- ANDERSON, Anthony B. White; et alli - **Um sistema agroflorestal na várzea do estuário Amazônico (Ilha das Onças, Município de Barcarena Paraná).** *In:* Acta Amazônica, supl. 15 (1-2), 1985: 195-224.
- ANDERSON, Anthony B. White; IORIS, Edviges M. - **Valuing the rain forest: economic strategies by small-scale forest extrativists in the Amazon estuary.** *In:* Human Ecology, 20, nº 3, Plenum Publishing Corporation, 1992: 337-369.

- ANDERSON, Anthony B. White; IORIS, Edviges M.- **The logic of extraction: resources management and income generation by extractive producers in the amazon estuary.** *In:* Populações humanas rios e mares da Amazônia/ IV Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil. DIEGUES, A C. S. São Paulo, Brasil, PPCAUB/USP/ Museu P. Emílio Goeldi/UFGA, 1992: 238-265.
- AYRES, Deborah Lima; MOURA, Edila- **Mamirauá: ribeirinhos e a preservação da biodiversidade da várzea amazônica.** *In:* Anais Conf.:Abordagens Interdisciplinares para a conservação da biodiversidade e dinâmica do uso da terra no novo mundo. UFMG/University of Florida, Belo Horizonte, Brasil/USA, 1995: 169-182.
- AYRES, José Marcio C. - **Estação Ecológica do Lago Mamirauá: proposta para sua implantação.** INPA/Depto de Ecologia, Manaus, s/d: 14.
- BARTHEM, Ronaldo - **Pesca experimental e seletividade de redes de espera para espécies de peixes amazônicos.** *In:* Boletim do Mus. Paraense Emílio Goeldi, Zoologia, 1 (1), CNCT, 1984: 57-88.
- BARTHEM, Ronaldo; GOULDING, Michael - **Os Bagres balizadores: ecologia, migração e conservação de peixes amazônicos.** Tefé, Sociedade Civil Mamirauá Brasília, Brasil, MCT/CNPq/IPAAM, 1997: 129.
- BARTHEM, Ronaldo; ISAAC, Victoria J. - **Os recursos pesqueiros da Amazônia brasileira.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, 11 (2), MCT/CNPq, 1995: 295-339.
- BECK, Anamaria - **Levantamento Preliminar sobre os Cavalos Selvagens de Roraima.** *In:* B. FBCN, 20, 1985: 68-79.
- BEGOSSI, Alpina - **Extractive reserves in the brazilian amazon: an example to be followed in the atlantic Forest ?.** Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais, UNICAMP. *In:* Indigenous Knowledge and Development Monitor, 1994: .
- BEGOSSI, Alpina; BRAGA, Francisco Manoel de Souza - **Food taboos and folk medicine among fishermen from the Tocantins River (Brazil).** *In:* Amazoniana, XII(1), Kiel, 1992: 101-118.
- BEGOSSI, Alpina; GARAVELLO, J. C. - **Notes on the ethnoichthyology of fishermen from the Tocantins river (Brazil).** *In:* Acta Amazonica, 20 único, 1990: 341-351.
- BEGOSSI, Alpina; SILVANO, Renato A.; AMARAL, Benedito D. do- **Reserva extrativista do Alto Juruá: aspéctos de etnoecologia** *In:* A questão ambiental: cenários de pesquisa. A exper. do Ciclo de Seminários do NEPAM. NEPAN, Campinas, Brasil, 1995: 95-105.
- BITTENCOURT, A. - **Plantas e animais bizarros do Amazonas, Mosaicos do Amazônas, fisiografia e demografia da região.** Série Torquato Tapajós, Volume X Manaus, Brasil, Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966: 59.
- BLACK, G. A.; DUKE, A. - **Boletim técnico do Instituto Agrônomo do Norte: Notas sobre a fitogeografia da Amazônia brasileira.** Inst. Agrônomo do Norte, Belém, 1954: 49.
- BRABO, Maria José Carvalho - **Os roceiros de Muaná, Belém. Publicações Avulsas No. 32.** Belém, Brasil, CNPq/Mus. Pará. Emílio Goeldi, 1979: 78.

- BRABO, Maria José Carvalho - **Palmiteiros de Muaná: estudo sobre o processo de produção no beneficiamento do açazeiro.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, n 73, MCT/CNPq, 1979: 1-29.
- BRABO, Maria José Carvalho - **Pescadores, geleiros, fazendeiros : os conflitos da pesca em Cachoeira do Arari.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº77, 1981: .
- BRUNEAU, Thomas; WESCHE, Rolf - **Integration and change in Brazil's Middle Amazon** UFMG/University of Ottawa, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, 1990: 144.
- BUNKER, Stephen G. - **The impact of deforestation on peasant communities in the Medio Amazonas of Brazil,** *In:* Sem Referência, s/d: 45-61.
- CÂMARA, Evandro P. L.; McGRATH, David G. - **A viabilidade da reserva de lago como unidade de manejo sustentável dos recursos da várzea amazônica.** *In:* Boletim do Mus. Para. Emílio Goeldi, Antropol, 11(1), MCT/CNPq, 1995: 87-132.
- CARVALHO, José Cândido - **A conservação da natureza e recursos naturais na Amazônia brasileira.** Fundação brasileira para a conservação da natureza. Rio de Janeiro, 1996: 47.
- CASTRO, Fábio de; et alli- **Estratégias de obtenção de recursos na região do Lago Arari.** *In:* Populações Humanas Rios e Mares da Amazônia - IV Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil. Diegues, Antônio Carlos, São Paulo, Brasil, PPCAUB/UFPA, 1992: 142-156.
- CAVALCANTE, Paulo B - **Frutas comestíveis da Amazônia.** Belém, Brasil, CEJUP/CNPq/Mus. Para. Emílio Goeldi, 1991: 279.
- CHAPMAN, Margaret D. - **The political ecology of fisheries depletion in Amazônia. Environmental Conservation, vol. , winter, The Foundation for Environmental Conservation, Switzerland,** *In:* Environmental Conservation, 16 (4), The Foundation for Environmental Conservation, 1989: 331-337.
- CHAVES, Maria do P. S. R. - **De "cativo" a "liberto": o processo de constituição sócio-histórica do seringueiro no Amazonas.** UFPB, Sociologia, 1994: 171.
- CLAY, Jason W.; CLÜSENER-GODT, Miguel; SACHS, Ignacy- **Perceptions of extractivism: introduction and overview.** *In:* Extractivism *In:* the Brazilian Amazon: Perspectives on Regional Development. CLÜSENER-GODT, M.; SACHS, I. França, UNESCO/MAB-Digest, 1994: 5-89.
- COMISSÃO PASTORAL DA TERRA - **Os ribeirinhos. Preservação dos lagos, defesa do meio ambiente e a pesca comercial.** Comissão Pastoral da Terra, Regional AM/RR, 1991: 19.
- CORRÊA, Conceição Gentil; et alli - **O processo de ocupação humana na Amazônia: considerações e perspectivas.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, 9 N 1, MCT/CNPq, 1994: 3-54.
- COUTO, Ciomara P.; UCHOA, Paulo - **Comunidades da Flona Tapajós: estudo sócio-econômico.** IBAMA-MMA/DIRPED/ DEPES/ DIPEN, Santarém, 1994: 39.

- DELAVAUUX, Jean-Jacques; PINTON, Florence - **Côté forêt, côté jardin notes sur les usages du végétal dans la région de Mauès.**, 1993: 32.
- DENEVAN, William- **Ecological heterogeneity and horizontal zonation of agriculture in the amazon floodplain.** *In:* Ecology and Development Potential (Agriculture *In:* the Amazon Floodplain). Sem Referência, s/d.
- DENICH, Manfred- **A vegetação secundária na paisagem agrícola do nordeste paraense, Brasil.** *In:* Manejo e Reabilit. de Áreas Degrad. e Florestas Sec. na Amaz.Anais/Simpósio/ Workshop Internac. Inst. Internacional de Floresta Tropical/EMBRAPA/CPATU, Santarém, Porto Rico, Brasil/Porto Rico, MAB/UNESCO, 1993: 14-24.
- DIEGUES, Antônio Carlos S. - **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo, Brasil, Hucitec, 1996: 169.
- DIEGUES, Antônio Carlos S. - **Povos e mares.** São Paulo, Brasil, NUPAUB-USO, 1995: 269.
- DIEGUES, Antônio Carlos S. - **The social dynamics of deforest in the brazilian amazon: an overview.** UNRISD, Switzerland, 1992: 42.
- DIEGUES, Antônio Carlos S.- **Sustainable development and people's participation in wetland ecosystem conservation in Brazil: two comparative studies** *In:* Grassroots Environmental Action, People's participation *In:* sustainable development. GHAI, D.; VIVIAN, Jessica M. Canadá, Routledge, 1992: 141-158.
- D'INCAO, M. Angela - **Estruturas familiares e unidades produtivas na Amazônia. Uma avaliação das entidades fixas e transitórias.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, 10(1), MCT/CNPq, 1994: 57-73.
- DUBOIS, Jean C.L.- **Animal and vegetal "extractivism" (extrative exploitation of animal and vegetal natural resources in the Amazon** *In:* Amazonia: Facts, Problems and Solutions. USP-INPE, São Paulo, Brasil, USP/SELPER, 1989: 49-54.
- DUBOIS, Jean C.L.; et alli - **Manual Agroflorestal para a Amazônia.** REBRAFDUBOIS, Jean C.L. RJ, 1996: 27.
- DURIGAM, Carlos César - **Biologia extrativismo do Cipó-Titica (Heteropsis spp. - Araceae) - Estudo para a avaliação dos impactos da coleta sobre a vegetação de terra firme no Parque Nacional do Jaú UA,** Manaus, INPA, 1998: 50.
- FEARNSIDE, Philip M.- **Agroforestry in Brazil's amazonian development policy: the role and limits of a potential use for degraded lands.** *In:* Brazilian Perspectives on Sustainable Development of the Amazon Region. Volume 15. Clüsener-Godt, M. e Sachs I. França, Unesco Paris and The Parthenon Publishing Group, 1995: 125-148.
- FERREIRA, Cristina A.; MACHADO, Carlos J. Saldanha - **"Levantamento de áreas extrativista das microbacias dos rios Cautário e São Miguel, Vale do Guaporé, Rondônia".Relatório Sócio Econômico do extrativismo da borracha no Rio São Miguel e da coleta de castanha na localidade de Pedras Negras.** IEF/RO, Porto Velho, 1987: 70.

- FERREIRA, Marlia Regina C. - **Les plantes medicinales a Manaus: utilisation et commercialisation** *In:* L'Universite Pierre et Marie Curie, Laboratoire de Botanique Tropicale/Etudes Superieures Universitaires de Biologie Vegetale Tropicale, 1992: 81.
- FIGUEIREDO, Napoleão - **Los bichos que curan. Los animales y la medicina popular en Belém do Para (Brasil)**, *In:* Revista Good Year, Montalban, 1991: 135-150.
- FIGUEIREDO, Napoleão - **Os "bichos" que curam: os animais e a medicina de "folk" em Belém do Pará.** *In:* Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Antropologia, 10(1), 1994: 75-91.
- FIGUEIREDO, Napoleão - **Questões metodológicas na pesquisa do uso recente das plantas medicinais de folk em Belém, Estado do Pará, Brasil.** *In:* Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, Cadernos Antropologia 1, : .
- FIGUEIREDO, Napoleão - **Rezadores, pajés & puçangas.** Belém, Brasil, Ed. Boitempo/UFPA, 1979: 96.
- FLEMING-MORAN, Millicent - **The folk view of natural causation and disease in Brazil and its relation to traditional curing practices.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, 8(1), CNPq/INPA, 1992: 65-156.
- FORSBERG, Maria Clara S.- **Manejo agrícola dos caboclos do Rio Xingu: um ponto de partida para a sustentação de populações em áreas degradadas na Amazônia brasileira.** *In:* Manejo e Reabilitação de Áreas Degradadas e Florestas Secundárias na Amazônia/. Anais de um Simpósio/ Workshop Internacional, Santarém, Pará, Porto Rico, Brasil/Porto Rico, MAB, UNESCO, 1993: 93-97.
- FURTADO, Lourdes Gonçalves - **Pescadores do Rio Amazonas. Um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica.** Belém, Brasil, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993: 486.
- FURTADO, Lourdes Gonçalves- **“Reservas pesqueiras”, uma alternativa de subsistência e de preservação ambiental: reflexões a partir de uma proposta de pescadores do Médio Amazonas.** *In:* Povos das Águas: Realidade e Perspectivas na Amazônia. FURTADO, Lourdes G.; LEITÃO, Wilma; MELLO, Alex Fiuza de, Belém, Brasil, MCT/CNPq/Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993: 243-276.
- FURTADO, Lourdes Gonçalves- **Antropologia das sociedades marítimas , ribeirinhas e lacustres da Amazônia.** *In:* Pop. Humanas Rios e Mares da Amaz. VI Encontro de Cs. Sociais e o Mar no Br. DIEGUES, A. C. S. São Paulo, Brasil, PPCAUB-USP/UFPA, 1992: 18-30.
- FURTADO, Lourdes Gonçalves- **Problemas ambientais e pesca tradicional na qualidade de vida na Amazônia.** *In:* Amazônia Desenvolvimento, Sociodiversidade e Qualidade de Vida. FURTADO, Lourdes Gonçalves, Belém, Brasil, UFPA, 1997: 146-165.
- FURTADO, Lourdes Gonçalves- **Sem barco, como pescar? Notas de viagens pelas águas costeiras e ribeirinhas do Pará.,** *In:* Embarcações, Homens e Rios na Amazônia. XIMENES, Tereza (Org), Belém, Brasil, Editora universitária FPA, 1992: 31-51.

- FURTADO, Lourdes Gonçalves; NASCIMENTO, Ivete Herculano - **Pescadores de linha no litoral Paraense: Uma Contribuição aos estudos de campesinato na Amazônia.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, nº 82, MCT/CNPq, 1982: 1-49.
- GENTIL, Janete M. L. - **A juta na agricultura de várzea na área de Santarém, médio Amazonas,** *In:* Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Antropologia, 4(2), SCT/CNPq/FINEP, 1988: 118-199.
- GIUGLIANO, Loreny G.; GIUGLIANO, Rodolfo; SHRIMPTON, Roger - **Estudos nutricionais das populações rurais da Amazônia,** *In:* Acta Amazônica, 11 (4), 1981: 773-788.
- GUILLAUMET; LOURD, Maurice- **A cultura tradicional da mandioca na região de Manaus: Um exemplo de uso racional de recursos genéticos.** *In:* Anais do XXXV Congresso Nacional de Botânica. Sociedade Botânica do Brasil, Manaus/Brasília, Brasil, 1984/1990: 235-231.
- HARTMANN, Wolf D.- **Administração de recursos pesqueiros na região do Médio Amazonas e Tapajós. O caso do Lago Grande de Monte Alegre.** *In:* I Convenção Internacional da Defesa dos Ecossistemas do Vale do Tapajós, Baixo e Médio Amazonas. IBAMA/Cooperação técnica Brasil/Alemanha, Santarém, Brasil, 1990: 15.
- HARTMANN, Wolf D.- **Por uma co-administração de recursos pesqueiros e águas interiores da Amazônia** *In:* Populações Humanas Rios e Mares da Amazônia - VI Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil. DIEGUES, A.C. S. São Paulo, Brasil, PPCAUB/UFPA, 1990: 157-171.
- HÉBETTE, Jean- **A agropecuária.** *In:* Natureza, tecnologia e sociedades: a experiência brasileira de povoamento do trópico úmido. Série Documentos do GIPCT. HÉBETTE, Jean, Brasil, UFPA/NAIA, 1998: 34-51.
- HIRAOKA, Mario; RODRIGUES, Deborah Leal.- **Porcos, palmeiras e ribeirinhos na várzea do estuário do Amazonas.** *In:* Amazônia Desenvolvimento, Sociodiversidade e Qualidade de Vida. Universidade e Meio Ambiente, 9. FURTADO, Lourdes Gonçalves, Belém, Brasil, Universidade Federal do Pará, 1997: 70-101.
- HOMMA, Alfredo K. O. - **Extrativismo vegetal na Amazônia: limites e oportunidades.** Brasília, Brasil, EMBRAPA/SPI/CPATU, 1993: 202.
- HOMMA, Alfredo K. O. - **O extrativismo animal na Amazônia: o caso de uma economia ilegal.** EMBRAPA-CPATU, Belém, 1992: 86.
- HOMMA, Alfredo K. O.- **Plant Extractivism In the Amazon: limitations and possibilities. Digest 18** *In:* Extractivism *In:* the Brazilian Amazon: Perspectives on Regional Development. ClüSENER-GODT, Miguel; SACHS, Ignacy, Paris, UNESCO/MAB, 1994: 34-87.
- HONDA, E. M. S. - **Peixes encontrados nos mercados de Manaus.** *In:* ACTA AMAZÔNICA, 2(3), s/d: 97-98.
- IMAFLORA - **Plano diretor e zoneamento comunitário da margem direita do Tapajós.** MMA-IBAMA-IMAFLORA, 1996: 100.

- JARDIM, Mário Augusto G. - **Aspectos da produção extrativista do açazeiro (*Euterpe Oleracea* Mart.) no estuário amazônico.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Botânica, 12 (1), MCT/CNPq, 1996: 137-144.
- JARDIM, Mário Augusto G.; LIMA, Ricardo M. de S.; SANTOS, Alessandra M. N. dos - **Levantamento de plantas tóxicas em duas comunidades caboclas do estuário amazônico.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Botânica, 11 n°2, MCT/CNPq, 1995: 255-263.
- JARDIM, Mário Augusto G.; MESQUITA, Sandro A.J. - **Avaliação das populações nativas de açazeiro (*Euterpe oleracea*) na comunidade do Rio Marajó, Município de Gurupá (PA).** *In:* Boletim do Mus. Paraense Emílio Goeld, Botânica, 12(2), MCT/CNCT, 1996: 265-269.
- JARDIM, Mário Augusto G.; STEWART, Phillip J. - **Aspectos etnobotânicos e ecológicos de palmeiras no município de Novo Airão, Estado do Amazonas, Brasil.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Botânica, 10 (1), MCT/CNPq, 1994: 69-76.
- JUNK, W. J.- **Ecology of the várzea, floodplain of amazonian whitewater rivers.** *In:* The Amazon Limnology and Landscape Ecology of a Mighty Tropical River and its Basin. Sioli, H. Netherlands, Dr. W. Junk Publishers, Dordrecht, Boston, 1984: 215-243.
- LEEUWENBERG, Susana de M.L.R. - **Manejo de Fauna na Floresta nacional do Tapajós. Relatório de Consultoria em Manejo de Fauna. Treinamento para o Desenvolvimento de um sistema de Florestas Nacionais.** FAO/IBAMA, Brasil, 1992: 38.
- LEEUWENBERG, Susana de M.L.R. - **Treinamento para o desenvolvimento de um sistema de florestas nacionais.** FAO/IBAMA, 1996.
- LESCURE, Jean. P.; et alli- **Povos e produtos da floresta na Amazônia Central: o enfoque multidisciplinar do extrativismo.** *In:* Gestão de Recursos Naturais Renováveis e Desenvolvimento. Novos desafios para a pesquisa ambiental. VIEIRA, Paulo Freire; WEBER, Jacques, São Paulo, Brasil, Editora Cortez. 1996: 433-468.
- LIMA, Rubens R. - **Registro de introduções de plantas de cultura pré-colombiana coletadas na Amazônia brasileira.** Belém, Brasil, EMBRAPA-CPATU, 1991: 210.
- LINS e SILVA, Tatiana - **Os Curupiras foram embora: economia, política e ideologia numa comunidade amazônica.** Universidade do Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1980: 188.
- LIRA, Sérgio R. B. - **Pólo oleiro-cerâmico de Abaetetuba: expansão e crise.** Belém, Brasil, UFPA/NUMA/POEMA/IDESP, 1998: 88.
- LOUREIRO, João de J. - **Inventário cultural e turístico do baixo Tocantins.** Belém, Brasil, Governo do Estado do Pará. 1987: 87.
- LOUREIRO, Vioeta R.- **A história social e econômica da Amazônia.** *In:* Estudos e problemas amazônicos. História social e econômica e temas especiais. SEDUC/IDESP, Belém, Brasil, Governo do Estado do Pará, 1989: 75.
- MACEDO, Miramy - **Contribuição ao estudo de plantas econômicas no Estado de Mato Grosso.** Ministério da Educação/ UFMG, Cuiabá, 1995: 11-70.

- MAGALHÃES, Sônia Barbosa- **O desencantamento da beira: reflexões sobre a transferência compulsória provocada pela Usina Hidrelétrica de Tucuruí.** *In:* Energia na Amazônia. vol. II. MAGALHÃES, Sônia B.; BRITTO, Rosyan de C.; CASTRO, Edna R. Belém, Brasil, Belém, Museu Para. Emílio Goeldi/ UFPA/ Associação. de Univers. Amaz, 1996: 697-746.
- MAGALHÃES, Sônia Barbosa- **Passados uns tempos..".** *In:* Populações Humanas Rios e Mares da Amazônia. IV Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil. DIEGUES, A. C. S. São Paulo, Brasil, PPCAUB/UFPA, 1990: 205-220.
- MAGEE, Pennie - **People, Forests and Rivers: Development in the Tocantins River, Brazil.** *In:* Sem informação, : .
- MATOS, Gláucio C. G. - **Atividades Corporais - Uma estratégia de adaptação Biocultural numa comunidade rural do Amazonas.** UNICAMP, Faculdade de Educação Física, 1996: 144.
- MAUÉS, Raymundo H. - **Aplicação combinada dos modelos etnocientíficos e de tomada de decisão ao estudo da medicina popular.** *In:* Ciência e Cultura, 31 (10), SBPC, 1979: 1155-1160.
- MAYBURY-LEWIS, Biorn- **Terra e água: identidade camponesa como referência de organização política entre os ribeirinhos do Rio Solimões.** *In:* Amazônia Desenvolvimento, Sociodiversidade e Qualidade de Vida. FURTADO, Lourdes G. Belém, Brasil, Universidade Federal do Pará. 1997: 31-69.
- McGRATH, David G.; et alli - **A traditional floodplain fishery of the lower amazon river, Brazil,** *In:* Naga, The ICLARM Quarterly, 1998: 4-11.
- McGRATH, David G.; et alli - **Fisheries and the evolution of resource management on the lower amazon floodplain.** *In:* Human Ecology, 21 (2), Plenum Publishing, 1993: 167-195.
- McGRATH, David G.; et alli - **Manejo comunitário de lagos de várzea e o desenvolvimento sustentável da pesca na Amazônia, Paper do NAEA 58.** NAEA/UFPA, Belém, 1996: 30.
- McGRATH, David G.; et alli - **Reservas de lago e o manejo comunitário da pesca no baixo Amazonas: uma avaliação preliminar, Paper do NAEA 18.** NAEA/UFPA, Belém, 1994: 16.
- McGRATH, David G.; et alli - **Varzeiros, geleiros, e o manejo dos recursos naturais na várzea do Baixo Amazonas,** *In:* Cadernos do NAEA, No. 11, 1993: 91-125.
- MENDES, Francisco - **O Testamento do Homem da Floresta. Federação de órgãos para a assistência social e educacional.** Rio de Janeiro, Brasil, FASE, 1989: 71.
- MING, Lin; GAUDÊNCIO, Paulo; SANTOS, Virgílio P. dos - **Plantas medicinais: uso popular na Reserva Extrativista Chico Mendes - Acre.** Botucatu, Brasil, Ceplam-UNESP, 1997: 165.
- MORAN, Emilio F. - **A Ecologia humana das populações da Amazônia.** Petrópolis, Brasil, Editora Vozes, 1990: 158-252.
- MORAN, Emilio F. - **The adaptive system of the amazonian caboclo.** *In:* Man *In:* the Amazon /Wagley, Charles (edited, The University Presses of Florida, 1974: 136-159.

- MORAN, Emilio F.- **Nurturing the forest: strategies of native amazonians.** *In:* Redefining Nature-Ecology,Culture and Domestication. ELLEN, R.;FUKUI, K. Washington, EUA, Oxford, Washington, D.C. BERG, 1996: 531-555.
- MORAN, Emilio F.- **Rich and poor ecosystems of amazonia: An approach to management.** *In:* The Fragile Tropics of Latin America. Sustainable Management of Chamting Environments. NISHIZAWA, T. UITTO,J.I. Tokyo, New York, Paris, United Nations University, Press, 1985: 45-67.
- MURRIETA, Rui Sergio S.; et alli - **Estratégias de subsistência da comunidade de praia Grande Ilha de Marajó Pará Brasil.** *In:* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, 8 (2), MCT/CNPq, 1992: 185-201.
- MURRIETA, Rui Sergio S.; et alli - **Estratégias de subsistência de uma população ribeirinha do Rio Marajó-Açu, Ilha de Marajó, Brasil.** *In:* Mus. Para. Emílio Goeldi, Antropol, 5 (2), SCT/CNPq, 1989: 147-169.
- MYERS, Norman - **Tropical forests: much more than stocks of wood.** *In:* Journal of Tropical Ecology, 1988: .
- NETO, John M. S.- **Apontamentos para uma reflexão: população e meio ambiente no contexto amazônico** *In:* Ambiente e Sociedade: Possibilidades e Perspectivas de Pesquisas. NEPAM, série: Divulgação Acadêmica nº2, Campinas, Brasil, UNICAMP, 1992: 126-152.
- NEVES, Walter- **Sociodiversity and biodiversity, two sides of the equation.** *In:* Brazilian Perspectives on Sustainable Development of the Amazon Region. CLÜSENER-GODT, M. Sachs I. Paris, França, The Parthenon Publishing Group, 1995: 91-124.
- NODA, Sandra do Nascimento; et alli - **Homem e natureza. As agriculturas familiares nas várzeas do Estado do Amazonas.** FUA/INPA/EMBRAPA/IBAMA/GTZ/Fundação Oswaldo Cruz, s/d: 40.
- OLIVEIRA JR. Adolfo Neves- **O quilombo do Rio das Rãs - História, tradições e Lutas.** EDUFA *In.* , Brasil, .
- PARKER, Eugene Philip- **A neglected human resource in Amazonia: the amazon Caboclo.** *In:* Resource Management *In:* Amazonia: Indigenous and Folk Strategies (Advances *In:* Economic Botany, nº7). D. A. POSEY and W. Ballée, eds. New York, USA, New York Botanical Garden, 1989: 249-259.
- PERET, J.A. - **Amazônas: história, gente, costumes.** Brasília/Manaus, Brasil, Senado Federal, Centro Gráfico, 1985: 218.
- PERET, J.A. - **Frutas da Amazônia.** , Rio de Janeiro, Brasil, SUFRAMA, 1985: 107.
- PETRERE JUNIOR, Miguel - **Pesca e esforço de pesca no Estado do Amazonas II - locais, aparelhos de capturas e estatística de desembarque.** *In:* Acta amazonica, ano VIII, nº3 supl. 2, CNPq/INPA, 1978: 54.
- PETRERE JUNIOR, Miguel - **River fisheries in Brazil: a review.** *In:* Regulated Rivers: Research and management, 4, John Wiley & Sons, Ltd, 1989: 1-16.
- PETRERE JUNIOR, Miguel- **As comunidades humanas ribeirinhas da Amazônia e suas transformações sociais.** *In:* Populações Humanas Rios e Mares da Amazônia. IV Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil. DIEGUES, A.C.S. São Paulo, Brasil, PPCAUB/UFPA, 1990: 31-68.

- POSEY, Darrell Addison; FRECHIONE, John; COIROLO, Alicia Durán- **The perception of ecological zone and natural resources in the Brazilian Amazon: an ethnoecology of Lake Coari.** *In: Resource Management In: Amazonia: Indigenous and Folk Strategies.* D. A. POSEY and W. Ballée, D. A. POSEY and W. Ballée, eds./NY Botanical Garden, 1989: 260-282.
- PRANCE, Ghilleen T. - **Botânica econômica, uma ciência importante para a região Amazônica.** *In: Botânica Brasileira*, 2(1), 1989: 279-286.
- PRANCE, Ghilleen T.; LISBOA, Pedro Luiz B.; MACIEL, Ubirajara N. - **Perdendo Rondônia.** *In: Ciência Hoje*, 6 (36), SBPC, 1987: 48-56.
- REDFORD, Kent H.; ROBINSON, John G.- **Subsistence and commercial uses of wildlife in Latin America.** *In: Subsistence and Commercial Uses of Wildlife.* , Brasil, s/d: 6-23.
- RIBEIRO, Carlos - **Mamirauá: preservar a natureza e integrar o homem.** *In: Ecologia e Desenvolvimento*, Ano 2, N 33, Ed. Terceiro Mundo, 1993: 4-9.
- RODRIGUES, Eliana - **Etnofarmacologia no Parque Nacional do Jaú. AM.** *In: Revista brasileira de plantas Medicinais.* 1 (1). Instituto de Biociências de Botucatu, 1998: 1-14.
- RODRIGUES, Eliana - **Moradores do Parque Nacional do Jaú, AM: Espaço e Cultura** USP, FFLCH-Geografia Física, 1997: 147.
- RODRIGUES, Eliana - **Moradores do Parque Nacional do Jaú, AM: espaço e cultura.** FFLCH, São Paulo, 1996: 44.
- RODRIGUES, Roberto M. Rodrigues - **A flora da Amazônia, Belém.** Belém, Brasil, CEJUP, 1989: 463.
- RUEDA, Rafael Pinzón- **Organização social das populações extrativistas.** *In: Reservas Extrativistas.* UICN/CCE/CNPT, Suíça/Reino Unido, MURRIETA, J.R. ,RUEDA, R. P. 1995: 13-18.
- SANTOS, Gilton Mendes dos - **Os caminhos do Guaporé.** Centros de Estudos e Pesquisa do Pantanal, Amaz. e Cerrado, Cuiabá, 1994: 13.
- SARAGOUSSI, Muriel; et alli - **A gênese de um plano de manejo: o caso do Parque Nacional do Jaú.** Manaus, Brasil, Fundação Vitória Amazônica, 1998: 114.
- SCHMINK, Marianne- **O desafio do desenvolvimento sustentável e as comunidades locais da Amazônia brasileira.** *In: Anais Conf.:Abordagens Interdisciplinares para a conservação da biodiversidade e dinâmica do uso da terra no novo mundo.* UFMG/University of Florida, Belo Horizonte, Brasil/USA, 1995: 79-88.
- SHANLEY, Patrícia; et alli - **Frutíferas da mata na vida amazônica.** Belém, Brasil, IUCN, ICRW, USAID/WID, Embrapa/CPATU, EFA, USAID/GCC/BSP, 1998: 127.
- SILVA, Luiz Francelino - **Atividades e tradições dos grupos ceramistas do Maruanum (AP),** *In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia*, 7(1), SCT/CNCT, 1991: 73-94.
- SILVA, Marlene F. da; CORRÊA, Yêda Maria Boaventura - **Plantas ruderais de Manaus e seu potencial de utilização.** *In: Boletim do Mus. Paraense Emílio Goeldi, Botânica*, 11 (2), MCT/CNPq, 1995: 239-254.

- SILVA, Marlene F. da; et alli - **Nomes vulgares de plantas amazônicas**. Manaus, Brasil, CNPq/INPA, 1977: 222.
- SILVEIRA, Isolda M. da - **Quatipuru: agricultores, pescadores e coletores em uma vila amazônica. Publicações Avulsas No. 34** Belém, Brasil, CNPq/INPA/Mus. Paraense Emílio Goeldi, 1979: 72.
- SIMONIAN, Ligia T. L. - **Devastação e impasses para a sustentabilidade dos açais no Vale do Rio Maracá, AP (trabalho integrante do projeto Economia Política do Vale do Rio Maracá)**. NAEA/UFPA, Belém, s/d: 28.
- SIPS, Peter A.- **Manejo multi-uso policíclico das florestas secundárias**. *In: Manejo e Reabilitação de Áreas Degradadas e Florestas Secundárias na Amaz.* Anais de um Simp/ Workshop Internac. Inst. Internacional de Floresta Tropical/EMBRAPA/CPATU, Santarém, Pará. Porto Rico, Brasil/Porto Rico/França, MAB/UNESCO, 1993: 177-184.
- SIQUEIRA, Andréa Dalledone; et alli - **Estratégias de subsistência da população ribeirinha do Igarapé Paricatuba , Ilha de Marajó**. *In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, 9 (2), MCT, CNPq, FINEP.* 1993: 153-170.
- SIZER, Nigel C. - **Parque Nacional do Jaú: sugestões para integração da população humana local com a conservação da biodiversidade**. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, s/d: 23.
- SMITH, Nigel J. H. - **A pesca no rio Amazonas**. Manaus, Brasil, CNPq/INPA, 1979: 154.
- SMITH, Nigel J. H. - **Man, fishes, and the Amazon** New York, USA, Columbia University Press, 1981: 1-133.
- SMITH, Nigel J. H.; et alli - **Amazonia: resiliency and dynamism of the land and its people, UNU Studies on critical environmental regions**. Tokio/ New York/ Paris, Brasil, United Nations University Press, 1995: 208.
- STERNBERG, Hilgard O.- **Waters and wetlands of brazilian Amazonia: An uncertain future**. *In: The Fragile Tropics of Latin America. Sustainable Management of Chamtingg Environments.* NISHIZAWA, T.; UITTO, J. I. Tokyo, New York, Paris, United Nations University Press, 1995: 113-179.
- STRUDWICK, Jeremy; SOBEL, Gail- **Uses of Euterpe oleracea Mart. in the Amazon estuary, Brazil**. *In: The Palm – Tree of Life: Biology, Utilization and Conservation – Advences In: Economic Botany, vol 6.* Michael J. Ballick, Michael J. Ballick, ed. 1988: 225-253.
- TEIXEIRA, Zenai de da Silva; et all - **Plantas medicinais mais conhecidas na comunidade previdenciária e a realidade quanto ao seu uso**. *In: Medicinas Tradicionais e Medicina Ocidental na Amazônia.* BUCHILLET, Dominique, Belém, Brasil, MPEG/CNPq/SCT/PR/CEJUP/UEP, 1991: 383-412.
- TENÓRIO, Maria Alice R. de O.- **Fitoterapia: uma estratégia terapêutica natural do Amapá**. *In: Medicinas Tradicionais e Medicina Ocidental na Amazônia.* BUCHILLET, Dominique, Belém, Brasil, MPEG/CNPq/SCT/PR/CEJUP/UEP, 1991: 413-461.
- TRAJBER, Raquel - **Tropes and tribulations : discourse strategies in an Amazon peasant comunit**. *In: Purdue University, Philosophy,* 1988: 205.

- VAN DEN BERG, Maria E- **Ver-o-peso: The ethnobotany of an Amazonian Market.** *In:* Ethnobotany In: the Neotropics - Advances In: Economic Botany 1. G.T. Prance & J. A. Kallunki, Brasil, G.T. Prance & J. A. Kallunki/New York Botanical Garden, 1984: 140-149.
- VAN DEN BERG, Maria E; SILVA, Milton H. L. - **Ethnobotany of a traditional ablution in Pará, Brazil.** *In:* Boletim do Mus. Paraense Emílio Goeldi, Botânica, 2 (2), MCT/CNCT, 1986: 213-218.
- VAZ, F. A. - **Ribeirinhos da Amazônia: identidade e magia na floresta.** *In:* Cultura vozes, n 2, 1996: 47-65.
- VIANA, Virgílio M. - **Manejo integrado dos recursos florestais nas reservas extrativistas: a questão da extração de madeira.** Trab. apresent. no Semin. sobre Alternativas Econôm. para Reservas Extrativistas:C.N.S./I.E.A. RB, Acre, 1991.
- VIANA, Virgílio M.- **Ecologia e manejo de populações de castanha do Pará em reservas extativistas Xapurí, Estado do Acre** *In:* Floresta Amazônica: Dinâmica, Regeneração e Manejo. C. Gascon e P. Montinho (eds)/INPA, Brasil, 1998.
- VIANA, Virgílio M.; et alli - **Deforestation, decay of brazilnut populations in pastures and forest policies in the amazon: the case of Xapuri, Draft, 1998.** ESALQ/FEALQ/CAEX, 1998.
- VIEIRA, Italo J. A. - **Lago Grande de Monte Alegre: por uma administração de recuroso pesqueiros em águas interiores da Amazônia.** IBAMA/Superint. do Estado do Pará, Belém, 1989: 17.
- XIMENES, Tereza- **O barco na vida do ribeirinho,** *In:* Embarcações, Homens e Rios na Amazônia. XIMENES, Tereza, Belém, Brasil, UFPA, 1992: 53-72.

Ribeirinhos Não Amazônicos.

- ARAÚJO, Alceu Maynard - **Medicina Rústica. Brasileira vol 300.** São Paulo, Brasil, Companhia Editora Nacional, 1961: Parte do Texto.
- ARAÚJO, Alceu Maynard - **Populações [Ribeirinhas do Baixo São Francisco. Documentário da vida rural nº17** Rio de Janeiro, Brasil, Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1961: Parte do Texto.
- BARBOSA, Cleto B. - **Estabilidade de comunidades ribeirinhas no semi-árido brasileiro.** UFPB/UEPB, PRODEMA, 1998: 124.
- BARROS, Henrique Monteiro de- **A questão sócio-ambiental em grandes projetos energéticos do Vale do São Francisco: os casos de Sobradinho e Itaparica.** *In:* Energia na Amazônia. vol. I. MAGALHÃES, Sônia B.; BRITTO, Rosyan de C.; CASTRO, Edna R. Belém, Brasil, Museu Paraense Emílio Goeldi/ Universidade Federal do Pará/ Associação de Universidades Amazônicas, 1996: 393-405.
- BORGES, Janice Rodrigues - **A exclusão social no processo de interiorização do Desenvolvimento Paulista: Um estudo sobre as famílias ribeirinhas do Tietê, Piracicaba e Paranapanema.** UFSCar, Centro de Educação e Ciências Sociais/Programa de Pós-Graduação em C.S. 1997: 124.

- CARVALHO, Maria Rosário- **A Usina Hidrelétrica de Itaparica (BA) e o deslocamento de índios e camponeses.** *In:* Energia na Amazônia. vol. II. MAGALHÃES, Sônia B.; BRITTO, Rosyan de C.; CASTRO, Edna R, Belém, Brasil, Museu Paraense Emílio Goeldi/ UFPA/ Associação de Universidades Amazônicas, 1996: 605-629.
- CASTRO, Fábio de - **Aspectos ecológicos da pesca artesanal no Rio Grande à jusante da Usina Hidrelétrica de Marimbondo.** UNICAMP, NEPAM, 1992: 161.
- MARQUES, José Geraldo - **"Do canto bonito ao berro do bode": percepção do comportamento de vocalização em aves entre camponeses alagoanos.** *In:* Revista de Etologia, (n. espec.), César Ades (Ed.)/SBEt, 1998: 71-85.
- MARQUES, José Geraldo - **Etnoictiologia: pescando pescadores nas águas da transdisciplinaridade.** UFAL/Centro de Ciências Biológicas, Maceió, 1995: 42.
- MARQUES, José Geraldo - **O RIMA (Relatório de Impacto Ambiental) do poder e o contra-RIMA dos desesperados: destruição e sobrevivência da várzea de Marituba.** NUPAUB/USP, International Development Research Centre-IDRC,, São Paulo, 1992: 127.
- MARQUES, José Geraldo - **Pescando pescadores: etnoecologia abrangente no Baixo São Francisco.** São Paulo, Brasil, NUPAUB, 1995: 304.
- NEVES, Zanoni. E. R. - **Os remeiros do rio São Francisco : trabalho e posição social.** UNICAMP, Antropologia Social, 1991: 241.
- PIERSON, Donald - **O homem no vale do São Francisco, Tomo II.** Rio de Janeiro, Brasil, 1972: Parte do Livro.
- SANTANA, Gilca D. de - **Do rio à caatinga (um estudo da re(loca)ção das famílias deslocadas da Barragem de Itaparica)** Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 1995: 104.
- SIGAUD, Ligia; et alli - **Expropriação do campesinato e concentração de terras em Sobradinho : uma contribuição a análise dos efeitos da política energética do estado.** *In:* Trabalho apresentado no GT estado e agricultura, 290.
- TOMMASINO, Kimiye - **Fugindo do sistema: começo e fim da utopia dos ilhéus do rio Paraná.** USP, FFLCH, 1985: 216.
- VERAS, Fernando - **Etnobotânica da várzea da Marituba: plantas utilizadas na pesca e de uso múltiplo.** UFAL, Ciências Biológicas, 1995: 80.

Sertanejos.

- AB'SABER, Aziz - **Os sertões: a originalidade da terra.** *In:* Ciência Hoje, 3 (18), SBPC, 1985: 43-48.
- AB'SABER, Aziz- **No domínio das caatingas.** *In:* Caatingas: Sertão , Sertanejos. Salvador Monteiro e Leonel Kaz, Rio de Janeiro, Brasil, Edições Alumbramento, Livroarte Editora, 1994/95: 37-46.
- ANDRADE, José M. Tavaré de - **Do saber popular ao científico sobre plantas medicinais nas práticas de saúde: projeto de pesquisa.** *In:* Cadernos Paraibanos de Antropologia, n 1, UFParáiba/Centro de C. H. L. A./Departamento de Ciências Sociais, 1985: 57-67.

- ANDRADE, Manuel Correia - **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo. Brasil, Brasiliense, 1964: 267.
- AQUINO, Aécio - **Aspectos históricos e sociais da pecuária na caatinga Paraibana. Coleção Esan ano 20 vol.16.** , Brasil, 1987.
- AUDRIN, Frei José M. - **Os sertanejos que eu conheci. Coleção Documentos Brasileiros nº17**. Rio de Janeiro, Brasil, Livraria José Olímpio, 1969: 27-61.
- BISPO, Gláucia Maria L. - **Vegetação e fauna da caatinga no cotidiano do sertanejo - umbuzeiro do Matutu - Porto da Folha/Sergipe**. UFSE, PRODEMA, 1998: 113.
- BONANÇA, Dora; IHERING, Rodolfo - **Ciência e belezas nos sertões do Nordeste. Ministério do Interior/ Departamento Nacional de Obras Contra as Secas**. Fortaleza, Brasil, DNOCS, 1983: 305.
- CARAMASCHI, Ulisses- **Anfíbios e répteis. in Caatingas: Sertão , Sertanejos. In: Caatingas: Sertão , Sertanejos**. Salvador Monteiro e Leonel Kaz, Rio de Janeiro, Brasil, Edições Alumbramento, Livroarte Editora, 1994/95: 193-200.
- CARNEIRO, Maria José - **Vidas irrigantes. In: Ciência Hoje**,.4 (24), SBPC, 1986: 66-72.
- CASCUDO, Luís da Câmara - **Adivinhando chuva.. In: Revista brasileira de Cultura**, 2(4), 1970: 75-94.
- COELHO, Jorge - **O cerrado na região nordeste do Brasil, Fund. Guimarães Duque Esc. Sup.de Agric. de Mossoró**, 1984: 262.
- COHEN, Marianne- **As práticas sócio-ecológicas frente à seca: limites e contradições no exemplo do cariri paraibano. In: Faces do Trópico Úmido**. ACEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna, Brasil, CEJUC, s/d: 399-420.
- EMPERAIRE, Laure - **La caatinga du sud-est du Piauí (Brésil), Étude Ethnobotanique, Mission Franco-Brésilienne au Piauí, Mémoire n 21.** , França/Paris, Recherche sur les Civilisations, 1983: 135.
- FARIA, Oswaldo L. de - **A B C da Pescaria de açudes no Seridó**. Recife, Brasil, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais/Ministério da Educação e Cultura. 1961.
- FARIA, Oswaldo L. de - **Conservação de alimentos nos sertões do Seridó. In: Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**, N 12, Ministério da Educação e Cultura, 1963: 88-133.
- FARIA, Oswaldo L. de - **Encouramento e arreios do vaqueiro no Seridó**. Natal, Brasil, Fundação José Augusto, 1969: 37.
- FARIA, Oswaldo L. de - **Sertões do Seridó**. Brasília, Brasil, 1980: 86.
- HOEFLE, Scott William - **O sertanejo e os bichos-cognição ambiental na zona semi-árida nordestina. In: Revista de Antropologia**, 33, 1990: 47-73.
- MAGALHÃES, Jôsa - **Previsões Folclóricas da Secas e dos Invernos no Nordeste brasileiro. In: Revista do Instituto do Ceará**, 56, 1952: 253-268.
- MARIANO NETO, Belarmino - **Ecologia e imaginário nos Cariris Velhos do Paraíba: memória cultural e natureza no cerimonial da vida**. Universidade Federal da Paraíba, Desenvolvimento e Meio Ambiente, 1999: 166.

- MELO, Mário L. de - **Áreas de exceção da Paraíba e dos sertões de Pernambuco.** Recife, Brasil, SUDENE-PSU-SER, 1988: Parte do Texto.
- MELQUÍADES, Eduardo Campos - **Fauna do Nordeste do Brasil: conhecimento científico e popular.** Fortaleza, Brasil, Banco do Nordeste, 1995: 269.
- RIBEIRO, José F.; SILVA, José C. S.- **Manutenção e recuperação da biodiversidade do bioma cerrado: o uso de plantas nativas.** *In:* Biodiversidade e Produção Sustentável de Alimentos e Fibras nos Cerrados. Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária/EMBRAPA/CPAC, Brasília, Brasil, PEREIRA, Roberto C. e NASSER, Luiz Carlos B. - Ed. 1996: 10-13.
- SILVA, José Clementino da - **O sertão da palavra do sertanejo.** USP, FFLCH-Gegrafia, 1992: 154.
- SILVA, Marcelo de Ataíde- **Plantas úteis da Caatinga** *In:* Anais do Simpósio sobre Caatinga e sua Exploração Racional. UEFS/EMBRAPA-DDT, Feira de Santana, Brasil, UEFS, 1986: 141-149.
- SOBRINHO, F. E.; et alli - **Sistema do pequeno agricultor do Seridó Norte - Rio Grandense: a terra, o homem e o uso.** Coleção Mossoroense. Volume CCLXXVI Brasília, Brasil, Senado Federal, 1983: 200.
- SUÁREZ, Mireya - **Setanejo: um personagem mítico.** *In:* Sociedade e Cultura, 1(1), 1998: 29-39.
- TAVARES, Lúcia - **Terra de morada: diagnóstico sócio-cultural do assentamento Fazenda Santa Catarina, Monteiro - Paraíba.** João Pessoa, Brasil, Paraíba, 1997: 149.
- WOORTMANN, Ellen F. - **Herdeiros, parentes e compadres - colonos do sul e sitiantes do nordeste.** São Paulo/ Brasília. Brasil, HUCITEC/EDUNB, 1995: 336.
- WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klass - **O Trabalho da terra. A lógica e a Simbólica da Lavoura Camponesa.** Brasília, Brasil, UNB. 1997: 192.

.Sitiantes.

- ALMEIDA, Roberto Alves de - **O saber camponês** UNB, Antropologia, 1988: 67.
- CAMPELO, Comélio- **Contribuição ao Estudo das Plantas medicinais no Estado de Alagoas IV.** *In:* Anais do XXXV Congresso Nacional de Botânica. Sociedade Botânica do Brasil/IBAMA/, Brasília, Brasil, 1990: 52-66.
- GARCIA, Marcolina M. - **Tecelagem Artesanal; um estudo etnográfico em Hidrolândia** Goiânia, Brasil, UFGO, 1981: 188.
- HEREDIA, Beatriz Maria A. - **A morada da vida; trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil.** Rio de Janeiro, Brasil, Ed. Paz e Terra, 1979: 164.

- MARTEL, Jorge H. I.; RIBEIRO, Gilberto A.; SARAGOUSSI, Muriel- **Comparação na composição de quintais de três localidades de terra firme do Estado do Amazonas.** *In:* Ethnobiology: Implications and applications proceedings of the first International Congress of Ethnobiology. POSEY, D. A. OVERAL, W. L. Belém, Brasil, SCT/CNPq/Mus. Para. Emílio Goeldi, 1990: 295-309.
- MARTINS, Marcus V. de; VIEIRA, Roberto F.- **Estudos etnobotânicos de espécies medicinais de uso popular no cerrado.** *In:* VIII Simpósio sobre o Cerrado - Biodiversidade e Produção Sustentável de Alimentos e Fibras nos Cerrados. Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária/EMBRAPA/CPA, Brasília, Brasil, PEREIRA, Roberto C. e NASSER, Luiz Carlos B. - Ed, 1996: 169-171.
- THIÉBLLOT, Marcel Jules - **Escuros artesãos de uma valiosa energia: carvoeiros e carvão de lenha.** (Coleção Pesquisa, Vol. 9), São Paulo, Brasil, Escola de Folclore, 1984: 81.
- VOEKS, Robert A. - **Tropical Forest healers and habitat preference.** *In:* Economic Botany, 50(4), The New York Botanical Garden, 1996: 381-400.
- WOORTMANN, Ellen F. - **Sitiantes e Roceiros. A produção camponesa num contexto de pecuarização.** UNB, Antropologia, 1981: 192.

Outros.

- ENCARNAÇÃO, Adriano; OLIVEIRA, Regina; MOREIRA, Francileide Moreira - **Os moradores do Parque Nacional do Jaú.** Fundação Vitória Amazônica/ IBAMA, Manaus, 1996: 12.
- MORAN, Emilio F. - **Coping with a new environment.** *In:* Brazil: Anthropological Perspectives, MARGOLIS, M. e W. CARTER (eds)/Columbia University Press, 1979: 47.
- MORAN, Emilio F. - **Estratégias de sobrevivência: o uso de recursos ao longo da rodovia Transamazônica.** *In:* Acta Amazônica, VII, nº3, 1977: 363-379.

PARTE 5 – LISTAGEM DE ANEXOS

Anexo 1: Listagem de Publicações no NUPAUB

- a) Populações Tradicionais Indígenas
- b) Populações Tradicionais Não-Indígenas

Anexo 2: Relação de Colaboradores, Pesquisadores e Profissionais que nos auxiliaram

Anexo 3: Quadro dos Povos e Línguas Indígenas do Brasil

ANEXO 1:

**LISTAGEM DE PUBLICAÇÕES ACERVO NUPAUB
POPULAÇÕES TRADICIONAIS INDÍGENAS
E NÃO-INDÍGENAS.**

ANEXO 2:

**RELAÇÃO DE COLABORADORES, PESQUISADORES
E PROFISSIONAIS**

RELAÇÃO DE COLABORADORES/PESQUISADORES E PROFISSIONAIS QUE NOS AUXILIARAM

1. AMOROZO, Maria Christina de M. (Etnobotânica - Universidade Estadual de São Paulo/UNESP-Botucatu)
2. CASTRO, Edna (Socióloga - Núcleo de Altos Estudos da Amazônia/NAEA-UFPA)
3. CASTRO, Eduardo Viveiros de (Antropólogo – Museu Nacional do Rio de Janeiro)
4. DUARTE, Luis Fernando (Antropólogo - Museu Nacional do Rio de Janeiro)
5. EMMERICH, Margarete (Botânica – Museu Nacional do Rio de Janeiro)
6. FERREIRA, Marlia (Etnofarmacóloga – Museu Paraense Emílio Goeldi)
7. FOURTADO, Lourdes (Antropóloga - Universidade Federal do Pará/UFPA)
8. LEITÃO, Wilma (Antropóloga - Universidade Federal do Pará/UFPA)
9. Mc GRATH, David G. (Geógrafo - Núcleo de Altos Estudos da Amazônia/NAEA-UFPA)
10. MING, Lin Chau (Etnobotânico - Universidade Estadual de São Paulo/UNESP-Botucatu)
11. NEVES, Léa (Botânica – Museu Nacional do Rio de Janeiro)
12. OLIVEIRA, Ana Cristina Mendes de (Zoóloga – Núcleo de Altos Estudos da Amazônia/NAEA-UFPA)
13. PROENÇA, Carolyn (Botânica – Universidade de Brasília)
14. RIOS ,Monserrat (Etnobotânica - NAEA)
15. SILVA, Carolina Joana (Antropóloga – Universidade Federal do Mato Grosso)
16. SILVA, Maria das Graças Santana (Antropóloga – Museu Paraense Emílio Goeldi)
17. SILVA, Suelma Ribeiro (Bióloga – IBAMA)
18. SUÁREZ, Mireya (Socióloga – Universidade de Brasília)
19. WOORTMANN, Ellen F. (Antropóloga – Universidade de Brasília)
20. WOORTMANN, Klass (Antropólogo – Universidade de Brasília)

ANEXO 3:

**QUADRO DOS POVOS E LÍNGUAS
INDÍGENAS DO BRASIL**

QUADRO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL¹

Nome	Outros nome ou grafias	Tronco/língua	UF ²	População ³	Ano
Aikanã	Aikaná, Massaká, Tubarão	Aikanã	RO	175	1995
Ajuru		Tupari	RO	38	1990
Amanayé	Amanaié	Tupi-Guarani	PA	66	1990
Anambé		Tupi-Guarani	PA	105	1994
Aparai	Apalai	Karíb	PA	?	
Apiaká	Apiacá	Tupi-Guarani	MT	43	1989
Apinayé	Apinajé, Apinaié	Jê	TO	718	1989
Apurinã		Aruák	AM	2.800	1991
Arapaço	Arapasso	Tukano	AM	317	1992
Arara	Ukarãgmã, Ukarãngmã	Karíb	PA	165	1995
Arara	Karo	Ramarama	RO	130	1989
Arara	Shawanauá	Pano	AC	300	1993
Arara do Aripuanã	Arara do Beiradão	?	MT	150	1994
Araweté	Araueté	Tupi-Guarani	PA	230	1995
Arikapu	Aricapu	Jaboti	RO	6	1990
Arikem	Ariquen	Arikem	RO	?	
Aruá		Mondé	RO	36	1990
Asurini do Tocantins	Akuáwa, Assurini	Tupi-Guarani	PA	233	1995
Asurini do Xingu	Awaeté, Assurini	Tupi-Guarani	PA	81	1995
Atikum	Aticum	**	PE	2.799	1989
Avá-Canoeiro		Tupi-Guarani	TO/GO	14	1995
Aweti	Aueti	Aweti	MT	100	1997
Bakairi	Bacairi	Karíb	MT	570	1989
Banawa Yafi		Arawá	AM	120	1991
Baniwa*	Baniua, Baniva	Aruák	AM	3.189	1995
			Colômbia	?	
			Venezuela	(1.192)	1992
Bará*		Tukano	AM	40	1992
			Colômbia	(296)	1988
Baré*		Nheengatu	AM	2.170	1992
			Venezuela	(1.136)	1992
Bororo	Boe	Bororo	MT	914	1994
Chamacoco*		Samuko	MS	40	1994
			Paraguai	(908)	1992
Chiquitano		?	MT	?	
			Bolívia	(55.000)	1995
Cinta Larga	Matétamãe	Mondé	MT/RO	643	1993
Columbiara	Corumbiara	?	RO	?	
Deni		Arawá	AM	570	1995
Dessano*	Desâna, Desano, Wira	Tukano	AM	1.458	1992
			Colômbia	(2.036)	1988
Diaroi	Jahoi	Tupi-Guarani	AM	30	1997

¹ FONTE: ISA: <http://www.socioambiental.org/>

² (Brasil) Países Limítrofes

³ População censo/estimativa. (*) Povos que estão presentes em mais de um país. (**) Já não falam a língua original, usam o português regional.

Nome	Outros nome ou grafias	Tronco/língua	UF	População	Ano
Enawenê-Nawê	Salumã	Aruák	MT	253	1995
Fulni-ô		Yatê	PE	2.788	1989
Galibi Marworno	Galibi do Uaçá, Aruã	Karíb	AP	1.249	1993
Galibi*	Galibi do Oiapoque	Karíb	AP	37	1993
			Guiana Francesa	(2.000)	1982
Gavião	Digüt	Mondé	RO	360	1989
Gavião	Parkatejê, Gavião do Mãe Maria	Jê	PA	333	1995
Gavião	Pukobiê, Pykopjê, Gavião do MA	Jê	MA	150	1990
Guajá	Awá, Avá	Tupi-Guarani	MA	370	1990
Guajajara	Tenethehara	Tupi-Guarani	MA	10.200	1995
Guarani*	Pai Tavyterã	Tupi-Guarani	MS/SP/RJ/	30.000	1995
Kaiowá	Avakatueté, Chirirpá	Tupi-Guarani	PR/	25.000	1995
Nandeya		Tupi-Guarani	ES/SC/RS	(Paraguai)	
M'bya		Tupi-Guarani	MS, Paraguai MS/SP/PR / Paraguai SP/RJ/ES/ PR/SC/ RS/Argentina/ Paraguai		
Guató		Guató	MS	700	1993
Hixkaryana	Hixkariana	Karíb	AM/PA	?	
Ingarikó*	Ingaricó	Karíb	RR	1.000	1994
	Akawaio, Kapon		Guiana	(4.000)	1990
			Venezuela	(728)	1992
Iranxe	Irantxe	Iranxe	MT	250	1994
Ikpeng	Trixão	Karib	MT	189	1997
Jaboti		Jaboti	RO	67	1990
Jamamadi	Yamamadi, Djeoromitxi	Arawá	AM	250	1987
Jaminawa*	Iamináua	Pano	AC	370	1987
	Yaminahua		Peru	(600)	1988
Jarawara	Jarauara	Arawá	AM	160	1990
Jenipapo-Kanindé		**	CE	?	-
Jiripancó	Jeripancó	**	AL	842	1992
Juma	Yuma	Tupi-Guarani	AM	07	1994
Juruna	Yuruna, Yudjá	Juruna	PA/MT	212	1995
Kaapor	Urubu-Kaapor, Ka'apor, Kaaporté	Tupi-Guarani	MA	500	1992
Kadiweu	Caduveo, Cadiuéu	Guaikuru			1993
Kaimbé	Caimbé	**	BA	1.200	1989
Kaingang	Caingangue	Jê	SP/PR/SC/RS	20.000	1994
Kaixana	Caixana	**	AM	?	
Kalapalo	Calapalo	Karíb	MT	353	1997
Kamayurá	Camaiurá	Tupi-Guarani	MT	364	1997
Kamba	Camba	?	MS	?	
Kambeba	Cambeba, Omágua	Tupi-Guarani	AM		1989

Nome	Outros nome ou grafias	Tronco/língua	UF	População	Ano
Kambiwá	Cambiuá	**	PE	1.255	1990
Kampa*	Campa	Aruák	AC	763	1994
	Asháninka, Ashaninka		Peru	(55.000)	1993
Kanamanti	Canamanti	Arawá	AM	150	1990
Kanamari	Canamari	Katukina	AM	1.300	1994
Kanela Apaniekra	Canela, Timbira	Jê	MA	336	1990
Kanela Rankokamekra	Canela, Timbira	Jê	MA	883	1990
Kanoe	Canoe	Kanoe	RO	61	1990
Kantaruré	Cantaruré	**	BA	?	
Kapinawá	Capinauá	**	PE	354	1989
Karafawyana		Karib	PA/AM	?	
Karajá	Carajá	Karajá	MT/TO/P A	1.900	1995
Karajá/Javaé		Karajá	TO	750	1995
Karajá/Xambioá	Karajá do Norte	Karajá	TO	250	1995
Karapanã*	Carapanã	Tukano	AM	40	1992
			Colômbia	(412)	1988
Karapotó	Carapotó	**	AL	1.050	1994
Karipuna	Caripuna	Pano	RO	8	1995
Karipuna do Amapá	Caripuna	Creoulo Francês	AP	1.353	1993
Kariri	Cariri	**	CE	?	
Kariri-Xocó	Cariri-Chocó	**	AL	1.500	1990
Karitiana	Caritiana	Arikem	RO	171	1994
Katuena	Catuena	Karíb	PA/AM	?	
Katukina	Pedá Djapá	Katukina	AM	250	1990
Katukina	Shanenawa	Pano	AC	400	1990
Kaxarari	Caxarari	Pano	AM/RO	220	1989
Kaxinawá*	Cashinauá, Caxinauá	Pano	AC	3.387	1994
	Cashinahua, Huni-Kuin		Peru	(1.200)	1988
Kaxixó		**	MG	?	
Kaxuyana	Caxuiana	Karíb	PA	?	
Kayabi	Caiabi, Kaiabi	Tupi-Guarani	MT/PA	1.200	1995
Kayapó	Kaiapó, Caiapó Mebegnokre A'Ukre, Gorotire Kikretum, Mekrangotire Kuben-Kran- Ken Kokraimoro, Kubenkokre Metuktire, Pukanu Xikrin do Bacajá Xikrin do Cateté Kararaô	Jê	MT/PA	4.000	1993
Kiriri		**	BA	1.526	1994
Kocama*	Cocama	Tupi-Guarani	AM	320	1989
			Colômbia	(236)	1988
Korubo		Pano	AM	40	1996
Kokuiregatejê	Timbira	Jê	MA	?	
Krahô	Craô, Kraô, Timbira	Jê	TO	1.198	1989
Kreje	Timbira	Jê	PA	?	
Krenak	Crenaque	Krenak	MG	99	1992
Krikati	Krinkati, Timbira	Jê	MA	420	1990

Nome	Outros nome ou grafias	Tronco/língua	UF ¹	População ²	Ano
Kwazá	Coaiá, Koaiá	língua isolada	RO	15	1995
Kubeo*	Cubeo	Tukano	AM	219	1992
	Cobewa		Colômbia	(5.837)	1988
Kuikuro	Kuikuru	Karíb	MT	364	1997
Kujubim	Kuyubi	Txapakura	RO	14	1990
Kulina/ Madihá*	Culina, Madija	Arawá	AC/AM	2.500	1991
	Madiha		Peru	(500)	1988
Kulina Pano	Culina	Pano	AM	50	1990
Kuripako*	Curipaco, Curripaco	Aruák	AM	880	1995
			Venezuela	(2.585)	1992
			Colômbia	(6.790)	1988
Kuruaia	Curuáia	Mundurukú	PA	?	
Macurap	Makurap	Tuparí	RO	129	1990
Maku*	Macu	Maku	AM	2.050	1989
Maku Yuhupde					
Maku Hupdá					
Maku Nadeb					
Maku Dow					
Maku Cacua e Nucak		Maku	Colômbia	(786)	1988
Makuna*	Macuna, Yepamahsã	Tukano	AM	34	1992
			Colômbia	528	1988
Makuxi*	Macuxi, Macushi, Pemon	Karíb	RR	15.000	1994
			Guiana	(7.500)	1990
Marubo		Pano	AM	960	1994
Matipu		Karíb	MT	62	1995
Matis		Pano	AM	178	1994
Matsé*	Mayoruna	Pano	AM	640	1994
			Peru	(1.000)	1988
Mawayana		Karíb	PA/AM	?	
Maxakali	Maxacali	Maxakali	MG	594	1989
Mehinako	Meináku, Meinacu	Aruák	MT	160	1997
Menky	Myky, Munku, Menki	Iranxe	MT	69	1997
Mequém		Tupari	RO	?	
Miranha*	Mirãnha, Miraña	Bora	AM	400	1994
			Colômbia	(445)	1988
Miriti Tapuia		Tukano	AM	120	1992
Munduruku	Mundurucu	Munduruku	PA	3.000	1990
Mura		Mura	AM	1.400	1990
Ñandeva	Avakatueté, Chiripá	Tupí-Guarani	MS/ SP/ PR/ Paraguai		
Nahukwá	Nafuquá	Karíb	MT	86	1997
Nambikwara	Anunsu, Nhambiquara	Nambikwara	MT/RO	885	1989
Nambikwara do Campo	Halotesu, Kithaulu,				
Nambikwara do Norte	Wakalitesu, Sawentesu				
	Negarotê, Mamaindê,				
	Latundê, Sabanê e Manduka,				
	Tawandê				
Nambikwara do Sul	Hahaintesu, Alantesu,				
	Waikisu, Alaketesu, Wasusu,				
	Sararé				

Nome	Outros nome ou grafias	Tronco/língua	UF	População	Ano
Nukini	Nuquini	Pano	AC	400	1994
Ofaié	Ofayé-Xavante	Ofaié	MS	87	1991
Paiaku		**	CE	?	
Pakaa Nova	Wari, Pacaás Novos	Txapakura	RO	1.300	1989
Palikur*	Aukwayene, Aukuyene	Aruák	AP	722	1993
	Paliku'ene		Guiana Francesa	(470)	1980
Panará	Krenhakarore, Krenakore Krenakarore Índios Gigantes Kreen-Akarore	Jê	MT/PA	197	1997
Pankararé	Pancararé	**	BA	723	1991
Pankararu	Pancararu	**	PE	3.676	1989
Pankaru	Pancaru	**	BA	74	1992
Parakanã	Paracanã, Apiterewa	Tupi-Guarani	PA	624	1995
Pareci	Paresi, Haliti	Aruák	MT	1.200	1995
Parintintin		Tupi-Guarani	AM	130	1990
Patamona*	Kapon	Karíb	RR	50	1991
			Guiana	(5.500)	1990
Pataxó		**	BA	1.759	1989
Pataxó Hã-Hã-Hãe		**	BA	1.665	1993
Paumari	Palhari	Arawá	AM	539	1988
Paumelenho		?	RO	?	
Pirahã	Mura Pirahã	Mura	AM	179	1993
Piratuapuaia*	Piratapuya, Piratapuyo	Tukano	AM	926	1992
			Colômbia	(400)	1988
Pitaguari		**	CE	?	
Potiguara		**	PB	6.120	1989
Poyanawa	Poianáua	Pano	AC	385	1994
Rikbaktsa	Canoeiros, Erigpaktsa	Rikbaktsa	MT	690	1993
Sakirabiap		Tupari	RO	?	
Sateré-Mawé	Sataré-Maué	Mawé	AM	5.825	1991
Suruí	Aikewara	Tupi-Guarani	PA	185	1995
Suruí	Paíter	Mondé	RO	586	1992
Suyá	Suiá	Jê	MT	223	1997
Tapayuna	Beço- de- Pau	Jê	MT	63	1997
Tapeba		**	CE	1.143	1992
Tapirapé	Tapi'irape	Tupi-Guarani	MT	380	1995
Tapuia	Tapuia-Xavante	**	GO	?	
Tariano*		Aruák	AM	1.630	1992
			Colômbia	(205)	1988
Taurepang*	Taulipang	Karíb	RR	200	1989
	Pemon, Arekuna		Venezuela	(20.607)	1992
Tembé		Tupi-Guarani	PA/MA	800	1990
Tenharim		Tupi-Guarani	AM	360	1994
Terena		Aruák	MS	15.000	1994
Ticuna*	Tikuna, Tukuna, Magüta	Ticuna	AM	23.000	1994
			Peru	(4.200)	1988
			Colômbia	(4.535)	1988
Tingui Botó		**	AL	180	1991

Nome	Outros nome ou grafias	Tronco/língua	UF	População	Ano
Tiriyó*	Trio, Tarona, Yawi, Pianokoto,	Karíb	PA	380	1994
	Piano		Suriname	(376)	1974
Torá		Txapakura	AM	25	1989
Tremembé		**	CE	2.247	1992
Truká		**	PE	909	1990
Trumai		Trumai	MT	94	1997
Tsohom Djapá	Tsunhum- Djapá	Katukina	AM	100	1985
Tukano*	Tucano	Tukano	AM	2.868	1992
			Colômbia	(6.330)	1988
Tupari		Tuparí	RO	204	1992
Tupiniquim		**	ES	884	1987
Turiwara		Tupi-Guarani	PA	39	1990
Tuxá		**	BA/PE	929	1992
Tuyuka*	Tuiuca	Tukano	AM	518	1992
			Colômbia	(570)	1988
Umutina	Omotina, Barbados	Bororo	MT	100	1989
Uru-Eu-Wau-Wau	Urueu-Uau-Uau, Uru Pan In, Amundáwa	Tupi-Guarani	RO	106	1994
Urupain	Urupa	Txapakura	RO	?	
Wai Wai	Waiwai	Karíb	RR/AM/P A	1.366	1994
Waiãpi*	Wayampi, Oyampi, Wayãpy, Oiampi	Tupi-Guarani	AP	498	1994
			Guiana Francesa	(412)	1982
Waimiri Atroari	Kinã	Karíb	RR/AM	611	1994
Wanano*	Uanano	Tukano	AM	506	1995
			Colômbia	1.113	
Wapixana*	Uapixana, Vapidiana, Wapisiana,	Aruák	RR	5.000	1994
	Wapishana		Guiana	(4.000)	1990
Warekena*	Uarequena	Aruák	AM	476	1992
			Venezuela	(420)	1992
Wasu		**	AL	1.220	1994
Waurá	Uaurá, Wauja	Aruák	MT	226	1995
Wayana*	Waiana, Uaiana	Karíb	PA	?	
			Suriname	(150)	1972
			Guiana Francesa	(510)	1980
Witoto*	Uitoto, Huitoto	Witoto	AM	?	
			Colômbia	(5.939)	1988
			Peru	(2.775)	1988
Xakriabá	Xacriabá	Jê	MG	4.952	1994
Xavante	Akwe, Awen, Akwen	Jê	MT	7.100	1994
Xerente	Akwe, Awen, Akwen	Jê	TO	1.552	1994
Xereu		Karíb	PA/AM	?	
Xikrin	Kaiapó	Jê	PA	865	1996
Xipaia	Shipaya	Juruna	PA	?	
Xokó	Xocó, Chocó	**	SE	250	1987

Nome	Outros nome ou grafias	Tronco/língua	UF	População	Ano
Xokleng	Shokleng	Jê	SC	1650	1994
Xukuru	Xucuru	**	PE	3.254	1992
Xukuru Kariri	Xucuru-Kariri	**	AL	1.520	1989
Yanomami*	Ianomâmi, Ianoama, Xirianá Yanomam Sanumá, Ninam	Yanomami	RR/AM Venezuela	9.975 (15.193)	1988 1992
Yawalapiti	Iaualapiti	Aruák	MT	184	1997
Yawanawá	Iauanauá	Pano	AC	270	1994
Yekuana*	Maiongong, Ye'kuana, Yekwana	Karíb	RR	180	1990
			Venezuela	(3.632)	1992
Yudjá	Juruna, Yuruna	Juruna	PA/MT	202	1997
Zo'é	Poturu	Tupi-Guarani	PA	152	1997
Zoró	Pageyn	Mondé	MT	257	1992
Zuruahã	Sorowaha, Suruwaha	Arawá	AM	143	1995

Línguas Indígenas no Brasil⁴

Tronco Macro-Jê

Famílias	Línguas	Dialetos
FAMÍLIA BORÓRO	Boróro	
	Umutina	
FAMÍLIA KRENÁK	Krenák	
FAMÍLIA GUATÓ	Guató	
FAMÍLIA JÊ	Akwén	Xakriabá Xavánte Xerénte
	Apinayé	
	Kaingáng	Kaingáng do Paraná Kaingáng Central Kaingáng do Sudoeste Kaingáng do Sudeste
	Kayapó	Gorotíre Kararaô Kokraimoro Kubenkrankegn Menkrangnoti Mentuktíre (Txukahamãe) Xikrín
	Panará (Kren-akore, Kren-akarore)	
	Suyá	Tapayúna
	Timbira	Canela Apaniekra Canela Ramkokamekra Gavião do Pará (Parkateyé) Gavião do Maranhão (Pukobiyé) Krahô Krenjê (Kren-yé) Krikatí (Krinkati)
	Xoklém (Aweikóma)	
FAMÍLIA KARAJÁ	Javaé	
	Karajá	
	Xambioá	
FAMÍLIA MAXAKALÍ	Maxakalí	
	Pataxó e Pataxó Hã-Hã-Hãe (já não falam mais suas línguas)	
FAMÍLIA OFAYÉ	Ofayé (Opayé, Ofayé-Xavante)	
FAMÍLIA RIKBAKTSÁ	Rikibaktsá (Erikpaksá)	
FAMÍLIA YATÊ	Yatê (Iatê, Fulniô, Carnijó)	

⁴ Fonte: ISA: <http://www.socioambiental.org/>

Línguas Indígenas no Brasil Tronco Tupi

Famílias	Línguas	Dialetos
FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ	Akwáwa	Parakanã Suruí do Tocantins
	Amanayé	
	Anambé	
	Apiaká	
	Araweté	
	Asuriní do Xingu Asurini do Tocantins	
	Avá-Canoeiro	
	Guajá	
	Guarani	Kaiowá Mbyá Nhandéva
	Kaapór (Urubu-Kaapór)	
	Kamayurá	
	Kayabí	
	Kawahíb	Parintintin Diahói Juma Karipúna Tenharin Uru-Eu-Wau-Wau
	Kokáma	Kokáma Omágua (Kambeba)
	Língua Geral Amazônica (Nheengatú), distinta da outra Língua Geral, a Paulista, já extinta.	
	Tapirapé	
	Tenetehára	Guajajara Tembé
Wayampí (Waiãpi, Oiampi)		
Xetá		
Zo' é (Puturú)		
FAMÍLIA ARIKEM	Karitiána	
FAMÍLIA AWETÍ	Awetí	
FAMÍLIA JURUNA	Juruna (Yuruna)	
	Xipaia	
FAMÍLIA MAWÉ	Mawé (Sateré-Mawé)	

Tronco Tupí

(Continuação)

FAMÍLIA MONDÉ	Aruá	
	Cinta-Larga	
	Gavião (Ikôro)	
	Mondé	
	Suruí (Paitér)	
	Zoró	
FAMÍLIA PUROBORÁ	Puroborá. É um povo cuja língua há documentos dos anos 20 (Th.Koch-Grünberg) e dos anos 50 (W.Hanke) e de que há ainda alguns remanescentes dispersos de Porto Velho até o Guaporé (RO/MT). A equipe do Setor Linguístico do Museu Goeldi tem feito contatp com alguns e gravado dados linguísticos)	
FAMÍLIA MUNDURUKÚ	Kuruáya	
	Mundurukú	
FAMÍLIA RAMARAMA	Káro (Arara)	
FAMÍLIA TUPARÍ	Ajurú (Wayoró)	
	Makuráp	
	Mekém	
	Sakirabiár	
	Tuparí	

Línguas Indígenas no Brasil
Famílias Linguísticas Não Filiadas ao Tronco Tupi e
Macro-Jê

Famílias	Línguas	Dialetos
FAMÍLIA AIKANÁ	Aikaná (Masaká, Kasupá)	
FAMÍLIA ARAWÁ	Banawá-Yafi	
	Dení	
	Jarawára	
	Kanamantí	
	Kulína	
	Paumarí	
	Yamamadí	
	Suruahá (Zuruahá)	
FAMÍLIA ARÚAK (Arawak, Maipure)	Apurinã (Ipurinã)	
	Baniwa do Içana (cf.Sasha)	
	Baré	
	Kampa (Axininka)	
	Mandawáka	
	Mehináku	
	Palikúr	
	Paresí (Arití, Haliti)	
	Piro	Manitenéri Maxinéri
	Salumã (Enawenê-Nawê)	
	Tariana	Yurupari-Tapúya (Iyemi)
	Terena (Tereno)	
	Wapixana	
	Warekena (cf Sasha)	
	Waurá	
Yawalapití		
FAMÍLIA GUAIKURU	Kadiwéu	
FAMÍLIA IRANXE	Iránxe (Mynky)	
FAMÍLIA JABUTÍ	Arikapú	
	Jabutí (Jeoromitxí)	
FAMÍLIA KANOË	Kanoê (Kapixaná)	

Famílias Linguísticas Não Filiadas ao Tronco Tupi e Macro-Jê

(Continuação)

Famílias	Línguas	Dialetos
FAMÍLIA KARIB	Aparaí (Apalaí)	
	Arara do Pará	
	Bakairí	
	Galibí do Oiapoque	
	Hixkaryána	
	Ingarikó (Kapóng)	
	Kalapálo	
	Kaxuyána	
	Kuikúru	
	Makuxí	
	Matipú	
	Mayongong (Makiritáre, Yekuána)	
	Nahukwá (Nafukwá)	
	Taulipáng (Pemóng)	
	Tiriyó (Tirió, Trio)	
	Txikão (Ikpeng)	
	Waimirí (Waimirí-Atroarí)	
	Warikyána	
Wayána		
Wai-Wai		
FAMÍLIA KATUKÍNA	Kanamari	
	Katawixí	
	Katukina do rio Biá (Pedá Djapá)	
	Txunhuã-Djapá (Tsohom-Djapá)	
FAMÍLIA KOAZA (KWAZÁ)	Koazá (Koiá)	
FAMÍLIA MAKU	Máku	
FAMÍLIA MAKÚ	Bará (Makú-Bará)	
	Dow (Kamã)	
	Guariba (Wariía-tapúya)	
	Húpda	
	Nadab	
FAMÍLIA MURA	Yuhúp	
	Mura	
	Pirahã	

Famílias Linguísticas Não Filiadas ao Tronco Tupi e Macro-Jê

(Continuação)

Famílias	Línguas	Dialetos
FAMÍLIA NAMBIKWÁRA	Nambikwara do Norte	Tawandê Lacondê Latundê Mamaindê Negarotê
	Nambikwara do Sul	Galera Kabixí Mundúka Nambikwára do Campo
	Sabanê	
FAMÍLIA PANO	Amawáka (estes índios vivem no Peru, não é certa se alguns vivem no Brasil)	
	Katukina do Acre (Xanenawá) (cf. Aguiar)	
	Kaxararí	
	Kaxinawá	
	Korúbo	
	Marúbo	
	Matís	
	Matsé (Mayoruna)	
	Nukini	
	Poyanáwa	
	Yamináwa	
Yawanáwa		
FAMÍLIA TRUMÁI	Trumái	
FAMÍLIA TIKÚNA	Tikúna	
FAMÍLIA TUKANO	Arapaço	
	Bará	
	Desána	
	Karapanã	
	Kubewa (Kubeo)	
	Makúna	
	Pirá-Tapuya (Waikana)	
	Siriáno	
	Tukano	
	Tuyúka	
Wanano		

Famílias Linguísticas Não Filiadas ao Tronco Tupi e Macro-Jê

(Continuação)

Famílias	Línguas	Dialetos
FAMÍLIA TXAPAKÚRA	Orowari	
	Torá	
	Urupá	
	Warí (Pakaanova)	
FAMÍLIA YANOMAMI	Ninam	
	Sanumá	
	Yanomám	
	Yanomami	